

BRASILIANA

6.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Batista Pereira: Figuras do Império e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: O Marquês de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: As Idéias de Alberto Torres (sintese com índice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Rça e Assimilação — 3.ª edição (aumentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay.
- 6 — Batista Pereira: Vultos e episódios do Brasil.
- 7 — Batista Pereira: Diretrizes de Rui Barbosa — (Segunda edição actualizada).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionais do Brasil — 3.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Afrances no Brasil — (Revisão e prefácio de Ilomero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (ilustrada).
- 11 — Luis da Câmara Cascudo: O Conda d'Eu — Vol. ilustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Vol. ilustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da História do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.ª edição.
- 15 — Pandiá Calogeras: Da Regência á queda da Roma — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 17 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II.
- 19 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: Mauá (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Batista Pereira: Pêlo Brasil Maior.
- 22 — E. Roquete-Pinto: Ensaios de Antropologia Brasileira.
- 23 — Evrardo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pandiá Calogeras: Problemas da Administração.
- 25 — Mario Marroquim: A Ungua do Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem a Araguaia — 3.ª edição.
- 29 — Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pêlo Brasil Central — Ed. ilustrada.
- 31 — Azevedo Amantal: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Melo-Lellão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. ilustrada, (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Anygone Costa: Introdução á Arqueologia Brasileira — Ed. ilustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: Pitogeografia do Brasil — Ed. ilustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recô do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Pioneiros do Brasil — (Ed. illustrada).
- 38 — Rui Barbosa: Mocidade e Exílio (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. illustrada.
- 39 — L. Roquete-Pinto: Rondonia — 3.ª edição (aumentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 1.º Tomo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição.
- 41 — José-Maria Melo: A Inteligencia do Brasil.
- 42 — Pandiá Calogeras: Formação Histórica do Brasil — 2.ª edição (com 8 mapas fóra do texto).
- 43 — A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Euclio Pinto: Os indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — Brúlio de Magalhães: Expansão Geografica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no português do Brasil — Ed. illustrada.
- 47 — Manoel Bonfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Macl.

- 48 — Ushino Viana: Bandeiras e sertanistas baianos.
- 49 — Gustavo Barroso: História Militar do Brasil — Ed. Ilustrada. (com 60 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: Projeção Continental do Brasil — Prefácio de Pandiá Calogeras — 2.^a edição ampliada.
- 51 — Otavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.^a edição completa, com porte original Tupi-guarani.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeografia dinâmica.
- 54 — Antonio Gentil de Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Acelly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penniva.
- 57 — Flausino Rodrigues Vafe: Elementos do Folclore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Panfletos e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivisani: A vida dos Indios Guakorés — Edição Ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio o 19 cartas do Principe d'Orleans, comentadas por Max Fleiss) — Edição Ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição Ilustrada.
- 63 — Raimundo Moraes: Na Planície Amazonica — 4.^a edição.
- 64 — Gilberto Freire: Retardos e Nacambos — Decadência patrimonial rural no Brasil — Edição Ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Imperio (Subsidios para a historia da educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.^a volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.^a edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiás — 1.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 69 — Prádo Maia: Através da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: Conceito da Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hoehne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pecuarias e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem no interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira: Machado de Assis — (Estudo Critico-Biografico) — Edição Ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Rev. Nostrum...) — 2.^a edição.
- 75 — Afonso A. de Freitas: Vocabulario Nhêngatú (veroculizado pelo português falado em S. Paulo) — Lingua Tupi-guarani.
- 76 — Gustavo Barroso: História secreta do Brasil — 1.^a parte: "Do descolamento á abdicacao de Pedro I" — Edição Ilustrada.
- 77 — C. de Melo-Lellão: Zoologia do Brasil — Edição Ilustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiás — 2.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde do Sinimú — Sua Vida e sua atuação na politica nacional — 1810-1889.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição Ilustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Sotaina da Primeiro Imperio — Frei Caneca — Ed. Ilustrada.
- 82 — C. de Melo-Lellão: O Brasil Viado Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 2.^o Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição Ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Catequese e seu Tempo — Ed. Ilustrada.
- 86 — Aurélio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Ed. Ilustrada.
- 87 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Imperio — (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) — 2.^o volume — Reformas do ensino — 1864-1888.
- 88 — Hello Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 90 — Alfredo Ellis Junior: A Evolução Econômica Paulista e suas Causas —
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco. Edição Ilustrada.

- 92 — Almirante Antonio Alves Camara: *Ensaio sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil* — 2.ª edição ilustrada.
- 93 — Serafim Leite: *Páginas de História do Brasil*.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: *O Pico — Minas e os Mineiros da Independência* — Edição ilustrada.
- 96 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: *Viagem ao Brasil — 1865-1866* — Trad. de Edgar Subsekind de Mendonça.
- 96 — Osorio da Rocha Diniz: *A Política que Convém ao Brasil*.
- 97 — Lima Figueiredo: *Oeste Paranaense* — Edição ilustrada.
- 98 — Fernando de Azeredo: *A Educação Pública em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926)*.
- 99 — C. de Melo-Leitão: *A Biologia no Brasil*.
- 100 — Roberto Simonsen: *História Económica do Brasil* — Edição ilustrada.
- 101 — Herbert Daldus: *Ensaio de Et-nologia Brasileira*. — Prefácio de Af-fonso de E. Taunay. — Edição Ilus-trada.
- 102 — S. Fróes Abreu: *A riqueza mi-noral do Brasil*. — Edição ilustrada.
- 103 — Sousa Carneiro: *Mitos Africanos no Brasil*. — Edição ilustrada.
- 104 — Araújo Lima — *Amazonia — A Terra e o Homem*.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: *A Província — 2.ª edição*.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: *O Vale do Amazonas* — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Camara Cascudo: *O Mar-quês de Olinda e seu tempo (1793-1870)* — Edição ilustrada.
- 108 — Padre António Vieira: *Por Bra-sil e Portugal — Sermões comentados por Pedro Calmon*.
- 109 — George Raeders: *D. Pedro II e o Conde de Gohneck (Corresponden-cia inédita)*.
- 110 — Nina Rodrigues: *As raças huma-nas e a responsabilidade penal no Brasil* — Com o estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões 118/140 — São Paulo

Por Brasil e Portugal

1466

LIVROS DE PEDRO CALMON

LITERATURA HISTORICA

- PEDRAS D'ARMAS (contos) Monteiro Lobato & Cia., S. Paulo 1923.
ANCHIETA — O SANTO DO BRASIL. Comp. Melhoramentos de S. Paulo.
O THESOURO DE BELCHIOR — Novela — 1.º Premio da Academia Brasileira, 1929 — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.
O CRIME DE ANTONIO VIEIRA — Comp. Melh. de S. Paulo.
O MARQUEZ DE ABRANTES — Guanabara Editora, Rio de Janeiro, 1938.
GOMES CARNEIRO, O GENERAL DA REPUBLICA — Guanabara Editora, Rio de Janeiro, 1933.
O REI CAVALLEIRO — Vida de D. Pedro I — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1933.
O REI DO BRASIL — Vida de D. João VI — Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1936.
OS MALES — Novela — Pro Luce, Petropolis.
VIDA E AMORES DE CASTRO ALVES — Editora A Noite, 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1937.

HISTORIA

- HISTORIA DA INDEPENDENCIA DO BRASIL (Separata da Revista do Instituto Historico), Imprensa Nacional, 1928.
HISTORIA DA BAHIA (2.ª edição) — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.
HISTORIA DAS BANDEIRAS BAHIANAS (Esgotada), Imprensa Nacional, 1929.
GREGORIO DE MATTOS (Biografia, Obras, v. VI, edição da Academia).
HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA (Col. Brasiliana, 3.ª edição, S. Paulo, 1937).
HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA para a Escola Primária (Col. Pedagogica, 2.ª edição, Comp. Editora Nacional, 1938).
HISTORIA SOCIAL DO BRASIL:
1.º volume — Espírito da Sociedade Colonial (2.ª edição):
2.º volume — Espírito da Sociedade Imperial (Col. Brasiliana, Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1937).
POR BRASIL E PORTUGAL (Sermões do Padre Antonio Vieira. Anotações).

DIREITO

- DIREITO DE PROPRIEDADE (À margem dos problemas) — Imprensa Nacional, 1926.
A REFORMA CONSTITUCIONAL DA BAHIA (Discursos) — Imprensa Oficial da Bahia, 1929.
A FEDERAÇÃO E O BRASIL — Rumos constitucionais — Livr. Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1933.
INTERVENÇÃO FEDERAL (O art. 12 da Constituição) — Livr. Freitas Bastos, Rio de Janeiro 1938.
CURSO DE DIREITO CONSTITUCIONAL BRASILEIRO — Livr. Freitas Bastos, Rio, 1937.

No prelo:

- O REI FILOSOFO — Vida de D. Pedro II.

PADRE ANTONIO VIEIRA

Por Brasil e Portugal

SERMÕES COMENTADOS

POR

PEDRO CALMON

da Academia Brasileira



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

INTRODUÇÃO

„Por Brasil e Portugal — falou o Padre Antonio Vieira

E' o patriarca dos nossos oradores politicos.

Foi o primeiro na historia, tambem na arte de persuadir, na logica e na força da eloquencia, no desassombro e na exatidão da critica, na sua fé, comparevel á dos santos bispos defensores da Igreja, e no seu patriotismo, profético e cãidido a proposito da terra adotiva. Incluiu-se entre as energias irresistiveis que formaram, definiram, individualizaram a nacionalidade. No pulpito esse jesuita portuguez, de coração brasileiro, era igual a Matias de Albuquerque defendendo a colonia, a Nobrega doutrinando-a, a Mem de Sá dando-lhe justiça, aos missionarios da sua Companhia de Jesus que lhe levantaram os santuarios primitivos. . . Os Sermões que juntamos e comentamos neste livro iluminam, numa epoca tenebrosa de guerras de exterminio, a tribuna sagrada, os seus altos privilegios, a preeminencia que ela tinha e a intuição de homem de Estado, de fundador de imperios, de creador de pátrias, que possuia o maior prégador do seu tempo.

.As crônicas, sêcas e parciais, não o reputaram como merccia. E' um vago capitulo pouco informado, o da intelligencia que organizou, e do verbo que resgatou o Brasil seiscientista. Disse-se dos ignacianos que instruíram a America com as missões, os colégios, a catequese, o genio economico, a pedagogia. Fallava acentuar o seu

papel na conservação do território, o lusitanismo integral de sua ação no Brasil, aqui, como alhures, milícia vigilante do Papa, contra luteranos francezes, inglezes, holandezes, a expulsa-los do Rio de Janeiro com o socôrro místico de S. Sebastião, a flagela-los na Bahia com a palavra sublime de Vieira — mas, por Portugal... Porque estrangeiros, sobretudo porque protestantes, que traziam para a America o chisma religioso da Europa, acharam no caminho da invasão os aguerridos colonos, e — sentinelas da Santa Cruz — os seus caudilhos espirituais, os jesuitas. Veiu a armada de Estacio de Sá: mais decisiva, foi a intervenção de Nobrega e Anchieta, armando contra Villegagnon os índios de suas aldeias. Vieram — lentas, grandes, frustras -- as esquadras de D. Antonio de Oquendo, o Heróe Cantabro, e do conde da Torre: não deslocaram do continente um unico mosqueteiro belga; entretanto levantou e moveu exercitos improvisados a voz de comando do padre jóven, que assumia ao pulpito com a impovidez do soldado que escalasse a sua trincheira. Computamos os algarismos da resistencia e da restauração, os sucessos e os infortunios, desde a recuperação, de 1625, até o exodo, de 1635, desde o destroço de Nassau na Bahia até a expulsão dos flamengos de Recife. E' numerosa a galeria dos cabos, dos martires, dos "campainhistos", dos emboscados, dos vingadores: fidalgos do reino, capitães de Espanha e Portugal, rudes senhores de engenho de Pernambuco, negros e gentios, ralé, nobreza, clero, que vinte anos de combates ilustraram. Entre eles passa furtivamente uma pobre roupêta. Dir-se-ia não haver lugar, no friso do triunfo, para o operario intelectual. Os ou-

tros rasgaram com as armas: ele cortára com o discurso. O seculo era dos guerreiros vestidos de ferro; ele orára com paixão. Enquanto aqueles esraçalhavam as hostes de Orange, limitára-se, o discípulo de Fernão Cardim, a sacudir com a retórica os nervos dos irresolutos, a consciencia dos tímidos, a alma dos fortes. E' reparar melhor: e então se verá que o gigante não brandia uma espada, porém dardejara os raios de uma convicção que varava os espiritos, esclarecia os cegos, impelia os incrimés, conduzia os decididos, e ainda deixava no ar a noção nova de deveres em que ninguém pensava... Foram todos o braço; Vieira — muito mais que isto — é a razão; e o dirigiu.

Surge — como os apóstolos apparecem sempre — nos imprevistos e tumultos da catastrophe. Aos oito anos, com o pae, escrevão dos agravos da Relação do Brasil, viêra para a Bahia. Menino atado, de curto entendimento, estatalara-lhe o cerebro, no alvoroço talvez da vocação encontrada, diante do altar de Nossa Senhora da Fé, na sua catedral bahiana, vizinha da igreja do Colégio, onde professou. Redigiu, ainda menorista, a Anua da Companhia, que relaton a perda da cidade, em 1624. Dez anos depois era ali mestre de filosofia, lendo em compendio que escreveu, e pelo qual muito tempo se ensinou na Bahia: catequista de caboclos aldeados, prégador, tão esforçado estudante que nenhum da Companhia poderia orgulhar-se, naquella terra, de saber as profundas cousas que ele aprendera. Já então a curiosidade universal, sobre o que está nos livros e, fóra destes, na ciência encoberta, o apartara

da categoria dos professores tranquilos, dos exegetas ortodoxos, dos evangelizadores serenos. O pendôr dos problemas políticos estimulára-lhe o gosto das questões do mundo, e do tempo, e como que adivinhára o seu destino, annunciando antes dos outros a libertação portuguesa, alistando-se entre os "sebastianistas" saudosos do seu "rei natural", encartando a poesia patriótica de Camões entre os textos das Escrituras, "vaticinando", predizendo, prometendo...

Foi quando Mauricio de Nassau assaltou a Bahia com poderosa frota.

Por toda parte, a monarquia dos Austrias, de Carlo V e Felipe II, se desmembrava. Era dos holandezes a hora: na Europa preponderavam os seus capitais, no oceano os seus navios, nos climas tropicais as suas expedições; e até um príncipe — o nobre primo do "stathouter" — chegára para consolidar, unificar, expandir as possessões conquistadas no Brasil! Que um fraco rei faz fraca a forte gente... Por andava Portugal sem rei próprio. O conde-duque de Olivares não prevenia a inquietação catalã, não desarmara o odio de Richelieu, não apaziguára as Províncias Unidas, confiara em vão na estrela do Sacro Imperio em guerra com a Reforma tedesca, e sem contentar os portugueses, não pudéra impedir que a marinha espanhola, decadente e dispersa, aos poucos desaparecesse do Atlantico... Reinava Felipe IV, o Grande. Assim o cognominára, antes que os fatos o justificassem, o ministro-valida. Alguem diria, — pois o infeliz Felipe foi o monarca a quem mais dominios tiraram, nas suas desas-

tradas campanhas — que ele era grande como os buracos: perdendo terra... Conta-se que uma vez lhe comunicaram a tomada, pelos insurrectos, de duas praças flamengas: admirou-se muito, porque não sabia onde ficavam... *Primor de habilidade cortezã*, maravilha de estoicismo imperial aconteceu, quando Portugal se separou, com o duque de Bragança à frente, em 1640. O conde-duque avisou graciosamente: trazia parabéns a S. M., porque o Bragança consentira em proclamar-se rei e assim seria anexado á corôa de Espanha o esplendido patrimonio do senhor rebelde... Ao que respondeu o Rei: dar-se-ia um geito nisso...

Leves esperanças restavam á America portuguesa, se dest'arte a governavam de Madrid! Nassau perseguia a bõa fortuna. Tão depressa aportára u Pernambuco, com os materiais necessarios á edificação de um Estado prospero e vasto, como saíra á peleja batendo ao sul e ao norte os remanescentes da tropa, desmorteada e olõnita, que por seis anos fechára aos intrusos as estradas do sertão. A sorte militar, parece, é uma sequencia de exitos que o general feliz não deve interromper. Se do rio de S. Francisco descesse o principe até á Bahia, entraria aí de valdão com as guerilhas portugesas sem encontrar defesa séria. Preferiu, entretanto, força-la pelo mar. E os locais, com a ajuda de Banholo e dos veteranos de Pernambuco, ali mesmo o venceram e repeliram. Imenso triunfo, de mundial repercussão, não prenunciava a renascença de Espanha: era sinal de que o letargo português se dissipava. Começom então a pregar o padre An-

tonio Vieira: para dar a Deus as graças pela vitória: para aconselhar ao conde da Torre e aos tripulantes da grossa armada de 1639; para rejubilar-se com o governo fecundo do marquez de Montalvão: para animar os moradores tomados de horror ante o incendio dos engenhos do reconcavo; e depois, em Portugal, para onde fôra como um dos embaixadores da gente brasileira, para obrigar os súditos á obediencia e á colaboração, com D. João IV, o restaurador.

Os sermões de então foram um dia, no Maranhão e na Bahia, por ordem do Geral das jesuitas, revistos pelo insigne pregador: constituem, ainda hoje, os documentos mais vibrantes e belos daquele periodo historico em cujas sombras crepusculo e aurora se confundem, dinastias velhas e novas se embaraçam, Holanda, Espanha e Portugal se chócão, e respira, em ideais mal definidos, a primeira afirmação de sua vida moral a Pátria que madrugava, o Brasil tão amado de Vieira...

Esse religioso "mazombo" (como uma feita se intitulou com ironia) poderia ter sido um dos maiores vultos da humanidade, na linha dos estadistas seus contemporaneos, como Richelieu e Olivares, Castelo Melhor e Vauban e Colbert... Renunciou ás glorias pela disciplina ecclesiastica, e para ser apenas jesuita não perseverou na carreira politica e na diplomacia, que lhe franqueára a confiança de D. João IV, seu amigo e confidente. Deslumbrou as côrtes europeas com a sua dialéctica e á propria capela pontificia, em Roma, levou as exuberancias de sua oratoria: mas de passagem, para servir,

tratar, resolver, voltando antes do fim, de medo a enredar-se tanto nos assuntos do mundo que lhe não sobrasse folego para os do céu. Depois de ir a França, Holanda e Alemanha, com os seus lucidos projetos de pazes e alianças, que salvassem, de Castela, o pequeno reino de Portugal esgotado na guerra da independência, o que achou de mais aprazível para o seu temperamento audaz foi recolher-se ao Brasil para ensinar aos tapuias. Des anos, em seguida, perlustrou as selvas amazonicas, arriscando a vida entre os indios inimigos e as suas florestas palustres, resignado na sua tarefa de S. Francisco Xavier — ele, que abandonára os paços reais e o governo do povo, para ser, no meio dos columnis, um abama humilde como os que enfeitavam — bemaventurados e martires — os paineis do tecto da sacristia do Colégio, na sua Bahia... Regressou á Europa; mas, outra geração á testa do Estado, para excusar-se diante do Santo Officio de suas atrevidas proposições, que cheiravam á heresia, a illuminismo, a velhas magias; para ajudar a livrar-se Portugal do frouzo rei Afonso VI, ganhando em troca o embrocado D. Pedro II; para recusar, no Vaticano, o titulo de director espiritual da rainha da Suecia, que lhe dêra o Geral da Companhia; e, cansado dos homens, de sua pequenez, de suas misérias, retirar-se afinal para a Quinta do Tanque, na Bahia, restituindo á paisagem da infancia a velhice carregada de dissabores, de honrarias e de experiencia.

"Não ha maior comedia que a minha vida (escreveria, em 1658); e, quando quero ou chorar ou rir, admirar-me, ou dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não

tenho mais que olhar para mim” (Cartas, II, 334, edição de 1885).

E a ultima carta — do seu majestoso epistolario — que ditou na Bahia, ao pé da sepultura, nonagenario e desiludido, porém a lampada da indignação cívica ardendo no fundo das pupilas que já não viam, repetia e prolongava o éco apostolico dos sermões da mocidade:

“Das cousas publicadas não digo a V. Mcê. mais que ser o Brasil hoje um retrato e espelho de Portugal em tudo o que V. Mcê. diz dos aparatos de guerra sem gente nem dinheiro, das seáras dos vicios sem emenda, do infinito luxo sem cabedal e de todas as outras contradições do juizo humano”.

E rematava, o derradeiro protesto contra a hipocrisia da intelligencia que não afiava mais, como outr’ora, o gume das armas, para as batalhas da pátria recuperada, redimida e confirmada.

“Mas de cá escrevem-se mentiras e de lá responde-se com lisonjas, e neste voluntario engano está fundada toda a nossa conservação”. (Cartas, II, 376).

São palavras que rompem o silencio dos tempos como o alento e a lição das epochas decisivas, quando, “por Brasil e Portugal”, debaixo de uma doirada abobada de igreja, falou para o presente e para o futuro o padre Antonio Vieira.

ESTE LIVRO

Os *Sermões patristicos de Vieira* por nós compilados e anotados foram primeiramente dados á estampa, em edição restrita, em 1933 (Edição Biblos, de Simões dos Reis). Mereciam, entretanto, comentários mais extensos, uma noticia prévia, e as notas que esclarecessem, quanto possível, o texto, tornando-o acessivel — como leitura histórica — a todos os estudiosos de cousas luso-brasileiras. E' esta a indole do volume, ao qual se seguirão provavelmente outros, dos *Sermões* politicos, que revelam diversa fisionomia do apostolado do nosso grande prégador, quando, pelos indios, pelo melhor governo da colonia, pelo Brasil, deu á eloquencia sagrada novos tipos de critica, censura, accusação, persuasão e doutrina.

E' insubstituivel fonte, esta, de intimo conhecimento do passado, á luz da inteligencia que mais o enobreceu na America.

P. C.

SERMÃO DE SANTO ANTONIO (*)

Em 13 de Junho de 1638 prégou Vieira, na ermida de Santo Antonio, — á beira das trincheiras que por quarenta dias ali defenderam a cidade, assaltada e ameaçada pelo exercito de Nassau, o seu grande sermão de graças.

Dois anos depois, nessa mesma Bahia aflita proferia, espantoso de audacia e veemencia, o seu doloroso sermão "pelo bom successo" — a que se seguiram o "da Visitação" e o do "Dia de Reis", ou o da esperança e o da agradecimento, outros tantos capitulos do evangelho patriótico que ele ensinou, naqueles tempos terriveis de sitio, batalhas e infortunios.

Tudo fôra maravilhoso, em 1638, quando se propuzera Mauricio de Nassau tomar a Bahia com uma esquadra poderosa e seis mil homens de desembarque.

Começava a desgraça a ser ventura, ao acorrer & cidade Banholo lançado fôra de Sergipe pelos holandezes: as suas tropas, provadas na longa campanha, salvaram a capital. Depois, á violencia do ataque succedera a perplexidade do inimigo. Á sua temeridade, o descoroçoamento; á sua lucidez, o desencanto; á sua estrela, a má fortuna. Os defensores da praça tiveram afinal de proteger uma só trincheira — a de Santo Antonio, desde que o flamengo não repetira a manobra de 1624, quando rom-

(*) Revisto pela edição dos Sermoes — M.DC.LXXXIII — 6.^a parte — ps. 93-128.

pêra pela Barra e Vila Velha, sobre S. Bento; e por isso, poucos na extensa linha das muralhas, se tornaram numerosos para um unico revelim, batendo facilmente o agressor e forçando-o a retirar-se. Os quarenta dias do assédio e dos combates foram vibrantes, patrióticos, fartos dias de entusiasmo e desforra, em que vingava a gente luso-brasileira os agravos e perdas de Pernambuco e infligia ao nobre adversario o seu mais rude revez.

A 28 de Maio abriram as azas ao vento os navios de Holanda, retornando a Recife; e, logo no seguinte dia, "deram-se na cidade as devidas graças a Deus..." (Duar-te de Albuquerque, "Memorias Diarias", ed. de 1855, p. 162). A oração de Vieira, dita na igreja de Santo Antonio, "protetor maior da Bahia", como o Senado lhe chamava, constituiu uma destas celebrações da vitoria das armas e da fé.

SERMÃO DE SANTO ANTONIO

Protegam urbem hanc, et salvabo eam
propter me, et propter David servum meum.
4. reg. 19.

I

Este é o lugar, onde por espaço de quarenta dias, e noites, como o diluvio, sustentou a Bahia, posta em armas, aquella furiosa tormenta de trovões, relampagos e raios Marciaes, com que a presumida hostilidade do inimigo, assim como tem dominado em grande parte os membros deste vastissimo Estado, assim se atreveu a vir combater e quiz tambem conquistrar a cabeça (1). E neste mesmo lugar (benedita seja a Bondade e Providencia divina) trocados os receios em alegria, as armas em galas, e a guerra em triumpho, venos junta outra vez a mesma Bahia, para render a Deus as devidas graças pela honrada

(1) Fôra Mauricio de Nassau convidado pela assembléa dos Dezenove, que dirigia a Companhia das Indias Ocidentais, para governar o Brasil Holandez, em 4 de Agosto de 1636, e desembarcára em Recife, a 23 de Janeiro do ano seguinte. Pondo em Pernambuco o pé conquistador, iniciou o príncipe a sua grande época, o periodo de esplendor economico, de prosperidade e crescimento, da colonia fundada pelos capitalistas de Amsterdã. Dilatou-a, ao sul até o rio de S. Francisco, onde fez construir o

inimigo, occultou de noite a fugida, e de dia o vimos sahir tão humilhado e desairoso, por onde tinha entrado tão orgulhoso e soberbo (2). Semelhantes sitios e victorias, e outras muito menores que as semelhantes, se costumam logo estampar na Europa, para se fazerem publicas a todo o mundo. E posto que nós na America carecemos destas

forte Mauricio (em Penedo), e até o Ceará, ao norte. Mandou ainda tomar a fortaleza da Mina, em Africa, como para assegurar-se do abastecimento de escravos, necessarios para o grangeio dos engenhos de assucar. A retirada do exercito de Banholo, de Porto Calvo para Serripe e daí para a Bahia, sem offerrecer ao invasor séria resistencia, importaria a quêda da capital da America portuguesa em poder dele, se Nassau não se detivesse no S. Francisco, receioso de proseguir a marcha victoriosa. Arrependeu-se cedo, porém dessa hesitação, e, convencido pelos faciles triunfos de que, por toda parte, se desmoronava a defesa da terra, desatparada da Espanha, e perdido Portugal sem independência e opressão, a vésperas de uma revolução nacionalista — tentou tambem conquistar a cabera...

Jogou a cartada decisiva. Se tombasse a Bahia, o novo Estado neerlandez da America estaria consolidado: nem havia na península iberica, em profunda crise de desagregação e esgotamento financeiro, recursos suficientes para expulsar daqui os flammeos. Repelida a aggressão, entretanto, concentraria a capital os elementos válidos e inquietos que combatiam sem quartel o estrangeiro, e renovaria a luta, cuja sorte se embaraçava no imprevisto das guerrilhas de sertão.

(2) A armada holandeza de quarenta velas surgiu a 14 de Abril na altura de Itapoan. Vagarosamente se adiantou, no dia 15, até o Rio Vermetelho, retardando-se para iludir a guarnição da Bahia, que tinha de correr para aquele litoral, afim de immedir o desembarque, quando realmente o seu objectivo era a enseada de Escada, além de Itapagipe, onde, á tarde de 16, fundearam os navios de Nassau. Passando estes por diante dos fortes, guardaram a conveniente distancia para evitar-lhes os tiros, e a salvo lançaram em terra o exercito.

trombetas mudas da fama (3), com que a mandar estampada aos olhos de sua magestade que Deus guarde, e alegrar com ella a Portugal, a Hespanha e a toda a Monarchia; nas palavras que propuz (que são do Livro Quarto dos Reis, Capitulo dezenove) me parece temos uma estampa tão propria desta nossa historia, que em todas suas principaes circumstancias representadas ao vivo, nem faltaram aos auxilios do Céu as devidas graças, nem á cooperação e valor da terra os merecidos louvores. O que direi, ou repetirei, será somente ponderado o que todos vimos. E para que nos não falte a assistencia da soberana Pallas da christandade, a quem o primeiro templo que levantou Portugal na Bahia, foi com nome da Victoria (4); dando os vivas á mesma Senhora, digamos: *Ave Maria*.

II

Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum (5): Tomarei debaixo

(3) «É posto que nós na America carecemos destas trombetas mudas da fama...» Queixa-se neste passo Vieira da falta de imprensa no Brasil. Desde o meiado do seculo anterior se publicavam livros na America espanhola, e mesmo livros em portuguez, como o sermão do jesuita Francisco Ferreira, em Lima, 1654, e o volume de frei Juan Morelli, «Luzeiro Evangelico», no Mexico, 1708 (Felix Pacheco, *Duas Charadas Bibliograficas*, p. 424, Rio, 1931)...

(4) Seria a igreja da Victoria (à cuja sombra Nuno Marques adormeceu o «Peregrino da America»...) mais antiga que a da Graça, construida em Villa Velha por Catarina Paraguassú, cf. Frei Vicente, *Hist. do Bras.*, 3.^a ed., pag. 151?

Apoiar-se a tradição, que Vieira recolheu, a certa inscrição tumular, que diz ter sido casado naquela igreja da Senhora da Victoria, em 1534, Afonso Rodrigues (Francisco Vicente Vianna, *Memoria sobre o Estado da Bahia*, pag. 295, Bahia, 1893).

(5) 4.^o *Livr. dos Reis*. XIX, 34. (Nota dos «Sermões»).

de minha protecção esta cidade (diz Deus) para a salvar. e esta mercê lhe farei por amor de mim, e por amor de David meu servo. Falla o Texto á lettra do sitio que com poderoso exercito veio pôr sobre Jérusalem Senacherib, rei dos Assyrios. E posto que as mesmas palavras e a promessa dellas se verificam propriamente em um e outro caso, não ha duvida que tem muito maior propriedade e energia no nosso. *Protegam urbem hanc, et salvabo eam*: reparemos bem nesta ultima palavra, em que consiste a promessa e effeito da protecção divina. Tomarei, diz Deus, debaixo de minha protecção esta cidade para a salvar. Pudéra dizer, para a conservar, para a sustentar, para a defender, para lhe dar victoria de seus inimigos: e porque não diz senão *para a salvar* nomeadamente: *Et salvabo eam?* Porque a Bahia é cidade do Salvador (6): e ainda que o conserval-a, defendel-a, e dar-lhe victoria, era effeito da mesma protecção, não era conforme o nome da cidade e do seu protector. O effeito, a obra é a acção propria de Salvador, é salvar; pois por isso diz Deus que ha de salvar a cidade: *Et salvabo eam*. A Deus, além dos nomes comunns de Deus, e Senhor, umas vezes o invocamos como misericordioso, outras como justo, outras como todo-poderoso, ou com algum dos outros attributos, e titulos de sua magestade, e grandeza, de que estão cheias todas as Escripturas; mas quando a havemos de invocar para que nos salve, o modo que prescreve, e ensina a mesma Escriptura é, que digamos nomeadamente a Deus: *salvae-nos, Salvador* nosso. Assim o manda, e dispõe no

(6) Do *Salvador* chamou-se a cidade, por ordem de D. João III, e antes que a fundasse Tomé de Souza; as nomeações para os cargos do governo della, lavradas em fins de 1548 e primeiro mez de 1549, indicam a fortaleza do Salvador, que mandára el-rei levantar na baía de Todos os Santos... (Docs. na Bibl. Nac., *Cartas, Alvarás e Provisões*, II—30, 27, 42).

primeiro Livro do Paralipomeno: *Dicite, salva nos Deus Salvator noster* (7). E porque? Porque o salvar é effeito proprio de Salvador: e com o nome de Salvador não só inclinamos, e empenhamos, mas obrigamos a Deus a que nos salve, porque não seria Salvador, se não salvasse. Essa foi a impropriedade com que os Discipulos ainda rudes, invocaram a Christo no perigo da tempestade, dizendo: *Magister, salva nos, perimus*: (8) Mestre, salva-nos, porque perecemos. Não haviam de dizer, Mestre, senão, Salvador; porque a obrigação de Mestre é ensinar e não salvar. E se Christo então os salvou, não foi como Mestre, senão como Salvador: *Salva nos Salvator noster*. Este mesmo, pois, foi o titulo com que Christo na occasião presente salvou a Bahia. Ella é cidade do Salvador, e elle salvou a sua cidade. Donde se segue, que mais a salvou como sua, que como nossa: e mais a salvou para si, que para nós.

E' admiravel a este proposito o Texto de David no Psalmo 97: *Cantate Domino canticum novum, quia mirabilia fecit: salvavit sibi dextera ejus et brachium sanctum ejus* (9). Assim como nas grandes victorias se costuma celebrar o valor dos capitães, e soldados com letras ou cantigas novas; assim exhorta David, que se componham e entoem novos canticos ao Senhor pela admiravel victoria, com que o seu poderoso braço salvou para si: *Salvavit sibi*. Isto de salvar Christo para si, é o primeiro reparo de Hugo Cardeal; e o segundo tambem seu, não é menos bem fundado. O primeiro funda-se no que diz o Propheta; o segundo no que não diz, porque não diz que sai-

(7) 1. *Psal.*, XVI, 35 (Ibd.).

(8) *Math.*, VIII, 25; *Marc.*, IV, 38; *Luc.*, VIII, 24, (N. dos Ser.).

(9) *Psal.*, XCVII, 1. (N. dos Ser.).

vou, ou a quem. Pois se diz que salvou. e que salvou para si, *Salvavit sibi*; porque não diz o que salvou. ou a quem salvou? Não diz a quem salvou. responde Hugo; porque fallava o Propheta de victoria futura; e do successo da mesma victoria se havia de entender de quem fallava: *Non dixit, quid salvavit, sed intelligendum reliquit*. Supposto, pois, que do successo e da victoria havemos nós de entender o que Christo salvou por meio della; eu entendo e digo. que o que salvou. foi a Bahia. E do mesmo Texto que excitou a primeira questão. prova a resposta desta segunda. O Texto diz, que salvou Christo para si: *Salvavit sibi*: logo se salvou para si. signal é que o que salvou. era coisa sua. E como a Bahia é cidade do Salvador, hem se segue que salvando-a, salvou para si. porque salvou a sua cidade. O mesmo Hugo tão claramente como se eu lhe ditara as palavras: *Benedixit, sibi, quia ad ipsum, non ad alium pertinebat salvatio*. Muito hem e muito propriamente disse. que salvou para si: porque a elle. e não a outrem pertencia salvar o que era seu. A cidade era do Salvador. e ao Salvador pertencia salvar a sua cidade. E' verdade que tambem nós fomos salvos nella, pelo que devemos infinitas graças ao mesmo Salvador; mas elle. como dizia. não nos salvou a nós tanto por amôr de nós. quanto por amôr de si. Não é consideração minha. senão clausula expressa do mesmo Senhor no nosso thema: *Protegam urbem hanc* (notae agora) *et salvabo eam propter me*: Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade, para a salvar por amôr de mim. De maneira que não só diz que ha de salvar a Cidade, mas expressa, e nomeadamente, que a ha de salvar por amôr de si. Nós salvos por amôr da cidade, porque somos membros da cidade; mas a cidade salva pelo Salvador, porque é sua, e por amôr de si: *Propter me*.

III

Ainda nos resta por declarar a última clausula do thema, tão breve como a passada; mas não menos admiravel, nem menos propria do nosso caso. *Et salvabo eam propter me, et propter David servum meum*: Salvarei esta cidade, diz o Salvador, por amor de mim, e por amor de David meu servo. Que hom Senhor é Deus! Buscae lá outro que tendo toda a victoria sua, queira partir a gloria della entre si, e um seu servo! Mas porque razão tendo Deus tantos outros servos, e tão grandes, assim passados, como presentes, esta parte de gloria a attribue só a David: *Et propter David servum meum?* No caso do sitio de Jêrusalem a razão é manifesta; porque na mesma cidade de Jêrusalem havia um monte o mais forte e inexpugnavel de todos, que era o Monte Sion, o qual se chamava *Civitas David*, Cidade de David; e assim como Deus salvou a Jêrusalem por amor de si, pelo que tinha de cidade sua; assim a salvou tambem por amor de David, pelo que tinha de cidade de David: *Propter me, et propter David Servum meum*. Passemos agora de Jêrusalem á Bahia.

O monte Sion da Bahia não ha duvida que é este monte em que estamos (10), posto que ao principio tão mal fortificado, depois tão forte e inexpugnavel, como as batarias e assaltos do inimigo, tanto á sua custa experimentaram. E que o David desta Sion seja Santo An-

(10) Monte Calvario. Ai quizeram levantar a sua casa os primeiros jesuitas (*Cartas do Brasil*, ed. da Academia, pag 84) e se estabeleceram os frades do Carmo (1586) em convento que ainda suspende, sobre as rampas da colina historica, as velhas muralhas.

tonio, que nelle assentou o solar da sua casa (11), facilmente se pôde demonstrar até aos mesmos olhos; porque se do *saial* lhe fizemos a sanarra, da corda a funda, da voz formidavel do demonio a harpa, é ser o menor da familia de seu pae a familia dos meneres, e de ter sempre a Deus junto ao peito, ser aquelle de quem disse o mesmo Senhor que tinha achado um homem conforme ao seu coração, com pouca differença de côres veremos naquelle altar, ou de Santo Antonio formado um David, ou David transformado em Santo Antonio. Deste segundo David pois disse Deus no nosso caso: *Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum.* E se me perguntardes de que modo se repartiu a victoria da Bahia entre o Senhor e o servo, entre o Salvador e Santo Antonio, digo que na mesma Bahia temos razão da semelhança, e tão semelhante, que não pôde ser mais natural, nem mais propria. A cidade da Bahia é cidade do Salvador, e Bahia de Todos os Santos (12); e assim como em quanto cidade do Salvador, pertence a de-

(11) A ermida de Santo Antonio «alem das portas do Carmo» (Djarte de Albuquerque, *Memorias Diarias*, pag. 153) foi fundada por Cristovão de Aguiar Daltro, «um morador dos principais da terra», senhor do engenho de Agua dos Meninos (Gabriel Soares, *Roteiro do Brasil*, pag. 130), almoxarife da Bahia, quando construiu a cidade Tomé de Souza, e tronco de familia opulenta. A primitiva construção era de 1594. Substituiu-a, em 1648, uma igreja-matriz — a de Santo Antonio Além do Carmo, posta ao lado da fortaleza do mesmo nome, erguida no lugar da antiga trincheira. (Ver Jabotão, *Catálogo Genealogico, Rev. do Inst. Hist.*, vol. 52, pag. 248; Braz do Amaral, nota a Acioli, I, 337).

(12) De Todos os Santos se chama a baía, porque descoberta em 1.º de Novembro de 1501, pela armada de D. Nuno Manoel, cujo piloto-mor era Americo Vespucci. (Porto Seguro, *Hist. do Bras.*, 3.ª ed. integral, I, 94) ou em 1503 (Carta II de Vespucci, *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*, p. 152, Lisboa, 1812).

fensa da cidade ao Salvador; assim em quanto Bahia de Todos os Santos, pertencia a defesa da Bahia a Santo Antonio. E porque? Mais admiravel! é ainda o porquê, que a mesma resposta. Porque sendo a Bahia, Bahia de Todos os Santos, a todos os Santos pertencia a defesa della. Logo se a todos os Santos pertencia a defesa da Bahia, por isso a defendeu Santo Antonio, porque Santo Antonio, sendo um só, é todos os Santos. Ora vêde.

Todos os Santos do céu se dividem em seis gerarchias: Patriarchas, Prophetas, Apostolos, Martyres, Confessores, Virgens: e em todas estas gerarchias tem eminente logar Santo Antonio. Primeiramente é Patriarcha, sendo filho de S. Francisco, porque muitos dos filhos do mesmo Santo o tomaram a elle por pae, e se chamam Religiosos de Santo Antonio, quaes são os de toda esta Provincia (13). Assim se chamaram filhos de Israel os descendentes de Abrahão, tomando o nome, e reconhecendo por seu immediato patriarcha a Jacob, não só filho, mas neto do primeiro e universal Pae de todos. Foi Santo Antonio Propheta, como consta de tantas coisas futuras que anteviu e predisse, não só pertencentes a esta vida, senão também á eterna, revelando-lhe Deus até os segredos occultissimos da predestinação das almas. Nem se confirma pouco a verdade deste espirito prophético, com a necessaria supposição de Deus o haver arrancado da terra onde nascera, porque *nemo propheta in patria sua* (14). Foi Apostolo, e Apostolo de duas provincias tão dilatadas, como Italia e França, não só pregando nellas depois de christãs a fé do Evangelho, e confirmando-a com infinitos e portentosos milagres; mas confutando e conven-

(13) Em 1587 foi fundada a Provincia de Santo Antonio, do Brasil (Frei Vicente do Salvador, *Hist. do Bras.*, 3.^a ed., p. 330; Jaboaão, *Novo Orbe Scrafico*, I, 223).

(14) *Luc.*, IV, 24. (N. dos Ser.).

cendo os erros, allumiando a cegueira, e quebrantando o orgulho, a dureza, e contumacia dos herejes, por onde foi chamado Martello das herezias: *Perpetuus haereticorum malleus*. Foi Martyr, porque foi buscar o martyrio a Africa, e posto que não derramou o sangue, tão martyr foi como se o derramara, porque se Deus disse a Abrahão que não perdoara a vida a seu filho pela vontade e deliberação que tivera de o sacrificar: *Non pepercisti unigenito filio tuo propter me* (15) não menos suspendeu Deus o braço, e espada de Abrahão, para que não executasse o golpe, do que teve mão nos alfanges e cimitarras dos Turcos, para que na garganta e peito aberto de Antonio não empregassem a sua furia. Que fosse Confessor, não ha mister prova. Mas a de ser perpetuamente Virgem, é tão milagrosa, e sem igual, que sendo necessarias a S. Bento as espinhas, e a S. Francisco os lagos enregelados para se livrarem das tentações proprias, a tunica que vestia Antonio, só por tocar, ou ser tocada na carne virginal daquelle corpo mais que angelico, bastava para que della fugissem todas as tentações contrarias á pureza, e aos peccadores, mais forte e abstinadamente tentados, não só apagasse o fogo infernal, mas gerasse perpetua castidade. E como Santo Antonio em todas as gerarchias dos Santos, com os Patriarchas é Patriarcha, com os Prophetas Propheta, com os Apostolos Apostolo, com os Martyres Martyr, com os Confessores Confessor, e com as Virgens Virgem: pertencendo a todos os Santos a defesa da Bahia de Todos os Santos: e tendo Deus prometido que a gloria desta victoriosa protecção não a havia de repartir com todos seus servos, nem com muitos, senão com um só: *Propter me, et propter David servum meum*; este um, não podia ser outro, senão Santo Antonio.

(15) *Gen.*, XXI, 12. (N. dos Ser.).

aquelle santo universal, que sendo um só na pessoa, nos grãos e gerarchias da santidade era todos os santos.

Quando Barac, capitão do povo de Deus, alcançou aquella famosa victoria contra Sisara, general dos exercitos d'el-rei Jabin, diz o Texto sagrado, que as estrellas do céu, conservando-se todas na sua ordem, pelearam contra Sisara: *Stellæ manentes in ordine, et curso suo adversus Sisaram pugnaverunt* (16). E do mesmo modo concedo eu, e confesso, que todos os Santos do céu, sem se moverem do lugar, nem da ordem, cada um da sua gerarchia, podiam defender a nossa cidade, e acudir á protecção em que ella os tinha empenhado com o nome de *Betha de Todos os Santos*. Assim o supporto com o Real Propheta, o qual parece que não só tinha prophetizado, senão pintado a nossa victoria. Falla David de todos os santos do céu, dentro no mesmo céu, e diz que na bocca tinham os louvores de Deus, e nas mãos as espadas desembainhadas, para com ellas se vingarem de seus inimigos, e rendidos, e maniatados os metterem debaixo dos pés: *Exaltationes Dei in gutture eorum, et gladii ancipites in manibus eorum: ad faciendam vindictam in nationibus, increpationes in populis: ad alligandos reges eorum in compedibus, et nobiles eorum in manicis ferreis.* (17) Que os santos do céu se empreguem todos em louvores de Deus, essa é a ditosa occupação daquella patria bernaventurada: mas que juntamente estejam com as espadas desembainhadas nas mãos para pelejarem e vencerem seus inimigos: que espadas são, ou podem ser estas? São no caso presente as mesmas com que os nossos soldados pelejaram e venceram. A espada com que Gedeão pelejou e venceu, chamava-se *Gladius Domini et Gedeonis*: (18) Espada de Deus e de

(16) *Juizes*, V, 20. (N. dos Ser.).

(17) *Psal.*, CXLIX, 6, 7 e 8. (Ibd.).

(18) *Juizes*, VII, 20. (Ibd.).

Gedeão. E porque? Porque no mesmo tempo era meneada por duas mãos: visivelmente pela mão de Gedeão, e invisivelmente pela mão de Deus. Do mesmo modo no nosso caso. As armas com que vencemos os inimigos, visivelmente eram meneadas pelas mãos dos nossos soldados na terra, e invisivelmente pelas mãos de todos os Santos no céu: *El gladii ancipites in manibus eorum*. E porque estas mãos invisíveis de todos os Santos eram as que principalmente nos deram a victoria, por isso conclúe excellentermente o Propheta, que a gloria da mesma victoria é de todos os Santos: *Gloria hæc est omnibus Sanctis ejus* (19).

Bem supponho eu logo, e devemos suppor todos, que todos os Santos do céu por si mesmos podiam defender a nossa, ou a sua Bahia de Todos os Santos. Mas como Deus tinha demittido de si e dedicado a parte desta protecção e desta gloria a um só santo, *et propter David servum meum*, nenhum outro podia ser, como foi, senão Santo Antonio, pela eminencia com que este Santo contem em si as gerarchias e dignidades de todos. E se na universalidade do Texto de David seria grande gloria de todos os santos, se todos concorressem por si mesmos para a defenza e victoria da Bahia de Todos os Santos, maior gloria foi na singularidade do nosso, que a mesma Bahia de Todos os Santos a defendesse um só santo: mas um santo, que sendo um só, é todos os santos: *Gloria hæc est omnibus Sanctis ejus*.

IV

Temos visto em commum a defensão e victoria da nossa cidade da Bahia (20) repartida entre o Salvador, e Santo Antonio: entre o Salvador, como cidade do Salvador, e entre Santo Antonio, como Bahia de Todos os Santos. Desçamos agora ao particular e alegremos os ouvidos, com que ouçam com certeza e segurança, o que os olhos testemunharam não sem duvida e receio. O Texto do nosso thesouro trasladado ao Cap. 19.^o do 4.^o Livro dos Reis, foi tirado do Cap. 37.^o de Isaias, o qual como historiadór escreveu o successo do sitio de Jêrusalem, e como Propheta pintou nelle o da Bahia. E para que não faltasse tambem ao officio de commentador e interprete, no Cap. 26.^o, cantando a victoria da cidade que tem por nome Salvador, diz que para sua segurança e fortaleza se porá nella o muro e o antemural: *Urbs fortitudinis nostra Salvador, ponctur in ea murus, et antemurale* (21). Em phrase da milicia antiga o muro significava a fortificação mais estreita e do recinto da cidade, e o antemural as que hoje se chamam fortificações, ou obras exteriores, que a defendem no largo. Assim que propriamente no nosso caso, o muro da cidade da Bahia foi o Salvador, e o antemural, Santo Antonio. Ouçamos agora com esta mesma divisão, quão seguramente nos defendeu dos inimigos o muro, e quão fortemente os resistiu e rebateu o antemural.

(20) Desde os oito anos de idade, em 1615, até os 34, na sua Bahia vivêra Antonio Vieira; e voltaria, para morrer ali, na sua velhice fatigada das vicissitudes da profissão, ou, como disse com ironia amarga, da comedia da vida...», *Cartas*, II, 384.

(21) *Isai.*, XXIV, 1. (N. dos Ser.).

Em tres coisas consistiu a segurança que Deus prometteu a Jêrusalem na invasão do exercito inimigo. Primeira, que elle não entraria na cidade: *Non ingreditur urbem hanc* (22). Segunda, que não lançaria dentro della as suas settas: *Nec mittet in eam sagittam*. Terceira, que a não poria de cerco: *Nec circumdabit eam munitione* (23); e tudo se cumpriu com maravilhosas circumstancias no nosso caso. Principalmente não entrou o inimigo na nossa cidade, antes esteve tão longe de entrar, e nós tão seguros de que elle entrasse, que em todos os quarenta dias do combate, assim de dia, como de noite, sempre estivemos com as portas abertas (24). Nisto mostrou bem a cidade do Salvador, que o seu Salvador e defensor era Deus, porque só Deus pôde impedir, e cerrar as entradas com portas abertas. Uma das coisas notaveis que lemos no livro de Job, é que Deus cerrou as portas ao mar, para que não entrasse pela terra: *Quis conclusit ostia maris* (25). E acrescenta o mesmo Deus, que essas portas do mar as tem muito bem ferrolhadas, e muito bem trancadas: *Circumdedit illud terminis meis, et posui vectem, et ostia* (26). Agora pergunto: O mar não está aberto por todas as partes? Entre o mar e a terra ha alguma coisa que lhe impida o entrar e passar adiante? Todos vemos que não. Que portas são logo estas, e que ferrolhos com que estão tão cerradas e tão seguras. O mesmo Deus

(22) 4.^o Livr. dos Reis, XIX, 32. (N. dos Ser.).

(23) 4.^o Livr., dos Reis, XIX, 32. (Ibd.).

(24) A porta do Carmo não pudêra ser fechada, porque de muitos anos lhe enferrujaram os gonzos. Duarte de Albuquerque, *Memorias Diarias*, pag. 154. Quanto á de S. Bento, por aí entravam na praça os socorros, que varios capitães iam buscar a Itapoan e outros arredores.

(25) *Job*, XXXVIII, 8. (N. dos Ser.).

(26) *Ibid.*, 10. (Ibd.)

o diz: *Et dixi; usque huc venies, et non procedes amplius:* (27). Eu disse ao mar: Atéqui chegarás, e não passarás daqui; e esta minha palavra são as portas sem portas, com que estando aberto o mar em todas as praias do mundo, o tenho tão fechado e ferrolhado a elle e a terra tão segura, que por mais bravo que a ameace, não pôde dar um passo adiante: *Non procedes amplius.* Sabeis, senhores, quem deu tanta segurança á nossa cidade, que combatida do inimigo sempre estivesse com as portas abertas de dia, e de noite? Foi unicamente aquella poderosa palavra do Salvador, posto que a nós occulta: *Non ingreditur urbem hanc:* Não ha de entrar nesta cidade: e com este seguro da divina protecção estavam as nossas portas abertas, tão forte e tão inexpugnavelmente cerradas, que não houve antigamente arietes, nem ha modernamente petardos, ou outros instrumentos e machinas bellicas, que pudessem abrir na sua mesma abertura a menor brecha.

A segunda promessa de Deus foi: *Nec mittet in eam sagittam:* que o inimigo não lançaria dentro na cidade as suas settas. Este genero de guerra tem muito mais difficiloso reparo: porque voando as settas por cima dos muros, cáem pela parte do céu sobre os que estão dentro. No mesmo Livro de Job, pouco antes allegado, faz menção a Escriptura Sagrada de guerra chovida: *Pluat super illum bellum suum* (28). E que guerra chovida é esta? E' aquella, cujos tiros veem pela parte do céu. Destes tiros disse David: *Pluat super peccatores laqueos:* (29) e taes foram os tiros e as ballas que choveram sobre a nossa cidade, depois que o inimigo assentou as suas baterias. As ballas que se atiravam ás nossas trincheiras por linha tendente, e a ponto fixo, ordinariamente fica-

(27) *Ibid.*, 11. (N. dos Ser.).

(28) *Job*, XX, 23. (*Ibid.*).

(29) *Psal.*, X, 7. (*Ibid.*).

vam enterradas nas mesmas trincheiras; mas as que se lançavam contra a cidade, como iam por elevação, voavam por cima dos muros, e cahiam como chuva do céu, sem nenhum reparo humano, mas com milagrosos effectos (30) da protecção divina: *Qui habitat in adjutorio Altissimi, in protectione Dei cæli commorabitur*: (31). Aquelles, diz David, a quem defende o Altissimo, morarão seguros, debaixo da protecção do Deus do céu. Notae a palavra *commorabitur*, que significa morar juntos, e falla particularmente dos moradores da cidade. Mas porque chama nesta occasião o Propheta a Deus o Altissimo, e o Deus do céu? Porque ainda que as ballas podiam passar dos muros altos; não podiam avançar até o Altissimo que os defendia: *Qui habitat in adjutorio Altissimi*: e ainda que cahiam, ou choviam pela parte do céu, não podiam offender aos que estavam debaixo da protecção do Deus do céu: *In protectione Dei cæli commorabitur*. Assim foi. Os tiros da artelbaria inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos (32). e chovendo a maior parte delles sobre a cidade; que faziam? Uns cahiam saltando, e rodavam furiosamente pelas ruas e praças: outros rompiam as paredes, outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas ballas, quantas eram as pedras e as telhas: e foi coisa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa matassen, nem ferissem, nem ainda tocassen dentro da cidade, sendo que chegaram a levar ou despir a algumas, ainda as roupas mais interiores, mas sem nudoa, nem signal nos corpos. E para

(30) Repararam os crónistas no fato de não ter causado mortes, na cidade, o bombardeio do inimigo, inefficaz, malogrado.

(31) *Ibid.*, XC, 1. (N. dos Ser.).

(32) «... Nos últimos vinte e cinco dias atiraram, segundo se affirmou, 1.446 balas», DUARTE DE ALBUQUERQUE, *Memorias Diarias*, pag. 162.

maior excesso da maravilha, quando as ballas que choviam por elevação na cidade, nenhum damno fizeram nos moradores, é certo que as nossas culebrinas, que também jogavam por elevação desde as portas da Sé (33), cahindo no valle onde o inimigo tinha assentado o seu arraial, mataram muitos dos hereges. Não deixarei de continuar aqui o Texto que referi de David, em que já falla nos tiros que chovem do céu, e declarando-os como se descrevem os da pólvora, diz que é uma tempestade de fogo e enxofre dada a beber em um copo: *Ignis, et sulphur, et spiritus procellarum pars calicis eorum* (34). Note-se muito o *calicis eorum*. Estes eram os brindes que o fiamengo fazia á cidade; mas ella lhe respondia muito á portugueza, porque recebendo tão pouco damno da chuva das suas ballas, como se fosse de agua, a nossa o executava nelles tão verdadeiro como de fogo e ferro. Elles brindavam á nossa saude, e nós á sua morte.

A terceira clausula da promessa divina, foi que o inimigo não poria de cerco a cidade: *Nec circumdabit eam munitio*; e assim o vimos cumprido. Se o inimigo queria render a cidade por assedio, porque a não cingiu, e cerrou por fóra com as linhas de circunvalação (35); porque ao menos não intentou fortificar-se nas tres emnencias que a dominavam (36); mas se reduziu todo a um quartel? Aqui se vê a providencia e previdencia do nosso divino defensor, e como começou a defender e segurar a Bahia dentro em Pernambuco. O primeiro logar

(33) No cerco de 1624 tinham os holandeses montado bateria na Sé, a que respondia a dos espanhões firmada no Carmo, FR. VICENTE, *Historia do Brasil*, 3.^a ed., pag. 574.

(34) *Psal.*, X, 7. (N. dos Scr.).

(35) Refere-se Vieira aos fossos que abriram os holandeses em 1624, «represando o ribeiro que corre ao longo dela...» (FR. VICENTE DO SALVADOR, *Hist. do Bras.*, p. 251.

em que o inimigo se perdeu, foi a cidade que elle chamou de seu nome Mauricia, e a primeira acção foi o seu proprio conselho. Póde haver maior erro militar, que impossibilitar primeiro a victoria, e depois emprender a guerra? Pois isto é o que fez o general hollandez, mais como obediente ás disposições do nosso soberano defensor, que como capitão, nem soldado. Determina conquistar a Bahia, e resolve de arrancar primeiro de Cerigipe d'El-Rei as reliquias do exercito pernambucano que alli estavam alojadas, e constavam de mil e duzentos soldados, endurecidos em tantos trabalhos e campanhas, que eram os ossos da guerra, e por seu valor e experiencia merecedores de ser venerados como reliquias (37). Se Deus não cerrara os olhos a este conselho, veriam os menos cegos no seu mesmo leão belgico, com as sete settas justas todas em uma mão, quão poderosas são as forças unidas para resistir. E se as suas mesmas provincias para resistir ao mais poderoso monarchia, tomaram o nome de Provincias Unidas (38), tambem as nossas milicias unidas resistiram mais facilmente á sua, se deixasse em paz a umas, e pelejasse com as outras separadas e divididas. Mas não é coisa nova em Deus, quando quer desbaratar

(36) Monte Calvario, Palma e São Bento (baluarte de Santiago). O alto da Palma, fronteiro e padrasto de S. Francisco, foi occupado oportunamente pelo mestre de campo Heitor de la Calche (*Documentos Historicos*, XVIII, 60), que, sobre resguardar a posição, ainda de lá socorreu, em 18 de Maio, a trincheira de Santo Antonio. Guarneceu o de Santiago o capitão Lourenço de Brito, que seria um dos tres governadores interinos do Brasil em 1641, quando foi destituído Montalvão.

(47) Cf. DUARTE DE ALBUQUERQUE, *Memorias Diarias*, página 173; BRITO FREIRE, *Hist. da guerra Brasilica*, pag. 433.

(38) *União de Gand*, de 8 de Novembro de 1576, a que se seguiu a republica das sete *Provincias Unidas*, com Gullherme I, de Orange, por «statouther» — primeira fôrma do Estado hollandez.

os effeitos, corromper os conselhos. Arrancado pois de Cerigipe aquelle famoso troço de soldados e cabos, a quem a fortuna adversa na sua roda tinha lavrado como fortissimos diamantes, e encorporados com os do nosso presidio menos exercitados (39), mas não menos valorosos, alentada com esta segunda e nova alma a Bahia, logo ficou mais certa na victoria que receiosa da guerra. Tal foi o estado em que o inimigo achou a nossa cidade, e por isso conforme a promessa divina se não atreveu a lhe pôr cerco: *Nec circumdabit eam militio*; mas ensinado no seu proprio erro, reconhecendo o risco a que se expunha se dividisse as forças, tratou de as conservar unidas.

Mas como poderá a nossa cidade dar as devidas graças a seu Salvador pela abundancia com que a sustentou e conservou neste meio cerco, o que não pudéra ser, se

(39) Guarneçiam o presidio da Bahia dois terços, de doze companhias cada um: o Velho e o Novo. Aquelle, fôra creado por D. Fadrique de Toledo, em 1626: compunha-se dos mil homens que deixou na cidade restaurada. O outro, em 1631, formara-se com 600 portuguezes e 200 castelhanos desembarcados da armada de D. Antonio de Oquendo. (José MIRALLES, *Historia Militar do Brasil*, p. 39). Em 1638, comandava o Terço Velho o sargento-mór João de Araujo, na ausencia do conde de Obidos, seu mestre de campo, e o Terço Novo, o mestre de campo D. Fernando de Ludeuinha — illustrados ambos nesta guerra colonial, desde 1631. A essa fraca guarnição apenas se juntaram trezentos soldados que trouxe Luiz Barbalho Bezerra, repatriado no ano anterior, e o mestre de campo Heitor de Lacaiche, nomeado na mesma época para commandar o Terço Napolitano, que «conservava mais o nome do que a gente» (MIRALLES, *op. cit.*, p. 38), sob as ordens de Barnolo. (*Patentes, in Documentos Historicos*, da Bibl. Nac., XVII, 64, e XVIII, 20). Com razão chama Vieira aos do presidio de «henos exercitados»: a primeira grande acção militar em que se envolveram foi, em defesa da terra, contra Nassau.

fosse cerrado? (40) David como tão cortado dos trabalhos e apertos da guerra, o que pedia a Deus, e exhortava a todos lhe pedissem, é que dêsse paz á cidade de Jérusalem, para que nella e suas fortalezas houvesse abundancia do necessario: *Rogate quæ ad pacem sunt Jerusalem, et abundantia diligentibus te: fiat pax in virtute tua, et abundantia in turribus tuis* (41). É a razão destas instancias tão repetidas de paz, e mais paz, era pela experiencia do que padeceram na guerra, sitiadas dos inimigos a mesma Jérusalem, e outras cidades de Israël, em que chegaram os huvers a se sustentar dos couros das arcas, e das solas dos sapatos, e de outras coisas que não tem nome, ainda mais indecentes, obrigando a furia da fome até ás mesmas mães, a que comessesem seus proprios filhos. E nós estivemos tão fóra de pedir a Deus paz, para que nos não faltasse a abundancia do sustento, que em todo o tempo da guerra não só se sustentaram os que nos sustentavam de carne sempre fresca (42), nem só abundavã a cidade de todos os bastimentos naturaes da terra, ainda os mais hortenses e verdes; mas sem figura alguma de encarecimento, posto que sobre todas as da admiração, um só termo me occorre de se poder declarar a verdade da abundancia que lográmos: e qual é? É' dizendo que quanto se acha em Lisboa, desde S. Paulo até á Confeitaria e Ribeira, assim do reino, como de fóra delle: tudo

(40) Nassau poderia ter cerrado o cerco, se desembarcasse no prantal da Barra, como em 1624, tropa que fechasse o caminho da porta de S. Bento, enquanto o grosso de suas forças tomava a saída do Campo. Temeu dividir o exercito e, com isto, não oprimiu a praça, tao abastecida durante os dias da luta como nos tempos normais. Esse erro preliminar decidiu a sorte das armas.

(41) *Psal.*, CXX, 7. (N. dos Scr.).

(42) «... Parecia que os portuguezes não estavam de cerco, gozando quasi livremente da campanha, dentro em as muralhas...» BRITO FERRE, *Hist. da Guerra*, pag. 443.

se via aberto e exposto em cada uma das vendas da Bahia, sendo tantas, e sem a guerra lhe alterar as preços. Não só tão abundante e superabundantemente proveu o Salvador a sua cidade, mas com tantas prevenções de mimo e regalo, que quando Hollanda lhe fazia a guerra, toda Europa a servisse á mesa.

V

Atéqui temos visto a parte da victoria, e defesa da cidade que tocou ao Senhor (*propter me*), que foi o muro. Agora veremos a que tocou ao servo (*et propter servum meum*), que foi o antemural. Nesta passagem porém do muro ao antemural, a mesma que dos muros a dentro parecia paz, delles afóra mudou tanto de semblante e traje, que a catadura, como verdadeiramente de guerra, era cheia de fereza e de horror, e as roupas, não inteiras, mas rasgadas, tintas todas em sangue. O nosso Texto só refere ou promette em summa o successo, e diz que o inimigo, desenganado da empreza, tornará por onde veio: *Per viam, qua venit, revertetur* (43). Isto é o que nós agora mais socegradamente havemos de vêr. E não só veremos o visto, senão também o invisível, porque se verá manifestamente a fortissima resistencia do nosso antemural, e quão a ponto pelejou sempre por nós e connosco o nosso segundo defensor Santo Antonio.

Eram as horas do meio dia (44), quando o inimigo com todo seu poder appareceu em marcha no monte fronteiro a este, não havendo nelle outra prevenção de defesa

(43) 4.º Livr. dos Reis, XIX, 33. (N. dos Ser.).

(44) 16 de Abril.

mais que os vestígios de uma trincheira rota (45): e quando se presumia que passando adiante naquella mesmo dia se sentenciasse o pleito em uma beni confusa batalha (porque ainda não estava posta em ordem a confusão); subitamente vimos que as bandeiras, que vinham tendidas, nem se avançavam, nem faziam alto, mas voltando o passo no mesmo lugar desciam e se escondiam para o valle onde assentaram o seu arraial. Agora pergunto: Porque não continuou a marcha o inimigo? Se depois que teve as forças mais cansadas e diminuidas nos acommetteu com tanta resolução, agora que as traz frescas e inteiras, porque não nos acomette? Se depois que estive-mos fortificados, investiu denodadamente as nossos trincheiras e as pretendeu levar á escala e render-nos dentro nellas, agora que nos acha descobertos, e sem defensão, porque em vez de avançar se retira? Antes de responder a esta pergunta, quero fazer outra, não minha, senão de David. Quando os filhos de Israel chegaram ás ribeiras do Jordão, o rio, que levava sua costumada corrente, não só parou, mas voltou atraz. Admiraram-se todos de tão desuzado prodigio; e David, que quiz examinar a causa, perguntou-a ao mesmo rio: *Quid est tibi mare quod figisti, et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* (46) Que a parte inferior do rio corra ao mar, isto é natureza; mas que a superior, que se vem precipitando com todo o peso das aguas, pare e torne atraz? Se pára, quem teve mão?

(45) Por 1630 levantára a trincheira o governador D. Diogo Luis de Oliveira, em sitio onde, em 1625, alcançara o capitão Padilha e outros guerrilheiros uma vitória sobre os holandeses, senhores da Bahia, FRET VICENTE, *Historia do Brasil*, 3.^a ed., pag. 550. «...Além do Carmo, junto da ermida de Santo Antonio...» Nassau estabeleceu quartéis defronte daquela trincheira em 20 de Abril, DUARTE DE ALBUQUERQUE, *Memorias Diarias*, pag. 153. Poucos metros separavam do principe o general espanhol.

(46) *Psal.*, CXIII, 5. (N. dos Ser.).

E se torna atraz, quem lhe tirou pelas redeas? O mesmo Propheta responde: *A facie Domini mota est terra, á facie Dei Jacob: (47)*. Na vanguarda do exercito dos Israelitas marchava a Arca do Testamento, e tanto que subita vista lhe infundiu tal respeito e tal temor, que o rio deu de roste com a Arca de Deus de Jacob, esta não só parou a corrente, mas voltou atraz: *Jordanis conversus es retrorsum*. Tem respondido David á sua pergunta, e tambem á minha. Santo Antonio, por autoridade e canonização do supremo Oraculo da Igreja, é a Arca do Testamento. Assim lhe chamou o Summo Pontifice, reconhecendo, pela voz de sua mais que humana eloquencia, os profundissimos mysterios da divindade que naquella grande alma estavam encerrados: *Tantumque sui admirationem commovit, ut cum Summus Pontifex aliquando concionantem audiens, arcam testamenti appellarit*. Pois assim como o impeto do Jordão, tanto que avistou a Arca do Testamento, parou e tornou atraz com a sua corrente, assim o orgulho do exercito inimigo, tanto que do monte opposto descobriu o de Santo Antonio, não só foi obrigado desta vista a fazer alto, mas a voltar a macha que trazia. E' verdade que elle não conheceu, nem podia conhecer a força occulta que o detinha; mas tambem o Jordão a não conheceu, nem podia conhecer, e contudo é certo que ella o deteve.

Mais fez na tarde deste mesmo dia S. Antonio (48). Fataes foram as horas que ella durou, e chegariam até a ultima fatalidade, se não houvera mão occulta que invisivelmente a impedisse. Defendiam a marinha nas raizes

(47) *Ibid.*, 7. (N. dos Ser.).

(48) 19 de Abril. A' 1 hora da tarde surgiu o inimigo no alto da casa do padre Bartolomeu Ribeiro, e com duas peças começou a bombardear a trincheira de Santo Antonio, dominando o reduto de Agua de Meninos e o forte do Rosario.

do monte opposto o forte do Rosario e o reducto da Agua dos meninos (49); mas dominados do sitio superior que pela parte da terra tinha occupado o inimigo, como incapazes de toda a defensão, rebentada a artilheria que foi possível, lhe ficaram logo sujeitos. Cortados do mesmo modo os dois fortes de Monserrate e São Bartholomeu (50), com egual pressa se renderam, sem preceder ao menos a cerimonia militar da resistencia, que ainda nas praças condemnadas pede a cortezia da guerra. E quem não cuidaria, á vista deste desamparo, que o açoite do Brasil, que tínhamos á vista, era mençado pelo braço da Divina Justiça, a qual nestes primeiros golpes descarregados sobre as costas da Bahia, sem movimento seu, mais que os da dôr, lhe ameaçava a total e breve ruina? Mas não era menos digno de admiração, que no mesmo tempo em que as praças fortes artilhadas e presidiadas, espontaneamente se entregavam; só a trincheirinha de S. Antonio, arruinada, aberta, e quasi razea com a terra, mostrasse espiritos de resistencia! Puzemos em uma das suas aberturas uma unica peça assentada sobre a terra nua e desigual, (51) sem esplanada, ou outro pavimento fixo em que pudesse correr, e posto que ao desparar se enterravam as rodas, com este só tiro, que podia parecer reclamo aos contrarios

(49) Cf. Ponto Seguro. *Hist. do Bras.*, 3.^a ed., II, pag. 365, Barro FREIRE, *Hist. da Guerra*, pag. 436.

(50) Os fortes de S. Felipe (Monserrate) e S. Bartolomeu (Itapagipe), este reproduzido em gravura no livro de Barléos, aquele ainda de pé e restaurado — eram comandados pelos capitães Pedro Arias de Aguirre desde 1598 (*Documentos Historicos*, XIV, 484) e Luiz de Vedoya, veterano de Flandres (*Documentos Historicos*, XV, 131). A ambos faltou o necessario animo para a luta, dizem os cronistas; abandonaram os seus baluartes, tanto que o inimigo os investiu.

(51) Duarte de Albuquerque fala em tres peças tiradas do reduto de Agua de Meninos e instaladas na esplanada de Santo Antonio, *Mem. Diarias*, p. 153.

para que a mandassem render, não só se mostrou o nosso defensor forte contra elles, senão também contra Deus.

São termos de que usou o mesmo Deus, dizendo a Jacob: *Si contra Deum fortis fuisti; quanto magis contra homines prevalebis?* (52) Se foste forte contra Deus, quanto mais facilmente prevalecerás contra os homens? Na facilidade com que as outras fortalezas se entregaram ao inimigo mostrou Deus quão facilmente lhe podia também entregar, as demais, e castigar toda a Bahía. Na resolução com que a trincheirinha arruinada de S. Antonio se oppoz tão fortemente á resistencia, nos assegurou que só o mesmo santo era poderoso para ter mão no braço de sua justiça, para nos não castigar. Em uma e outra coisa fallo pela bocca da Escriptura. Marchava Saül com um exercito de dez mil homens em demanda de David: retirou-se acaso a uma cova, e quiz sua fortuna que nella estava escondido o mesmo David, que tão capaz era. Eia David, lhe dizem os companheiros: *Eccc dies de qua locutus est Dominus ad te: Ego tradam tibi inimicum tuum:* (53) Este é o dia em que Deus tem promettido de vos entregar nas mãos vosso inimigo, para que vos vingueis dos aggravos que vos tem feito. Levanta-se David, e que vos parece que faria? *Præcidit oram chlamydis Saül:* (54) Contentou-se somente com cortar uma nesga da capa de Saül: e para que? Para naquell'e retalho cortado tanto a seu salvo lhe mostrar quão facilmente lhe poderá tirar a vida e acabar com elle de uma vez. Porque se entregaram, senhoras, ess'outras fortalezas? Porque se viram cortadas do inimigo. E contentou-se Deus de cortar á Bahía essa nesga de terra (que em fórma triangular propriamente é nesga) para que entendessemos, que assim

(52) *Gen.*, XXXII, 28. (N. dos Scr.).

(53) 4.^o *Livr. dos Reis*, XXIV, 5. (Ibd.).

(54) *Ibid.* (Ibd.).

como entregou uma parte ao hollandéz, sem lhe custar duas onças de polvora, com a mesma facilidade lhe poderá entregar tudo.

Mas se o não executou assim Deus, foi porque S. Antonio, que nas ruínas da sua trincheira resistia visivelmente, de si para com o mesmo Deus lhe fez tão forte e poderosa resistencia, que lhe teve mão no braço, para que nos não castigasse, como ameaçava e podia; antes em lugar do castigo nos dêsse a victoria. Vae a outra Escripura. Quiz Deus não castigar, mas destruir cabalmente o povo que se chamava seu; e como por parte do mesmo povo se oppuzesse Moysés a esta resolução, refere o caso Rea! Propheta: e são estas as suas palavras: *Dixit ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confractione, id est, in ruptura muri: (55)* Decretou Deus e disse que os havia de destruir e acabar a todos: e assim havia de ser, sem duvida, se Moysés, seu grande valido, lhe não resistisse: e onde? *In confractioni, in ruptura muri:* nas ruínas do muro desbaratado e roto. Póde haver propriedade mais propria? Pois ainda foi mais propria do nosso caso, que no de Moysés. Porque no de Moysés é metáfora, e no nosso foi pura e mera realidade. Bem vimos os vestigios da pobre trincheira velha, aberta, desfeita, arruinada, rota. (56) Mas como era S. Antonio, dalli resistiu o nosso defensor, não digo ao inimigo, senão a Deus, que se não fôra meneado por Deus, não era nada o poder do inimigo. De Moysés diz o Texto que lhe dizia Deus: *Dimitte me, ut irascatur furor meus: (57)* Moy-

(55) *Psal.*, CV, 23. (N. dos Ser.).

(56) Construída pelo governador Diogo Luis de Oliveira, e seu arquiteto Francisco de Frias, a trincheira arruinava-se desocupada, quando surgiram os holandeses. (Paterne de engenheiro, 1627, *Documentos Historicos*, XV, 155).

(57) *Exod.*, XXXII, 10. (N. dos Ser.).

sés, deixa-me, deixa-me castigar. E se Moysés, que estava prostrado aos pés de Deus, tanto o apertava com as suas resistencias; que faria o nosso santo, que o tem nos braços? O certo é que lhe diria como Jacob: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi*: (58) e a benção que alcançou, sendo tão forte contra Deus, foi, que muito melhor prevaleceria contra os homens, como mostrou o effeito.

VI

Em quanto o inimigo trabalhava nas suas baterias, (59) crescia tanto a nossa trincheira, quanto nelle o ciuime de a vêr crescer. Determinado de ganhar o posto, a investiu de repente com mais de mil clavinas acompanhadas da escuridade da noite, sempre traidora ao valor que se funda na honra menos constante, onde não é vista (60). Assim se experimentou na confusão das primeiras cargas: mas acudindo os de maiores obrigações ao reparo, (61) retirados logo os combatentes, antanheceram com a luz do dia estendidos na campanha, os que não poderam retirar consigo. Não podia soffrer a nossa bizarra infantaria, nem os cabos menores e maiores della, que fossemos réos, onde desejavam ser auctores. Todos clamavam que inves-

(58) *Gen.*, XXXII, 26. (N. dos Ser.).

(59) Entre 22 de Abril e 1 de Maio.

(60) Combate de 21 de Abril, iniciado ás 9 horas da noite por uma força de mil e quinhentos flamengos, dos quais duzentos ficaram no campo. O capitão Gaspar de Souza Carvalho com seus mosqueteiros fez parar o inimigo (*Documentos Historicos*, XVIII, 12).

(61) Refere-se Vieira a Baulholo e Barbalho, que a tempo socorreram os capitães pernambucanos João da Silva e Azeredo e Estevão de Tavora, guardas da trincheira e afinal mortos no seu posto.

tissemos o inimigo nos seus quartéis, onde foi necessaria ao governo das nossas armas toda a paciencia e prudencia de Fabio Maximo, (62) *Cujus non dimicare vincere fuit*, como delle diz Valerio tambem Maximo. Obedecendo com tudo ao desejo e voz commum, se decretou de publico o assalto para a madrugada da Ascenção, mas de secreto se tocou uma arma falsa, com que fazendo-se entender que os nossos intentos eram descoherdos ao inimigo, se desistiu felizmente delles. Havia de ser o mesmo inimigo o aggressor, para que no successo da sua perda total reconhecessemos o perigo da nossa. Chegou em fim a noite decretoria e fatal de 18 de Maio, em que acometeram a requestada trincheira tres mil hollandezes ajuramentados de, ou a ganhar ou morrer, dos quaes muitos cumpriram a segunda parte do juramento, mas nenhum a primeira. E posto que depois foram soccorridos com todo o grosso do exercito, sendo já na campanha batalha, o que na trincheira era assalto e durando a porfia do combate tres horas inteiras, foi o successo tão desigual, que elles sem escrupulo de perjuros, em boa consciencia se retiraram vencidos, e nós concedendo-lhe que levassem os seus mor-

(62) Com a evocação classica encobria o pregador o drama politico, que ocorrera na Bahia, quando, a conselho de Baltholo, as tropas se recolheram, preferindo aguardar em defensiva o invasor, muito mais forte. O sino da Camara repicou a rebate. Ametirou-se o povo. Disseram os mais impacientes, que se não havia mais quem comandasse, eles saberiam nomear alguém. A essas vozes convieram os chefes que era preciso voltar para o monte do Carmo e trataram de melhorar a trincheira de Santo Antonio, junto da ermida, «fóra da muralha d'azentos passos» (BRITO FERRE, *Hist. da Guerra*, pag. 435). Lá ficaram o tenente-general Alonso Nunez de Alarcon, Baltholo — que estabeleceu o seu quartel (DUARTE DE ALBUQUERQUE, *Mem. Diarias*, pag. 153), D. Antonio Felipe Camarão, com os indios, e Henrique Dias, com os pretos. O «Fabio Maximo» era o conde; na retirada, na serenidade, na vitória.

tos a sepultar em muitas carroçadas, celebramos com salvas e repiques a memorável victoria. Os mesmos Hollandezes confessaram, segundo o seu modo de contar, que entre mortos e feridos perderam naquela noite vinte e oito centos. (63) *Vede se foi menor, vel.*

Mas eu tambem vejo que estaes esperando ouvir a parte que nella teve Santo Antonio em um e outro assalto. Sou contente: e não vos ha de faltar a Escriptura Sagrada com toda a propriedade do caso. Levada a Arca do Testamento á cidade de Azoto, puzeram-na os Philisteus no templo junto ao seu idolo Dagon, para que parecesse trophéo e despejo do mesmo idolo. Feito isto de dia, o que a Arca fez de noite foi, que amanheceu o idolo prostrado por terra diante della: *Et ecce Dagon jacebat prostratus in terra ante arcam Domini.* (64) Admirados e sentidos, mas não desenganados da vaidade do seu erro: os Philisteus tornaram a restituir o idolo ao seu logar; porém sobrevindo a noite, se na passada lie tinha succedido mal, muito peor lhe succedeu na seguinte; porque com a luz da manhã, não só appareceu o Dagon prostrado por terra, mas com a cabeça e as mãos cortadas, e lançadas á porta do templo: *Invenerunt Dagon jacentem super faciem suam coram arca*

(63) O successo de 18 de Maio honra sobretudo a Luis Barbalho que, na confusão do assalto, soube lançar-se da sua posição, fronteira á de Santo Antonio, colendo de flanco o inimigo que tentava, transpondo o vale, galgar o parapetto da trincheira. Nassau confessou a perda de 222 soldados (Porto Seguro, *Hist. Ger.*, II, pag. 367), porém os portuguezes contaram 327 (*Documentos Historicos*, XVIII, 27), dizendo que a mais de mil subia o numero de mortos e feridos (*Ibid.*, p. 15). Do lado dos sitiados foi chorada a morte do bravo capitão Sebastião do Souto, o mesmo official que avisára a Banhoia da artillia da frota flamenga e assim prevenira a defesa da praça. O sargento mór João de Araujo teve tres escudos de vantagem por ser o primeiro que acudiu (Prov. de 12 de Junho de 1639, *Documentos Historicos*, XVIII, 10).

(64) 1.^o Liv. dos Reis, V, 3. (N. dos Ser.).

Domini: caput autem Dagoni, et duae palmae manuum ejus abscissae erant super limen. (65) De maneira que a Arca e o Dagon tiveram dois combates em duas noites diferentes, e em ambas ficou a Arca vencedora, e na segunda com muito maior e total victoria. Vamos agora á significação destes dois combates. A Arca do Testamento já sabemos que é Santo Antonio; O Dagon quem será? Entre todas as nações do mundo, nenhuma se achará mais propriamente representada nelle que a hollandeza. A figura do idolo Dagon, como diz S. Jeronymo, e os outros interpretes, era de meio homem e meio peixe: e tal é a terra de Hollanda por sitio, e por exercicio e modo de viver, taes são os seus habitadores. Toda a terra é retalhada do mar, com que juntamente vem a ser mar e terra, e os homẽns, a quem podemos chamar marinhos e terrestres, tanto vivem em um elemento como no outro. As suas ruas por parte se andam, e por outra se navegam, e tanto apparecem sobre os telhados os mastros e as bandeiras, como entre os mastros e as bandeiras, as torres. Sendo tão estéril a terra, que sómente produz feno, as arvores dos seus navios seccas, e sem raizes, a fazem abundante de todos os fructos do mundo. (66) Em muitas partes toma o navio porto á porta de seu dono, amarrando-se a ella, e deste modo vem a casa a ser a encora do navio, e o navio a metade da casa, de que igualmente usam. Aos animaes que vivem no mar e na terra, chamaram os Gregos amphibios: e quem poderá negar

(65) *Ibid.*, 4. (N. dos Ser.).

(66) A esse tempo a marinha hollandesa era ainda mais numerosa e forte do que a inglesa. Em 1560 possua mil navios, com 30 mil tripulantes, dobro da frota da Inglaterra. (DAVID LORIS, *A expansão da lingua portugueza no oriente, nos seculos XVI, XVII e XVIII*, p. 8, Barcelos, 1936). Em 1648, segundo o proprio Vieira, tinha 11 mil navios de gavia e 250 mil marinhos. (*Curtas*, II, 233).

que tão amphibio era o Dagon como os Hollandezes, e tão compostos de peixes e homem os Hollandezes, como o Dagon? Estes Dagões, pois, e estes amphibios, são os que como homens nos queriam tomar a cidade, e como peixes a Baitia, cuidando que levando a trincheira, ganhavam ambas. Mas não advertiam os cegos, que a trincheira era de Santo Antonio, e que assim como elles são os Dagões, Santo Antonio é a Arca do Testamento. Na primeira noite e no primeiro combate ficaram prostrados por terra, e na segunda, não só prostrados, mas degolados, e com ambas as mãos cortadas e tão desfeitas, que dizem e tresladam os Setenta Interpretes, que cada mão ficou espedaçada em cem partes: *Ambo vestigia manus ejus erant ablata per partes centum*. Vêde se tiveram razão de contar os seus feridos e mortos aos centos.

Oh! como estou vendo o nosso santo lembrar-se da porfiada e estrondosa batalha daquella segunda noite, e como Deus nesta occasião lhe deu o nome de David, *Et propter David servum meum*, gloriar-se da victoria, e triumphar, dizendo com elle: *Circumdederunt me sicut apes, exarserunt sicut ignis in spinis, et in nomine Domini, quia ultus sum in eos: (67)* Cercaram-me como abelhas, arderam como fogo em espinhas, mas eu, em nome do Senhor, vinguei-me delles. Bem mostram as comparações serem de uma eloquencia tão allegorica sempre e erudita, como a que lemos em todos os escriptos de Santo Antonio. Mas porque chama aos inimigos na investida e combate da sua trincheira abelhas, e diz que arderam como fogo nas espinhas? Não se pudéra mais vivamente declarar o que vimos e ouvimos. Pudéra chamar abelhas aos hollandezes, pela arte e bom governo que se lhes não pôde negar de sua republica: e abelhas nesta facção, pelo appetite que cá os trouxe do nosso mel; mas chama-lhes abelhas, que

lhes basta ser pequenas, para serem celericas, pelo impeto raivoso, e furia com que acometeram, e mais particularmente, porque é proprio da abelha em picando cahir morta: *Ponuntque in vulnere vitam*. Assim lhes succedeu aos que investiram a cortina e travezes que a nossa trincheira já tinha, porque quantos a picaram com os instrumentos que para isso traziam, todos caíram, e ficaram sepultados no mesmo fosso.

Tambem vieram armados de infinita munição de granadas, e outros artificios de fogo, que disparados incessantemente entre a tempestade das cargas, allumiavam a noite, atroavam o ar, e choviam raios sobre os que dentro e no alto da fortificação a defendiam, (68) presumindo os escaladores, que com estes apparatus de horror sacudiriam della os nossos, e franqueariam os difficultosos passos por

(68) O assalto da noite de 18 de Maio, decisivo nessa guerra, revestiu-se de terrivel violencia quando o inimigo, «pelejando-se mais de tres horas e meia até se meter nos fossos, e dar diferentes assaltos botando-nos diversos artificios de fogo; pelo perigo que tinha aquele posto se ordenou ao dito Don André (Henrique de Menezes) fizesse carregar quantidade de pedras grossas, que naquele sitio estavam, o que executou tão bem, e com tanta presteza, que carregou, e fez carregar muito numero delas, e botá-las pelas ditas trincheiras em cima dos ditos inimigos tão a bom tempo se mataram com elas muito flamengos, de que resultou sair o inimigo do fosso com muita perda, que foi causa de retirar-se, ficando 327 homens nos ditos fossos...» (Provisão, *Documentos Historicos*, XVIII, 27). Em consequencia daqueles «artificios», a que se refere Vieira, foram feridos e queimados, pelas alcanças e foguetes, varios officiaes portuguezes, e entre estes Francisco Gil de Araujo, riquissimo colono, doador de altares ao Collegio dos jesuitas da Bahia, donatario da capitania do Espirito Santo por compra que fez, e a quem o padre Simão de Vasconcelos dedicou, em 1674, a sua «Vida do Veneravel Padre José de Anchieta». (Patente, *Documentos Historicos*, XVIII, 74). A lapide tumular desse bemfeitor dos jesuitas está ao pé do altar mór da cathedral da Bahia.

onde insistiam em subir, e a pretendiam ganhar. Mas a toda esta representação de relampagos e trovões, chama o nosso defensor com maior energia fogo que arde nas espinhas: *Exarserunt sicut ignis in spinis*; porque do fogo que se atêa em semelhante materia, como bem commenta Lorino, é maior o estrondo e o ruido do que são os effectos: *Spinas ignis corripiciens horribili cunctas erepitatione inflammationeque partes pervadit, sed brevi sonus ille flammaque conquiescit*. Tão fóra estiveram aquelles medos artificiaes do enfraquecer ou quebrantar a constancia e resistencia dos nossos, que as granadas que cahiam accesas e inteiras, rechaçadas intrepidamente, tornavam outra vez para donde vieram; e as que rebentavam entre elles, rara ou nenhuma feria mortalmente. Em fim, conclue o occulto protector do seu terreno, que em nome do Senhor se vingou d'elles: *Et in nomine Domini, quia ultus sum in eos*. Não diz que venceu. senão que se vingou, porque a victoria responde á guerra, e a vingança á injuria. E porque os hereges lh'a faziam grande, atrevendo-se aos que pelejavam á sombra da sua casa, como a descomedidos profanadores daquelle sagrado, não os trata como vencedor, mas como vingativo; e não com o decoro de vencidos, mas com affronta de sacrilegos e castigados: *Quia ultus sum in eos*.

VII

Não de balde depois da noite do segundo combate da Arca, amanheceram as mãos do Dagou não só cortadas, mas postas á porta do templo, para significar, como diz Hugo Victorino, que aquella victoria não só fóra a seguida, senão a ultima, e que elle desenganado não havia de tratar já de pelejar, senão de sahir, e se ir embora. Tanto como isto, depois daquelle fatal e felicissima noite, se mu-

daram em ambos os arraiaes as idéas da guerra; a qual no general inimigo, e nos nossos se fazia já só com o pensamento: o do inimigo posto na retirada, e o dos nossos, em que se não podesse retirar. Como contra as suas duas batarias tinhamos em frente outras duas, e a terceira pelo lado esquerdo, que lhe desquartinava todos os quartéis, só restava a quarta pela rectaguarda. (69) E me constou então (donde só podia constar com certeza) que levantada esta occultamente entre o bosque da eminencia opposta, na manhã em que cortadas as arvores apparecesse, tendo-se lançado na campanha de noite dois mil infantes, e batendo-se ao mesmo tempo de todas as quatro partes o arraial inimigo, se lhe mandaria recado por um trombeta, que se entregasse, pois já não tinha defensão, nem retirada. Este era o gallardo pensamento dos nossos generaes, em que o inimigo de sitiador ficaria sitiado, e nós, com roda de fortuna poucas vezes vista, de sitiados sitiadores. Antecipou-se, porém, o medo ao valor, a cautela ao perigo, e a fuga secreta do inimigo á publica declaração do nosso desígnio, de que quasi estou queixoso de Santo Antonio. No Texto que acima referimos do poder de todos os Santos, os quaes nesta defensiva representou a pessoa de Santo Antonio, se affirma com termos bizarros, que elles, quando pelem, não só atam as mãos aos inimigos com algemas, senão tambem os pés com grilhões: *Ad alligandos reges eorum in compedibus, et nobiles eorum in maniciis ferreis.* (70) Pois se o nosso victorioso defensor lançou as algemas ao inimigo, porque o não poz tambem em grilhões? Se lhe atou as mãos para que não pudesse mais pelear, porque lhe não atou tambem os pés para que não pudesse fugir?

(69) *Psal.*, CXLIX, 8. (N. dos Scr.).

(70) 4.^o *Livr. dos Reis*, XIX, 33. (Ibd.).

A razão verdadeira, e que não admite outra, é a que já referimos do mesmo Texto, o qual, resumindo todo o successo desta protecção do céu, diz que o inimigo tornaria pelo mesmo caminho por onde veio: *Per viam qua venit, revertetur* (71) Assim se cumpriu na fugida de Senacherib, rei e general do exercito com que viera sitiar a cidade de Jérsalem. E se curiosamente quizermos inquirir a razão desta mesma razão, acharemos que a que Deus teve, não foi outra senão querer, em castigo daquelle atrevimento, que Senacherib não só ficasse vencido, mas tornasse a apparecer diante dos seus affrontando. A prova é evidente. Porque em uma noite matou um Anjo cento e oitenta e cinco mil soldados no exercito de Senacherib. Pois se matou a tantos, porque o não matou tambem a elle? Porque o morrer na guerra pôde ser, e communmente é honra; mas o fugir sempre é affronta. Pois para que o soberbo infiel leve da cidade de Deus o merecido castigo de seu atrevimento, escape com a vida, mas fugindo. Por isso não quiz Deus que accommettessemos o inimigo nos seus quartéis, como tanto desejavam os soldados, nem que acabassemos de o sitiar nelles, como tinham determinado os generaes; mas que vencido do temor, e convencido da propria desesperação, sem nova violencia fugisse, e com uma fugida tão precipitada e torpe, deixando artilharia, munições, armas, bastimentos, e até o pão cozendo-se nos fornos, e nos ranchos a comida dos soldados ao fogo, para que os negros da Bahia tivessem com que banquetear a victoria. (72) Mais ainda: que nas

(71) As duas baterias eram da Sé e da trincheira; a do lado esquerdo contára Barbalho; cf. BRITO FREIRE, *Hist. da Guerra*, pag. 445, levantando «com mil homens trabalhando a cle de noite e de dia, com tal diligencia que o poz em defensa...» (Patente, *Documentos Historicos*, XVII, 85). Por isso o forte, que substituiu depois a trincheira, levou o nome do heróe pernambucano.

(72) Cf. BRITO FREIRE, *Hist. da Guerra*, pag. 456.

fortalezas rendidas estando á beira mar, e dominadas dos seus navios, nem das armas levassem um arcabuz, nem da artilharia um bota-fogo, e ficassem tão inteiras em tudo, como as acharam! Mas tambem este milagre em corsarios corria pelas obrigações de Santo Antonio, como tão pontual recuperador do perdido.

Em fim, o inimigo nos deixou tudo o nosso, e parte do seu. Mas não deixarei de advertir na historia do nosso Texto uma grande differença daquella fugida a esta. Antes de Senacherib applicar o seu exercito ao sitio de Jérusalem, ordenou Deus lhe chegassem novas, que Tharaca, rei da Ethiopia, vinha sobre elle com todo o poder, em soccorro da mesma cidade. E posto que a mortandade executada pelo Anjo tinha sido de tantos mil, a esta nova attribue o mesmo Deus a sua fugida: *Ecce ego dabo ei spiritum, et audiet nuntium, et revertetur ad terram suam.* (73) Tambem cá o nosso sitiador nos quiz conquistar com novas. Como nunca faltam humores melancolicos e amigos de as darem más, em um navio de Lisboa, que no tempo do sitio tomaram os Hollandezes, se acharam algumas cartas (poucas) em que se dizia, que lá se fallava em armada, mas que cá não esperassemos por ella, porque os muitos empenhos em que de presente se achava Hespanha, não permittiam que se diminuisse das forças maritimas. (74) Estas cartas, cotadas á margem, remetteu por um trombeta o general hollandez aos nossos com outra sua, em que dizia lhas enviava, para que tivessem entendido que não podiam ser soccorridos. Julgava que esta bala era a que maior brecha podia abrir nos corações dos cercados, e por isso se teve em segredo. Mas a resposta foi tão desassustada, como discreta: porque de-

(73) *Isai.* XXXVII, 7. (N. dos Scr.).

(74) Cf. BRUTO FUIRE, *Hist. da Guerra*, pag. 446, e DUARTE DE ALBUQUERQUE, *Mem.*, cit.

pois de satisfazerem, tambem por escripto, a outros pretextos da embaixada, acabava assim: "E quanto ás cartas de Lisboa que vossa senhoria nos enviou, respondemos ás que cá vieram, com as que lá ficaram". (75) Assim era, porque todas as outras certificavam que vinha armada, como effectivamente veio. Mas ou a nova fosse falsa, ou verdadeira, nem o inimigo aguardou a que viesse o socorro, nem nós o heuemos mister, para que tambem por esta circumstancia a sua fugida fosse menos desculpavel, e a nossa victoria mais luzida. Embarcado, finalmente, levou as ancoras na segunda noite. (76) que tambem lhe não foi favoravel, porque lhe faltou o vento: para que a olhos de todos, conforme o nosso Texto, se visse voltar por onde veio. Pelas nove e dez horas do dia sahiu pela Bahia fóra a armada, triste, desembandeirada e muda: e se com a sua e nossa artellaria a despediu a cidade do Salvador com tres salvas: nellas publicamos ao céu ao mar e á terra quão gloriosamente desempenhou o mesmo Salvador com a mesma cidade a sua palavra: *Protegam urbem, hanc, et salvabo eam.*

VIII

Esta é, cidade, milicia e povo da Bahia, a victoria de que Deus nos fez mercê, tão gloriosa como sua, e de que todos lhe vimos render as graças, tão obrigados como nossa. Dois amores concorreram da parte de Deus para ella, *propter me*, por amor de mim, *et propter servum meum*, por amor de meu servo. E se a este dobrado amor devemos dobrada correspondencia, seja a primeira, em lhe

(75) Neste passo, a informação de Vieira supre á dos historiadores, que silenciaram sobre o episodio.

(76) 27 de Maio de 1638.

confessar o todo da gloria, que é sua; e a segunda, em lhe attribuir tambem a parte que pôde parecer nossa. Se a Bahia fôra Roma, todos os nossos valerosissimos capitães e soldados haviam de apparecer hoje neste monte, como no do Capitolio, coroados com tres corôas — civicas, muraes e castrensens. Civicas, porque não só defenderam um cidadão, mas uma tão numerosa e populosa cidade: muraes, porque sendo tão fracas, as faxinas da nossa trincheira para a sustentar e fortalecer, fizeram dos proprios peitos muros: (77) e castrensens, porque não só desejaram tantas vezes investir o inimigo nos seus proprios arraiaes, mas o obrigaram a que elle espontaneamente nol-os rendesse. Mas a corôa com que todas estas se coroa, é a de fé (que a elle faltava) offerecendo-as todos como verdadeiros catholicos, e lançando-as aos mesmos triumphantes pés do Salvador, e do santo que o tem em seus braços. Viu S. João no Apocalypse a Deus sobre um throno de grande magestade, e que vinte e quatro Anciãos, os quaes em roda lhe faziam côrte, todos coroados, prostrando-se de joelhos, adoravam profundissimamente ao supremo Senhor, e tirando as corôas da cabeça, as lançavam aos pés do seu throno: *Adorabant viventem in sæcula sæculorum, et mittebant coronas suas ante thronum.* (78) Santo Ambrosio, São Bernardo, Ruperto e os outros Expositores perguntam que corôas eram estas, e porque as tiravam da cabeça, e as lançavam aos pés do throno de Deus? E todos respondem uniformemente, que as corôas eram as das victorias que neste mundo

(77) Conta FREI VICENTE DO SALVADOR, *Historia do Brasil*, 3.ª ed., pag. 547, que no cerco de 1624 não heroicamente pelejavam os portuguezes, que o arquiteto Francisco de Frias disse ao governador da guerra, D. Francisco de Moura, «não havia mistér fazer fortificações artificiaes, pois sem elas remetiam aos inimigos como leões».

(78) *Apoc.*, IV, 10. (N. dos Ser.).

tinham alcançado, e que todos as tiravam das proprias cabeças, e as lançavam diante do throno de Deus, para as attribuir a seu verdadeiro Autor, reconhecendo que mais eram de Deus, que suas. Christo nosso Salvador é o verdadeiro Deus dos exercitos e das victorias: o seu throno é S. Antonio, que tão de assento o tem nos braços: e diante deste Deus e deste throno vêm lançar as corôas que mereceram na presente victoria os famosos Martes da nossa milicia, mais gloriosas quando as põem aos pés de Deus, que quando Deus lh'as poz na cabeça. E chama-se Deus nesta occasião, *viventem in sæcula sæculorum*, porque as victorias temporaes, tão sujeitas á variedade da fortuna, só postas aos seus pés podem ser eternas.

Bem acalhava aqui o sermão, se me não faltara a ultima clausula, que o nosso agradecimento não devê passar em silencio. Os que lançaram as corôas aos pés do throno de Deus, eram os Anciãos, em que mais particularmente são significados os veteranos, cabos e soldados da milicia pernambucana, cujas valerosas acções nesta guerra, assim como as admiraram os olhos dos presentes, assim serão perpetuas nas linguas da fama; e nas letras e estampas dos annaes as lerá immortalmente a memoria dos vindouros. No meio porém desta mesma alegria universal não posso deixar de considerar nelles algum remorso de dôr. A vista dos bens alheios cresce o sentimento dos males proprios. E taes podem ser as memorias dos desterrados de Pernambuco (como as lembranças de Sião sobre os rios de Babilonia) vendo a Bahia defendida, e a sua patria, pela qual trabalharam muito mais, em poder do mesmo inimigo. (79) Assim o permittiu e ordenou Deus.

(79) Dirigia-se aos homens nobres de Pernambuco, que em 1635 se tinham retirado em massa para as Alagoas e a Bahia. A uma dessas familias emigradas se acostou Bernardo Ravaseo, irmão de Vieira. Eram duas irmãs, filhas de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. De uma teve Bernardo Ravaseo um filho, que lhe

Mas ainda nos dará restaurado Pernambuco, (80) como podemos esperar de sua providencia e bondade, para maior gloria e consolação de todos.

Serviu Jacob por Rachel sete annos, e ao cabo delles, em vez de lhe darem Rachel, achou-se com Lia. Queixou-se desta differença, tão sentido como o pedia a razão e o amor, e respondeu-lhe Labão: Filho, o que fiz não é porque te não queria dar a Rachel, mas porque te quiz tambem dar a Lia, e esta primeiro, porque é a irmã mais velha. O mesmo digo eu agora. Serviram os filhos de Pernambuco pela sua fermosa Rachel, pela sua Olinda, outros sete annos, ao cabo dos quaes não só a não recuperaram, mas a perderam de todo. Argumento grande de seu valor, que houvessem mister os hollandezes sete annos para conquistar Pernambuco, quando bastaram outros sete aos mouros para conquistar Hespanha. Mas se ao cabo de tantos trabalhos e serviços não concedeu Deus aos Pernambucanos a sua Rachel, não foi por lh'a negar, senão por lhe querer dar tambem a Lia. Quiz-lhe dar primeiro a Bahia, como irmã mais velha e cabeça do Estado. E depois de levarem esta gloria, de que ella sempre lhe deve ser agradecida, então lhe cumprirá seus tão justos desejos, e com dobrado e universal triumpho os metterá de posse da sua tão amada patria, como digna de ser amada. As-

ilustrou o nome, Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque. Foi a outra requestada por D. Francisco Mancel de Melo, quando esteve na Bahia degradado (1655-57), como refere FREI JANOATÃO, no *Catalogo Genealogico*, desconhecido dos classicos biographos do escritor.

(80) A restauração de Pernambuco, na qual tanto acreditava Vieira, encetada em 1645, concluiu-se em 1654... «Um milagre, que ninguem imaginou», escreveria etc. (*Cartas*, II, 233).

sim o confiamos da bondade de Deus, (81) e os esperamos da poderosa intercessão do nosso David, não menos interessado naquella perda, nem menos milagrosa a sua virtude para recuperar a Bahia que Pernambuco. Lembrae-vos, glorioso Santo, dos muitos templos e altares, em que ereis venerado e servido naquellas cidades, naquellas villas, e em qualquer povoação, por pequena que fosse, e que nos campos e montes onde não havia casa, só vós a tinheis. Lembrae-vos dos empenhos e grandiosas festas com que era celebrado o vosso dia, (82) e sobretudo, da devoção e confiança com que a vós recorriam todos, em suas perdas

(81) Profetizava Vieira a restauração de Pernambuco. Realmente começaria sete anos depois: 1645. Apenas, com o correr do tempo, o oraculo da guerra se transformaria em pregoeiro de uma paz apressada, porque lhe parecia mais util á patria Portugal independente e desembaraçado do que, perdido o reino, o Brasil inteiriço e coêso. A proclamação del-rei D. João IV desencadeára a guerra com Espanha. Os encargos e sacrificios dela ditaram a Vieira a sua conhecida attitude de reconciliação com Holanda, mesmo á custa de Pernambuco... quando escrevia ao marquês de Niza: «...ainda quando o Brasil se nos dêsse de graça, era materia digna de muita ponderação ver se nos convinha aceitá-lo com os encargos da guerra com Holanda em tempo que tão embaraçados nos tem a de Castella...» (*Cartas*, I, 13, ed. 1885).

(82) A insurreição pernambucana, que libertou de holandeses o Brasil, premeditada para o dia de S. João, em 1645, haveria de explodir no dia de Santo Antonio do mesmo ano, quando, descobertos os seus planos, os conspiradores arranchados no engenho de Luis Braz Bezerra levantaram o grito de guerra. Nesse ano ainda o Senado da Bahia fazia a Santo Antonio ardente promessa: que trocaria por uma imagem de prata maciça a de Argoim, toda crivada de golpes, que desde 1595 se venerava no convento dos franciscanos — se quizesse o orago consuar a independencia de Pernambuco (*JABOATÃO, Novo Orbe*, I, 40). Esta não tardou; mas a imagem de prata nunca foi encomendada...

Quanto á de Argoim, já não havia memoria dela, no seculo seguinte, ao escrever Jaboação o *Novo Orbe*.

particulares e do promptissimo favor e remedio, com que acudieis a todos. O mesmo sois, e não menos poderoso para o muito que para o pouco. Apertae com esse Senhor que tendes nos braços, e apertae-o de maneira, que assim como nos concedeu esta victoria, nos conceda a ultima e total de nossos inimigos. E nós, como tão faltos de merecimento, a reconheceremos sempre como sua e como vossa: como sua, dada por amor de si: e como vossa, alcançada por amor de vós; *Propter me, et propter David servum meum.*

SERMÃO DA SANTA CRUZ (*)

Prêgou Vieira o "Sermão da Santa Cruz" em 30 de Maio de 1639 (não 1638, como se lê nas anteriores edições). Era a festa dos soldados, "estando na Bahia a armada real". Nem mais poderosa, nem mais esplendida frota viêra ainda ao Brasil como essa, do conde da Torre, que tanto prometia e tão pouco realizou (Vêr Sermão "Pelo bom successo", adiante).

Recebera D. Fernando Mascarenhas regimento, pelo qual devia governar-se, e á guerra do Brasil, em 13 de Agosto de 1638 — quando, sabendo-se no reino do cerco em que ficava a Bahia e das forças que a ella encaminhava Nassau, se resolvera socorrer a colonia com as esquadras. A 7 de Setembro deixou Lisboa, avistava Recife a 23 de Janeiro de 1639, e endireitou para a Bahia, a abastecer-se e quereuar os navios. Aconteceu que não havia aí viveres para tamanha expedição nem material preciso para o concerto e decôro das armadas; teve o conde da Torre de mandar buscar mantimentos ao Rio de Janeiro e ao Rio da Prata. Valeram-se os flamengos do contratempo (que D. Fernando communicava sentidamente a Felipe IV em carta de 26 de Maio) para reunir os seus galeões, dispôr a defesa de terra, avisar ás feitorias e prevenir a Holanda. ("Retardando o hespanhol, Deus nos deu tempo para nos

(*) Edição baseada nos Sermoes — M.DC.LXXXX, pgs. 326-54, (6.ª parte).

fortalecermos de gente", carta do Cons. Supr. de Recife, 2 de Março de 1640, na Revista do Inst. Archeol. Pernamb., t. LVIII, p. 23; tambem VAN LOON, Histoire Métallique des XVII provinces des Pays-Bas, II, 248, Ha₃a, 1733).

SERMÃO DA SANTA CRUZ

ESTANDO NA BAHIA A ARMADA REAL, COM MUITA
DA PRIMEIRA NOBREZA DE AMBAS AS COROAS.

Erat homo ex pharisæi, Nicodemus nomine, princeps judeorum. Hic venit ad Jesum nocte, et dixit ei: Rabbi. Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis. JOAN. III.

I

Vinte e sete dias faz hoje, que com solemnidade universal celebrou a Igreja Catholica a festa da Santa Cruz (83). E como se para um mysterio tão alto fosse pouco tempo um dia, e pouca celebridade uma festa, a torna hoje a celebrar com repetida veneração esta nossa Igreja. Aquella solemnidade primeira e universal, foi um devido reconhecimento e uma agradecida recordação das obrigações antigas, que a nenhuma outra memoria depois de Christo as deve o mundo maiores. Estas são as daquelle sagrado lenho, que foi a taboa em que do naufragio

(83) Sobre a comemoração da Santa Cruz (3 de Maio) no Colegio da Bahia, ver FERNÃO CARDIM, *Tratados da terra e gente do Brasil*, ed. R. Garcia, pags 323-24. Era festa da religião, e do Brasil, porque entenderam os jesuitas de fazer coincidir com aquella data o anniversario do descobrimento. E a tradição ficou. E' de crer que na mesma igreja, fosse dito este sermão.

de Adão se salvou o genero humano, e o instrumento gloriosissimo, com que o Filho de Deus feito homem obrou nossa redempção. E posto que na devida ponderação dellas, pudemos tambem empregar este segundo dia, e muitos dias, e sempre ficar devendo; talvez se ha de deixar o mais fino pelo mais util. Bem fôra que pudêra mais com os homens a memoria, que a esperança; mas que melhor razão de não ser assim, que ter dito, que *bem fôra?*..É esta uma fidalguia de corações que se acha em muito raros; e quem prêga ha de fallar para todos. Por esta causa havendo de dizer hoje alguma coisa da sagrada cruz, que sempre será muito pouco, deixo os beneficios passados, que lhe devemos agradecer, por tratar somente dos interesses presentes, que da virtude da mesma cruz, ou de sua omnipotencia podemos esperar. O maior interesse, e a mais universal felicidade, que hoje podia succeder a este estado, se consultarmos os desejos e esperanças de todos e ainda as desesperações de muitos, não ha duvida que é uma victoria, n'ima de nossos inimigos, e uma liberdade geral deste, ou captivo, ou oppressão, que os livres e os captivos todos, padecem. Este é o maior interesse que podia ter o Brasil; e este havemos de descobrir hoje na santa cruz, cuido que com tanta occasião no Evangelho, como no desejo. A graça não temos que ir longe a busca-la, porque na cruz temos fontes della, e ao pé da cruz em pé a soberana Intercessora, que nol-a alcance. *Ave-Maria.*

II

Erat homo ex pharisoeis, Nicodemus nomine, princeps judeorum. Hic venit ad Jesum nocte, et dixit ei: Rabbi. Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis.

São estas as primeiras e ultimas palavras do Evangelho as quaes, posto que tão diferentes na ordem, e tão distantes no lugar, admiravelmente se correspondem e unem no sentido e nos mysterios. *Erat homo*, havia um homem; diz o Evangelista S. João, que como no mundo ha tão poucos homens, bem é que se diga como cousa particular, *Erat homo*, havia um homem. Chamava-se este homem Nicodemus, e era grande fidalgo, *Nicodemus nomine, princeps judaeorum*. Antes de dizer o chronista sagrado, que era fidalgo, disse primeiro, que era homem; porque ha algumas fidalguias tão endeusadas, que é necessario que nos digam os evangelistas, e que se creia de fé, que tambem estes idolos de si mesmos são homens. Este homem, pois, este fidalgo, este Nicodemus veio fallar com Christo de noite; *hic venit ad Jesum nocte*; e não veio de dia por medo que tinha do povo: *propter metum judaeorum*. De dia contemporizava com o mundo, de noite tratava com Christo, e mais não era christão. Quantos ha que se prezam muito de o ser, e os dias e mais as noites tudo lhes leva o diabo? O fim desta visita, posto que tanto ás escuras não era sem luz, ou desejo della, porque era para se aconselhar, perguntar e ouvir a doutrina do Mestre divino, *et dixit ei: Rabbi*. Até aqui a primeira parte do nosso thema: quando fór tempo sahirá a segunda.

III

Nicodemus nomine. Este nome Nicodemus, diz a glossa ordinaria, que quer dizer, *Victor populi*, o vencedor do povo. Grande titulo! E se bem reparamos nas qualidades com que o descreve o evangelista, grandes partes tinha Nicodemus para vencedor. Primeiramente era não só nobre, mas da primeira nobreza, *princeps judæorum*: e ser illustre quem vae á guerra, é levar a metade da victoria ganhada. (84) Não sabe vencer quem não sabe dar o sangue; e mal o pôde dar quem o não tem. Quando David saiu ao desafio com o gigante, voltou o rosto el-rei Saul para Abner seu capitão general, e perguntou-lhe: *Ex qua stirpe est hic adolescens*, de que geração era aquelle moço? Perguntou-lhe pela geração, dizem os rabinos, que refere Abulense, porque tão briosos alentos, e tão animosa resolução em um pastor, pareceu-lhe ao rei, que não podiam nascer senão de mais altas raizes. Viu-o atrever-se a uma empresa tão ardua, viu-o arrojar-se intrepidamente a um perigo tão manifesto, e para julgar se sahiria vencedor, quiz-se informar se era honrado. Também dito David (aperçamos mais o ponto) tinha-lhe dito David, que despedaçava ursos e desqueixava leões: e não se aquieta com tudo isto Saul, pergunta-lhe pela geração: *Ex qua stirpe est hic adolescens*; porque era melhor fiador de haver de levar ao cabo tão grande empresa, o sangue que tivesse herdado dos paes, que o que derramava das feras.

(84) A exemplo da fidalguia que, em 1634, embarcava na armada restauradora da Itália, muitos dos melhores nomes do reino participavam da expedição do conde da Torre (Cf. RIBEIRO DA SILVA, *Hist. de Portugal*, III, pag. 446, Lisboa, 1862).

Maior prova ainda, quanto vae de mulher a homem, e tão homeri. Nota Origenes, e bem, quão differentemente se portaram na prisão e morte de Christo os discipulos e a Magdalena. Os discipulos fugiram, a Magdalena seguiu-o animosamente até a morte: *Discipulis fugientibus, cum ad mortem euntem sequetabur*. Até a morte, disse Origenes; e se disera até depois da morte, era o que mais devia ponderar. Mas donde tanta differença de doze homens a uma mulher? *Donde* tanto animo em uma mulher, e tão pouco valor em tantos homens? Ide ás choupanas das praças de Galilea, e ao castello de Betania, e ali achareis o *donde*. A Magdalena, ainda que mulher, é uma, era de illustre solar, e senhora: os discipulos, posto que homens, e muitos, eram plebeus, e sem pobreza: e onde houve esta, ou faltou, alli se luziu, ou se perdeu o valor. Outras fraquezas se notaram na Magdalena, e por ventura nascidas da mesma causa. Como era illustre e senhora, houve de ser cortezã, passou a cortezia a ser cuidado, passaram os cuidados a ser descuidos. Sendo porém a Magdalena tão nobre por geração, e os discipulos uns pescadores, que com o remo e a rede sustentavam a braxeza da sua fortuna: como naquella occasião todos perderam a graça, claro está que deixados á natureza, cada um havia de obrar como quem era. Os discipulos como gente plebea deitaram a fugir, a Magdalena como illustre, posto que mulher, perseverou constante ao lado sempre de seu Senhor. Tanto aproveita o sangue para os animosos procedimentos, que não está o valor nos braços, está nas veas.

Não quero dizer com isto que seja necessario descender dos godos para ser valente, que isso seria contradizer a razão, e negar a experiencia. A espada que faz a guerra, e dá as victorias, não é fabrica de ouro, senão do ferro: não do metal mais resplandecente e illustre, senão do mais duro e forte. Para ser tão valoroso como Ale-

xandre, não é necessario ser filho de Felippe de Macedonia. O testamento, ou morgado de Marte não exclue a rudeza dos nomes, nem a vulgaridade dos appellidos. Basta ser Gonçalo e ser Fernandes, para ser grão-capitão. Honrada coisa é, que a valentia venha por herança, e por continuação de muitas idades, mas talvez pôde vir de tão longe, que chegue já mui cansada. Quantos do arado subiram ao triumpho, e do triumpho tornaram outra vez laureados ao arado? As lentilhas deram a Roma os Lentulos, e as favas os Fabios. O campo para elles era campania, e a agricultura, diz Plinio, arte e exercicio militar; porque us. ordem com que dispunham as plantas, aprendiam a ordenar e governar os exercitos: *Sive illi eadem cura semina tractabant, qua bella: eodemque diligentia arva disponebant, qua castra.* (Plinius VIII — 3) Pastor tinha sido o terror dos mesmos romanos, o nosso portuguez Viriato, e tanto que trocou o cajado com o bastão, dos seus soldados soube fazer leões, e dos inimigos ovelhas. Assim que, não são totalmente necessarios os altos nascimentos para ter valerosos procedimentos.

Mas o que só quero dizer é, que na nobreza está o valor mais certo, e mais seguro. O que não é nobre, pôde ser valeroso, o nobre tem obrigação de o ser: e vae muito do que posso por liberdade, ao que devo por natureza. As aguias não geram pombas: e se alguma vez a natureza produzisse um tal monstro, a pomba se animaria a ser aguia, por não degenerar dos que a geraram. Não ha espora para a ousadia, nem freio para o temor, como a memoria do proprio nascimento, se é de generosas raizes. Estava temeroso S. José, e temeroso com razão, porque era materia de honra: appareceu-lhe um anjo, e disse-lhe: *Joseph, fili David, noli timere:* José, filho de David, não temas. A descendencia de David pedia estar tão escurecida na memoria de José, quanto vae do sceptro real aos instrumentos mecanicos, que elle manejava: mas quando o

anjo o exhorta a que não tema, lembra-lhe que é da geração de David; porque, como diz o douto Palacios, com nenhuma outra consideração mais efficazmente lhe podia tirar o temor, que com a memoria de que era descendente de um homem que nunca soube temer. O mesmo Christo Redemptor nosso quando houve de tirar a capa para entrar naquella ultima batalha, em que venceu a morte e o inferno, diz o evangelista S. João, que se lembrou primeiro de quem era, e donde vinha: *Sciens quia à Deo exivit, et ad Deum vadit, ponit vestimenta sua.* Lembrou-se da geração altissima de que procedia, lembrou-se de que era Filho do Monarcha universal de todo o creado, e como entrou com esta lembrança na batalha, ainda que o amor da vida lhe fez seus proceitos no horto, por fim pelejou animosissimamente, e posto que com tanto sangue, triumphou e venceu. Eis-aquí, senhores, quão bem fundadas temos as esperanças da victoria que havemos mister: e esta é a primeira boa qualidade, que concorria em Nicodemus para o titulo de vencedor que traz no nome, *Victor Populi.*

IV

A segunda boa qualidade, e muito melhor que a passada, é a que logo se segue: *et venit ad Jesum nocte,* que veio Nicodemus a tratar com Jesus de noite. Os dias sel-os Deus para nós, as noites para si: os dias para as occupações do corpo, as noites para os retiros da alma: os dias para o exterior e visível, e por isso claros, as noites para o interior e invisível, e por isso escuras. Assim repartia Nicodemus o tempo. Os dias dava-os ás obrigações do officio, como pessoa publica, e para satisfazer ás mesmas obrigações com acerto e bom successo, gastava as noites com Deus. O' se a nossa milicia, e os cabos maio-

res e menores della seguissem este exemplo em parte das noites; que confiadamente me atreveria eu a lhe prometter que para o feliz e desejado fim de tantas prevenções e apparatus bellicos, não faltaria Deus em lhe dar um bom dia!

Nenhum general teve neste mundo maior, nem melhor dia, que Josué, governador das armas de Israel na conquista da terra das Cananeos. Deu batalha aos madianitas, rotos já e fugitivos quando o sol principiava a se esconder no ocaso: e para que pudesse proseguir e acabar a victoria, como se o sol fôra soldado seu, mandou-lhe Josué que parasse; e parou, ou fez alto o sol. Diz a historia sagrada, que nem antes, nem depois houve tão grande dia: *Non fuit antea, nec postea, tam longa dies*: (Josué X — 14) grande na duração, grande na victoria, grande no imperio do general, e mais que grande na obediencia do mesmo Deus á voz de um homem, *Obediente Deo voci hominis*. Mas porque deu Deus a Josué um tal dia? Porque o tal Josué dava a Deus as noites. Antes de dar principio a toda aquella conquista nos arrabaldes da cidade de Jericó, sahiu Josué de noite ao campo a orar como costumava; quando subitamente viu diante de si um vulto armado de armas brancas com a espada desembainhada na mão. *Noster es, an adversariorum!* Sois nosso, ou dos contrarios? perguntou sem o perturbar a visão: e S. Miguel, que era o armado, respondeu: eu sou o principe dos exercitos de Deus, que em seu nome vos venho assistir e ajudar para que em tudo o que emprenderdes sejaes vencedor. Que muito logo, que Deus dêsse um dia tão grande, e tantos outros dias, a quem assim os partia com Deus? Maior visão foi a do nosso primeiro Affonso na noite daquelle dia em que amarchecen rei, pois viu e ouviu ao Senhor dos anjos, que de sua bocca lhe deu o titulo, e lhe assegurou o reino. Mas que fazia então o valeroso e devoto principe? Vigia

e orava na sua tenda; e na historia sagrada de Gedeão, como em espelho se estava vendo a si, e lendo a sua mesma victoria.

Que dirão aqui muitos capitães com nome de christãos, ou sejam dos menores, ou tambem (que pôde ser) dos maiores? Que dias podem esperar de Deus, se dão as noites ao diabo? (85) Gastar as noites com Dalila, e de dia ser Samsão, ainda que seja levar a victoria pelos cabellos, só por milagre será possível. Fugiu David de seu filho Absalão, e a phrase com que o diz a escriptura é que fugiu do seu rosto: *Cum fugeret a facie Absalom.* Não lhe pôde fazer rosto nem esperal-o de cara a cara, voltou as costas, e poz-se em fugida. Vêde quem foge, e de quem. Foge de um rapaz, aquelle que em menor idade que a sua matava gigantes: foge acompanhado de tres legiões de soldados, que o mesmo texto chama fortissimos, aquelle que só alcançou victorias, que grandissimos exercitos não poderam vencer. E quem visse a David não retirar-se por modo honesto, senão fugir tão descomposta e declaradamente, se lhe perguntasse de quem fugia e porque; que responderia David? Creio que assim como não teve rosto para aguardar, assim não teria bocca para responder. Mas responde por elle S. Ambrosio: *Fugit David à facie Absalom:* Foge de Absalão David, aquelle que por nome e por antonomasia era o valente: *David, idest, manu fortis;* e porque? *Quia peccatum illum imbellem fecit:* Porque o seu peccado, de valente o fez fraco, de animoso o fez covarde, de guerreiro e bellicoso o fez imbelle. Olhou para uma mulher que não era sua, e este

(85) Os homens da armada praticaram na Bahia muitos delitos, de modo a não poderem as mulheres assistir à habitual missa da madrugada, segundo um relatório holandês, na *Revista do Inst. Archeol. Pernambucano*, vol. 5.º, pags. 21-2.

só olhar lhe deu olhado á valentia; e este quebranto lhe quebrantou o valor e o animo. Deixou-se vencer do seu appetite, por isso não pôde resistir a um tão desigual inimigo: deixou de temer a Deus, por isso temeu a quem não chegava a ser homem.

Tendo a flor da nossa armada diante dos olhos, (86) não lhe posso dever neste passo um grande documento de S. Isidoro Pesusiota. Isid. Pelus. ep. 294) Vae instruindo o santo a um principe como ha de alcançar victoria de seus inimigos (que para estes preceitos militares não é necessario professar as armas), e diz assim: *Si hostes vincere cupis, Dei metu exercitum ducito.* Se quereis, senhor, alcançar victoria de vossos inimigos, fazei capitão dos vossos exercitos o medo de Deus. Parece paradoxo, para vencer fazer capitão o medo. Mas o mesmo santo dá a razão do seu dito, e não por um, senão por dois fundamentos. O primeiro porque o temor de Deus, que consiste na observancia de sua lei, e na bõa consciencia dos soldados, não só faz pelear com valor que não basta para vencer, mas com valor e ventura: com valor, porque quem tem boa consciencia, não teme a morte: e com ventura, porque quem teme e obedece a Deus, ajuda-o Deus: *Iustitia enim hoc affert, ut quis strenue, et feliciter pugnet.* Este é o primeiro fundamento da nossa parte, o segundo

(86) Numerosos fidalgos, dos mais velhos brazões portuguezes, tinham vindo correr os riscos da «guerra brasilica». Regressariam alguns com a responsabilidade de grandes empregos. Assim aquelle Antonio de Souza de Menezes, depois almirante de náos da India e governador do Brasil, inimigo e perseguidor dos Ravascos na era de 1683 — que perdeu o braço direito lutando na prõa da capitanea do conde da Torre, em aguas de Itamaracá (cf. carta do padre Francisco Paes, PORTO SEGURO, *Historia das Lutas*, pag. 330); o heroico Don Sancho Manuel (*Documentos Historicos*, XVIII, 135), depois general da restauração portuguesa.

é parte dos inimigos, e não menos verdadeiro. *E contrario injustitia nostra hostium est auxilium.* O' que divinas palavras! E pelo contrario conclue o santo, se ao nosso exercito faltar o temor de Deus, e em lugar da obediencia de sua lei houver nelle offensas da mesma lei e do mesmo Deus tão fôra estará de nos defender a nós, que será o maior soccorro dos inimigos: *Injustitia nostra hostium est auxilium.* O' palavras outra vez verdadeiramente divinas! Cuidamos que os soccorros do inimigo só lhe veem de Hollanda, e enganamo-nos. Tambem lhe veem de Lisboa, e vão da Bahia. Para saber se veio soccorro a Pernambuco não temos necessidade de mandar espias á campanha. (87) Metta cada um a mão na consciencia, e se acharmos que os peccados porque Deus nos castiga continuam, e não ha emenda, entendamos que não só tem soccorro o inimigo, mas tão poderoso e invencivel que o não poderemos contrastar. E' caso, o que agora direi, que nie faz tremer todas as vezes que o leio.

Entrou Josué á conquista da terra de promissão com tão felizes principios, que a cidade de Jericó, que era uma das mais fortes fronteiras daquella dilatada provincia, ao tocar somente das trombetas israeliticas, como se os muros foram racionais, começaram a tremer, as perdas a se desencaixar, as ancas a cair, e tudo em um instante esteve por terra. Alcançada esta milagrosa victoria com universal terror e assombro dos palestinos, marchou o exercito para Hay, outra cidade além do Jordão, e sabido pelos exploradores, que bastavam dois mil homens para a render, mandou o prudente capitão que fossem tres mil. Foram, e apenas tinham intentado o assalto, quando vol-

(87) O processo de mandar espias á campanha, encomendado a Banholo pelo governador D. Pedro da Silva, teve em resultado aperceber-se sempre a Bahia dos movimentos holandeses, além do S. Francisco.

taram fugindo com as mãos nos cabellos, mas não voltaram todos, porque muitos ficaram mortos no campo. Que vos parece que faria Josué neste caso? Rasga as vestiduras, protra-se por terra diante de Deus: Senhor, Senhor, que é isto que vejo, que novidade, que castigo? Não é Vossa Magestade a que me mandou fazer esta guerra? Não é vossa infallivel verdade a que me prometteu que venceria? Pois como seguro eu da mesma promessa, vejo agora fugir os meus soldados, e que antes de pelejar, tornam, os que poderam tornar, de-baratados e vencidos, com tanta affronta e infamia deste povo vosso? *Utinam ut capimus, mansissemus trans Jordann!* O' quanto melhor nos fôra não ter passado o Jordão! Quanto melhor nos fôra não ter posto os pés nesta terra, pois nella haviamos de perder a honra, e se haviam de frustrar assim nossas esperanças! Isto dizia Josué, e o diziam e lamentavam todos os anciãos do povo com as cabeças cobertas de cinza, quando Deus appareceu ao general, e respondeu em á sua queixa desta maneira: *Peccavit Israel, et pravocatus est pactionem meam: nec poterit stare contra hostes suos, eosque fugiet.* Josué: peccou o povo, e por isso foram vencidos os teus soldados: e desengana-te que assim como agora fugiram estes tres mil, assim hão de fugir todos, se os mandares continuar a conquista. Pareceu-me neste passo, e assim parecerá a todos, que teriam os israelitas levantado outro idolo como no deserto, ou commettido, universalmente algum sacrilegio não menos horrendo; porque um castigo tão subito e tão extraordinario não podia cair senão sobre algum peccado atrocissimo, e esse muito geral, em que todos fossem cúmplices. Lede, porém, o texto e achareis que em toda aquelle grande povo não tinha havido outro peccado mais que um furto de um soldado chamado Acham, o qual se aproveitára de alguma coisa dos desejos de Jericó contra o preceito em que Deus tinha mandado queimar toda a cidade, e quanto

nella havia. Assim o declarou expressamente o mesmo Deus: *Filii Israel praevaricati sunt mandatum; nam Achan tulit aliquid de anathemate.* Notae aquelle *aliquid, alguma coisa*, porque foi muito pouco o que o soldado tomou. Pois por um só peccado, e de um só homem, e em materia quasi leve, permite Deus que fujam tres mil soldados, e affirma que do mesmo modo havia de fugir todo o exercito, que constava de seiscentos mil? Sim. Para que vejamos todos se temos razão de tremer, e quão mal fundadas são as esperanças, com que nos prometemos grandes victorias, onde ha tantos peccados, e tão pouca emenda. Não nos fiemos em armadas, nem em exercitos. Ainda que as armadas fo-rem de cinco mil naus e os exercitos de cinco milhões de soldados, como os de Xerxes, todo esse apparatus nada importaria, como não importou então, para segurar a empresa. Deus é o que dá e tira as victorias, e só as podem esperar com confiança, os que pela emenda dos peccados e observancia de sua lei o tiveram propicio. Não fôra Nicodemus Nicodemus, isto é, *Victor populi*, vencedor do povo, se assim o não fizera. E que fazia? Para ser digno de tal nome procurava não só ter proprio a Christo, mas insinuar-se no trato familiar do mesmo Senhor, empregando neste cuidado as horas mais livres de todos os outros, quaes são as da noite: *Hic venit ad Jesum nocte.*

V

Ainda tinha outra boa parte Nicodemus, que tantas são necessarias para o nome de vencedor: *Et dixit illi: Rabbi;* o fim para que vinha buscar a Christo, era para o consultar e ouvir como Mestre. Mestre era tambem Nicodemus. *Tu magister es in Israel,* e nesta reflexão de sendo mestre vir buscar outro Mestre, consistia o ser bem

fundado, e não vão, o nome que tinha. O maior perigo e perdição da guerra é cuidarem os doutores desta arte, que sabem tudo. Os sábios em qualquer faculdade mais sabem ouvindo, que discorrendo, e mais acompanhados, que sós. *Meliores estimantur qui soli non omnia praesumunt*: diz o grande político Cassiodoro: que sempre foram estimados por melhores, os que de si só não presumem tudo. Já se a presumpção do saber se ajunta à soberania do poder, como em Nicodemos, que era mestre e príncipe; nestes dois resveladeiros está certo o precipício e a ruína. Para conseguir efeitos grandes, e para levar ao cabo empresas difficultosas, mais segura é uma ignorancia bem aconselhada, que uma sciencia presumida. A primeira victoria para alcançar outras muitas, é sujeitar o juizo proprio, quem não é sujeito ao mando alheio. Perguntado Alexandre Magno com que industria, ou com que uícios em tão breve tempo se fizera senhor do mundo, diz Estrobo, que respondêra estas palavras: *Consiliis, eloquentia, et arte imperatoria*: Com os conselhos, com a eloquencia, e com a arte de governar exercitos. No ultimo lugar poz a arte, e no primeiro o conselho; porque o conselho é a arte das artes, e a alma e intelligencia do que ella ensina. A arte prescreve preceitos em commum, o conselho considera as circumstancias particulares: a arte ensina o que se ha de fazer, o conselho delibera quando, como, e por quem: Vegessio dispoz os sitios e batalhas de longe, o conselheiro tem diante dos olhos o exercito inimigo, e o proprio, os capitães, os soldados, o numero, a nação, as armas, e até a occasião do terreno, do sol, e do vento, que se não vêem senão de perto. Os Levitas que quizeram imitar as façanhas dos Macabeos, porque pelejaram sem conselho, perderam em um dia o que elles com prudente e bem aconselhado valor tinham ganhado em muitos. Se algum capitão podêra escusar o conselho, era o genio de Alexandre, formado pela natureza para conquistar e

vencer. Mas nem a sua arte, nem a sua fortuna o lisongeou de maneira, que não antepuzesse o conselho a ambas. O que desigualou o poder, pôde-se supprir a arte; o que errou a mesma arte, pôde-o emendar a fortuna; mas o que se intentou sem conselho, ainda que o favoreça o caso, nunca é victoria. A que alcançou de si mesmo Alexandre, esse lhe deu todas as outras, porque se sujeitou a perguntar quem sabia sujeitar o mundo, e havendo de dever de algum modo as suas victorias, não as quiz dever ao seu braço, senão ao seu conselho.

Ouçamos ao homem mais sabio, o qual só logrou perpetua paz, porque entendeu melhor que todos a guerra. No capitulo XX dos Proverbios da Salomão um documento militar notavel. Diz que as guerras se hão de governar com os lemas: *Gubernaculis tractanda sunt bella*. Se fallára das guerras e batalhas navaes, pouca difficuldade tinha este Proverbio: porque não ha duvida, que nas victorias do mar grande parte cabe ao leme. Mas fallando de todas as guerras absolutamente, que proporção tem as armadas com os exercitos, os navios com os esquadroes, e os combates do mar com as batalhas da terra, e da campanha? No fundo do original hebreu lançou Salomão a ancora, e escondeu o sentido deste seu Proverbio. Onde a nossa Vulgata diz *in gubernaculis*, lê o hebreu *in consiliis*. E chama Salomão aos conselhos lemas da guerra: para que entenda a politica militar dos exercitos, que tanto caso hão de fazer generaes do conselho, como os pilotos do leme. Se na capitania onde vae a bandeira e o farol, faltou o leme, derrotou-se a armada; e se o general descuidado ou presunhido desprezar o conselho, dê-se tambem por derrotado e perdido. Assim como para navegar e fazer viagem a nau, é necessario que vá sempre o leme na mão, já a uma, já a outra parte, accommodando-se as velas ao vento; assim na guerra, em que os accidentes são tão varios, nenhuma coisa se deve intentar, nem seguir, senão

com maduro conselho. Assim o escreveu antigamente S. Basilio: e depois que a arte nautica sahia do Mediterraneo ao Oceano, Hugo Cardeal. Mas que seria, ou que succederia, se o conselho não se ouvisse, ou ouvião se não tomasse? Sem consultar as estrellas se pôde prognosticar facilmente. A nau que não dá pelo leme, e toma por d'avante, mui arriscada vai a encalhar em um baixo, ou se romper em um Recife. Livre-nos Deus de que não seja tão fatal o nome, como é proprio.

Entre todos os exemplos desta desatenção (que lhe não quero dar outro nome), é o que succedeu ao exercito de Nabucodonosor na mallograda conquista de Bethulia. Chegou Holofernes com numerosissimo exercito á vista daquella grande cidade, e vendo que se aperebia á defensa, e para resistir, o que sua soberba não presumia, chamou a conselho de guerra somente por razão de estado — que alguns perguntam o que é bem que se faça, só para saberem o que não hão de fazer. — Houve de dizer seu voto Aclior, que era mestre de campo da gente amonita, e não querendo adular, como outros, mas dizer como era obrigado, o que entendia, deu um parecer singular. Disse, que se lançasse espias na campanha, e que se procurasse haver ás mãos algum homem de Bethulia, do qual se soubesse exactamente, se havia peccados contra a lei do seu Deus naquella cidade. Se não houvesse peccados, que levantassem logo o cerco; porque impossivel seria que o Deus de Israel os não ajudasse: mas se houvesse peccados, que acommettessem seguramente a cidade, porque sem duvida a levariam. Boa confirmação do que dissemos no discurso passado: e era gentio e sem fé quem assim votou: para que vejam os que fundam os seus pareceres em outras politicas, se votam como racionais e como christãos.

Zombou Holofernes do conselho, e jurou muito indignado pela vida de Nabucodonosor, que pelos mesmos fios da espada por onde haviam de passar todos os mora-

dores de Bethulia, passaria também Achior: elles pelo atrevimento com que presumiram resistir aos seus exercitos, e elle pelo pouco respeito com que votára contra a omnipotencia do seu monarcha. E logo com a mesma arrogancia: levae-o, disse, manitado, e mettei-o dentro em Bethulia, para que a mesma cidade lhe sirva de carcere, em que aguarde preso a execução da minha sentença. Ditoso Achior, se assim inorrêra por defenza da verdade, e por haver aconselhado o que devia! Mas a morte, que não estava longe, outro golpe ameaçava, menos imaginado e mais aito. Em todo este tempo tinha estado Judith orando a Deus, coberta de cilícios, agora porém vestida de gaias, e enriquecida de joias sãe da cidade, entra pelos arraiaes inimigos, e levada á tenda de Holofernes, subitamente ficou o barbaro tão captivo de sua formosura, que a valorosa heroína teve a occasião, que buscava, de lhe cortar a cabeça, como cortou, estando dormindo, com a sua propria espada. Com a primeira luz do sol appareceu a cabeça de Holofernes sobre os muros de Bethulia na ponta de uma lança; fuge o exercito assombrado, seguem-no os da cidade, executando nos cercadores o que elles pretendiam: e este foi o fim daquelle soberbissimo monstro, morto, affrontado, perdido, e perdendo o mais florente exercito, sempre allí victorioso, por sua culpa, não por lhe faltar quem bem o aconselhasse, mas por não querer tomar conselho. Sirva de epitaphio á caveira daquella disforme cabeça, o que elegante e judiciosamente escreveu um nobre conunendador deste passo: *Hic finis Holofernis fuit, qui tandem malo suo didicit quam perniciosum ducibus sit aliena non sequi consilia.* Este foi o desastrado fim de Holofernes. o qua' em fim, aprendeu em sua propria cabeça, posto que tarde, quão fatal e perniciosa coisa seja aos capitães não querer tomar conselho. Não é razão que saiba vencer, quem se não sabe convencer da razão: e foi justo castigo do céo, que perdesse a

cabeça, quem se não quiz governar senão por sua cabeça. Quanto melhor lhe estivera a Holofernes haver seguido o conselho de Achior! Mas porque se não quiz sujeitar ao bom parecer de um homem prudente, permittiu Deus se sujeitasse tanto ao bom parecer de uma mulher inimiga, que por ella ficasse o seu exercito desbaratado e vencido, e elle sem honra, e sem vida. Tudo se perdeu neste caso, e só o fructo do bom conselho se não perdeu; porque, se não aproveitou a quem foi dado, rendeu muito a quem o deu. Todos os cabos do exercito de Holofernes, ou morreram, ou foram vencidos, e só Achior ficou vivo e triumphante: e não só vivo temporalmente, mas vivo para toda a eternidade, porque recebeu a fé do verdadeiro Deus, cuja causa defendêra. Aprendam pois deste inesto e formidavel exemplo os generaes dos exercitos, a não desprezar, mas venerar e seguir os conselhos de quem lh'os pôde dar; e nós reconhecamos quão bem assentava sobre a docilidade de Nicodemus o nome de *Victor populi*; pois sendo letrado, vinha consultar e ouvir, e sendo mestre, aprender de quem o podia ensinar: *Et dixit ei: Rabbi.*

VI

Temos visto as tres boas e necessarias qualidades que concorriam em Nicodemus para o nome que tinha de vencedor, *Victor populi*: nobreza de sangue, familiaridade com Deus, docilidade no juizo. Nobreza de sangue, para o valor: docilidade no juizo, para o conselho: e familiaridade com Deus, para o favor do céu, sem o qual tudo o demais aproveita pouco. Mas toda esta harmonia de boas partes, as descompunha e deslustrava um senão, o peor e mais feio que podia ser, e o mais opposto e contrario, não só á victoria, senão á esperanza della, que era o medo:

Propter metum judæorum. A ousadia é a metade da victoria, e quem temeu ao inimigo, já vae vencido. (88) Ouçamos a um dos mais bem disciplinados soldados, e mais experimentados capitães, que houve no mundo: *Exaudi Deus orationem meam cum deprecor:* (Psal. LXIII — 1) Ouvi, Senhor (diz David) a minha oração, ou a minha deprecação, que é propriamente quando pedimos a Deus, que nos livre de algum mal. E de que pedia David que o livrasse Deus? Do temor do inimigo: *A timore inimici eripe animam meam.* Não diz, que o livre do poder, das armas, e das astucias do inimigo, senão do seu temor, isto é, de que elle David o temesse. Como se dissera: Se eu tener ao meu inimigo, ainda que o meu poder seja maior, elle me vencerá a mim; mas se eu o não tener, ainda que seja maior o seu, eu o vencerei a elle. Por isso Senhor vos peço, não que me livreis dos seus exercitos, nem das suas forças ignaes ou superiores, senão de que o meu coração o tema: *A timore inimici eripe animam meam.* Fallava David como quem sabia por experiencia a ordem com que Deus como Senhor dos Exercitos os dispõe quando quer dar ou tirar a victoria. Quando Deus quer dar a victoria, ainda que o poder seja pouco e desigual, põe na vanguarda o medo, e tanto que o medo investe os inimigos, por muitos e fortes que sejam, logo os obriga a voltar as costas, e ficam os muitos vencidos dos poucos, e os poucos vencedores dos muitos. Assim o fez Deus muitas vezes, e o prometeu expressamente no capitulo XXIII do Exodo, segurando aos israelitas, que quando entrassem na conquista da terra de promissão, mandaria diante dos seus exercitos o seu medo, o qual logo poria em fugida a todos os inimigos: *Terrorcm meum mittam in proccursum tuum, et occidam omnem*

(88) Concitava á ação, ás hostilidades, que o conde da Torre ia esquecendo, na tranquillidade do porto de espera.

populum, ad quem ingredieris. conctorumque inimicorum tuorum coram te terga vertam. (Exod. XXIII — 27). E como Nicodemus contra o seu nome de vencedor era tão tocado ou penetrado do medo, que pelo que tinha aos judeus se não atrevia a buscar a Christo de dia; para o Senhor o curar deste achaque, que na guerra é a mais perigosa doença, e a peste total das victorias: e para de medroso e covarde o fazer ousado e animoso; que antidoto ou remedio lhe applicaria? O remedio foi o que sobre todos os da natureza e da razão tem a maior efficacia e virtude para tirar o temor, que é o da Santa Cruz, em que o triumphador da morte do inferno foi exaltado: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in desertis ita exaltari oportet Filium hominis.* E' a segunda parte do nosso thema, o qual entrou mais tarde do que eu quizera: mas com dizer muito em pouco, supprirá a brevidade o tempo.

A todos os que me ouvem não só supponho animosos, senão animosissimos: mas para que o sejam mais que superlativamente, ouçam qual é a virtude da Santa Cruz para tirar o temor. Determinou Jesabel tirar a vida a Elias: tanto que elle o soube, temeroso da morte, como homem, enfim, e não se dando por seguro na corte, nem em outro lugar povoado, metteu-se por um deserto, fugindo a toda a pressa, sem saber por onde: *Timuit Elias, et surgens abiit quocumque eum ferebat voluntas.* (Ita Josephus). Passados quarenta dias de caminho, que em menos distancia não se deu por seguro o propheta de uma mulher, rainha e irada; lançou-se ao pé de uma arvore, e alli trocado subitamente de pensamentos, começou a chamar pela morte. *Petivit animoe suae ut moreretur.* Repara muito nesta subita mudança S. João Chrysostomo, e pergunta: *Quomodo mortem, quam tunc fugerat, nunc requirit?* Se Elias vem fugindo da morte, como agora chama por ella? Se pouco ha a temia tanto, como agora a desafia? Por ventura era Elias daquelles valentes

de longe, que fóra da occasião *blasonam*, e quando ella chega viram as costas? Não por certo. Pois se tanto temia e fugia da morte, quem lhe tirou este temor? O mesmo S. Chrysostomo e outros santos dizem que o deserto. Tinha andado tantos dias por aquelle deserto despovoado e ermo: e não é muito que a morte que temia cortezão, a desafiasse anacoreta. Boa moralidade, se em si mesma não tivéra a replica: porque Elias não só temeu a morte quando fugia da côrte, senão tambem quando caminhou tantos dias pelo deserto? Qual foi logo a causa desta tão notavel mudança? Não foi a virtude do deserto, senão a da arvore, dix excellentemente Ruperto: *Confugit ad vivifici crucis lignum, illic mortem ambit* (89). Aquella arvore a cujo tronco se arrimou Elias, era figura da arvore da cruz, e tanto que fugiu para ella, logo não temeu a morte de que fugia, antes a desafia. E' certo que a sombra das arvores tambem tem virtude, ou nociva, ou saudavel, de que traz os exemplos Plinio (90); e a virtude da sombra da cruz é desassombrar os animos, e lançar delles todo o temor. Por isso o propheta temeroso e fugitivo, tanto que se poz á sombra daquelle sagrada arvore, logo ficou tão animoso e intrepido, que voltando o rosto para a mesma morte de que ia fugindo, a provocou e chamou por ella: *Petivit anima sua ut moreretur*.

Mas para que é pedir, testemunhos á sombra, se na realidade da mesma cruz os temos mais evidentes. Chega Christo nosso Redemptor ao Horto, e representando-se-lhe vivamente a affrontosissima morte, e os tormentos excessivos, que na ultima batalha daquellea noite e dia lhe estavam apparellados para padecer, não só os evangelistas confessam que temeu pavorosamente, *Cæpit lædere, et pavere*, mas o mesmo Senhor com instancias

(89) *Rupert, in lib. Reg., lib. V, cap. 10.* (N. dos Scr.).

(90) *Plinius, lib. XVII, cap. 12.* (Ibd.).

tres vezes repetidas pediu, e tornou a pedir ao Padre, que por qualquer modo possível o livrasse de beber aquelle calix: *Pater, si possibile est transeat à me calix iste.* Tanta era a repugnancia e horror com que naturalmente como homem lhe tinha penetrado o coração, e quasi prostradas todas as forças do animo e imaginação somente daquelle terrível combate. Chegado, porém á hora em que passando do Horto ao Calvario, e pregado o mesmo Senhor na cruz bebeu effectivamente não outro, senão o mesmo calix, que tanto tinha temido e repugnado, vendo que já se esgotava de todo, protestou em alta voz, que tinha sede de mais, *Sitio.* E de que mais era esta sede? Do mesmo licor amargoso e mortal de que vira cheio no Horto o mesmo calix. De mais crueldades, de mais penas, de mais affrontas, de mais tormentos. S. Lourenço Justiniano: *Sitit utique, et incbriatus amaritudine adhuc durior a sustinere desiderat* (91) Como se dissera (continúa o mesmo santo): *Si hæc quæ tolero pauca videntur, alide flagellum flagello, appone vulnera a vulneribus, lacera, ure, confige, percutit, occide. Universa hæc, et maiora toto desiderio sitio.*

Mas aqui entra a duvida eu admiração de S. Bernardo fallando com o mesmo Christo. *Quid est hoc? Antequam gustes, ó boue Jesu, petis calicem omnino auferrí, et postquam ebibisti, sitis.* (92) Que mudança é esta tão subita, ã hom Jesus? Antes de heber o calix temeis tanto chegar a beber-o, que pedistes una e tres vezes ao Padre, que por todos os meios possíveis vos livrasse delle; e agora que o tendes já bebido, e quasi esgotado, tendes sede de mais? Onde estão aquellas repugnancia, aquellas agonias, aquellos temores e horrores tão apertados, que vos obrigaram a o reclamar com tantas

(91) *Laurent. Justin. de triumph. Christi agone.* cap. 18. (N. dos Ser.).

(92) *S. Bernard. de Passión.* cap. 3. (N. dos Ser.).

instancias? Estão e ficaram no Horto, e em toda a parte onde não havia cruz: porém no Calvario, onde o mesmo Christo foi pregado, e levantado nella, a virtude da mesma cruz, ou por efficacia e effeito, ou por doutrina e exemplo lhe infundiu ao mesmo Senhor tal animo, tal valor, tal fortaleza; que os mesmos tormentos, que imaginados repugnava e temia, padecidos lhe causavam sede, e ardentissimos desejos de padecer muito mais. Disse por effeito, ou por exemplo; porque esta virtude de infundir animo e valor, parece que Christo era o que a podia communicar á cruz, e não a cruz a Christo. Mas lembremo-nos que quando Deus unctou com Jacob, os braços de Deus communicavam aos braços de Jacob o valor; e o mesmo valor recebido nos braços de Jacob tornava depois em resistencias aos braços de Deus. Da mesma maneira os braços de Christo pregados nos braços da cruz: os de Christo communicavam aos da cruz o valor, e o mesmo valor reciprocamente se podia outra vez receber nos de Christo, tão capaz agora de receber a fortaleza, como no Horto o fôra de admittir o temor. Mas quando não fosse por efficacia e effeito, foi sem nenhuma duvida por doutrina, e por exemplo; para que entendessemos e soubessemos os que somos membros do mesmo Christo, que o remedio e o antidoto mais efficaz de todos os temores, é a virtude da sua cruz.

Sendo pois tão poderosa e efficaz a virtude da Santa Cruz para tirar temores, e dar animo e valor: vendo Christo a Nicodemus tão tímido e desanimado, que até em materias que tocavam á fé, não ousava a se declarar intrepidamente: traz-lhe á memoria o milagre da serpente de Moy-sés, e o mysterio e figura da cruz: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis*; para com este sagrado signal animar sua fraqueza, e fortalecer sua pusilanimidade. Assim foi e se

viu com admiravel experiencia, tanto no mesmo Nicodemus, como em seu companheiro Joseph ab Arimathea, ambos discipulos do mesmo Senhor, mas occultos por medo dos judeus. De ambos notam e ponderam os evangelistas uma differença digna de summa admiração. De Joseph diz o evangelista S. Marcos, que ousadamente entrou a Pilatos, e lhe pediu o corpo do Senhor, *Audacter introvit ad Pilatum, et petit corpus Jesu*: (Marc. XV — 43) e diz ousadamente, porque d'antes com medo do povo, nem para dar indicios de que era seu discipulo tinha ousadia. De Nicodemus diz o evangelista S. João, que trouxera grande copia de especies aromaticas para ungir o mesmo corpo defunto, e que este era aquelle Nicodemus, que d'antes buscava ao Senhor de noite: *Qui venerat ad Jesum nocte primam*. (Joann. XIX — 39). E nota que d'antes vinha de noite, *nocte primam*; porque agora sem o medo que tambem tinha do povo, veio de dia, antecipando-se á noite do Parasceves, em que não era licito sepultar. Lembra-me a este proposito, que na morte de S. Paulo primeiro ermitão, vendo-se S. Antão abade sem remedio de lhe dar sepultura, sahiram do deserto dois leões, os quaes com as unhas lhe cavaram e abriram uma cova capaz do santo corpo. Taes se mostraram nesta occasião Joseph e Nicodemus, ambos eram ovelhas de Christo, mas ovelhas fracas, e pusilanimas, e que por isso fugiam e se escondiam com medo dos lobos, *propter metum judæorum*; porém agora como dois leões bravos e animosos, sem medo, nem respeito dos principes dos sacerdotes, nem de toda Jérusalem, nem de toda Judéa, publicamente, e á vista de todos, não só trataram de dar sepultura a seu Mestre e Senhor, mas de que fosse a mais decente e honorifica, com que naquelle tempo se costumavam embalsamar os defuntos de maior autoridade e veneração. Pois se d'antes eram ovelhas fracas, e timidas, quem os fez agora leões tão animosos, e intrepí-

dos? Se d'antes não tinham atrevimento para se confessar por discipulos de Christo quando estava vivo e livre; como agora não temem, quando tanto maiores motivos tinham de temer, depois de condemnado, e morto em uma cruz? Por isso mesmo. Porque d'antes não havia cruz de Christo, e depois de crucificado, sim. Divinamente Theophylacto, dizendo do nosso Nicodemus o que igualmente mereceram ambos: *Nocte venit ad Jesum propter metum judæorum, sed post crucem multum officii, et liberalitatis impendit.* Notae muito a palavra *sed post crucem.* Quereis saber porque, d'antes temia tanto Nicodemus, e agora nada teme? E' porque antes de Christo ser crucificado, não havia cruz, *post crucem.* Antes da cruz, era timido e covarde; depois da cruz é valente, animoso e intrepido; porque essa é a virtude mais que humana, esses são effeitos prodigiosos e admiraveis daquelle sagrado trophéo de nossa redempção, dar animo, dar brios, dar valor contra os inimigos, contra os perigos, contra a mesma morte, e contra tudo o que na vida e depois della pôde causar temor.

VII

Esta só qualidade, quarta e ultima, era a que faltava a Nicodemus para ser Nicodemus, isto é, para fazer verdadeiro o nome que tinha de vencedor, *Victor Populi.* Assim que, senhores meus, e soldados de Christo, se naquelle sagrado lenho, se naquelle gloriosissimo instrumento de suas victorias tem depositado o Senhor dos exercitos a fortaleza christã, e vinculado o triumphador do mundo o valor catholico, armem-se todos os que querem vencer, armem-se todos os que tem obrigação de pelear, com o signal sagrado da Santa Cruz, e em fé de tão invenciveis armas beni nos podemos prometter segura a victoria.

Quando o mesmo Filho de Deus, armado só da humanidade de que se vestira, veio restaurar o mundo e restituir á sua obediência o genero humano, que debaixo da tyrannia do demonio se lhe tinha rebellado, o bando que mandou lançar para que se alistassent os que quizessem debaixo das suas bandeiras, dizia assim: *Si quis vult venire post me, tollat crucem suam, et sequitur me*: Todo o que me quizer acompanhar nesta guerra, tome ao hombro a sua cruz, e siga-me. *Vide quomodo militem suum Rex cælorum armet*: Vede, diz S. João Antiocheno, as armas com que o Rei do céu arma os seus soldados: *Non dedit scutum, non galeam, non thoracem, sed quod his omnibus firmitus ac valentius est, præsidium à cruce, et symbolum victoriæ*: Não os arma com escudos nos braços, nem com murriões na cabeça, nem com peitos fortes sobre o coração; mas arma-os com uma arma mais firme, mais forte, e mais invencível que todas, que é a cruz, na qual levam juntamente a defesa para a guerra, e o signal da victoria: *Prosidium à cruce, et symbolum victoriæ*. Com estas armas, pois, se armem, e nestas armas ponham toda a confiança os nossos valerosos soldados, e se se fiarem tambem das que são proprias do braço portuguez, fiem-se mais das cruces, que dos fios da espada. De um soldado portuguez disse um poeta tambem nosso, que levava.

*A vida propria, e a morte alheia.
Nos fios da espada que mencio*

Mas isto porque? Porque as cruces estão tão perto dos punhos.

Terham logo por certo e certissimo todos os que assim armados ou entrarem nas batalhas, ou assaltarem os muros, ou assidiarem as cidades, que não haverá nem soldados tão valentes, nem cabos tão experimentados, nem

fortalezas tão inexpugnáveis, nem inimigos, em fim tão obstinados, que se lhe não rendam. A praça mais forte e mais bem presidida que nunca houve, nem haverá foi o paraíso terreal, depois de lançamento d'elle Adão, porque estava guarnecida de cherubins, soldados immortaes, todos com armas de fogo, que foram as primeiras que houve no mundo: e haverá quem se atreva a investir, e possa entrar por força esta praça? Sim. E quem? Um homem, e com que exercitos? Só: e com que armas? Despido. Pois um homem, e só, e despido, ha de entrar, e render o paraíso defendido de cherubins com armas de fogo? Sim, outra vez, se a cruz lhe der o valor, e desde a cruz fizer a investida. Divinamente S. Chrysostomo fallando do bom ladrão: *Fecit latro de cruce impetum, et intravit paradisum romphae flammea circumdatum: Accommetteu o ladrão desde a sua cruz, e fazendo della escada assaltou as muralhas do paraíso, e por mais que estavam defendidas de cherubins e espadas de fogo, os cherubins, as espadas, e o fogo nada lle pôde resistir, e foi o primeiro que victorioso e triumphante restaurou a famosissima e felicissima praça, que Adão com tanta fraqueza perdêra. Não sei, nem posso dizer mais. E se uma cruz nas costas dá tanto valor e fortaleza, onde tantos trazem a cruz nos peitos, e todos a podem levar no coração, quem haverá na empresa presente que possa desesperar da victoria? Assim como antigamente mostrando Deus a Constantino o signal da cruz no céu, lhe disse: *In hoc signo vinces*: o mesmo está dizendo ao invicto general das nossas armas. (93) Este signal do céu seja o farol*

(93) O corde da Torre, governador do Brasil e capitão geral de mar e terra, Patente de Felipe IV, de 25 de Julho de 1638, *Documentos Historicos*, XVII, 148. Disse D. Francisco Manuel, que, desconfiando dele, o cercára el-rei de muitos conselheiros, de modo a nada resolver de pronto, *Ecco politico*, p. 12, Lisboa, 1645.

que sigam as armadas no mar, e este o estandarte real, que levem diante dos olhos os exercitos na terra, para que vencedores em um e outro elemento, os vivos levantem os trophéos neste mundo, e os mortos (que não ha vencer sem morrer) logrem os triumphos da sua constancia no outro, exaltados todos pela virtude da Santa Cruz, como o mesmo Redemptor foi exaltado nella: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis.*

SERMÃO PELO BOM SUCESSO (*)

1640

Tinha Antonio Vieira trinta e dois anos e já era o mais illustre dos padres da Companhia de Jesus no seu collegio da Bahia. Terriveis corriam aqueles tempos. A colonia estava em parte perdida, ameaçada no resto pelo inimigo holandez que a avassalava desde o Ceará até Sergipe. Cruzavam os mares as suas armadas, devassavam os sertões os seus exercitos, e a guerra, em todos os climas favoravel ao hereje, parecia destinada a acabar, na America, o nascente Brasil.

Debalde aos flamengos se opuzeram os pernambucanos em cinco anos de luta reuhida e desigual. Chefiava agora as armas e o governo do Brasil holandez o principe de Nassau. Ele expande a conquista. Tenta apossar-se da Bahia e é rechassado. Envia então a metropole uma forte esquadra, sob o commando do conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, para expungir Pernambuco e restorvar o norte. É a repetção da grande armada de 1625; mais poderosa porém, mais numerosa, mais homogenea. . . "a maior que nunca passou a Equino-cial", lembrava o prégador neste Sermão "pelo bom

(*) Revisto pela edição dos Sermões — M.DC.LXXXIII — 3.^a parte, pgs. 467-96.

sucesso das armas portuguezas", dito após o malôgro destas. Oitenta e seis velas vão sobre Recife. Se o conde da Torre tentasse desembarcar em Pão Amarelo a gente que trazia, recuperariam os lusos todo o territorio usurpado; mas seguiu rumo da Bahia, onde com vagar e calculo — dando tempo a que Nassau se aparelhasse para o encontro — instruiu aos capitães sertanejos e reabasteceu os seus navios. Foi depois de combinados os movimentos com André Vidal e Camarão que se poz de novo ao mar, com onze a doze mil homens embarcados, dos quaes dous mil, entre os mais provados da campanha brasileira, prontos para o ataque ás povoações holandezas. Conduzia essa grossa frota as esperanças dos dous reinos e da provincia, "toda a esperança do mundo e do tempo" — segundo Vieira — e era o supremo esforço de Espanha, Portugal e Brasil pela fé, pela monarchia e pelo povo. Não se percebia podesse subsistir a colonia depois do seu fracasso, nem do seu triumpho se esperava menos que a capitulação de Recife. O conde da Torre seria outro Fadrique de Toledo.

Suiu-lhe porém á ulheta uma esquadra adversaria de trinta e quatro barcos, investiu-a, cortou-a, dispersou-a ao cabo de quatro dias ás coronadas e mosquetarias, redundando a expedição numa catastrophe

Esta mais terrivel se patenteou aos bahianos, quando viram de volta, num bergantim de dez peças, salvo do desastre e a narrar-lhe o imprevisto, o proprio generalissimo das oitenta e seis velas, D. Fernando Mascarenhas. Era em principios de Maio e uma esquadra de vinte navios flamengos do vice-almirante Lichtardt se apresentou diante da Bahia.

Recebera Lichtardt expressas instruções de Nassau para levar tudo a ferro e fogo. Cumpriu-as implacavelmente. O príncipe escreveu depois para Hollanda:

"...Realizamos um assalto á Bahia, com vinte navios e 2.500 soldados, afim de tomarmos vingança dos danos que Luiz Barbalho occasionou nas regiões por nós occupadas, e incendiámos, e destruímos para sempre 27 engenhos, além de povoações e casas particulares, de sorte que na Bahia só restam oito engenhos..." (Cit. de Rodolfo Garcia, nota a Porto Seguro, Historia Geral do Brasil, II, 389). Esteve a cidade a termos de resistir a novo, feroz ataque, porém desta vez mais propicio ao belga, desde que a armada do conde da Torre levára da praça os seus melhores defensores. Então -- por quinze dias, enquanto ardiam os engenhos do reconcavo -- as igrejas permaneceram abertas e os pregadores se revezaram no pulpito. O ultimo desses sermões disse-o Antonio Vieira da tribuna da Ajuda. "É este o ultimo de quinze dias continuos, em que todas as igrejas desta metropole têm representado deprecações..."

O sermão era proferido em tais extremos de dôr, ansiedade e revolta. Mais que os outros devia sofrer-o Vieira, que desde os tenros anos vira, em rôlos de fumo, elevar-se daquella terra amada as labaredas do incendio que uma vez lhe consumira a casa, outra envolvera o Collegio. Conta frei Vicente do Salvador que, durante o cerco de 1624-25, "faziam posto (os holandezes) em a casa de Cristovão Vieira, escrivão dos agravos..." "depois derribaram e puzeram fogo á casa..." (Historia do Brasil, 3.^a ed., pag. 524). Cristovão Vieira era seu pai. Escrevera as Cartas Annuas historiando os episodios da reconquista e salvação do Brasil. Amadurecera a intelligencia applicando-a ao bem publico, na sua irresistivel vocação de director espiritual, que havia de fazel-o homem de Estado, diplomata, conselheiro e politico, a roçar a

samarra pardu e remendada pelos tronos. De um momento para outro podia o hereje cutrar-lhe novamente a praça, outra vez se instalar na Sé, tornar a desfaldar sobre a montanha a bandeira de Orange... E porque já não havia falar aos homens, falou a Deus. Exurge, quare obdormis, Domine?"

Neste espontoso discurso que é, talvez, o seu melhor sermão e, sem duvida, a mais impressionante das orações pronunciadas em lingua portugueza, o orador se excedeu a si mesmo e deixou, por padrão da sua audacia e da sua angustia, um imperecível documento da eloquencia sacra do tempo.

E Deus ouviu a Vieira. Não tornaram os flamengos a penetrar com o pé impio a religiosa Bahia...

Em que dia foi recitado o sermão da Ajuda? Foi depois do regresso do Conde da Torre — derrotado — e antes da entrada de Barbalho — victorioso, a trazer á capital do Brasil o auxilio da sua legião, que rompêra desde o Rio Grande A esquadra flamenga appareceu diante de Itaparica a 25 de Abril — cf. carta do conde da Torre para o reino, de 1 de Junho, (Cit. de Varkhagen, Historia das Lutas, etc.) No dia seguinte um barco parlamentarario era recusado. Fala Vieira de uma quinzena de vigílias. Tendo sido iniciado a 25 ou 26 de Abril, temos para a data do sermão 10 ou 11 de Maio. Da expedição de Lichtardt avisava Nassau aos Estados Gerais em 8 de Maio, P. M. Netscher, Les Hollandais au Brésil, Haya 1853. E Documentos Holandezes ms. no Instituto Histo-

rico, II, 82. Segundo frei Manuel Calado, a columna de Luiz Barbalho surgiu seis dias depois — portanto a 16 ou 17 de Maio. O valeroso Lucideno p. 75, Lisboa 1668.

Antes de ser dada a definitiva estampa, foi publicado em Madrid, em 1661, muito alterado e imperfecto, como na introdução ao 1.º volume dos "Sermões" (Lisbôa, 1679) asseverou o autor.

SERMÃO PELO BOM SUCCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DE HOLLANDA

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblisceris inopinæ nostræ, et tribulationis nostræ? Exurge, Domine adjuva nos et redime nos propter nōmen tuum.
— Psalm. 43

I

Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando, dá fim o Propheta Rei ao psalmo quarenta e tres — psalmo que desde o principio até o fim não parece senão cortado para os tempos e occasião presente. O doutor maximo S. Jeronymo, e depois d'elle os outros expositores, dizem que se estende á letra de qualquer reino, ou provincia catholica, destruida e assolada por inimigos da Fé. Mas entre todos os Reinos do mundo a nenhum lhe quadra melhor que ao nosso Reino de Portugal; e entre todas as provincias de Portugal a nenhuma vem mais ao justo que á miseravel Provincia do Brasil. Vamos endo todo o Psalmo, e em todas as clausulas d'elle veremos retratadas as da nossa fortuna: o que fomos, e o que somos.

Deus auribus nostris audivimus, Patres nostri annuntioverunt; nobis opus, quod operatus et in diebus eorum,

et in diebus antiquis (Psal. XLII — 2). Ouvimos (começa o Propheta) a nossos paes, lemos nas nossas historias, e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as victorias, as conquistas, que por meio dos portuguezes obron em tempos passados vossa omnipotencia, Senhor: *Manus tua gentes disperdidi, et plantasti eos: afflixisti populos, et expulstisti eos* (Ibid. — 3.). Vossa mão foi a que venceu, e sujeitou tantas nações barbaras, belicosas e indomitas, e as despojou do dominio de suas proprias terras, para nellas os plantar, como plantou com tão bem fundadas raizes; e para nellas os dilatar, como dilatou, e estendeu em todas as partes do mundo, na Africa, na Asia, na America. *Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvarit eos, sed dextera tua, et brachium tuum, et illuminatio vultus tui: quoniam complacuisti in eis* (Ibid. — 4.). Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuiram, e as gentes e reis que avassallaram, senão a virtude de vossa dextra omnipotente, e a luz e o imperio supremo do vosso beneplacito, com que nelles vos agradastes, e deles vos servistes. Até aqui a relação ou memoria das felicidades passadas, com que passa o Propheta aos tempos e desgraças presentes.

Nunc autem repulisti et confundisti nos: et non egrediens Deus in virtutibus nostris (Ibid. — 10.). Porém agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneas como dantes os nossos exercitos: *Avertisti nos retrorsum post inimigos nostros, et qui oderunt nos, diripiebant sibi* (Ibid. — 11.). Os que tão costumados eramos a vencer e triumphar, não por íracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos.

gos (94) (que como são açoitado de vossa justiça, justo é que lhe demos as costas). e perdidos os que antigamente foram despojos do nosso valor, são agora roubo da sua cobiça: *Dedisti nos tanquam oves escarum: et in gentibus dispersisti nos* (Ibid. — 12). Os velhos, as mulheres, os meninos que não têm forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes ás mãos da crueldade heretica, e os que podem escapar á morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a patria: *Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subnationem, et derisum his, qui sunt in circuitu nostro* (Ibid. — 14.). Não fóra tanto para sentir, se, perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra: mas tambem esta a passos contados se vae perdendo: e aquelle nome portuguez, tão celebrado nos Annaes da Fama, já o herege insolente com as victorias o affronta, e o gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza. (95)

(94) Refere-se o pregador ao destroço da armada do conde da Torre entre Itamaracá e Cabedelo, recusando-se o almirante a dar decisivo combate, enquanto as correntes lhe levavam os galeões sempre no rumo do norte. Com a dispersão dos navios espanhóis, o naufragio de alguns, a arribada de outros nas Antilhas, o desembarque, no porto de Touros, de Luis Barbalho e 1.300 homens, se dissipou a grande esperanza dos portuguezes, que era a tomada de Pernambuco.

(95) Confirma PORTO SEGURO: «Entre os effeitos lamentáveis produzidos no Brasil pelos revezes da deastrada frota do conde da Torre, devemos ainda mencionar dois, a saber: o novo alento e ensoberbecimento que elles foram dar aos índios inimigos; e o pretexto de Nassau para expulsar do territorio conquistado á maior parte dos frades, que ainda nelle residiam. Uns tres mil índios, com suas familias, entrando no número o Yandui, desceram até o Rio Grande, Goiana e Itamaracá, e aforçar as fileiras já arregimentadas por Nassau, sob o mando do coronel Guilherme Donckers» (*Hist. do Bras.*, 3.^a ed., II, pag. 321). Só seriam definitivamente reduzidos depois da longa e cruenta «guerra do Assú», ao expirar o seculo XVII.

Com tanta propriedade como isto descreve David neste Psalmio nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos em quanto Deus queria, para que na experiencia presente cresça a dôr por opposição com a memoria do passado. Occorre aqui ao pensamento o que não é licito sahir á lingua; e não falta quem discorra tacitamente, que a causa desta differença tão notavel foi a mudança da Monarchia. Não havia de ser assim (dizem) se vivêra um D. Manuel, um D. João o terceiro, ou a fatalidade de um Sebastião (96) não sepultára com elle os reis portuguezes. Mas o mesmo Propheta no mesmo psalmo nos dá o desengano desta falsa imaginação: *Tu es ipse rex meus, et Deus meus: qui mandas salutes Jacob* (Ibid. - 5.). O reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso: *Volo enim in test et in semine tuo imperium mihi stabilire*; e como Deus é o rei: *Tu es ipse rex meus, et Deus meus*; e este rei é o que manda, e o que governa: *Qui mandas salutes Jacob*: elle que não se muda é o que causa estas differenças, e não os reis que se mudaram. A' vista, pois, desta verdade certa, e sem engano, esteve um pouco sus-

(96) O sebastianismo — diz sizudamente D. FRANCISCO MANOEL na primeira *Epanaphora* (Edição Prestage, pag. 29) — foi seita insigne; e cabe aos jesuitas — asseveram os autores — bôa parte das responsabilidades dessa crença teimosa, que explica o melhor successo do rompimento com Espanha e deu a D. João IV o apoio popular, de que precisava para resistir, e até vencer o castelhano. Vieira, entre os doutores da sebastianismo, occupa lugar distincto; cason prégar na igreja do Açupe, no reconcavo da Bahia, por 1634, o seu célebre sermão de louvor a S. Sebastião, em que ha, desembuçada a explicação do «Encoberto», e, num fumo de exegese e litúrgia, a profecia da restauração portugueza. Essa oração dos 26 anos — lembrada por Camillo, na polemica, com Oliveira Martins *Boêmia do Espirito*, 3.^a ed., pag. 48), não foi por ele desprezada quando colligiu as suas obras; pronunciava, ainda isto, o visionario da *Historia do Futuro*; ref'ete-se, por diante, na correspondencia e no sermoneario de Vieira.

penso o nosso Propheta na consideração de tantas calamidades, até que para remedio dellas o mesmo Deus, que o alumiaua, lhe inspirou um conselho altissimo, nas palavras que tomei por thema.

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiam nostram et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos propter nomen tuum. Não préga Davd ao Povo. não o exhorta ou reprehende, não faz contra elle invectivas, posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de um novo e extraordinario espirito, se volte não s a Deus, mas piedosamente atrevido contra elle. Assim como Martha disse a Christo: *Domine non est tibi curae!* (S. Luc. X — 40) assim estranha David reverentemente a Deus, e quasi o accusa de descuidado. Queixa-se das desatenções de sua misericordia e providencia, que isso é considerar a Deus dormindo: *Exurge, quare obdormis Domine?* Repete-lhe que acorde, e que não deixe chegar os danos ao fim, permissão indigna de sua piedade: *Exurge, et ne repellas in finem* Pede-lhe a razão porque aparta de nós os olhos e nos volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis;* e porque se esquece da nossa miseria e não faz caso de nossos trabalhos: *Olivisceris inopia nostra et tribulationis nostrae?* E não só pede de qualquer modo esta razão do que Deus faz e permite; senão que insta a que lha dê, uma e outra vez: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* Finalmente depois destas perguntas, a que suppõe que não tem Deus resposta, e destes argumentos com que presume o tem convencido, protesta diante do Tribunal de sua justiça e piedade, que tem obrigação de nos acudir, de nos ajudar e nos libertar logo: *Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos.* E para mais obrigar ao mesmo Senhor, não protesta por nosso bem e remedio, senão por parte de sua honra e gloria: *Propter nomen tuum.*

Esta é (Todo Poderoso e Todo Misericordioso Deus), esta é a taça de que usou para render vossa piedade, quem tanto se conformava com vosso coração. E desta usarei em também hoje, pois o estado em que nos vemos, mais é o mesmo que semelhante. Não hei de prégar hoje ao Povo, não hei de fallar com os homens, mais alto hão de subir as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito divino se ha de dirigir todo o sermão. E' este o ultimo de quinze dias continuos, em que todas as igrejas desta Metropole, a esse mesmo throno de vossa patente Magestade tem representado suas deprecações (97); e pois o dia é o ultimo, justo será que nelle se acuda também ao ultimo e unico remedio. Todos estes dias se cançaram de balde os Oradores Evangelicos em prégar penitencia aos homens (98); e pois elles se não converteram, quero eu

(97) A esquadra flamenga era comandada pelo vice-almirante Jan Cornelizoor Lichtardt e a sua tropa de desembarque pelo coronel Carlos de Tournalon. Esses dois guerreiros morreram, mais tarde em condições dramaticas. Foi o primeiro vitimado em Penha (30 de Novembro de 1646) por certa agua que bebeu (*Nota de Garcia a Porto Seguro*, III, pag. 52), e o segundo — casado em Pernambuco com a bella Ana Paes, viuva de Pedro Corrêa da Silva — caindo no desagrado de Nassau e suspeitado de conivencia com os portuguezes, foi remetido preso para Hollanda, «onde morreu com morte apressada...» (FR. MANOEL CALAMO, *O Valeroso Lucideno*, pag. 52). D. Ana — acrescenta o frade — foi «a mais desenvolta mulher de quantas houve no tempo d'este cativoiro na capitania de Pernambuco»...

(98) Não era demais praticassem os religiosos esse exercicio nos apertos do cêrco, que em Madrid, ao ter a côrte ciencia da occupação de Pernambuco, em 1631, expediu Felipe IV a Carta régia de 11 de Maio, mandando que se procedessem ás «contínuas rogativas», «para que Nosso Senhor aplaque a rigorosa mão, que parece estes ultimos anos ha mostrado enojada, contra nossos peccados, tão justamente e o mesmo hei ordenado se faça em todos os meus Reinos, por este negocio do Brasil» (Cf. por Garcia *Nota a Porto Seguro*, II, pag. 340).

Senhor, converter a vós. Tão presumido venho de vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os peccadores, vós haveis de ser hoje o arrependido.

O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos, et redime nos*. Mui conforme são estas petições ambas ao lugar e ao tempo. Em tempo que tão oprimidos e tão captivos estamos, que devemos pedir com maior necessidade senão que nos liberteis: *Redime nos?* E na casa da Senhora da Ajuda(99), que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis? *Adjuva nos?*

Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor senão justiça.

Se a causa fóra só nossa, e eu viera a rogar só por nosso remedio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e gloria, e pelo credito de vosso nome, *Propter nomen tuum*, razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este presuppuesto vos hei de arguir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que tambem vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós, e a accusar as dilações de vossa justiça, ou as desatenções de vossa misericórdia: *Quare obdormis: quare obivisceris*, não será esta vez a primeira em que soffrestes seme-

(99) Essa «casa da Senhora da Ajuda» fóra a «Sé de palha», como primeira igreja levantada na cidade da Bahia quando a fundou Toré de Senza. Fizeram-na de taipa e cômo Manoel da Nobreza e os seus companheiros (*Cartas do Brasil*, 1549-1560, ed. da Acad. Bras., pag. 104): os jesuítas a reconstruíram de pedra e cal em 1579, data que se lê em lápide conservada no novo templo, que substitue o antigo, desgraçadamente sacrificado aos melhoramentos urbanos, em 1912.

lhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda tambem vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me ha de dar vossa mesma graça as razões com que vos hei de arguir, a efficacia com que vos hei de apertar, e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos de causa, suprirão os da Virgem Santissima, em cuja ajuda principalmente confio.

Ave Maria.

II

Exurg', quare obdormis, Domine? Querer argumentar com Deus e convence-lo com razões, não só difficiloso assumpto parece, mas empreza declaradamente impossivel, sobre arrojada temeridade. *O Homo, tu quis es, qui respondeas Deus? Nunquid dici figmentum ei, qui se finxit: Quid me fecisti sic?* (Rom. IX — 20) Homem atrevido (diz S. Paulo), homem temerario, quem és tu, para que te ponhas a altercar com Deus? Por ventura o barro que está na roda e entre as mãos do official, põe-se ás razões com elle e diz-lhe porque me fazes assim? Pois se tu és barro, homem mortal, se te formaram as mãos de Deus da materia vil da terra, como dizes ao me mo Deus: *Quare, quare;* como te atreves a argumentar com a Sabedoria Divina, como pedes razão á sua Providencia do que te faz, ou deixa de fazer? *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões, reverencea e adora seus occultos juizos, encolhe os hombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a fé, e o que deves á creatura. Assim o fazemos, assim o confessamos, assim o protestamos diante de Vossa Magestade infinita, inuencso Deus, incomprehensivel bondade: *Justus es, Domine, et rectum judicium*

tuum. (Pal CXVIII — 136). Por mais que nós não saibamos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegaes com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.

Se as razões e argumentos da nossa causa as houveramos de fundar em merecimentos próprios, temeridade fóra grande, antes impiedade manifesta, querer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso Propheta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris prosterminimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis.* (Dan. IX — 18) Os requerimentos e razões delles que humildemente presentamos ante vosso divino conspecto, as appellações ou embargos, que empreendemos á execução e continuação dos castigos que padecemos, de nenhum modo os fundamos na presunção de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericórdias: *In miserationibus tuis multis.* Argumentamos, sim, mas de vós para vós: appellamos, mas de Deus para Deus — de Deus justo, para Deus misericordioso. E como do peito, Senhor, vos não de sahir todas as setas, mal poderão offender vossa bondade. Mas porque a dôr quando é grande sempre arrasta o affecto, e o acerto das palavras é descredito da mesma dôr, para que o justo sentimento dos males presentes, não passe os limites sagrados de quem falla diante de Deus e com Deus, em tudo e que me atrever a dizer seguirei as pisadas solidas dos que em semelhantes occasiões, guiados por vosso mesmo espirito, oraram e exoraram vossa piedade.

Quando o povo de Israel no deserto commetteu aquelle gravissimo peccado de idolatria, adorando o ouro das suas joias na imagem bruta de um hezerro, revelou Deus o caso a Moysés, que com elle estava, e accrescen-

tou irado e resolutto, que daquella vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata, e que a todos havia de assolar e consumir, sem que ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me ut irascatur furor meus contra eos, et deleam eos.* (Exod. XXXII -- 10 e 11). Não lhe soffreu porém o coração ao bom Moysés ouvir fallar em destruição e assolação do seu povo; pôe-se em campo, oppõe-se á ira divina, e começa a arrezoar assim: *Cur Domine irascitur furor tuus contra populum tuum?* E bem. Senhor, porque razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo? Porque razão Moysés? E ainda vós quereis mais justificada razão a Deus? Acaba de vos dizer que está o povo idolatrando; que está adorando um animal bruto; que está negando a divindade ao mesmo Deus, e dando-a a uma estatua muda, que acabaram de triumpho com que os livrou do captiveiro do Egypto; e sobretudo isto ainda perguntaes a Deus, porque razão se fazer suas mãos, e attribuindo-lhe a ella a liberdade e agasta: *Cur irascitur furor tuus?* Sim. E com muito prudente zelo; porque ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser castigado, da parte de Deus era maior a razão que havia de o não castigar: *Ne quæso* (dá a razão Moysés) *ne quæso dicant Ægypti, Callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, et deleret e terra.* (Ibid. - 12) Olhae, Senhor, que porão macula os egypcios em vosso ser, e quando menos em vossa verdade e bondade. Dirão, que cautelosamente, e á falsa fé, nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirardes a vida a todos, e nos sepultardes. E com esta opinião divulgada, e assentada entre elles, qual será o abatimento de vosso santo nome, que tão respeitado e exaltado deixastes no mesmo Egypto, com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convém logo para conservar o credito, dissimular o castigo, e não dar com elle occasião áquelles

gentios e aos outros, em cujas terras estamos, ao que dirão: *Ne quæso dicant*. Desta maneira arresouo Moysés em favor do povo; e ficou tão convencido Deus da força deste argumento, que no mesmo ponto revogou a sentença, e, conforme o texto hebreu não só se arrependeu da execução, senão ainda no pensamento. *Et paenituit Dominum mali, quod cogitaverat facere Populo suo*. (Ibid. — 14). E arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera de castigar o seu povo.

Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido; pois sois o mesmo que ecc's, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum* Moysés disse-vos: *Ne quæso dicant*: Olhae, Senhor, que dirão: E eu digo e devo dizer: Olhae, Senhor, que já dizem. Já dizem os herejes insolentes com os successos prosperos, que vós lize daes ou permittis: já dizem que porque a sua, que elles chamam religião é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal porque não faltará quem os creia. Pois é possível, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra a vossa fé? É possível, que se hão de occasionar de nossos castigos blasfemias contra o vosso nome? Que diga o herege (o que vem de o pronunciar a lingua), que diga o hereje, que Deus está hollandez? Oh não permittaes tal, Deus meu, não permittaes tal, por quem sois. Não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruisséis: por vós o digo e pela honra de vosso Santissimo Nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomen tuum*. Já que o perfido calvinista dos successos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião, e se jacta insolente

e blasfemo de ser a sua verdadeira, veja elle na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompoem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas e despovoem os seus presidios; os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam adumiados e neles enfatuados e confusos. Mude a victoria as insígnias, desafrontem-se as cruzes catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e combeça humilhada e desengauada a perfidia, que só a fé romana, que professamos, é fé, e só ella a verdadeira e a vossa.

Mas ainda ha mais quem diga: *Ne quisso dicant Ægypti*: Olhae, Senhor que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram hontem; e estes que dirão? Que dirá o tapuya barbaro (100) sem conhecimento de Deus? Que dirá o indio inconstante, a quam falta a pia affeição da nossa fé? Que dirá o ethiope boçal, que apenas foi molhado com a agua do baptismo sem mais doutrina? Não ha duvida, que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juizos, beheirão o erro pelos olhos. Dirão pelos effeitos que vêem, que a nossa fé é falsa, e a dos hollandezes a verdadeira, e cre-

(100) Distingue o «tapuya» do «indio». Este, o «inconstante», era tupi. Aquele, o gentio das «linguas travadas», «sem conhecimento de Deus», porque ainda não catequizado pelos padres, instruidos apenas na «lingua geral da costa do Brasil», dos tupis-guaranis. Graças ao idioma, dominaram os jesuitas a indiana do litoral; mas, não conseguiram, senão em alguns casos, e precariamente, pacificar os «tapuyas barbaros» (o pleonasmio é de Vieira), divididos em numerosas tribos gês, desentendidas entre si, errantes, aguertridas, inimigas feroces dos caboclos de beira-mar e dos portuguezes seus aliados (GONÇALVES DIAS, *O Brasil e a Oceania*, ps. 63-74, ed. Garnier; RODOLFO GARCIA, *Ethnografia, Dicionario*

rão que são mais christãos sendo como elles. A seita do hereje torpe e brutal, concorda mais com a brutalidade do barbaro: a largueza e soltura da vida, que foi a origem e é o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo; e que pagão haverá que se converta á fé, que lhe prégâmos, ou que novo christão já convertido, que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outros, que no hereje é premiada a sua lei e no catholico se castiga a nossa? Pois se estes são os effeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor, e o castigo, justamente começado em nós, se atea e passa com tanto d'ello aos que não são cúmplices nas nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus?* Porque continúa sem estes reparos o que vós mesmo chamastés furor; e porque não acabaes já de embainhar a espada de vossa ira?

Se tão gravemente offendido do povo hebreu, por um que dirão dos egypcios lhe perdoastes; o que dizem os herejes e o que dirão os gentios, não será bastante motivo, para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo, e perdoe tambem os nossos peccados, pois, ainda que grandes são menores? Os hebreus adoraram o idolo, faltaram á fé, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram Deus e Deuses a um bezerro; e nós, por mercê de vossa bondade infinita, tão longe estamos e estivemos sempre

do Instituto Historico, I, 262...). De resto, continuaram indomaveis, aimorés, tremembés, caiapós, unidos, com o nome de tapuias, ou «indios do sertão», cf. ANCHIETA, *Cartas*, edição da Academia, notas de Antonio de Alcantara Machado e Afranio Peixoto, p. 156. — no medo ou no odio dos colonos (V. PORRO SIEUVO, *Historia do Brasil*, 3.^a edição integral, I, 22). Esse apelido foi pela primeira vez fixado pelo padre Azpicuelta Navarro, em 1555, *Cartas Avulsas*, edição da Academia, p. 148. Ao serem expulsos os Jesuítas, ainda aprendiam a fala dos tapuias aldeados. P. JOSÉ CAETANO, *Desterro dos Jesuítas da Provincia do Brasil*, edição da Academia, pref. do P. Cabral, 45, Bahia, 1936.

do menor defeito, ou escrupulo nesta parte, que, muitos deixaram a patria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passam em summa miseria desterrados, só por não viver nem communicar com homens que se separaram da vossa Igreja. Pois, Senhor meu, e Deus meu, se por vosso amor e por vossa fé, ainda sem perigo de a perder ou arriscar, fazem taes finezas os portuguezes: *Quare oblivisceris inopiar nostræ, et tribulationis nostræ;* porque vos esqueceis de tão religiosas misérias, de tão catholicas tribulações? Como é possível que se ponha Vossa Magestade irada contra estes fidelissimos servos e favoreça a parte dos infieis, dos excommungados, dos impios?

Oh como nos podemos queixar neste passo, como se queixava lastimado Job, quando, despojado do sabeos e caldeos, se viu como nós nos vemos, no extremo da oppressão, e miseria: *inquit monum tibi videtur, si calumniaris me, et opprimas me opus manuum tuarum, et consilium impiorum adjuves?* (Job. X -- 3). Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo me opprimaes e afflijaes; e aos impies aos inimigos vossos os favoreceas e ajudeis?

Parece-vos bem que sejam elles os prosperados e assistidos de vossa providencia, e nós os deixados de vossa mão; nós os esquecidos de vossa memoria; nós o exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira?

Tão pouco é desterrar-nos por vós, e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobreza, e os desprezos que ellas trazem consigo, por vosso amor? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se ha tanta differença entre nós, ainda que mãos, e aquelles perfidos, porque os ajudaes a elles e nos desfavoreceis a nós? *Nunquid monum tibi videtur*: a vós, que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?

III

Considerae, Deus meu — e perdoa-me se fallo inconsideradamente — consideraes a quem tiraes as terras do Brasil e a quem as daes. Tiraes estas terras aos portuguezes a quem no principio as destes; e bastava dizer a quem as destes, para perigar o credito de vosso nome, que não podem dar nome liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo, que vós, Senhor, quando daes, não vos arrependereis: *Sine penitencia enim sunt dona Dei?* (Rom. XI — 29). Mas deixado isto a parte: tiraes estas terras áquelles mesmos portuguezes, a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé, e a quem destes por armas como insignia e divisa singular vossas proprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que ás sagradas quinas de Portugal, e as armas e chagas de Christo, succedam as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular no vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid fides magna nomini tuo?* Josué VII — 9). E que fareis (como dizia Josué) ou que será feito de vosso glorioso nome em rasos de tanta affronta?

Tiraes tambem o Brasil aos portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistaram á custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa fé (que esse era o zelo daquelles christianissimos reis), que por amplificar e estender seu imperio. Assim fostes servido que entrassemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permittis que saiamos agora (quem tal imaginaria de vossa bondade), com tanta affronta e igno-

minia! Oh como reccio, que não falte quem diga o que diziam os egypcios: *Callidè eduxit eos, ut interficeret, et deleret è terra*: (Exod. XXXII — 12). Que a larga mão com que nos destes tantos dominios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fóra e longe de nossa patria nos matardes, nos destruides, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? (101). Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojio, que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhámos, as hajamos de perder assim! Oh quanto melhor nos fóra nunca conseguir, nem intentar taes empresas!

Mais Santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciencia, e contudo em occasião semelhante não fallou (fallando convosco) por differente linguagem. Depois de os filhos de Israel passarem ás terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do exercito a dar assalto á cidade de Hay, a qual nos eccos do nome já parece que trazia o prognostico do infeliz successo que os israelitas nella tiveram: porque foram rotos, e des-

(101) Em todo este trecho deixa-se impressionar Vieira pelos *Lusindas* e — o que era temerario antes de 1.º de Dezembro de 1640 — lhe recorda as passagens conhecidas, canto I, estr. 1 e 2.ª; canto II, estr. 45... Camões seria o seu poeta.

baratados, posto que com menos mortos e feridos, do que nós por cá costumamos. E que faria Josué á vista desta desgraça? Rasga as vestiduras imperiaes, lança-se por terra, começa a clamar ao Ceo: *Heu Domine Deus, quid voluisti traducere populum intum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorrhæi?* (Josué VII — 7) Deus meu e Senhor meu, que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão, e nos metestes de posse destas terras, se aqui nos haviéis de entregar nas mãos dos Amorrheus e perder-nos? *Utinam mansissemus trans Jordanem!* (Ibid.) Oh nunca nós passamos tal rio! Assim se queixava Josué a Deus, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que elle. Se teste havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas: *Utinam mansissemus trans Jordem?* provêra a vossa Divina Magestade, que nunca sahiramos de Portugal, nem fiaramos nossas vidas ás ondas e aos ventos, nem conheceramos, ou puzeramos os pés em terras estranhas.

Ganhal-as para as não lograr, desgraça foi e não ventura; possuil-as para as perder castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê, nem favor de vossa liberalidade.

Se determinaveis dar estas mesmas terras aos piratas de Holl'anda, porque lh'as não déstes em quanto eram agrestes e incultas senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente perversa e apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lh'as entregardes? Assim se hão de lograr os herejes, e inimigos da fé dos trabalhos portuguezes e dos suores catholicos? *En queis consevimus agros,* (Virgil.). Eis-aqui para quem trabalhamos ha tantos annos! Mas pois vós, Senhor o quereis e ordenaes assim, fazei o que fordes servido. Entregaes aos

hollandezes o Brasil, entregae-lhes as Indias, entregae-lhes as Hespanhas (que não são menos perigosas as consequências do Brasil perdido), entregae-lhes quanto temos, e possuímos (como já lhes entregastes tanta parte); ponde em suas mãos o mundo; e a nós, aos portuguezes e hespanhoes, deixae-nos, repudiæ-nos, desfazei-nos, acabae-nos. Mas só digo e lembro a Vossa Magestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançaes de vós, pôde ser que os queiraes algum dia, e que os não tenhaes.

Não me atrevêra a fallar assim, se não tirára as palavras da bocca de Job, que, como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragedia. Queixava-se o exemplo da paciencia a Deus (que nos quer Deus soffridos, mas não insensíveis), queixava-se do tesão de suas penas, demandando e altercando, porque se lhe não havia de remittir e afrouxar um pouco o rigor dellas; e como a todas as replicas e instanciaes o Senhor se mostrasse inexoravel, quando já não teve mais que dizer, concluiu assim: *Eccc nunc in pulvere dormium, et si mane me quesieris, non subsistam.* (Job. VII — 21). Já que não quereis, Senhor, desistir ou modelar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com elle ao cabo, seja muito embora, matae-me, consumi-me, enterrae-me: *Eccc nunc in pulvere dormiam*: mas só vos digo e vos lembro uma coisa: que se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar: *Et si mane me quesieris, non subsistam.* Tereis aos sabêos, tereis aos caldeos, que sejam o roubo e o agoite de vossa casa; mas não achareis a um Job que a sirva, não achareis a um Job que a venere, não achareis a um Job que ainda com suas chagas a não desautorize. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos affectos, quem se vê no mesmo estado. Abrazae, destrui, consumi-nos a todos; mas pôde ser que algum dia queiraes hespanhoes e portuguezes, e

que os não acheis. Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da cruz: Hollanda vos dará os prégadores evangelicos, que semccmnas terras dos barbaros a doutrina catholica, e a reguem com o proprio sangue: Hollanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos a autoridade da Igreja Romana: Hollanda edificará templos, Hollanda levantará altares, Hollanda consagrará sacerdotes e offerecerá o sacrificio de vosso Santissimo Corpo: Hollanda enfim vos servirá e venerará tão religiosamente como em Amsterdã, Meldeburg e Flisinga, e em todas as outras colonias daquelle frio e alagado inferno, se está fazendo todos os dias.

IV

Ben: vejo que me poderias dizer, Senhor, que a propagação de vossa fé, e as obras de vossa gloria não dependem de nós, nem de ninguem, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de Abraham. Mas tambem a vossa sabedoria e a experiencia de todos os seculos nos tem ensinado, que depois de Adão não creastes homens de novo, que vos servis dos que tendes neste mundo, e que nunca admittis os menos bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parabolã do banquete. Mandastes chamar os convidados, que tinheis escolhido, e porque elles se escusaram, e não quizeram vir, então admittistes os cegos e mancos, e os introduzistes em seu logar: *Cecos, et claudos introduc huc.* (S. Luc. XIV — 21). E se esta é, Deus meu, a regular disposição de vossa providencia divina, como a vemos agora tão trocada em nós e tão differente conosco? Quaes foram estes convidados e quaes são estes cegos e mancos? Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nellas nos puzestes a mesa, tão franca e abun-

dante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os lutheranos e calvinistas, cegos sem fé e mancos sem obras; na reprovação das quaes consiste o principal erro da sua heresia. Pois se nós, que fomos os convidados, não nos escusamos, nem duvidamos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes, em que poderamos duvidar: se viemos e nos assentámos á mesa, como nos excluís agora e lançaes fóra della e introduziís violentamente os cegos e mancos, e daes os nossos logares ao hereje? Quando em tudo o mais foram elles tão bons como nós, ou nós tão maos como elles, porque nos não ha de valer pelo maos o privilegio e prerogativa da fé? Em tudo parece, Senhor, que trocaes os esty os de vossa providencia e mudaes as leis de vossa justiça commosco.

Aquellas dez virgens do vosso Evangelho todas se renderam ao somno, todas adormecêram, todas foram eguaes no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes et dormierunt.* (S. Math. XXV — 5). E contudo a cinco dellas passoulhes o esposo por este defeito, e só porque conservaram as alampadas azezas, mereceram entrar ás bodas, de que as outras foram excluidas. Se assim é, Senhor meu, se assim o julgastes então (que vós sois aquelle Esposo Divino) porque não nos val a nós também conservar as alampadas da fé azezas, que no hereje estão apagadas e tão mortas? E' possível, que haveis de abrir as portas a quem traz as alampadas apagadas, e que as haveis de fechar a quem as tem azezas? Reparaes, Senhor, que não é autoridade do vosso divino tribunal, que sãam delle no mesmo caso duas sentenças tão encontradas. Se ás que deixaram apagar as alampadas se disse: *Nescio vos*: (Ibid. — 12) se para ellas se fecharam as portas: *Clausu est janua*: (Ibid. — 10) quem merece ouvir de vossa boea um: *Nescio vos* tremendo, senão o hereje que não vos conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, senão ao hereje que os têm tão cegos? Mas eu vejo que nem esta

cegueira, nem este desconhecimento, tão merecedores de vosso rigor, lhes retarda o progresso de suas fortunas, antes a passo largo se vem chegando a nós suas armas victoriosas, e cedo nos haterão ás portas desta vossa cidade — desta vossa cidade disse; mas não sei se o nome do Salvador, com que a honrastes, a salvará e defenderá, como já outra vez não defendeu: nem sei se estas nossas deprecações, posto que tão repetidas e continuadas acharão accesso a vosso conspecto divino pois ha tantos annos que está bradando ao céu a nossa justa dôr, sem vossa clemencia dar ouvidos a nossos clamores.

Se acaso fôr assim (o que vós não permittaes), e está determinado em vosso secreto juizo que entrem os herejes na Bahia, o que só vos represento humildemente e muito devéras, é, que antes da execução da sentença repareis bem, Senhor no que vos pôde succeder depois, e que o consulteis com vosso coração, em quanto é tempo: porque melhor será arrependêr agora, que quando o mal passado não tenha remedio. (102)

Bem estaes na intenção e a'lusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer.

Tambem antes do diluvio estaveis vós mui colerico e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aquelles cem annos, nunca houve remedio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se emfim as cataratas do céu, cresceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o mundo todo: já estará satisfeita vossa justiça; senão quando ao terceiro dia começaram a aboiar os corpos mortos, e a surgir e apparecer em multidão infinita

(102) Os holanhezes assaltavam os engenhos do Recôncavo e era de crêr que se não retirassem sem tentar um ataque á Bahia, tal o impeto com que a tudo investiam e destruíam. Os engenhos eram o maior nervo da guerra e da fazenda... (Provisão de 1636, *Documentos Historicos*, XVI, 389).

aquellas figuras palidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragedia, que nunca viram os anjos, que homens que a vissem, não os havia. Vistes vós tambem (como se o visseis de novo) aquelle lastimosissimo espectáculo, e posto que não chorastes, porque ainda não tinheis olhos capazes de lagrimas, enterneceram-se porém as entranhas de vossa Divindade, com tão intrinseca dôr: *Tactus dolore cordis intrinsecus* (Genes. VI — 6) que do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tinheis feito ao mundo, e foi tão inteira a vossa contricção, que não só tivestes pezar do passado, senão proposito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines.* (Ibid VIII — 21). Este sois, Senhor, este sois, e pois sois este, não vos tomeis com vosso coração, para fazer agora valentias contra elle, se o seu sentimento, e o vosso as ha de pagar depois. Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos á vossa bondade; vêde o que fazeis antes que o façaes, não vos aconteça outra. E para que o vejaes com côres humanas, que já vos não são estranhas, dae-me licença, que eu vos represente primeiro ao vivo as lastimas, e miserias deste futuro diluvio, e se esta representação vos não enternecer, e tiverdes entranhas para vêr sem grande dôr, execute-o embora.

Finjamos pois (o que até fingido e imaginado, faz horror) finjamos que vem a Bahia e o resto do Brasil a mãos aos hollandezes: que é o que ha de succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de herejes: não perdoarão a estado, a sexo nem a idade (103): com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos: chorarão as mulheres, vendo que se não guarda de-

(103) Ver BARLAÆUS, *Rerum per octennium*, etc., pag. 302, edição de 1660.

côro á sua modestia: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas cãs: chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade: chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendera: chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras occasiões não perdoou), a deshumanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor dos innocentes, dissestes vós alguma hora, que não era bem castigar a Ninive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos lia de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã), tambem a vós ha de chegar.

Entrarão os herejes nesta igreja e na outra: (104) arrebutarão essa custodia, em que agora estaes adorado dos anjos: tomarão os calices e vasos sagrados, e applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes: derrubarão dos altares os vultos e estatuas dos santos, deformal-as-hão a cutiladas, e metel-as-hão no fogo: e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem ás imagens tremendas de Christe crucificado, nem ás da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajaes de consentir semelhantes aggravos e affrontas nas vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa Santissima Mãe, não sei como isto pôde estar com a piedade e amor de Filho. No Monte Calvario esteve esta Senhora sempre ao pé da Cruz, e com serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, nenhum se atreveu a lhe tocar nem a lhe perder

(104) A Ajuda e a Sé, as duas principais igrejas da Bahia então. As demais, Conceição, Misericordia, Graça, Vitoria, estas suburbanas, eram simples ermidas. Py-rard de Laval, em 1610, referira-se á *estrès belle église cathedrale ou Assée...*, *Voyage*, p. 539, Paris, 1615).

o respeito. Assim foi e assim havia de ser porque assim o tinheis vós promettido pelo Propheta: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* (Psal. XC — 10). Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decôro de vossa Mãe, como consentis agora, que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digaes, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás coisas sagradas, para uma severissima demonstração vossa ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a taão para um propheta, se lhe secou logo o braço milagrosamente: como aos herejes ficam ainda braços para outros delictos? Se a Balthasar por leber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino, porque vivem os herejes, que convertem vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

Em fim, Senhor, despojados assim os templos, e derubados os altares, acabar-se-ha no Brasil a christandade catholica: acabar-se-ha o culto divino: nascerá herva nas igrejas, como nos campos: não haverá quem entre nellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria de vosso nascimento: passará a quaresma, e a semana santa, e não se celebrarão os mysterios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias, que choravam as de Jerusalem destruida: *Viv Sion lugent, eô quôd non sint qui veniant ad solenitatem:* (Thrent. I — 4). Ver-se-hão ermas e solitarias, e que as não pisa a devoção dos fieis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam: morrerão os catholicos sem confissão, nem sacramentos: pregar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos, e em lugar

de São Jeronymo, e Santo Agostinho, ouvir-se-hão e allegar-se-hão nelles os infames nomes de Calvino e Lutero, beberão a falsa doutrina os innocentes que ficarem, reliquias dos portuguezes: e chegaremos a estado que se perguntarem aos filhos, e netos dos que aqui estão: Menino, de que seita sois? Um responderá, eu sou calvinista; outro, eu sou lutherano. Pois isto se ha de soífrer Deus meu? Quando quizestes entregar vossas ovelhas a São Pedro examinastil-o tres vezes, se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* (S. Joan. XXI — 15). E agora as entregaes desta maneira, não a pastores, senão aos lobos? Sois o mesmo, ou sois outro? Aos herejes o vosso rebanho? Aos herejes as almas? Como tenho dito, e nomeei a'imas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer, e arrepende, e que não haveis de coração para vêr taes lastimas, e taes estragos. E se assim é (que assim o estão promettendo vossas entranhas piedosissimas), se é que ha de haver dôr, se cessem as execuções agora, que não é justo vos contente antes o de que vos ha de pesar em algum tempo.

Muito honrastes, Senhor, ao homem na criação do mundo, formando-o com vossas proprias mãos, informando-o, e animando-o com vosso proprio alento, e imprimindo nelle o caracter de vossa imagem e semelhança. Mas parece, que logo desde aquelle mesmo dia vos não contentastes delle, porque de todas as outras coisas que creastes, diz a Escriptura que vos pareceram bem: *Vidit Deus quòd esset bonum*: (Genes. I — 10) e só do homem o não diz. Na admiração desta mysteriosa reticencia andou desde então suspenso, e vacillando o juizo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa, por que agradando-vos com tão publica demonstração todas as vossas obras, só do homem, que era a mais perfeita de todas,

não mostrasseis agrado. Finalmente passados mais de mil e setecentos annos, a mesma Escriptura, que tinha calado aquelle mysterio, nos declarou, que vós estaveis arrependido de ter creado o homem: *Penituit eum quod hominem fecisset in terra*: (Ibid. VI — 6) e que vós mesmo, dissestes, que vos pesava: *Penitet me facisse eos*: (Ibid. — 7) e então ficou patente, e manifesto a todos o segredo que *tantos tempos tinheis occultado*. E vós Senhor, dizeis que vos pesa, e que estaes arrependido de ter creado o homem; pois essa é a causa por que logo desde o principio de sua creação vos não agradastes delle. nem quizestes que se dissesse, que vos parecera bem: julgando, como era razão, por coisa muito alheia de vossa sabedoria e providencia, que em nenhum tempo vos agradasse, nem parecesse bem aquillo de que depois vos havieis de arrepender, e ter pesar de ter feito: *Penitet me facisse*. Sendo pois esta a condição verdadeiramente divina, e a altissima razão de estado de vossa providencia, não haver jámais agrado do que ha de haver arrependimento; e sendo tambem certo nas piedosissimas entranhas de vossa misericordia, que se permittirdes agora as lastimas, as miserias, os estragos, que tenho representado, é força que vos ha de pesar depois, e vos haveis de arrepender; arrependei-vos, misericordioso Deus, enquanto estamos em tempo, ponde em nós os olhos de vossa piedade, ide a mão á vossa irritada justiça, quebre vosso amor as setas de vossa ira, e não permittaes tantos danos, e tão irreparaveis. Isto é, o que vos pedem tantas vezes prostradas diante de vosso divino acatamento estas almas tão fielmente catholicas em nome seu, e de todas as deste estado. E não vos fazem esta humilde deprecação pelas perdas temporaes, de que cedem, e as podeis executar nelles por outras vias: mas pela perda espiritual eterna de tantas almas, pelas injurias de vossos

templos e altares, pela exterminação do sacrosanto sacrificio de vosso corpo e sangue, e pela ausencia insofribel, pela ausencia e saudades desse Santissimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo teremos presente.

V

Chegado a este ponto, de que não sei, nem se pôde passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente, e vos deixariais persuadir, e convencer destas nossas razões, senão que está clamando por outra parte vossa divina justiça: e como sois igualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os peccados do Brasil tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é, e todos confessamos que somos grandissimos peccadores. Mas tão longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos peccados muitos e grandes, são um novo e poderoso motivo dado por vós mesmo para mais convencer vossa bondade.

A maior força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento até agora, que no credito, na honra, e na gloria de vosso santissimo nome: *Propter nomen tuum*. E que motivo posso eu offerecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos peccados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo; multum est enim.* (Psal. XXIV — 11). Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David) que me haveis de perdoar meus peccados, porque não são quaesquer peccados, senão muitos e grandes: *Multum est enim*. Oh motivo digno só do peito de Deus! Oh consequencia que só na summa bondade pôde ser forçosa! De maneira que para lhe serem perdoados seus peccados allegou um peccador a Deus, que são muitos e

grandes. Sim: e não por amor do peccador, nem por amor dos peccados, senão por amor da honra e gloria do mesmo Deus, a qual quanto mais, e maiores são os peccados que perdoa, tanto maior é, e mais engrandece e exalta seu santissimo nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* O mesmo David distingue na misericordia de Deus grandeza e multidão: a grandeza: *Secundum magnam misericordiam tuam:* (Ibid. L — 3) a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum.* E como a grandeza da misericordia divina é immensa, e a multidão de suas misericordias infinita; e o immenso não se pôde medir, nem o infinito contar; para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericordia que os peccados sejam grandes, e á mesma multidão das misericordias, que sejam muitos: *Multum est enim.* Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render á razão de serem muitos e grandes nossos peccados. E razão tenho tambem de instar em vos pedir a razão porque não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris iniq̄ia nostra, et tribulationis nostrae?*

Esta mesma razão vos pediu Job quando disse: *Cur non tollis peccatum meum, et quare non auferis iniquitatem meam?* (Job. VII — 21) E posto que não faltou um grande interprete de vossas escripturas que o arguisse por vossa parte, em fira se deu por vencido, e confessou que tinha razão Job em vo'ra pedir: *Criminis in loco Deo impugnis, quod ejus qui deliquit, non miseretur?* diz S. Cyrille Alexandrino. Basta, Job, que criminaes e accusaes a Deus de que castiga vossos peccados! Nas mesmas palavras confessaes que commettestes peccados e maldades; e com as mesmas palavras pedis razão a Deus porque as castiga? Isto é dar a razão, e mais pedil-a.

Os peccados e maldades, que não occultaes, são a razão do castigo: pos se daes a razão, porque a pedis? Porque ainda que Deus para castigar os peccados tem a razão de sua justiça, para os perdoar, e desistir do castigo, tem outra razão maior, que é da sua gloria: *Qui enim misereri consuevit, et non vulgarem in eo gloriam habet; ob quam causam mei non miseretur?* Pede razão Job a Deus, e tem muita razão de a pedir, (responde por elle o mesmo santo, que o arguiu) porque se é condição de Deus usar de misericordia, e é grande e não vulgar a gloria que adquire em perdoar peccados, que razão tem, ou póde dar bastante de os não perdoar? O mesmo Job tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes com energia para Deus muito forte: *Peccavi, quid faciam tibi?* (Ibid. — 20). Como se dissera: se eu fiz, Senhor, como homem em peccar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? Ainda disse, e quiz dizer mais: *Peccavi, quid faciam tibi?* Pequei que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Job, a Deus em peccar? Não lhe fiz pouco; porque lhe dej occasião a me perdoar, e perdoando-me, ganhar muita gloria. Eu dever-lhe-hei a elle, como a causa, a graça que me fizer; e elle dever-me-ha a mim, como a occasião. a gloria que alcançar.

E se é assim, Senhor, sem licença, nem encarecimento; se é assim misericordioso Deus, que em perdoar peccados se augmenta a vossa gloria, que é o fim de todas vossas acções: não digaes que nos não perdoaes, porque são muitos e grandes os nossos peccados, que antes porque são muitos e grandes, deveis dar essa grande gloria á grandeza e multidão de vossas misericordias. Perdoando-nos, e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de vossa magestade, e não castigando-nos, em que mais se abate vosso poder, do que se acredita. Vede-o neste ultimo castigo, em que, contra

toda a esperança do mundo e de tempo, fizestes que se derrotaſſe a nossa armada, a maior que nunca passou a Equinocial. Pudestes, Senhor, derrotal-a; e que grande gloria foi de vossa omnipotencia, poder o que póde o vento? *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam.* (Ibid. XIII 25). De plantar uma nação, como nos ides desplantando, e plantar ontra, tambem é poder que vós commetteſtes a um homensinho de Anathoth: *Eccc constitui te super gentes, et super regna, ut excellas, a destruas, et disperdas, et dissipas, et ædificas, et plantes.* (Jerem. I — 10). O em que se manifesta a magestade, a grandeza e a gloria de vossa infinita omnipotencia, é em perdoar e usar de misericordia: *Qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime, et miserando, manifestas.* Em castigar, venceis-nos a nós, que somos creaturas fracas; mas em perdoar, venceis-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta victoria é digna de vós, porque só vossa justiça póde pelear com armas iguaes contra vossa misericordia; e sendo infinito o vencido, infinita fica a gloria do vencedor. Perdoae pois, benignissimo Senhor, por esta grande gloria vossa: *Propter magnam gloriam tuam*: perdoae por esta gloria immensa de vosso santissimo nome: *Propter nomen tuum.*

E se acaso ainda reclama vossa divina justiça, por certo não já misericordioso, senão justissimo Deus, que tambem a mesma justiça se pudera dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós em quanto justo, aquelle justo juiz, de quem canta o vosso propheta: *Deus Iudex justus, fortis, et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* (Psalm. VII — 12). Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias nem de muitos; porque se não dará por satisfeita com rigores de annos e tantos annos? Sei eu, legislador

supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa santíssima lei, que não passe de um dia, e que antes de se pôr o sol tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* (Ephes. IV — 26). Pois se da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos agravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdoe e se aplaque em tempo tão breve e tão preciso; vós que sois Deus infinito, e tendes um coração tão dilatado como vossa mesma immensidade, e em matéria de perdão vos propoñdes aos homens por exemplo; como é possível que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos annos, e que se ponha e torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vindo sempre deset'banhada e correndo sangue, a espada de vossa vingança? Sol de justiça, cuidei eu que vos chamavam as escripturas, (Malach. IV — 2) porque ainda quando mais feroso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas, passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este sol material que nos allumêa e rodêa, pois ha tantos dias e tantos annos, que passando duas vezes sobre nós de um tropico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o céo e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palavras da lingua hebraica, em que lhe fallou, foram, não que parasse, senão que se callasse: *Sol tace contra Gabaon.* (Josué X — 12). Callar mandou ao sol o valente eretico, porque aquelles resplandores amortecidos, com que se ia sepultar no occaso, eram umas linguas mudas com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altíssimas, com que desde o céo lhe lembrava a lei de Deus, e lhe prégava que não podia continuar a vingança, pois elle se ia metter no occidente: *Sol no occidat super iracundiam vestram.* E se Deus, como autor da

mesma lei, ordenou que o Sol parasse, e aquelle dia (o maior que viu o mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas, e fosse o maior; foi para que concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o Gabonita, pois é justo castigal-o; mas esteja o sol parado até que se acabe o castigo, para que a ira, posto que justa, do vencedor, não passe os limites de um dia. Pois se este é, Senhor, o termo prescripto de vossa lei; se fazeis milagres e taes milagres para que ella se conserve inteira, e se Josué manda callar e emmudecer o sol, porque se não queixe, e dê vozes contra a continuação de sua ira; que quereis que diga o mesmo sol, não parado nem emmudecido? Que quereis que diga a lua e as estrellas, já cançadas de vêr nossas miserias? Que quereis que digam todos esses céos creados, não para apregoar vossas justiças, senão para cantar vossas glorias: *Cæli enarrant gloriam Dei?* (Psalm. XVIII — 1). Finalmente benignissimo Jesus, verdadeiro Josué, e verdadeiro sol, seja o epilogo e conclusão de todas as nossas razões, o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum.* Se o sol estranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda callar o sol, porque lh'os não estranhe; como pôde estranhar vossa divina justiça, que uzeis conosco de misericórdia, depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos continuados, não por um dia ou muitos dias de doze horas, senão por tantos e tão compridos annos, que cedo serão doze? Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sede Jesus e sede Salvador nosso. Se sois sol e sol de justiça, antes que se ponha o deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixae já o signo rigorosos de Leão, e cae um passo ao digno da Virgem, signo propicio e benefico. Recebei influencias humanas.

de quem recebestes a humanidade. Perdoae-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santissima. Perdoae-nos por seus rogos, ou perdoae-nos por seus imperios; que, se como creatura vos pede por nós o perdão, como mãe vos póde mandar, e vos manda que nos perdoeis. Perdoae-nos enfim, para que a vosso exemplo perdoemos: perdoae-nos tambem a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor: *Dimitte nobis debita nostra sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Amen.*

SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA

IV

Chegara á Bahia a novo governador, primeiro vice-rei nomeado para o Brasil, D. Jorge de Mascarenhas, conde de Castelo Novo, por Felipe IV marquez de Montalvão — a 20 de Junho de 1640. Os navios holandezes que pilharam os engenhos do reconcaço tinham-se recolhido a Pernambuco e justas esperanças de dias melhores sorriam a Vieira. Na festa da Visitação de Nossa Senhora — o 2 de Julho portanto — sandou a D. Jorge de Mascarenhas do pulpito de Misericordia; e foi decerto este sermão politico que lhe deu a estima do vice-rei que havia de mandal-o á cõrte no ano seguinte, em missão que decidiu da sua carreira.

Revela-se na oração II da Visitação a padre Vieira o conselheiro dos governos, que seria no reino, prégando na Capela Real. A sua voz é mais ali de juiz ou procurador do pozio que de sacerdote e exegeta da Evangelho pede justiça, equidade, premios e castigos. A estes pede em frente ao cande da Torre, o vencido da armada das oitenta e seis velas; e parecia adivinhar. Pois aos 22 de Julho desse mesmo ano lhe retirava el-rei a titulo,

privava-o das comendas e empregos e mandava-o encerrar-se na Torre de S. Julião, como prisioneiro do Estado.

Vieira accusava na Bahia, e como que o ouvia em Madrid Felipe IV. "Elrei manda-os tomar Pernambuco e eles contentam-se com o tomar" . . .

SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA

Ut facta est vox salutatiōnis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo. Luc. I.

I

Viu o propheta Malachias em espirito aquella felicissima jornada, que havia de fazer do céo á terra o Redemptor e restaurador do mundo, e dando as boas novas a todos os homens, como a enfermos pelo peccado de Adão diz assim: *Orietur vobis Sol justitiæ, et sanitas in pennis ejus.* Alegra-te, enfermo genero humano, alegra-te e começa a esperar melhor de teus males, porque virá o Sol de justiça, e te trará a saude nas azas.

Cumprida temos hoje esta tão esperada prophecia, e cumprida se eu me não engano, em dois sentidos. (105)

(105) A vocação do «iluminismo», o gosto da profecia, a exegese do Apocalypse, uma certa inclinação para entender os obscuros magos, acompanharam pela vida afóra o prégador. Agravar-se-ia com a idade esse devaneio. O isolamento, a experiencia das desgraças do mundo e da pátria, o panorama da história, que em existencia tão dilatada lhe passou pelos olhos, deram-lhe paciencia e emoção para sonhar com a «Clavis Prophetarum», ultimo e largo trabalho que lhe encheu de sonhos a velhice... Tornar-se-ia com isso suspeito ao Santo Officio, desde a carta de consolação que escreveu á rainha, quando morreu D. João VI;

Tanto que o divino Sol de justiça, Christo, se vestiu da nuvem branca da nossa humanidade, tanto que tomou carne o Filho de Deus nas entranhas puríssimas da Virgem Maria, como elle era a intelligencia soberana, que movia aquelle céo animado, no me-mo ponto, diz o evan-

respondeu ás acusações dele em 1669; e insistiria, no prologo dos «*Sermões*», em 1679: «Só sentirei que este me falta para pôr a ultima mão aos quatro livros latinos de Regno Christi in terris co-summato, por outro nome, *Clavis Prophetarum*, em que se abre nova estrada á facil intelligencia dos Profetas, e tem sido o maior emprego dos meus estudos». (*Sermões*, 1.^a parte, introd., edição «princeps»). O Geral da Companhia ordenou-lhe que concluísse a obra (BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, I, 418). Mas se extraviou, e está perdida, conhecendo-se da «*Chave dos profetas*» apenas a parte ante-primeira, publicada em '718 com o titulo de «*Historia do Futuro*» (PEDRO CALMON, *O Crime de Antonio Vieira*, p. 116, S. Paulo, 1930).

Gregorio de Matos, embora amigo de Vieira e protegido de Bernardo e Gonçalo Ravasco, assim lhe ironizára o peior visionario:

Ouçam os sebastianistas
 Ao profeta da Bahia
 A mais alta astrologia
 Dos sabios gimnosofistas;
 Ouçam os anabatistas
 Da evangelica verdade,
 Que em computara claridade
 Digo em literal sentido,
 Que o rei por Deus prometido
 É quem? S. Magestade.

(GREGORIO, *Obras*, edição da Academia Brasileira, V, 125, Rio, 1930).

O grande talento do Padre teve de emendar algumas vezes, com edificante habilidade, previsões frustradas: isso aconteceu com a morte do ffilho del-rei D. Pedro II a quem augurára glorioso imperio. Supplicou o lóçero com a declaração de que acertára, pois mais cedo do que se podia supôr fôra o principe tomar conta, no céo, do maior dos imperios... (Vieira, *Cortas*, II, 386, edição de 1885).

gelista S. Lucas, que se partiu a Senhora para as montanhas de Judea: *Exurgens Maria abiit in montana; e acrescenta cum festinatione*, com passos mui apressados, porque nem á delicadeza da Donzella se lhe fizeram asperas as montanhas, nem á grandeza da Mãe de Deus lhe pareceram desautorizadas as pressas. Que errado que anda o mundo, e mais o nosso, em julgar e introduzir que os passos vagarosos sejam os mais autorizados! Se por vagares se perde o mundo todo, como pôde consistir a autoridade d'elle nos mesmos meios de sua perdição? Na fabrica deste universo que vemos, creou Deus o sol e a lua ao quarto dia, e não ao primeiro, diz S. Severino, porque como ainda então não havia creaturas que influir, nera hemispherio que allumiar, estiveram-se os planetas ociosos, e parados grave descredito de seus resplendores; que a quem Deus fez para Sol, não o fez para estar quieto. Foram formados aquellas duas tochas do céu, para com alternado imperio governarem o dia e a noite: *Luminare majus ut præsetet diem, luminare minus, ut præsetet noctem*. E como nasceram para todos, andam sem descansar em perpetua roda; que é gloriosa pensão do bem universal, correr e nunca estar parado. Por isso Christo hoje, assim como o sol material, tanto que recebeu a investidura dos raios, no mesmo instante partiu de carreira, e começou a fazer velocissimamente seu curso; assim o divino Sol de justiça tanto que se vestiu de nossa humanidade nas entranhas da Virgem Mãe, no mesmo ponto arrebatou aquella celestial esphera, e a levou ás montanhas com tanta pressa, com tão arrebatado curso, *cum festinatione*, que para o explicar Malachias na terra, houve de fingir um monstro no céu: *Orictur vobis Sol justitiæ et sanitas in pennis ejus*. Sol com azas! Quem negará que é uma resplandecente monstruosidade? E acrescenta com muita propriedade o propheta, que levará o Sol nas azas a saude,

porque a dar saude, e não a outro fim parte hoje o Redemptor com tanta pressa.

Estava a casa de Zacharias nesta occasião (para que fallemos com phrase de hospital) feita uma enfermaria de diversos males. O velho Zacharias havia seis mezes que emmudecera: S. Izabel sobre os da velhice padecia os achaques de pejada, e mais mortal que todos, o menino Baptista jazia enfermo do peccado original, reliquias daquelle antigo veneno, que dentro de uma maçã prohibida deu a serpente a nossos primeiros paes. Se por uma maçã tomada contra a vontade de seu dono se perdeu o mundo todo, que muito que se perca tanta parte d'elle em tempo que se toma tanto? Enfim, chegou a Senhora, que nunca tarda a quem a ha mister, e aos primeiros abraços que deu a S. Isabel, ás primeiras palavras de cortezia com que a saudou, ouviu-as o menino enfermo, e logo ficou são: *Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.* O' como quizera que entenderam daqui a pessoas soberanas, que com abraços, e com boas palavras podem dar vida! Se muitas vezes pela impossibilidade dos tempos é força que estejam as mãos fechadas, porque não estarão os braços abertos? E que avareza pôde ser mais cruel, que negar a vida a um homem, quem lh'a pôde dar com palavras? Tão alentado, tão alegre ficou o menino Baptista com as da soberana Princeza, que a saltos de prazer começou a inquietar o silencio das entranhas maternas, e quasi a sahir de si com alegria: *Exultavit infans in gaudio.* Montanheza cortezia parece receber a saltos uma Magestade tão soberana, mas accomodou-se o menino á estreiteza do logar, e não fez pouco, porque fez o que pôde.

Este foi o principal effeito que causou a entrada de Christo em casa de Zacharias, e semelhante a este é,

excellentissimo senhor, o estado em que se acha a Bahia, hoje alentada com a boa vinda, e alegre com a tão desejada presença de vossa excellencia. Solenizou-a esta cidade com menos alegrias sumptuosas, com menos festas publicas do que costuma, mas bem desculpa S. Isabel a falta destes applausos exteriores, que o prazer de S. João todo foi por dentro, e a alegria verdadeira toda é de entranhas: *Exultavit infans in utero*. Como levantaria arcos triumphaes a cabeça de uma provincia vencida, assolada, queimada, e por tantas vezes, e de tantas maneiras consumida? (106). Prudente se portou em suas alegrias esta cidade, por não desmentir seu estado, acomodou-se como S. João á estreiteza do tempo, e reservou os triumphos para o dia das victorias, que espera. Quanto mais, senhor, que nunca ninguem entrou por arcos triumphaes mais gloriosos, que quem foi recebido nos corações de todos.

Alegra-se pois o enfermo Brasil (e será o segundo sentido das palavras), porque vê tambem cunprida em si aquella prophecia, que havia de vir um Sol de justiça a restaural-o, que traria a saude nas azas. Que maior alegria para um enfermo afflicto, que luz e saude? A nenhum lhe importa mais uma e outra, que ao Brasil, porque não sei qual o tem posto sempre em maior perigo, se a enfermidade, se as trevas. As trevas cederão ao sol, a enfermidade obedecerá á saude, e como todo este bem nos vem com azas, certa será a melhoria. Curará a

(106) Linguagem semelhante usou a Camara da Bahia escrevendo a D. João IV, em 30 de Abril de 1641, ACCIOLI, *Mem. Hist.*, 2.^a ed., II, 22 not. O incêndio dos engenhos fôra juntamente a ruina dos proprietarios, e da cidade. Já PYRRO DE LAVAL, em 1610, notára: «que si n'étoit la grande quantité des sueres qui se fait au Brésil, il n'y auroit aucun moyen de vivre...» (*Poyage*, pag. 580, Paris, 1615).

diligencia o que danou a remissão, (107) e recuperará a pressa o que os vagares perderam. Muitas occasiões ha tido o Brasil de se restaurar, muitas vezes tivemos o remedio quasi entre as mãos, mas nunca o alcançamos, porque chegámos sempre um dia depois. Como havia de aproveitar a occasião a quem a tomou pela calva sempre? E como estamos tão lastimados das tardanças, o primeiro bom annuncio que temos, senhor, é sabermos que nos vem a saude nas azas, e que voando mais que correndo, partiu vossa excellencia a restaurar este estado, sem reparar nos novos inconvenientes que da ultima fortuna sobrevieram, nem em quão descahido está o Brasil das forças e do poder, com que vossa excellencia accitou a restauração d'elle. Aconteceu-lhe a vossa excellencia com o Brasil, o que a Christo com Lazaro. Chamaram-no para curar um enfermo: *Ecce quem amas infirmatur*: e quando chegou, foi-lhe necessario resuscitar um morto. Morto está o Brasil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cobertas de suas cinzas essas campanhas. E' verdade que nunca se viu esta provincia tão autorisada como agora, mas podem-lhe servir os titulos de epitaphios, que pois a vemos levantada a vice-reino (108) entre as mortalhas, bem se pôde dizer por ella tambem: que depois de ser morta foi rainha. (109)

(107) A referencia é á demora que houve no apresto da armada de D. Antonio de Oquendo (1631) e ao lazer em que ficára, na Bahia, o conde da Torre (1639), enquanto o inimigo se apertava e engrossava, e por isso venceu.

(108) Foi o Brasil elevado a vice-reino em virtude da alta posição do chefe holandês, o principe de Nassau, que o governador geral devia enfrentar. Depois de Montalvão, o outro vice-rei foi o conde de Obidos (28 de Junho de 1663-14 de Junho de 1667), e o terceiro, já no seculo seguinte, o marquês de Angeja (7 de Junho de 1714-21 de Agosto de 1718), cf. José de Moraes, *Hist. Atl. do Bras.*, pags. 148 e 163.

(109) *Lusiadas*, c. III, CNVIII.

Mas assim como S. João á voz da Senhora, assim como Lazaro á voz de Christo, assim resuscitará tambem o Brasil á voz e ao imperio de vossa excellencia, podendo dizer victorioso dentro em pouco tempo, o que disse Paulo Fabio crando no Senado: *Macedoniam in potestatem populi romani redegei, et quod bellum quatuor ante me consules ita gesserunt, ut sempre successoribus traderent gravius, id ego paucis diebus perfeci.* Restaurei a Macedonia, reduzindo-a á sujeição do imperio romano, diz o grande Fabio, e acabei felizmente em poucos dias aquella guerra que tinham governado quatro consules antes de mim, entregando-a sempre cada um a seu successor em peor estado. Quatro generaes tem governado a guerra do Brasil depois de occupado Pernambuco. (110) Grande conjectura de ser a enfermidade mortal, mudarmos tantas vezes a cabeceira! Todos foram capitães famosos, (111) todos se portaram com grande valor e prudencia militar, mas é desgraça levar o leme no tempo da tempestade; e quando o castigo é do céu, como o hão de resistir braços humanos? Passou-se a fortuna a Hollanda, nós a retirar,

(110) Foram os quatro: Matias de Albuquerque, D. Antonio de Oquendo, D. Luis de Rejas e o conde da Torre.

(111) A D. Antonio de Oquendo, 1577-1640, de apelido o Heros Cantabro, seria levantado monumento, em honra da bravura infeliz mas indomavel. vd. FRANCISCO LOPES ALEN, *Oquendo*, p. 49, San Sebastian, 1894.

Perdeu ele, em 1639, o combate das Dunas, no canal da Mancha, batidos os seus 67 navios, que levavam 25 mil homens, pela frota holandesa de Martin Herp Tromp, de 114 navios. Abundaram-se então 43 barcos espanhóes, com 600 peças e 6 mil vidas, D. FRANCISCO MANFONI, *Epanaphoras de varia historia*, edição Prestaage, p. 371. Salvou-se o almirante vencido, para, em seguida, ir morrer de desgosto na sua costa cantabrica, sendo aquelle o ultimo grande golpe que sofreu — nas mesmas aguas que enguliram a Invencivel Armada — o poder nautico dos Austrias. (CAMILLO MANFONI, *Storia dell'Olanda*, p. 280).

nós a decahir, nós a perder, de sorte que de quatro generaes valrosos, nenhum governou a guerra, que a não entregasse a seu successor em peor estado do que a recebera. Mas assim como a restauração de Macedonia estava reservada para o grande Fabio, assim espera a sua o Brasil do valorosissimo braço de vossa excellencia, tantas vezes armado, e tantas victorioso contra os inimigos da fé.

Para que se logrem melhor os felizes auspicios desta tão desejada saude, representarei eu hoje a vossa excellencia neste sermão o estado do nosso enfermo Brasil, as causas de sua enfermidade, e, do modo que souber, o remedio della. E porque nos não saiamos do Evangelho (ainda que os casos grandes escusam qualquer divertimento) irão as enfermidades do Brasil retratadas na doença de S. João, a quem a Virgem Maria hoje foi visitar e dar saude. Todos sabem que esta saude foi de graça. Pegamol-a ao divino Espirito por intercessão da mesma Senhora. *Ave Maria.*

II

Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans.

Começemos por esta ultima palavra. Bem sabem os que sabem a lingua latina, que esta palavra, *infans*, infante, quer dizer o que não falla. Neste estado estava o menino Baptista, quando a Senhora o visitou, e neste esteve o Brasil muitos annos, que foi, a meu ver, a maior occasião de seus males. Como o doente não póde fallar, toda a outra conjectura difficulta muito a medicina. Por isso Christo nenhum enfermo curou com mais difficuldade, e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em

curar um endemoninhado mudo: *Erat efficiens dæmonium, et illud erat mutum.* O peor accidente que teve o Brasil em sua enfermidade, foi o tolher-se-lhe a falla: muitas vezes se quiz queixar justamente, muitas vezes quiz pedir o remedio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta, ou o respeito, ou a violencia; e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem o devêra remediar, chegaram tambem as vozes do poder, e venceram os clamores da razão. Por esta causa serei eu hoje o interprete do nosso enfermo, já que a mim me coube em sorte: que tambem S. João não fallou por si, senão por bocca de S. Isabel. Na primeira informação da enfermidade consiste o acerto do remedio; e assim procurarei que seja muito verdadeira e muito desinteressada: fallaremos, já que nos é licito, para que se não diga do Brasil o que se disse da cidade de Amidas, que a perdeu o silencio: *Silentium Amidas perdidit.* E como a causa é geral, fallarei tambem geralmente, que não é razão, nem condição minha, que se procure o bem universal com offensas particulares.

III

A enfermidade do Brasil, senão, é como a do menino Baptista, peccado original. S. Thomaz, e os theologos, definem o peccado original com aquellas palavras tomadas de S. Anselmo: *Est privatio justitiæ debitæ;* que o peccado original é uma privação, uma falta de devida justiça. Bem sei de que justiça fallam os theologos, e o sentido em que entendem as palavras; mas a nós, que só buscamos a semelhança, servem-nos assim como soam. É pois a doença do Brasil, *privatio, justitiæ debitæ,* falta da devida justiça, assim da justiça punitiva, que castiga máus, como da justiça distributiva, que premia bons. Premio e castigo são os dois polos em que se revolve e

sustenta a conservação de qualquer monarchia e porque ambos estes faltaram sempre ao Brasil, por isso se arruinou e cahiu. Sem justiça não ha reino, nem provincia, nem cidade: nem ainda companhia de ladrões que possa conservar-se. Assim o prova S. Agostinho com autoridade de Scipião Africano, e o ensinam conformemente Tullio, Aristoteles, Platão, e todos os que escreveram de republica. Em quarto os romanos guardaram igualdade, ainda que nelles não era verdadeira virtude floresceu seu imperio, e foram senhores do mundo; porém tanto que a inteireza da justiça se foi corrompendo pouco a pouco, ao mesmo passo enfraqueceram as forças, desmaiaram os brios, e vieram pagar tributos os que o receberam de todas as gentes. Isto estão clamando todos os reinos com suas mudanças, todos os imperios com suas ruinas, o dos persas, o dos greges, e dos assirios. Mas, para que é cansar-me eu com repetir exemplos, se prego a auditorio catholico, e temos autoridade, de quê? *Regnum de gente ingentem transfertur propter injustitias*, diz o Espirito Santo no capitulo decimo do Ecclesiastico: Que a causa por que os reinos e as monarchias se não conservam debaixo do mesmo Senhor, a causa porque andam passando inconstantemente de umas nações a outras, como vemos, é *propter injustitias*, por injustiças. As injustiças da terra são as que abrem a porta á justiça do céu. E como as nações estranhas são a vara da ira divina, *Assur virga furoris mei*, com ellas nos castiga, com ellas nos desterra, com ellas nos priva da patria: que é muito antiga razão de estado da providencia de Deus, quando se não guarda justiça na sua vinha, dá-a a outros avradores: *Vincam suam locabit aliis agricolis*. Poi, se por injustiças se perdem os estados do mundo, se por injustiças os entrega Deus a nações estrangeiras, como poderíamos nós conservar o nosso, ou como o poderemos restaurar depois

de perdidos, senão fazendo justiça? O contrario seria resistir a Deus e porfiar contra a mesma fé.

Sem justiça se começou esta guerra, sem justiça se continuou, e por falta de justiça chegou ao miseravel estado em que vemos. Houve roubos, houve homicidios, houve desobediencias, houve outros delictos, muitos e enormes, que não sei se chegaram a tocar na religião; mas nunca houve castigo, nunca houve um rigor que fizesse exemplo. Muitos bandos se lançaram muito justos, muitas ordens se deram muito acertadas, mas, como disse Aristote'es, as leis não são boas, porque bem se mandam, senão porque bem se guardam. Que importa que fossem justos os bandos se não se guardavam mais, que se mandára o que se prohibia? Que importa que fossem acertadas as ordens, se nunca foi castigado quem as quebrou, e pôde ser que nem reprehendido? Baste por todo encarcencimento nesta materia, que em onze annos de guerra continua e infel'z, onde houve tantas rotas, tantas retiradas, tantas praças perdidas, nunca vimos um capitão, nem ainda um soldado, que com a vida o pagase. O' aprendamos, aprendamos se quer de nossos inimigos, que nesta ultima fortuna tão grande que tiveram, quando com um poder tão desigual nos derrotaram a maior armada que passou a linha; a dois capitães sabemos, que degollaram no Recife, (112) e a outros inhabilitaram com supplicios menos honrosos, só porque andaram remissos em acudir á sua obrigação. Pois se o inimigo quando ganha dá mortes de barato, se quando consegue o intento, se quando se vê victorioso sabe cortar cabeças; nós que sempre perdemos, e nem sempre por falta de poder, porque não atalharemos a novas perdas com castigo exemplar de quem

(112) Chamavam-se Rieke e Tolck, NETSCHER, *Les Hollandais au Brésil*, pag. 115; GARCIA, *Nota a Porto Seguro*, II, pag. 384. Ver FERRI MANUEL CALLADO, *O Valeroso Lucideno*, pag. 73.

fôr a causa? Porque ha de ser consequencia na guerra do Brasil, se me renderem passarei a Hespanha e despachar-me-hei? Ha solução mais indigna de hespanhoes? Ha razão mais indigna de catholicos?

Toda esta falta de castigo, toda esta remissão de culpa nasceu de uma razão de estado que cá se praticou quasi sempre: que se não hão de matar os homens em tempo que os havemos tanto mister: que não é bem que se perca em uma hora um soldado que se não faz senão em muitos annos: que justificar um homem porque matou outro, é curar uma chaga com outra chaga, e que se não remedeiam bem as perdas acrescentando-as: que a primeira maxima do governo é saber permittir, e que se ha de dissimular um dano, por não o evitar com outro maior: como se não fôra maior damno a destruição de toda a republica, que a morte de um particular, como se não fôra grande expediente resgatar com uma vida as vidas de todos: *Expedit ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.* Ah triste e miseravel Brasil, que porque esta razão de estado se praticou em ti, por isso és triste e miseravel! Não é miseravel a republica onde ha delictos, senão onde falta o castigo delles: que os reinos e os imperios não os arruinam os peccados por commettidos, senão por dissimulados. Dissimular com os maus, é mandar lles que o sejam, disse Seneca, e mais era gentio: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.* A conquistar dilatadissimas provincias caminhava Moysés, general dos israelitas, e não duvidou degollar de uma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na escriptura, porque entendia, como experimentado capitão, que mais lhe importava no seu exercito a observancia da justiça, que o numero dos soldados. Quem pelejou nunca no mundo com numero mais desigual que Judas Macabeu? É comtudo nem os exercitos de Appollonio nem os ardis de Seron, nem os

elephantes de Antiocho o poderam jámais vencer, antes elle sahiu sempre carregado de despojos e de victorias: porque? Porque primeiro tirava a espada contra os seus, e depois contra os inimigos. Pelejava com poucos soldados e mais vencia, porque poucos com justiça é grande exercito. Alagou Deus o mundo com o diluvio universal, e para restauração d'elle não guardou mais que Noé com tres filhos seus em una arca. Pois, senhor, parece que podemos replicar: quereis restaurar o mundo, quereil-o restituir a seu antigo estado, e para uma facção tão grande não guardaes mais de quatro homens em um navio? Sim: que depois de um castigo tão grande, depois de uma justiça tão exemplar, quatro homens e um só navio bastam para restaurar um mundo inteiro. Vêde se nos sobejaram sempre soldados para restaurar o Brasil, se nos não faltára a justiça.

IV

E não só é necessaria ao nosso enfermo esta justiça punitiva, que castiga malféitores, senão a outra parte da justiça distributiva, que premie liberalmente aos benemeritos. Assim como a medicina, diz Philo Hebreu, não só attende a purgar os humores nocivos, senão a alentar e alimentar o sujeito debilitado: assim a um exercito ou republica não lhe basta aquella parte da justiça, que com o rigor do castigo a alimpa dos vicios, como de perniciosos humores, senão que é tambem necessaria a outra parte, que com premios proporcionados ao merecimento esforce, sustente, e anime a esperanza dos homens. Por isso os romanos, tão entendidos na paz e na guerra, inventaram para os soldados os caraos civicas e muraes, as ovações, os triumphos, e outros premios militares, porque como o amor da vida é tão natural, quem se atreverá a arriscal-a intrepidamente, senão alentado com a esperanza do pre-

mio? Quando David quiz sahir a pelear com o gigante, perguntou primeiro: *Quid dabitur viro, que percusserit philisthaum hunc?* Que se ha de dar ao homem que matar este philisteu? Já naquelle tempo se não arriscava a vida, senão por seu justo preço, já então não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça. Necessario é logo que haja premios, para que haja soldados: e que aos premios se entre pela porta do merecimento: deem-se ao sangue derramado, e não ao herdado somente: deem-se ao valor, e não á valia; que depois que no mundo se introduziu venderem-se as honras militares, converteu-se a milicia em latrocinio, e vão os soldados á guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer; e animado; com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas: que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos taliz bordados anda dourada a colardia. Assim que, é necessario que haja Saues liberaes, para que se levantem Davids animosos; e muito mais necessario, que os premios se deem a quem disparar a funda e derrubar o gigante, e não a quem ficar olhando desdos arraiaes. nenhuns serviços paga sua magestade hoje com mais liberal mão, que os do Brasil, e comtudo a guerra enfraquece, e a reputação das armas cada vez em peor estado porque acontece nos despachos o de que ordinariamente se queixa o mundo, que os valerosos levam as feridas, e os venturosos os premios (113). Na Philosophia bem ordenada primeiro é a potencia e o acto,

(113) «...Memorias daquela arte ou desconcerto militar com que restauramos esta praça e defendemos tantas de Pernambuco», ainda acorriam ao padre, em 1691, *Cartas*, II, 323.

depois o habito; cá se olharmos para os peitos dos homens, acharemos muitos habitos e mui pensionados, onde nunca houve acto, nem ainda potencia. Desta desigualdade se segue, que o effeito dos premios militares vem a ser o contrario a si mesmo, porque em vez de com elles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das ballas a noutro a purpura das cruces? Como se alentará a padecer os trabalhos e perigos de uma campanha, se vê premiado a Jacob, que ficou em casa, e sem premio a Esaú, que correu os montes? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado, e ás setas de Esaú se nega a benção; se alcança mais este com o seu engano, que o outro com a sua verdade; quem haverá que trabalhe? Quem haverá que se arrisque? Quem haverá que peleje? Não ha duvida, que á vista de semelhantes mercês, dirão os valerosos, que vão errados; terão contricção do que deverão ter complacencia; arrepender-se-hão de seus brios, condenarão suas passadas finezas, e se chegarem a pelejar valentemente, será por desesperação; que não ha coisa que assim desespere os benemeritos, como ver os indignos premiados.

Mas muitas graças sejam dadas a Deus, que para remedio deste grande mal não só temos justiça na terra, senão justiça de sol, como diz Malachias: *Orietur vobis sol justitia*. Sol para allumiar, para conhecer, para distinguir; justiça para premiar com igualdade. Por isso eu lá dizia, que não sei qual lhe fez sempre maior mal ao Brasil, se a enfermidade, se as trevas. Muitas vezes prevaleceu o engano contra a verdade nesta guerra, muitas vezes luziu o que não era ouro, e foi tão injusta a fama, que trocou os nomes ás coisas e ás pessoas, e soaram

pelo mundo erradamente. O maior escandalo que tenho contra a natureza, é um que cada hora experimentamos na artilheria. Porque razão ha de fazer tanto estrondo uma peça que perdeu o pelouro, como outra que empregou o tiro? Ha maior injustiça, ha maior deformidade da natureza? A peça que acertou, sõe muito embora, atroe o mundo, estremeça a terra com seu estampido: mas a peça que errou, a peça que não fez nada, a peça que não fez mais que empobrecer os armazens d'el-rei sem proveito, porque ha de soar, porque ha de ser ouvida? Ainda tenho advertido mais nesta materia. Quando aqui estivemos sitiados no anno de trinta e oito, (114) tirava o inimigo muitas ballas ao baluarte de S. Antonio: os pelouros que acertavam, ficavam enterrados na trincheira, os que erravam, voavam por cima, vinham roncando os ares com grande ruido, e os que andavam por estas ruas, aqui se abaixava um, acolá se abaixava outro, e muita gente lhes fazia cortezias demasiadas, (115) De sorte que o pelouro que errou, esse fazia os estrondos, a esse se faziam as reverencias: e o outro que acertou, o outro que fez sua obrigação, esse ficava enterrado. Ah quantos exemplos destes se acharam na guerra do Brasil! Quantos foram mais venturosos com seus erros, que outros com seus acertos? Algum que sempre errou, que nunca fez coisa boa, nomeado, applaudido, premiado: e o que acertou, o que trabalhou, o que subiu a trincheira, o que deramou o sangue, enterrado, esquecido, posto a um canto.

(114) Ver o primeiro Sermão de Santo Antonio.

(115) Por tres dias (17-19 de Abril) bombardeara o inimigo as trincheiras de Santo Antonio, que investiu no dia 21, sem resultado. O terrivel canhoneio — a que allude Vieira — recommçou a 9 de Maio, já respondido pela bateria portugueza montada na Sé pelo tenente-general Francisco Pires do Souto.

(116) Importa pois que não roube a negociação o que se deve ao merecimento; que se desenterrém os talentos escondidos, que sepultou a fortuna, ou a semi-razão; que não haja benemerito que não seja bem afortunado; que se corte a lingua á fama, se fôr injusta; que se qualifiquem papéis, que se examinem certidões, que nem todas são verdadeiras. Se foram verdadeiras todas as certidões dos soldados do Brasil, se aquellas rumas de façanhas em papel foram conformes a seus originaes, que mais queriamos nós? Já não houvera Hollanda, nem França, nem Turquia; todo o mundo fóra nosso.

V

Não pretendo dizer com isto que não merecem muito os soldados desta guerra, porque antes tenho para mim, como é opinião de todos, que não ha soldados no mundo, nem que mais valentes sejam, nem que mais sirvam, nem que mais trabalhem, nem que mais mereçam. Já outra vez tive este pensamento, e agora me torno a confirmar mais nelle, que para se despacharem os soldados do Brasil, principalmente os que andam em campanha, não tem necessidade de mais certidão, que tomar o capítulo onze da segunda Epistola de S. Paulo aos Corinthios, firmada e jurada por seus generaes, que bem o poderão fazer sem nenhuma escrupulo. Faz alli o apostolo uma ladainha mui comprida de seus serviços e trabalhos, e diz assim: *In laboribus plurimis, in carceribus abundantius, in plagis*

(116) D. FRANCISCO MANOEL, no seu livro em defesa da restauração, exprobaria a Felipe IV as injustiças sofridas pelos capitães portuguezes, a começar por Diogo Luis de Oliveira, que morreu no carcere, apezar de ter sido mestre de campo general de Cantabria, etc. *Eccæ Polytica*, p. 12, Lisboa, 1645.

supra modum, in mortibus frequenter, etc. Demol-o por lido, e vamos applicando. *In laboribus plurimus*; que soldados padecem no mundo maiores trabalhos, que os do Brasil? *In carceribus abundantius*; tambem muitas vezes são prisioneiros, e nas prisões nenhuns mais cruelmente tratados que elles. *In plagis supra modum*; quantas sejam as feridas que recebem, e quão continuas bem o dizem esses hospitaes, bem o dizem essas campanhas, e tambem os peitos vivos o podem dizer, que apenas se achará algum, que não ande feito um crivo. *In mortibus frequenter*; frequentemente mortos, porque não ha guerra no mundo, onde se morra tão frequentemente, como na do Brasil, de dia e de noite, no inverno e no verão, na trincheira e na campanha, nas nossas terras e nas do inimigo, e agora nesta jornada ultima e milagrosa. (117) orde se não deu quartel, o mesmo foi ser ferido, que morto, deixando os amigos aos amigos, e os irmãos aos irmãos por mais não poderem, ficando os miseraveis feridos nesses matos, nessas estradas, sem cura, sem remedio, sem companhia, para serem mortos a sangue frio, e cruelmente despedaçados dos alfanges holandezes, pelo rei, pela patria, pela honra, pela religião, pela fé. Ó valerosos soldados, que de boa vontade me delivera eu agora convosco prégando vossas gloriosas exequias, mas vou

(117) Foi Vieira deste modo quem primeiro a comemorou — cunhando em formoso estilo a medalha imortal — a retirada de Luis Barbalho... «jornada ultima e milagrosa». Celebrada Dom FRANCISCO MANOEL como digna dos gregos (*Espana/horas de varia historia portuguesa*, Lisboa, 1660, 2.ª ed., com. por Edgar Prestage, Coimbra, 1930, pag. 495); Frei MANOEL CALLADO, *O Valeroso Luculeno*, pags. 73-4, Lisboa, 1663, e *Castioto Lusitano*, pag. 165, Lisboa, 1679, copiado por FRA GIUSEPPE DE SANTA TERESA, *Istorie delle Guerre del Regno del Brasile accadute tra la corona de Portogallo e la Republica di Olanda*, pag. 217, Roma, 1698, que enquadram na história classica o feito de Barbalho.

depressa seguindo aos que vos deixam, perdoae-me. *In itineribus sæpe*; quem andou nunca, nem ainda correu com a imaginação os caminhos que fazem estes soldados? D'aqui a Pernambuco, d'aqui á Paraíba, d'aqui ao Rio Grande, e mais abaixo, por sertões (118) de trezentas e quatrocentas legoas, levando sempre as munições ás costas, e os mantimentos nos ferros dos cluços, e nas boccas dos arcabuzes. *Periculis fluminum*; atravessando rios, tantos e tão caudalosos, sem barca, sem ponte mais que os braços, e a industria para os passar. *Periculis latronum*; salindo-lhes os ladrões a cada passo. *Periculis ex genere*; sendo he panhões, a quem os holandezes teem mortal odio. *Periculis ex gentibus*; arriscados a mil emboscadas do gentio rebelde. *Periculis in civitate*; com perigos na cidade, como o que tiveram nesta, quando a prego de tantas vidas a defenderam valerosamente. *Periculis in solitudine*, com perigos no deserto, porque são vastissimos os despovoados que passam, sem casa, sem gente, e muitas vezes sem rasto de fera, nem de animal, mais que o céu e terra. *Periculis in mari*; com perigos no mar, que ainda que atégora os não havia, bem se sabe quão grandes foram os que se padeceram na armada, e ainda não se sabe tudo. *Periculis in falsis fratribus*; com perigos de falsos irmãos, porque nem com os nossos portuguezes estão segutos na campanha, que o temor da morte

(118) Sertões — como lhes chamaria Euclides da Cunha — é o nome que dá Vieira, talvez o primeiro nisto, ao bruto interior do país. Viria, a palavra, de desertão, como pensou KOSTER, *Voyages dans la partie septentrionale*, Pref., trad. franc., Paris, 1821? E' anterior ao Brasil: «... desta terra contra lo certam...», livro de DUARTE BARBOSA, 1515, *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*, p. 242, L. 3.ª, 1812, fórma com que nos veio, logo transformada em «sertão», GABRIEL SOARES, *Tratado Descritivo*, edição Varnhagen, p. 351...

os obriga a descobrir muitas vezes o que não deveram *In frigore, et nuditate*; nós, despidos, descalços, ao sol, ao frio, á chuva, ás inclemencias dos ares deste clima, que são os mais agudos que se sabem. *In fame, et siti, in jejuniis nullis*; jejuando, e padecendo as mais extraordinarias fomes e sedes, que nunca supportaram corpos mortaes sustentando a triste e arimosa vida com as ervas do campo, com as raizes das arvores, com os bichos do mato, com as fructas agrestes e venenosas, e tendo-se por mui regalados, se chegavam a arrancar para comer meia libra de carne de cavallo. Ha mais invencivel paciencia? Ha mais dura e pertinaz constancia? Se isto sabeis, hollandezes, em que fundaes vossas esperanças, como não desistis da empreza, como não desmaiades, como não vos ídes? Tende os soldados de Julio Cesar sitiada a cidade de Dyrrachio, chegaram a comer não sei que pão feito de ervas, mas pão enfim; o qual como o visse Pompeo, que era o capitão sitiado, primeiramente disse, que elle pelejava com feras e não com homens; e logo mandou que aquelle pão não apparecesse, porque se o vissem seus soldados, sem duvida desmaiariam e não se atreveriam a resistir a gente de tanta constancia e pertinacia. *Ne visa patientia, et pertinacia hosti, omni suorum frangerentur*, diz Suctonio. Bem digo eu logo, hollandezes, se vêdes o pão com que se sustentam nossos soldados, de cujo veneno morreram em uma noite mais de vinte, se vêdes esta paciencia, esta constancia, esta pertinacia, como vos atreveis a pelejar com tal gente, como se vos não quebram os animos, como não desistis da empreza? Mas agora o fareis, agora o verenos com o favor divino, que já é chegado o tempo.

Por tudo isto dizia S. Paulo: *plus omnibus laboravi*: Que trabalhou mais que todos os apostolos: e pela mesma razão digo eu dos soldados do Brasil: *Plus omnibus la-*

boraverunt: Que trabalharam, e trabalham mais que todos os soldados do mundo, e se mais que todos trabalham, bem merecem ser premiados mais que todos. Mas, *ó fortuna viris incida fortibus!* dizia Hercules. O' fortuna sempre invejosa, aos varões fortes! Bem experimentam nossos soldados, que se ajuntam poucas vezes valor e fortuna, porque assim como são valentes mais que todos, assim são mais que todos desgraçados. Não ha infantaria no mundo, nem mais mal paga nem mais mal assistida (119): é possível que hão de andar descalços e despidos mis corpos tão ricos de valor! Descalços e despidos os soldados do rei das Hespanhas, do mais poderoso monarcha do mundo! Bem sabemos a quanta estreiteza está reduzida a fazenda real no tempo presente, mas quando el-rei neste estado não tivera outra coisa, a camisa (como dizem) havia de tirar para vestir taes soldados. Nenhum monarcha do mundo chegou nunca a tanta pobreza, como Christo Redemptor nosso na cruz; e contudo, tanto que se viu com o titulo de rei sobre a cabeça: *Rei judaorum*, não só os vestidos exteriores, senão a tunica interior deu aos soldados: e não a soldados que defendiam a fé, senão a soldados que crucificavam a Christo: *Milites ergo cum crucifixissent eum, acceperunt vestimenta ejus, et tunicam.* E que fizeram esses soldados logo? Tomaram os vestidos do Senhor, e puzeram-se a jogal-os. Pois se o verdadeiro Rei se despe para que os soldados tenham que jogar, quanto mais se deve despir, para que tenham que vestir? E mais quando elles são tão valentes e tão briosos, que andando não rotos e tão despidos, que poderam ter esquecido o vestir, nem por isso se esquecem do investir. E certo, senhores, para que digamos e confessemos tudo.

(119) Conf. MIRALLES, *Hist. do Brus.*, pag. 31.

não haveria muito de que nos espantar, quando assim o fizeram. Quando Deus perguntou a Adão, porque se escondêra no bosque do paraizo, respondeu elle: *Timui, eo quod nudus essem, et abscondi me*: Senhor, olhei para mim, vi-me despido, por isso temi, e me escondi. O mesmo puderam fazer os soldados desta guerra, temerem e esconderem-se na occasião, e quando lhes perguntassem porque? Responder: *Timui, eo quod nudus essem, et abscondi me*: Escondi-me em um mato, temi a morte, não quiz pelear com os hollandezes, porque quando olha para mim, vejo-me despido, e não quero dar o sangue por quem não me dá de vestir. Isto puderam dizer os nossos soldados como filhos de Adão, mas como filhos e descendentes daquelles portuguezes famosos, pelear, trabalham, cançam, morrem, e quando olham para si, como andam despidos, veem-se a si, e fazem como quem são. Ha maior fineza? Ha maior constancia? Ha maior fidelidade? Portugueza enfim. Lá Jacob um dia que se viu favorecido de Deus, sah'u com um voto, e disse desta maneira: *Si dederit mihi panem ad vescendum, et vestimentum ad induendum, erit mihi Dominus in Deum*: Se Deus me der pão para comer, e roupa para vestir, eu faço voto a sua divina magestade de o servir como a meu Senhor. Vós passaes pelo descanso da condição, pela valentia da promessa? Pois este era aquelle famoso Jacob, a quem se lançavam escadas do céu á terra, a quem o mesmo Deus vigiava o somno. Para que conheça Hespanha, para que conheça nosso grande monarcha quanto mais deve aos fidelissimos soldados desta guerra, pois com as obras e com o sangue prometteram sempre a vizes, que haviam de servir a seu rei, e morrer por elle, ainda que nunca lhes dêsse de comer nem de vestir.

E se sem vestir, e sem comer, obraram atêqui tão valerosamente, agora que a cuidadosa providencia do Marquez vice-rei, que Deus guarde, de nenhuma coisa mais

tratou, que de trazer com que de vestir e sustentar esta infantaria; que farão ou que não farão? Que não farão agradecidos, se tanto fizeram descontentes? Que não merecerão trabalhando os que trabalharam tanto sem merecer? Não ha duvida que alentados os bons, que serão os mais, com o premio; e refreados os maus, que serão os menos, com o castigo. entre as resistencias do temor, e os impulsos da esperanza. tomará o Brasil em si, e de baixo das azas de uma e outra justiça, recobrará a perfeita saúde que tanto lhe desejamos.

VI

Mas como a experiencia ensina, que para a saúde ser segura e firme, não basta sobressarar a enfermidade, senão se arrancam as raizes, e se cortam as causas della; é necessario vermos ultimamente, quaes são, e quaes foram as causas desta enfermidade do Brasil. A causa da enfermidade do Brasil, bem examinada é a mesma que a do peccado original. Poz Deus no paraizo terreal a nosso pae Adão, mandando-lhe que o guardasse e trabalhasse: *Ut operatur, et custodiret*: e elle parecendo-lhe melhor o guardar que o trabalhar, lançou mão á arvore vedada, tomou o pomo que não era seu, e perdeu a justiça, em que vivia para si, e para o genero humano. Esta foi a origem do peccado original, e esta é a causa original das doenças do Brasil, tomar o alheio, cubicas, interesses, ganhos, e conveniencias particulares, por onde a justiça se não guarda, e o estado se perde. Perde-se o Brasil, senhor (digamol-o em uma palavra), porque alguns ministros de sua magestade não veem cá buscar nosso bem, veem cá buscar nossos bens. Assim como dissemos que se perden o mundo, porque Adão fez só ametade do que

Deus lhe mandou, em sentido averso, guardar sim, trabalhar não; assim podemos dizer, que se perde tambem o Brasil, porque alguns de seus ministros não fazem mais que ametade do que el-rei lhes manda. El-rei manda-os tomar Pernambuco, e elles contentam-se com o tomar. Se um só homem que tomou, perdeu o mundo, tantos homens a tomar, como não hão de perder um estado? Este tomar o alheio, ou seja o do rei, ou o dos povos, é a origem da doença: e as varias artes e modos, e instrumentos de tomar, são os symptomas, que, sendo de sua natureza mui perigosa, a fazem por momentos mais mortal. E senão, pergunto, para que as causas dos symptomas se conheçam melhor: Toma nesta terra o ministro da justiça? Sim, toma. Toma o ministro da fazenda? Sim, toma. Toma o ministro da Republica? Sim, toma. Toma o ministro da milicia? Sim, toma. Toma o ministro do estado? Sim, toma. E con.o tantos symptomas lhe sobrevêm ao pobre enfermo, e todos accommettem á cabeça, e ao coração, que são as partes mais vitaes, e todos são attractivos e contractivos do dinheiro, que é o nervo dos exercitos e das republicas, fica tomado todo o corpo e tollido de pés e mãos, sem haver mão esquerda que castigue, nem mão direita que premie; e faltando a justiça punitiva para expellir os humores nocivos, e a distributiva para alentar e alimentar o sujeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veias, milagre é que não tenha expirado.

Como se havia de restaurar o Brasil (não fallo de hontem, nem de hoje, que a enfermidade é muito antiga, ainda mal) como se havia de restaurar o Brasil, se ia o capitão levantar uma companhia pelos logares de fóra, e por não lhe fugirem os soldados, trazia-os na algibeira? E como apoz este ia logo outro do mesmo humor, que os trazia igualmente arrecadados, houve pobre homem

nestes arredores, que sem sair da Bahia, como se quatro vezes fôra a Argel, quatro vezes se resgatou com o seu dinheiro. Como se havia de restaurar o Brasil, se os mantimentos se abarcavam com mão d'el-rei, e talvez os vendiam seus ministros, ou os ministros de seus ministros (que não ha Adão que não tenha sua Eva), pondo os preços ás coisas a cubica de quem vendia, e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brasil, se os navios que sustentam o commercio, e enriquecem a terra, haviam de comprar o descarregar, e o dar querena, e o carregar, e o partir, e não sei se tambem os ventos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão de infantaria por comer as praças aos soldados, os absolvía das guardas, e das outras obrigações militares, envilecendo-se em officios mechanicos, os animos que hão de ser nobres e generosos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão de mar e guerra (120) fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxarvias, as velas, as antenas, e se não vendeu o lastro do galeão, foi porque não achou quem lh'o comprasse? E como, mais ou menos por nossos peccados, sempre houve no Brasil alguns ministros destas qualidações, que importava que os generaes illustrissimos fossem tão puros como o sol, e tão incorruptiveis como os orbes celestes? Digo isto, porque sei que o vulgo é monstro de muitas cabeças, que não se governa por verdade, nem por razão, e se atreve a pôr a bocca no mesmo céu, sem perdoar nem guardar decore ainda ao maior planeta. O certo é que muitas coisas se dizem, que não são, e ha successores de Pilatos no mundo, que por se lavarem as mãos a si, lançam as culpas a cabeça. Que haviam as cabeças de executar mene-

(120) Devia ser Marcel Martins Pinto, cuja patente de capitão de mar e guerra se lê nos *Documentos Historicos*, XVIII, páginas 139-42.

ando-se com taes mãos, e obraudo com taes instrumentos? Desfazia-se o povo em tributos, e mais tributos, em imposições, e mais imposições, em donativos, e mais donativos, em esmolas, e mais esmolas, (que até á humildade deste nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a co-biça), e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada apparecia. Porque? Porque o dinheiro não passava *das* mãos por onde passava. Muito deu em seu tempo Pernambuco: muito deu, e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brasil, tira-se do Brasil; o Brasil o dá, Portugal o leva.

VII

Com terem tão pouco do céu os ministros que isto fazem, temol-os retratados nas nuvens. Apparece uma nuvem no meio daquella Bahia, lança uma manga ao mar, vae sorvendo por occulto segredo da natureza grande quantidade de agua, e depois que está bem cheia, depois que está bem carregada, dá-lhe o vento, e vae chover d'aqui a trinta, d'aqui a cincoenta legoas. Pois, nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Bahia tomaste essa agua, se na Bahia te encheste, porque não choves tambem na Bahia? Se a tiraste de nós, porque a não despendes connosco? (121) Se a roubaste a nossos mares, porque a não restitues a nossos campos? Taes como isto são muitas vezes os ministros que veem ao Brasil, e é fortuna geral das partes ultramarinas. Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da linha, onde diz que tambem refervem as consciencias, e em chegando, *verbi gratia*, a

(121) Escrevendo a el-rei em 1654, ins stia Vieira pela nomeação de governadores brasileiros, se se desfrutarem a herdade serão como donos e não como rendeiros, que é o que fazem os que vêm de Portugal» (Cortas, I, 114).

esta Bahia, não fazem mais que chapar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios occultos, mas sabidos), e ao cabo de tres ou quatro annos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a agua que era nossa, abrem as azas ao vento, e vão chover a Lisboa, desperdiçar a Madrid. Por isso nada lhe luz ao Brasil, por mais que dê, nada lhe monta, e nada lhe aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos é, que a agua que por lá chovem e desperdiçam as nuvens, não é tirada da abundancia do mar, como n'outro tempo, senão das lagrimas do miseravel, e dos suores do pobre, que não sei como atura já tanto a constancia e fidelidade destes vassallos. Tenho reparado muito, que em nenhum tormento da paixão desceu anjo do céu a confortar a Christo senão quando suou no Horto. Pois porque mais nos suores do Horto, que nos açóites da columna, nos tormentos da cruz, ou n'outro daquelles trances rigorosissimos? Os porquês de Deus são só a elle manifestos. Mas o que elle nos revelou daquelle caso, é que suou, e que suou pela saude, pela vida, e pela glorificação dos homens. E que hajam de viver outros á custa do meu suor! Que haja de suar eu para que outros vivam! Que haja de suar eu para que outros triumphem! E' um ponto tão rigoroso, considerado humanamente, como Christo então o considerava, é um ponto tão rigoroso, é um trance tão apertado, que até o coração de um Homem Deus parece que ha mister que venha um anjo do céu a o confortar, que não ha forças na natureza, nem cabedal para tanto. Muitos trances destes tens padecido, desgraçado Brasil, muitos de desfizeram para se lazerem, muitos edificam palacios com os pedaços de tuas ruínas, muitos comem o seu pão, ou o pão não seu, com o suor do teu rosto: elles ricos, tu pobre: elles salvos, tu em perigo: elles por ti vivendo em prosperidade, tu por elles a risco

de expirar. Mas agora alegre-te, anima-te, torna em ti, e dá graças a Deus, que já por mercê sua estamos em tempo, que, se concorrermos com o nosso suor, ha de ser para nossa saude. Pelo que, senhores, vós os que governaes a republica, não atenteis só para a fraqueza do enfermô, que bem vemos quão pouca substancia tem, e quão debilitado está, mas ollhae muito para o bem da saude, e para a importancia do remedio. O doente que quer sarar, levado do amor da vida, nada põe por diante, em nada repara; por asperos que sejam os medicamentos, a tudo fecha os oltos. Bem sei que se hão de ouvir ais, bem sei que se hão de ouvir gemidos, e muito justos, mas compadecer, e cortar (como seja com a igualdade e moderação devida) que ser nesta parte cruel, é a maior piedade. Anime-se, pois, a fidelidade e liberalidade deste nobre povo a se socorrer e ajudar nesta causa tão justa e tão sua, estando muy certo e seguro, que se der o suor, se der o sangue, não ha de ser para que outros vivam e triumphem, senão para que nós vivamos e triumphemos de nossos inimigos. Tudo o que der a Bahia, para a Bahia ha de ser: tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se ha de gastar. (122)

VIII

E porque sei de certo que assim o havemos de ver, como digo, quero acabar este sermão com uma prophacia alegre, fundada na mesma verdade, e é, que desta vez se ha de restaurar o Brasil. Deem-me licença para que pondere um logar, que hoje tudo foram palavras, mas

(122) Citando este trecho, escreveu AFRANIO PEIXOTO: «De um português, nesse colonial século XVII, é a maior expressão do nosso nacionalismo, em todos os tempos». (*Noções de Historia da Literatura Brasileira*, pag. 156, Rio, 1931).

foi necessario dizer muito: outro dia prégaremos pensamentos. *Sacramento eucharistiae totus mundus subjugatus est*, diz S. Eligio, na homilia onze, e é autoridade nmi recebida de toda a Igreja, que com o Santissimo Sacramento da Eucharistia sujeitou Christo, e restaurou o mundo. Na Cruz alcançou a primeira victoria; mas com o sacramento de seu corpo e sangue foi restaurado e restituído a seu imperio quanto o demonio lhe tinha tyrantizado. Ora examinemos, e saibamos porque mais com o sacramento da eucharistia, que com outro mysterio. Christo nascido, Christo morto, Christo ressuscitado não podéra restaurar o mundo? Pois porque mais Christo sacramentado? Porque se tomou por instrumento desta restauração o mysterio sagrado da eucharistia? Lavremos um diamante com outro diamante, e expliquemos um santo com outro santo. S. Thomaz fallando do santissimo sacramento do altar, nota uma coisa muito digna de ponderação, e é, que neste soberano mysterio quanto Christo recebeu de nós, tudo depende commosco: *Et hoc insuper quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem*. Que recebeu Christo de nós na encarnação? Recebeu a carne, e recebeu o sangue. E que nos dá Christo na Eucharistia? Dá-nos essa mesma carne na hostia, dá-nos esse mesmo sangue no calix. E este soberano Principe é tão justo, e tão desinteressado, que quanto recebe de nós, tudo depende commosco, e quanto toma dos homens, tudo gasta com os homens para sua sustentação e proveito: *Quod de nostro assumpsit totum nobis contulit ad salutem*. Logo com muito fundamento ao mysterio em que exercita esta grande acção, mais que a nenhum outro se deve e se attribue a restauração do mundo: *Sacramento eucharistiae totus mundus subjugatus est*: que em se dependendo com os homens tudo o que se recebe dos homens; em se gastando em beneficio do povo tudo o

que do povo se tira (como daqui por diante se ha de fazer), logo a restauração está certa, e a victoria segura.

Tenho provada a minha prophecia? Pois ainda a confirmo com outra razão, e vac por conta dos enfermos deste hospital, os quaes me pediram dêsse as graças ao Senhor marquez, da piedade tão christã, e zelo verdadeiramente de pae de soldados, com que a primeira acção que sua excellencia fez em saltando em terra, foi mandar chamar o provedor e irmãos desta santa casa, (123) e sendo informado do aperto em que estavam os doentes, e as misérias que padeciam, ordenar que se fizesse novo hospital, (124) e que com toda a caridade e liberalidade se acudisse á saude e regalo destes pobres enfermos. Desta acção infiro eu, e confirmo, que é chegada a restauração do Brasil, e vêde se o provo. Mandou S. João Baptista uma embaixada a Christo por dois discipulos de sua escola, em que dizia assim: *Tu es qui venturus es. an alium expectamus?* Sois vós, Senhor, o que haveis de vir restaurar-nos, ou houvemos de esperar ainda por outro? Não

(123) Observe-se que o pai do prégador, Cristovão Ravasco, nomeado *Escrivão do Tesouro* em 1635 (*Documentos Historicos*, XVI, 307) morava por esse tempo em casas da Misericordia, cf. *Libro de Segredos da Mis da Bahia*, f. 7, ms. inéd.

— Na mesma igreja dísseira Vieira, em 1638, o seu célebre sermão «dos enforcados».

(124) As obras prometidas por Montalvão parece que não se fizeram, pois a reforma do hospital, com o engrandecimento que teve, data de 1654. Não figura o primeiro vice-rei entre os benefactores da Casa, cf. DAMAZIO, *Tombamento dos bens da Misericordia da Bahia*, pag. 23, Bahia, 1862. — O antigo hospital fôra levantado nos primeiros tempos da cidade e aumentada com ella. Era já importante edificio em 1587, quando o descreveu GABRIEL SOARES, *Tratado Descríptico*, pag. 119. Mais pela falta de medicos, que de enfermaria, soffia a praça. Em 1638, contam os cronistas, a impericia dos facultativos apressou a morte a numerosos feridos dos combates de Abril-Maio...

puderam perguntar mais a proposito, se nós ditarmos a pergunta. Nenhuma coisa lhes respondeu Christo de palavra, manda buscar pela terra os cegos, os surdos, os mancos, os leprosos, em fim, quantos enfermos se puderam achar, e depois de os curar a todos, virou-se então para os embaixadores, e disse: *Renuntiate Joani quæ audistis, et vidistis.* Ide, dizei a João o que ouvistes e visteis. Pois, Senhor, com licença vossa, esta resposta parece que não diz com a pergunta. Perguntam-vos se sois o Messias esperado, perguntam-vos se sois vós o que haveis de restaurar o mundo, e por resposta pondeis-vos a curar enfermos? Sim, com muita razão, diz S. Cyrillo: *Ut congrua ratione summentes fidem ipsius, ad eum revertantur, qui misit eos.* Poz-se Christo a curar enfermos diante dos embaixadores do Baptista, para que desta acção que lhe viam fazer, cressem e inferissem por boa razão, que elle era o Restaurador do mundo, por quem perguntavam. Este Senhor trata de curar enfermos: *Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mandantur?* Logo elle é o que ha de restaurar o mundo: *Tu es qui venturus es;* porque não ha conjectura mais verdadeira, nem consequencia mais formal de ser Restaurador, que ter grande cuidado dos enfermos, e tratar destas obras de misericordia.

E senão diga-nos o nosso evangelho, qual foi a primeira acção que fez no mundo o Redemptor e Restaurador d'elle? A primeira acção que Christo fez em pondo o pé em terra, foi partir-se para as montanhas de Judéa, a curar, como dissemos, um menino enfermo. Não é phrase minha, senão do cardeal Toledo, que fecha e confirma todo este discurso: *Mira Christi, et Matris visitatio actualit Joanni peccati medicinam.* Esta visita de Christo, e sua Mãe Santíssima, foi como visita de Medico soberano, que curou a enfermidade de S. João, e lhe trouxe a medicina do peccado. Tão proprio é de quem ha de res-

taurar mundos, consagrar a primeira acção á cura e ao remedio dos enfermos. Mas como não são menos de Deus os fins que os principios, e nas prophcias e prognosticos humanos nos ensina a fé a dizer, Deus sobre tudo peçamos á divina Magestade seja servido prosperar-nos estas tão bem fundadas esperanças, e ouvir os suspiros e gemidos já caçados deste enfermo e afflicto Brasil. E para que mais efficazmente alcancemos o desejado despacho desta tão justa petição, tomemos por valedora a Virgem Mãe do mesmo Deus, por quem hoje se começou a dispensar a primeira graça, para que nos alcance esta, offerecendo-lhe tres Ave Marias.

SERMÃO DO DIA DE REIS

A 6 de Janeiro de 1641, na igreja do Collegio, foram dadas graças a Deus pelas vitórias alcançadas sobre o inimigo holandez, desde que, ha seis mezes, governava o Brasil o Marquez de Montalvão. Prometora Vieira, no sermão de 2 de Julho, que havia de restaurar-se o Estado com o novo vice-rei; e agora o festejava, com as noticias de que, por toda parte, recuperavam os luso-brasileiros tempo e territorio perdidos.

Realmente, fôra o belga repellido no Rio Real (Julho-Agosto de 1640); depredára Camamú, mas retirára com pezados dânnos do Espirito Santo (29-30 de Outubro), e andava no ar uma negociação, entre Nassau e Montalvão, especie de treguas lucitas, para que os "campainhistas" da Bahia não mais entrassem pelos engenhos pernambucanos, emquanto respeitaria o príncipe aos ecclesiasticos da terra conquistada. Estes eram os successos — bem diversos por certo das ameaças, dos sustos e do desânimo que oprimiram a capital em Abril e Maio de 1640: (Docs. na Revista do Inst. Archeol. Pernamb., n. 34).

Gratulatorio, o sermão do dia de Reis do anno de 1641, politico como o anterior da Visitação de Nossa Senhora, tem o seu interesse profetico. Evocara portugêsmemente a el-rei D. Sebastião o padre Vieira, um mez

e seis dias depois do levantamento dos quarenta fidalgos, que restituiram a Portugal a independencia: os nãos deste fato chegaram á Bahia a 15 de Fevereiro de 1641.

Tinha razão D. Francisco Manoel, quando, a proposito dos disturbios de Evora, alludira aos padres jesuitas: "... dizem que tacitamente contribuiam ás esperanças de alguma novidade..." (Edição Prestage, das "panaphoras de Varia Historia", p. 27, Coimbra, 1931).

Não figura o sermão do Dia de Reis na edição primeira; só aparece na de 1748, que publicou o padre André de Barros. Atribue J. Lucio d'Azevedo a omissão áquella passagem, em que celebrava o "invictissimo Felippe IV..." (Historia de Antonio Vieira, I, 55).

SERMÃO DO DIA DE REIS

PRÉGADO NO COLLEGIO DA BAHIA, EM 1641.

Procidentes adoraverunt Eum, et aper-
tis thesauris suis, obtulerunt ei munera, au-
rum, thus, et myrrham. — Matth., II.

Tres dons se offercem hoje (excellentissimo Senhor). Tres dons se offercem hoje, e tres tributos se pagam nesta Igreja. O primeiro tributo pagam os Reis orientaes a Christo nascido, prostradas as corôas e os thesouros á Magestade humilde de seu Presepio. Offercem ouro, incenso, e myrrha, tres dons, como diz S. Gregorio, com tres mysterios. (125) O ouro a Christo, como a Rei; o incenso, como a Deus; a myrrha, como a mortal. O' que offertas tão de reis, e tão para rei! Para um rei se conservar seguro entre os principios gloriosos da magestade, quando considerar que é Deus nos poderes, lembre-se que é mortal na condição. Se entre os fumos do incenso se gloriar desvanecido o ouro da corôa, ó como se comporá humilhado entre as amarguras da myrrha! Assim dispensou Deus que andassem unidos no mesmo sceptro, para humilhar as grandezas humanas, dois extremos tão contrarios: attributos de deidade, e accidentes de mortal. Mui modesto vae este exordio para dia tão de festa: mas nem a materia que se segue ajuda muito a melhorar de alegria.

(125) *Greg. homil. 10 in Evang. (N. dos Ser.).*

O segundo tributo offerece este collegio á gloriosa e sempre saudosa memoria d'el-rei de Portugal D. Sebastião, seu fundador, que com catholica piedade e real magnificencia nos dotou, assim este da Bahia, (126) como outros sete collegios no Brasil, e noutras provincias. Em reconhecida lembrança desta mercê, além dos sacrificios, e outros suffragios espirituaes, segundo o louvavel costume da nossa Companhia, offerece, hoje, este real collegio um cirio com as armas de Portugal ao senhor Marquez vice-rei em nome de sua magestade Filippæ IV, que, com o sangue e com a corôa, herdou juntamente daquelle piedosissimo rei o affecto e particular devoção á nossa Companhia. Herdou, disse, e conforme theologia de S. Paulo, (127) quem diz herança suppõe verdadeira morte.

(126) A D. Sebastião ficaram devendo os jesuitas aumento e conservação dos seus collegios, principalmente o da Bahia, que em lugar da redizima (Alv. de 7 de Março de 1560) obteve um dote de 3 mil cruzados das rendas do Estado (Provisão de 7 de Novembro de 1564), que se destinava á manutenção da casa com sessenta religiosos (FERNÃO CARDIM, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, ed. de Rodolfo Garcia, pag. 290). Pertence a Nóbrega a iniciativa de tal sistema de amparo á catequese, cf. carta a Santo Inácio, de 1556, *Cartas do Brasil*, edição da Academia, p. 155. — Aquela dotação foi transformada numa consignação de 3 mil cruzados em assucares da Bahia (Alvará de 20 de Julho de 1604), prorogada por alv. de 16 de Março de 1621 (Doc. in BRAZ DO AMARAL, *Annot. a Accioli*, I, 359). Queixava-se Anchieta, *Informações*, pag. 23, que a renda do Collegio era mal paga; mas GABRIEL SOARES, *Roteiro de Brasil*, pag. 121, assegura que estava ele muito rico, «porque tem de S. M. cada ano quatro mil cruzados e davantagem, e importar-lhe-á a outra renda que tem na terra em outro tanto...» Realmente, figurava com um conto e 200 por ano, na folha geral de pagamento de 1617, confirmada em 1626 (*Documentos Historicos*, XV, 29). Tinha mais, cada tres anos 150 mil réis, para despesas com as visitas do Provincial, conforme provisão del-rei, confirmada em 1628 (*Doc. Hist.*, XV, 185).

que como fim de uma vida tão inspirada, não é muito que não seja bem crida. Mas por mais que o natural amor queira alentar as esperanças, ou as desesperações, o mesmo genero da offerta parece que nos desengana e reprende os desejos; porque um cirio apagado que offerecemos, mais é cerimonia de defunto, que reconhecimento de vivo. Viva pois o santo e piedoso rei (que já é passado o anno de 40). (128) viva e reine eternamente com Deus, e sustente-nos desde o céu com suas orações, o reino que com seu demasiado valor nos perdeu na terra.

O terceiro dom ou tributo que hoje se offerece nesta Igreja, nos ha-de gastar todo o discurso do sermão: para vermos qual é, e quão devido, peçamos a graça: *Ave Maria*.

(127) *Ad. Hebr.*, I, 9. (N. dos Ser.).

(128) Referia-se ás profecias do sapateiro Gil Eanes Bandarra, o de Trancoso, tão do gosto dos «sebastianistas» e de Vieira (*Historia do Futuro*, pag. 26, Lisboa, 1855):

«Antes que cerrem *quarenta*
erguer-se-á a grão tormenta...»

(*Trova* LXXXVI)

.....
«Já se cerram os *quarenta*
que se ementa.
O rei novo é levantado...

(*Trovas* LXXXVII e XCIX. *Trovas do Bandarra*, nova edição, Barcelona, 1809, calcada na de Nantes, 1644). No prologo a esse livro, pag. 5, consignou o compilador a predileção de Vieira pelo vidente quinhentista.

I

Seguramente posso affirmar, que nenhum dia de Reis teve Christo Redemptor nosso mais agradavel, que o de hoje: *Glorioso magis placent præconia, quam tributa;* disse avisadamente Cassiodoro: (129) Que aos amigos da honra e gloria mais lhes agradam os louvores, que os tributos. E como Deus Senhor nosso é tão divinamente ambicioso de glorias, que chegando a se dar a si mesmo, só de sua gloria se mostrou sempre avaro: *Gloriam meam alteri non dabo.* (130) Não ha duvida que muito mais agradaveis serão a Christo as offertas que lhe trazemos a seus altares, que as que levaram os Reis a seu Presépio: os Reis offereceram tributos, nós offerecemos louvores. Dedicou a solemnidade deste dia o piedoso zelo do senhor marquez vice-rei, que Deus guarde, aos louvores e graças tão devidas, que pelos felices successos destes primeiros seis mezes de seu governo nos está merecendo o céo já mais brando, já mais benigno a nossos trabalhos. E assim como os thesouros orientaes que os Reis offereceram á divina e humana Magestade de Christo foi uma agradeceida restituição (diz Santo Agostinho) (131) dos bens que de sua liberal mão tinham recebido; assim vem, hoje, sua excellencia restituir aos altares do mesmo Senhor as obrigações com que se vê penhorado de sua divina misericordia, e offerece em tributo de agradecimento o que recebeu e recebemos todos na mercê de tantas victorias.

(129) *Cassiodor.* 1. 9. *Variat.* 25. (N. dos Ser.).

(130) *Isai.*, XLII, 8. (Ibd.).

(131) *Aug.*, in serm. hujus diei. (Ibd.).

Já hoje não tem que invejar a nossa America ás outras tres partes do mundo, que ão conhecidas vantagens lhes fizeram nas soberanas glórias deste dia. Diz a Glosa neste lugar: *Tres viri, qui offerant, significant gentes ex tribus partibus mundi venientes*: (132) Que os tres Reis que hoje offereceram tributos em Belem ao Menino Deus, significam as nações gentílicas, que das tres partes do mundo haviam de vir adorar e reconhecer a Christo. Um rei significa a Africa, outro a Asia, outro a Europa. Pois a America porque não foi tambem offerecer? Fal-tavam-lhe balsamos em suas arvores, ambares em suas praias, ouro finissimo em suas raias, e sobretudo libera-lidade em seus moradores? Pois porque não mandou tam-bem tributos ao Presépio de Christo? Alguem diria, que por sua natural ingratição; mas eu digo, que por honra, e por autoridade. Como cada uma das outras partes do mundo mandou um rei por embaixador, e a America não tinha rei que mandar — que nem Fé, nem Lei, nem rei ha-via nestas partes (133) — não quiz ir com as mãs compa-nheiras a Belem, por não apparecer lá com menos auto-ridade. Porém, hoje, em que a nossa America se vê tão subida de ponto, e de posto, vem adorar o Rei nascido com

(132) *Glos., apud Cath. D. Th. hic. (N. dos Ser.)*.

(133) Inspirou-se aqui Vieira em GANDAVO («... não têm Fé, nem Lei, nem Rei...»), *Trat. da Terra do Brasil*, ed. da Acad. Bras., pag. 49, repetido por FRET VICENTE DO SALVADOR, *Hist. do Bras.*, 3.^a ed., págs. 53-4. O mesmo reparo, relativamente á falta das letras F. L. R. na linguagem tupi, fizeram GAUBIEL SOARES, *Roteiro do Bras.*, pag. 309, ed. Varnhagen, e o autor dos *Dialoges das grandezas*, ed. da Acad. Bras., notas de R. GARÇA, pag. 266. — E' de Camões tambem:

Que costumes, que lei, que Rei teriam?
Lus., c. I, XLV.

Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.
Lus., c. VIII, LIII.

as demais, tão agradecida, como confiada: porque entre as purpuras reaes que as outras partes do mundo arrastam ao Presepio de Christo, deita ella, tambem, um bastão com vezes de sceptro e de corôa. O' que grande autoridade de nossa fé! O' que grande gloria de Deus e de sua Igreja! Assim como as bandeiras catholicas nunca estão mais levantadas, que quando se abatem humildes á presença de Christo Sacramentado, e se deixam pizar gloriosamente dos pés do sacerdote que o leva nas mãos; assim os bastões e insignias militares nunca se vêem com mais honra e autoridade, que, quando lançadas aos pés de Christo, Supremo Senhor dos exercitos, protestam os generaes e capitães victoriosos, que a Deus, e não a elles, se devem as victorias; a Deus, e não a elles, as graças; a Deus, e não a elles, as glorias.

E na verdade, senhores, ainda que todos os successos prosperos da guerra se devem attribuir a Deus, como a primeira causa; na occasião e occasiões presentes, particularmente são devidas á divina bondade as graças que lhe vimos dar; porque de tal maneira vencemos sempre, que assim como só Deus parece que maneou as armas, assim só a Deus se devem as glorias. Este assumpto, e a primeira prova d'elle, me deu o senhor marquez, quando se serviu de me encomendar este sermão; porque dizendo, como era bem que dêssemos graças a Deus por estas victorias que nos déra, acrescentou sua excellencia estas palavras: *Quando chegou o nosso soccorro ao Espirito Santo, já o inimigo era retirado, para mostrar Deus que não tem necessidade de nós, e que a victoria foi toda sua.* (134)

(134) Foi o Espirito Santo atacado, em 28-30 de Outubro de 1640, pela esquadra do coronel Koin. Abandonaram os moradores a vila e refugiaram-se no castelo, de onde resistiram intrepidamente aos holandeses, obrigando-os por fim a retirar com pesadas perdas. Debalde tentou Koin queimár o casario: as

Assim é, senhor excellentissimo, assim é; mas nem por isso se perdeu a diligencia do soccorro, nem o merecimento e gloria de o haver mandado. Poucas horas antes da Paixão encorrendou Christo aos Apostolos, que estivessem apercebidos de armas, e que quem não tivesse espada, vendesse a tunica para a comprar: *Qui non habet, vendat tunicam suam, et emat gladium.* (135) Chegou a occasião do Horto, investiram a Christo os quinhentos soldados do esquadrão de Judas; disse o Senhor: *Ego sum*: Eu sou; e com estas duas palavras cahiram todos. Aproveitou-se S. Pedro da occasião, mette mão á espada, avança-se ao inimigo, começa a cortar orelhas; diz-lhe o Senhor: *Tá, Pedro: Mitte gladium tuum in vaginam*: (136) Embainhaes a espada. Pois como assim, replica Santo Ambrosio: *Qui ferire prohibet, cur emere gladium jubet?* (137). Se Christo havia de mandar embainhar as espadas, para que mandou aos Apostolos que fizessem tão extraordinaria diligencia por ellas? E se com duas palavras podia e havia de lançar por terra aos inimigos para que tanta prevenção de armas? A razão foi, S. Chrisostomo, para que entendamos, que fazer Deus o que pôde, não tira o merecimento aos homens de fazer o que devem.. (138). É verdade que Christo levou a gloria de vencer e derrubar aos inimigos; mas os Apostolos ficaram com o hon-

construções eram de pedra e a calmaria reinante não estendeu o fogo. Tiveram os flamengos sessenta soldados mortos e oitenta feridos, entre estes o major Haus e os capitães Tack e Debitz (cf. carta de Koin a Nassau, cit. por GARCIA, *Nota a Porto Seguro*, II, 390). A 13 de Novembro a frota inimiga abandonou aquella costa. JARDATÃO, *Notas Orbe Scrafico*, I, 92, recolheu a tradição de um milagre, a explicar o malogro do invasor.

(135) *Luc.*, XXII, 36. (N. dos Ser.).

(136) *Jonn.*, XVIII, 11. (Ibd.).

(137) *Amb.*, I, 10. *Comm. in Lucam.* (Ibd.).

(138) *Chrysost.*, *hic.* *apud* *Catheu.* (Ibd.).

ra de prevenir as armas para a defesa. Antes essa mesma diligencia dos Apostolos subiu muito de ponto a gloria de Christo; porque nunca são mais gloriosas as victorias divinas, que quando sobejam os socorros humanos. Notae.

II

Quando Christo disse aos Apostolos que buscassem armas responderam elles: *Domine, ecce duo gladii hinc* (139). Senhor, aqui temos duas espadas. Duas espadas! Diz Christo: Pois essas bastam: *Satis est*. Que dissera neste passo um grande soldado ou capitão, destes da valentia em discurso? Que era evidente temeridade, querer-se defender com duas espadas contra um esquadrão de quinhentos homens armados; e que, ainda que estavam á sombra de Christo, que Deus sempre se põe da parte dos mais mosqueteiros. Algum dia mostrarei, como esta proposição é herética. Entretanto baste-nos saber que, sendo as espadas duas, uma só se desenhainhou, a outro ficou na bainha, e os inimigos por terra: *Abierunt retrorsum*. (140) Pois, Senhor, se o poder dos Apostolos era tão pouco, porque o não deixastes empenhar todo? Se eram só duas espadas, porque as não deixastes desenhainhar ambas? Porque toma Deus em ponto de honra, ou em ponto de gloria, que sobeje amedade do poder humano, quando os homens cuidam que nem todo basta? E vós cuidae que não bastam duas espadas onde eu estou? Pois nem essas duas quero que pelejem ambas; una ha-de ficar na bainha, e os inimigos prostrados: *Gladus, qui nequoquam vagina exemptus est, ostendit eos nec totum, quod potuere pro ejus facere defensione permissos*. disse

(139) Luc., XXII, 38. (N. dos Scr.).

(140) Jean., XVIII, 6. (Ibd.).

o veneravel Beda, (141) e é o que succedeu no nosso caso. Pediram os do Espirito Santo que os soccorressemos com armas e munições: partiu um grande soccorro no mesmo dia, (122) e contudo duvidavam os prudentes que se poderia defender aquella praça e tão desigual poder, e, na opinião de muitos, já estava tomada. Ah, sim, diz Deus, pois dê-se a batalha no Espirito Santo, antes de chegar o soccorro da Bahia; e de duas espadas que podiam assistir á defesa, pejeje só a de dentro, e que fique a de fóra emhainhada, para que os mesmos desmaios da prudencia humana confessem: que se deve a gloria ao braço divino.

É verdade que não chegar o nosso soccorro teve razão natural, mas debaixo dessa havia outro superior e divina, que foi mostrar Deus que era a victoria sua. Vêde-o em David. Quando el-rei Saül deu as suas armas a David, para que fosse pejejar com o gigante; bem sabeis que não as quiz levar ao desafio o alentado pastor: *Deposuit eo.* (143) Pois porque razão, sabemos agora, porque não quiz sahir á guerra David com as armas d'elrei? Era melhor entrar naquella batalha vestido de uma samarra pastoril contra um gigante armado e coberto de ferro? A razão natural desta resolução foi a que deu o mesmo David: *Non habeo usum.* Que não tinha uso daquellas armas, e assim que se não achava bem com ellas. Porém debaixo desta razão natural havia outra divina e mysteriosa, diz S. Chrysostomo: *Ut virtus Dei apertê monstraretur, et non armis, quæ fiebant mira, adscriberentur.* (144) Para que a portentosa victoria se

(141) Beda, in *duo locum.* (N. dos Srr.).

(142) Ver *Documentos Holandezes*, ms. do Inst. Hist. Bras., vol. 2.^o

(143) 1.^o *Livro dos Reis*, XVII, 39. (N. dos Srr.).

(144) *Chrysost.*, homil. 36, in *Genes.* (Ibd.).

referisse conhecidamente á virtude de Deus, e não ás armas de Saül. Se David levára ao desafio as armas de Saül, pudéra-se attribuir a victoria ás armas, e não á virtude e mercê de Deus; pois para que a victoria se attribua a Deus, cuja é, e não ás armas do rei, fiquem as armas de fóra, não se acham na batalha: *Deposuit ea.* O mesmo digo neste caso. Verdade é, que não chegar o soccorro das nossas armas e munições, foi por vir o aviso tarde; mas debaixo dessa razão natural e humana havia outra superior e divina, para que a victoria se não attribuisse ao soccorro das armas dél-rei, senão á virtude e mercê de Deus: *Ut virtus dei aperte monstraretur, et non armis, quæ fiebant mira, ascriberentur.*

E não foi só esta razão a que canonizou esta victoria por victoria e mercê de Deus, senão outra muitas, e muy conhecidas. Primeiramente terem os nossos tão antecedente aviso de que vinha o inimigo, e por via dos mesmos holandezes; que foi, senão mercê de Deus particularissima? Não ha coisa mais ordinaria no Testamento Novo, que comparar-se a morte ao ladrão. Em S. Lucas: *Si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret.* (145) No Apocalypse: *Veniam ad te, tamquam fur;* (146) e em outros muitos logares. A razão da semelhança dá o mesmo Christo no Evangelho; porque assim com a primeira treta do ladrão é dar de subito, a assaltar de repente, quando os homens estão mais descuidados; assim a morte nos assalteia, e nos rouba a vida, sem sabermos o dia nem a hora: *Quia nescitis diem, neque horam.* (147). O mesmo pensamento temos no nosso Texto. Repara S. Pedro Chrysologo em chamar Herodes aos Magos, e se informar delles em segredo: *Tunc Herodes, clam*

(145) *Luc.*, XII, 39. (N. dos Scr.).

(146) *Apo.*, III, 3. (Ibd.).

(147) *Math.*, XXV, 13. (Ibd.).

vocatis Magis. (148) Porque não perguntou o que queria ás claras? Porque se não informou dos Magos ao descoberto? Advertidamente o Chrysologo: *Occultè vocat Magos, quia fur aniat noctems latro in occulto tendit insidias.* (149). Sabeis porque trata o negocio em segredo, e não quer que se lhe saibam os designios? Porque era ladrão Herodes, e como tal queria dar em Belem de subito, e roubar-lhe a Christo a vida de repente. Pois se isto fazem os ladrões, se esta é a primeira lei da rapina, rebeldes holandezes, como desdissestes tanto de quem sois nesta acção tão vossa? Quereis roubar, quereis saquear, quereis tomar aquella praça, e mandaes o aviso adiante? Patachos á barra, lancha á terra, que nos avise que ides? Porque não déstes de subito? Porque nos não tomastes de repente? Não ha que responder aqui, senão com mãos levantadas, dando graças a Deus, e dizer com Chrisostomo; *Alia est conditio belli, alia est virtus Dei:* (150) Não se regulam as mercês de Deus pelas leis ou condições da guerra. Erraram os holandezes as ordens da milicia; mas acertaram a ordem de Deus: não souberam dispôr a guerra, porque Deus dispunha a victoria: fizeram uma bizonharia tão grande, porque Deus nos queria dar um soccorro tão glorioso.

III

Foi grande mercê de Deus esta? Pois ainda não está ponderado o fim della. Não esteve o favor de Deus em nos mandar o aviso. Sabeis em que esteve? Em nós nos darmos por avisados. Ouvi-me, que é doutrina mui im-

(148) *Ibid.*, II, 7. (N. dos Ser.).

(149) *Chysol.*, serm. 158. (*Ibid.*).

(150) *Chrysost.*, serm. de Eliseo. (*Ibid.*).

portante esta. Os fados do Brasil, não sei se por clima da terra, (151) se por castigo do céu, são como os fados de Troya e de Sodoma: ainda mal; porque tanto lavra o fogo em toda a parte. Antes da destruição de Troya tinha el-rei Priamo uma filha chamada Cassandra, a qual com espirito gentilicamente prophético, não fazia senão avisar ao rei e ao reino que se prevenissem, porque havia de ser abrazava Troya. Zombavam destes avisos os Trojanos por permissão de Deus, como notou um gentio: *Ora Dei jussu non unquam credita Teucris*: (152) até que vieram os Gregos, tomaram por engano a cidade, e numa noite se abrazou e consumiu aquella famosa cabeça de toda a Asia. Da mesma maneira Sodoma. Depois que os anjos notificaram a Loth, a sentença que Deus tinha fulminado contra aquella infame cidade, avisou o santo varão aos visinhos della, que fugissem, ou se armassem de penitencia, porque havia de ser destruida e abrazada: *Et visus est eis quasi ludens loqui*. (153) Lançaram a coisa á zombaria aquelles alindados: continuaram a curar

(151) Vieira considerava o seu amado clima do Brasil (*Cartas*, II, 217) debilitante e enlanguescente, entibiando iniciativas, como disse no «Sermão de S. Gonçalo», proferido na grande festa bahiana do Recanto, em 1690. Era uma idéa pessoal, que não estava nos antigos autores, como Gandavo, Gabriel Soares ou Frei Vicente, nem nas *Cartas jesuíticas*, nem nos apologistas holandezes deste nosso mundo, como Usselinx, principal factor da Companhia das Indias Ocidentais. — Que razão tinha Vieira, quando atribuiu ás influencias climatericas — lembrado de Plínio e Vitruvius — o entorpecimento do colono português, a ciencia haveria de demonstrar. Adivinhou ele o que se chamou depois a «zona de debilitação equatorial». Como Polibio e Hippocrates, como Bodin e mais tarde Montesquieu e Fontenelle, de algum modo preconizara a moderna mesologia. «Je vois bien des hommes, je ne vois pas l'homme», diria Fontenelle.

(152) *Virg.*, *Aeneid.* 2. (N. dos Ser.).

(153) *Goes*, XIX, 14. (Ibd.).

e pentear as gadelhas: em fim, choveu fogo do céu, e ficaram todos sepultados em suas cinzas. Eis aqui nem mais nem menos o fado ou desenfado do nosso Brasil: sempre avisados, mas nunca prevenidos. Lançae os olhos por todas as praças que temos perdido desde o anno de 1624 até o presente, (154) e nenhuma achareis a que não precedessem sem avisos, e muitos avisos. Antes de se tomar a Bahia, duas barcas de pescar com cartas d'el-rei, que pela novidade da embarcação fizeram o caso mais mysterioso, e o aviso mais notorio: (155) um mez antes a mesma capitania da armada hollandeza sobre o Morro, que nos mandou avisar pelos prisioneiros de Angola: (156) e nós com a praça aberta, sem fortificação, sem trincheira, como se nos preparamos para entregarmos a cidade, e não para a defender; e assim foi Pernambuco da mesma maneira. Tantas cartas d'el-rei antecedentes; tantas noticias de Hollanda, que haviam de vir, e nomeadamente que haviam de entrar por tal parte. Depois de partida a armada, avisos de Portugal, avisos de Cabo Verde, (157) que já vinham, que já chegavam; e

(154) Desde 1624 até 1634, tinham perdido os portuguezes 545 navios, que os holandezes venderam por 180 milhões de libras. — Mais tarde, fallaria Vieira da «experiencia que tenho desde o ano de 1624 de todas as guerras do Brasil...» (*Cartas*, 55, 367).

(155) FRAI VICENTE DO SALVADOR, *Hist. do Bras.*, 3.^a ed., pagina 508.

(156) Chamava-se a capitanea inimiga «Hollanda», e nela vinha João Van Dorth, nomeado para governar a conquista, cf. FRAI VICENTE, *Hist. cit.*, pag. 509.

(157) Na *Historia da Provincia do Brasil*, de 1624 a 1625, escrita por Vieira, se lê que os habitantes não se persuadiram... «de todos os avisos que dois annos antes mandara Sua Magestade, nem a não capitanea desta mesma armada, que quasi todo o mez passado tinha andado na barra e roubado um navio que de Angola tinha vindo carregado de negros...»

nós a cortar canas, a moer engenhos, e como se fôra nova de alguma grande frota que vinha a carregar de assucares; e assim o mesmo foi desembarcar, que serem senhores da terra.

Desta maneira se perdeu Pernambuco, desta maneira se perdeu a Bahia, e todas as outras praças menores, por este caminho as perdemos: nunca accommetidos de subito, nunca tomados de repente. Perdeu-se o Brasil, como se ha-de perder e acabar o mundo. Falla S. Pedro do dia do Juizo, e diz assim, na segunda Epistola: *Adveniet dies Domini ut fur*: (158) E virá o dia do Senhor subita e repentinamente. Subita e repentinamente? Como pôde isto ser? Repetae no que dizeis, Principe dos Apostolos. Não diz Christo no seu Evangelho: *Eruunt signa in sole, et luna, et stellis*: (159) Que precederão ao dia do Juizo tantos signaes temerosos. tantos avisos manifestos? Pois como é possível que sobre tantos avisos haja de vir de repente? Sabeis como? Diz Santo Agostinho: porque ainda que ha-de haver muitos avisos, haverá muito poucos que lhes dêem credito. Verão os homens ensanguentados o sol e a lua; verão turbar-se os elementos, tremer a terra, branir o mar, cabir as estrellas, e todas as creaturas desordenadas anteaçar a derradeira ruina: e no meio destes temores haverá corações tão descuidados, que affirmarão que não são aquelles signaes do dia do Juizo: e computando idades com idades, e prophecias com prophecias, persuadirão credulamente ao mundo, que ainda não se acaba. Desta maneira viverão muitos naquelles ultimos dias mui contentes e descuidados, senão quando soar a trombeta do Juizo, e serão levados os miseraveis de repente ao tribunal

(158) 2.^o Epist. de Petr. III. 10. (N. dos Scr.).

(159) Luc., XX7, 25.

de Christo, de repente sobre tantos avisos. Tal aconteceu sempre no Brasil. Nenhuma nova houve nunca tão certa, que não tivéssemos uma esperança para que appellar; nenhum aviso houve nunca tão qualificado que não tivéssemos um discurso con. que o desfazer. Que está acabada a Companhia de Holanda: (160) que França não os pôde hoje assistir: (161) que Dinamarca tem guerras

(160) Vieira, passando-se a Portugal nesse mesmo ano, seria em breve despachado, por D. João IV, a negociar nas côrtes européas independência e segurança do reino restaurado. Foi, em 1641, a sua primeira viagem. Formara na Bahia o espirito, fizera aqui a educação, completara os estudos, celebrizara-se, ganhara tão destacado lugar na Companhia de Jesus. Mas, apesar da estreiteza, o meio colonial permitia já que um padre curioso e inteligente soubesse e ponderasse — o que ocorria pelo vasto mundo... O esboço, que arrisca o orador, da situação européa — embaraços de Holanda, retraimento de França, pujança do imperador, reacção de Espanha — prenuncia o gosto, e também a consciencia dos problemas internacionais, que pouco tempo depois o fascinavam e atraíam. Na mesma Bahia, quarenta anos mais tarde, poderia orgulhar-se de ter entrado nos palacios de reis e príncipes da Europa... (*Cartas*, edição de J. Lucio d'Azevedo, II, 279, Coimbra 1929).

«Que está acabada a companhia de Holanda...»

A maior dificuldade dela consistira na autonomia de Amsterdam, que, por não aceitar a criação de um conselho naval, que centralizasse os assuntos da guerra marítima, vitoriosamente se opuzera ao príncipe e às demais cidades da União. Por este tempo, os auxílios dados pelo *stathouder* a Carlos I de Inglaterra, mais comprometiam, aos olhos do povo, o chefe da nação. A sua impopularidade subentendia revoluções...

(161) Limitára-se Richelieu, até 1635, a subsidiar a guerra contra a casa d'Austria — essa longa, terrível guerra dos trinta anos, cujo epílogo, em Munster, iria Vieira observar, como um dos diplomatas confidentiais del-rei de Portugal. Em 35, mediante a liga de Rivoli, França, Suecia, Holanda e Estados do norte da Itália se aliarão, contra Austria e Espanha. Mas os francezes não pretendiam interferir directa e fundamentalmente na crise

apregoadas: (162) que baixa com grande exercito o imperador: (163) que os tem mui apertados o Cardeal Infante: (164) que se desbaratou a armada, que mandaram a Indas; que não ha um hollandez em Amsterdam, que queira vir ao Brasil: finalmente, que estão perdidos, que estão acabados, que estão consumidos. (165) E quando nos não precatamos, ouvimos soar as trombetas hollandezas por esses outeiros: acham-nos descuidados e despercebidos, tomam-nos as nossas terras, e deixam-nos os nossos discursos. E' isto assim, senhores? Ainda mal.

tedesca: tentavam-se a defender a margem direita do Reno (Giorgio Winter, *Storia della Guerra dei trent'anni*, p. 563, Milano). Ocorreu então a fase final, resplandecente de triumphos, das campanhas do duque Bernardo de Weimar. Em seguida á queda da fortaleza de Rheinfelden (23 de Março de 1638), foi que atravessaram o rio dous contingentes francezes, um de 3 mil homens, depois outro de 2 mil, tendo á frente Turenne. O proprio Bernardo já a esse tempo, de cliente passava a surdo adversario de Richelieu, que lhe queria tomar toda a Alsacia, em troço dos auxilios francezes com que o manivera até ali.

(162) Christiano IV, da Dinamarca, tomara, com Holanda, o partido dos protestantes tedescos, contra o Sacro Imperio.

(163) Fernando III succedera em 1637 ao pae, Fernando II, o imperador que tentara, com uma das mais cruéis campanhas da historia, conagar a liga evangelica, dos príncipes alemães alados a suecos e hoernios. Após os exitos militares do duque Bernardo, e por morte deste, em Nauenburgo, em 1639, recuperára animo, convocára as forças disponiveis do imperio, e com isto podia oferecer aos inimigos coligados aceitaveis propostas de paz. A derrota da armada espanhola malogrou-lhe então os planos imediatos.

(164) O Cardeal Infante é D. Fernando, irmão de Felipe IV. Enquanto atacava Condé o Franco-condado, invadira a Picardia, e chegara a ameaçar Paris, retirando apenas quando Richelieu saiu, com grande exercito, a contê-lo. Batem depois o príncipe de Orange. No governo de Flandres, encomendou a D. Francisco Manuel a sua Epanafora Bética.

(165) *Juizes*, XII, 7.

Sendo pois este o natural descuido nosso, sendo este o clima, ou os peccados do Brasil, que se emendassem tanto suas influencias nesta occasião, e se persuadissem aquelles moradores a crêr em avisos, e prevenir a defeza! Este é sem duvida o fine da mercê de Deus: este é o milagre porque devemos dar graças, como coisa rara, como coisa superior á mesma natureza.

Mas com a defeza se prevenir, e com trabalharem os homens o que puderam, na prevenção, era tão fraco o numero dos nossos e tão escasso e limitado o poder, que ainda lhe ficou: Deus muito que supprir, e muito em que fundar e segetar suas glorias. Sabida é a historia de Gedeão que, de tantos mil homens que podia pôr em campo contra o peletoso exercito dos Madianitas, só com trezentos quiz Deus que entrasse na batalha: *In trecentis viris liberato vos.* (166) A qualquer mediana experiencia fará muita duvida isto dos trezentos homens. Não é a primeira maxima do governo militar não dividir as forças, nem repartir o exercito? Pois se Gedeão podia pelear com tanto maior poder, para que quiz e ordenou Deus que pelejasse com forças tão desiguas ás do inimigo? O mesmo Texto dá a razão. Porque o ordenou Deus assim: e diz que foram ciumes de sua gloria, e resguardos de nossa ingratição: *Ne gloriatur contra me Israel, et dicat, meis viribus liberatus sum.* Se os Israelitas pelejaram com o numero de soldados que levavam, attribuiriam a victoria ao numero de seu exercito, dariam as graças ás suas mãos, e as glorias ao seu valor. Pois que faz Deus, Manda que não vão á batalha mais que trezentos homens (que foi pontualmente o numero de portuguezes que nesta occasião se acharam: *In trecentis viris*) para que sendo o numero dos vencedores tão inferior ao do inimigo, não

se pudesse levantar a vaidade e ingratidão humana, com a gloria só devida á omnipotencia divina: *Ne glorietur Israel, et dicat, meis viribus liberatus sum*. É na verdade, senhores, se bem se considera o fraco numero, e desigual poder de gente, com que alcançámos esta insigne victoria, que dos trezentos portuguezes que havia, repartidos por tantas partes, só os trinta eram soldados pagos e esses com pouco exercicio; que ingratidão haverá tão rebelde, que se atreva a dizer: *Meis viribus liberatus sum?* Que ingratidão haverá tão ingrata, que dê a victoria ás forças humanas, e a roube ao braço divino?

IV

E se Deus segurou bem sua gloria contra nossa ingratidão no numero dos soldados, não a tem menos segura por certo na fraqueza e desigualdade das armas. Porque entrando os nossos na batalha com tão poucas armas de fogo, como sabemos; e muitos com as espadas e capas (167) com que passeavam na praça, que entendimento

(167) O vestuario da nobreza na Bahia completava-se obrigatoriamente com a capa e a espada, que muito contribuíram para o terrorismo permanente em que ali se viveu, desde os primeiros anos até quando o governador Antonio de Souza de Menezes perseguiu e castigou os embuçados. Isto foi em 1682. «É sobre se tirarem as capas aos homens — escreveria Vieira, em carta de 23 de Julho daquele ano — têm dito lindezas os poetas, sendo a maior novidade deste ano, nestes engenhos, do que foi nos de açucar». (Vê. Pedro Calmon, *O Crime de Antonio Vieira*, p. 18). Entre os vates, Gregorio de Matos rudemente atacou o governador: nem a extinção dos rebuçados impelliu que novos crimes se cometessem, por homens embulhados nas capas, e de espada oculta, na cidade onde mais se matou por amor, no seculo XVII, segundo certos viajantes... (Pedro Calmon, *Espirito da Sociedade Colonial*, p. 132, S. Paulo 1935).

ou que experiencia humana havia de presumir, que poderiam sair vencedores de tanto numero de hollandezes, soldados velhos, costumados a vencer, e tão bem providos de armas? Mas como o invisivel braço de Deus governava a guerra, e nos impossiveis da nossa fraqueza queria justificar os meritos de sua gloria, antes de se cerrarem as quatro horas continuas daquella desigual batalha, estavam tão trocadas as mãos, que já os alfanges hollandezes pelejavam da nossa parte; e as clavinas que elles carregaram contra nós, nós as descarregavamos n'elles venturosamente. Ora, pelee, pelee, poucos mas valorosos portuguezes, pelee, e venci animosamente, que ainda Deus é por nós. Não pees soccorro de armas á Bahia, não pees ao Rio de Janeiro, que um e outro ha-de chegar tarde: pedi o soccorro ao céu, pedi as armas a Deus, que é sua Divina Providencia tão cuidadosamente prevenida para convosco, que nos mesmos armazens do Recife vos está fazendo provisão de armas; e nos mesmos navios hollandezes vol-as manda juntamente com elles, para que cheguem a tempo á milagrosa defensa. Quem dissera aos hollandezes quando estavam limpando os alfanges, e preparando as clavinas para esta facção, quem hes dissera que preveniam os instrumentos de sua ruina, e que, com queias clavinas haviam de ser mortos, com aquelles alfanges degollados?! Mas essas são as glorias de Deus, essas as traças de sua Sabedoria, essas as valentias de sua Omnipotencia, que dos mesmos inimigos se serve, e de suas mesmas armas se ajuda, para dar as victorias contra elles, a quem é servido.

Parece-me que vejo aqui retratado o successo dos filhos de Israel, quando venceram aquelle grande exercito dos Syros, que capitaneava Gorgias, general d'el-rei Antiocho. Diz a Escriptura que eram os Israelitas poucos,

e esses desarmados: *Qui tegumenta, et gladios non habebant.* (168) Mas accommettendo, com grande resolução, aos esquadrões inimigos, de tal maneira os ajudou Deus, que lhes fizeram voltar as costas descompostamente, e a todos os da rectaguarda passaram á espada: *Novissimi autem omnes ceciderunt in gladio. Ceciderunt gladio!* (169) Como assim? Não diz a Escriptura immediatamente antes, que estavam os Israelitas desarmados, e que não tinham espadas: *Gladios non habebant?* Pois como puderam matar, e passar a espada toda a rectaguarda dos inimigos: *Novissimi omnes ceciderunt gladio?* A razão litteral é muito facil. Porque como Deus, ajudava tanto aos hebreus, ainda que começaram a guerra desarmados, acabaram-na muito bem providos de armas, tomando-as aos primeiros que caíram, e convertendo-as contra os ultimos que se retiravam: e desta maneira puderam passar á espada as derradeiras tropas dos desordenados esquadrões dos Syros, matando e degollando com suas proprias armas os que tão confusamente fugiam: que para guardar e conservar as vidas, davam os mesmos instrumentos com que l'has tirassem.

E porque não faltasse ao caso nem esta circumstancia, os que governavam aquella guerra eram dois filhos do grande Matabias: um chamado Simão, outro chamado Judas, aos quaes de entre todos seus irmãos escolhêra o santo velho para o governo do povo, e l'ho deixára em testamento: *Ecce Simon frater vester scio, quòd vir concilii est, ipsum audite: et Judas Machabens fortis viribus à juventute sua sit vobis princeps militia.* (170) Pois assim como os filhos de Israel debaixo do valor e pru-

(168) 1.^o Livr. dos Machab., IV, 6. (N. dos Ser.).

(169) *Ibid.*, 15.

(170) 1.^o Livro dos Machab., II, 65 e 66.

dencia de um Simão, e de um Judas, com as proprias armas de seus inimigos os mataram e venceram animosamente; assim os nossos portuguezes nesta occasião, debaixo do patrocínio dos gloriosos Apostolos S. Simão, e Judas, em cujo dia succedeu a batalha, a pelearam tão alentada, e a venceram tão gloriosamente, que entrando nella mal armados, sahiram ricos de mui luzidas armas, provadas e ensanguentadas primeiro no heretico sangue de seus donos. Esta sim, que é façanha divina; esta sim, que é victoria de Deus.

Pergentam os doutores no nosso Evangelho, porque razão mandou Deus aos Reis Magos uma estrella: *Vidimus stellam ejus*. Assim como mandou um anjo aos Pastores, não pudéra tambem mandar um anjo aos Reis? Pois porque não mandou senão uma estrella? Judiciosamente S. Pedro Chrysologo: *Ut per Christum ipsa materia erroris sic fieret salutis occasio. Hostem proprio mucrone turbare singulare est insigne virtutis.* (171) Trouxe Christo os Magos a seus pés por meio de uma estrella, para que a mesma que fôra materia de seus erros, se trocasse em instrumento de sua conversão; que é victoria mui digna da virtude de Deus vencer ao inimigo com suas proprias armas: *Hostem proprio mucrone turbare singulare est insigne virtutis.* As armas com que os Magos pelearam contra Deus, eram as estrellas, adorando-as e fazendo-as adorar á cega gentilidade; pois para que a victoria fosse mui propria da Omnipotencia Divina, venham os Magos aos pés de Christo por meio de uma estrella; e as mesmas armas luzentes com que impugna-de os prostar por terra a seu imperio: *Et procidentes adoraverunt eum.*

(171) *Chrysol.*, serm. 157.

V

Esta foi a victoria do Espirito Santo (que sempre fôra do Espirito Santo em qualquer outro lugar que succedera) uma das mais notaveis que hão tido no Brasil as armas catholicas. e de grande importancia por suas consequencias. Mas tempo é já que nos façamos noutra volta, que do sul passemos ao norte, e ponderemos o successo do Rio Real, que realmente foi felicissimo, e não menos de Deus que o passado. O que aqui se ponderou muito, foi retirar-se o inimigo, quando já o nosso exercito não insistia na empreza; (172) o mesmo pondero eu. Quando Christo Redemptor nosso entrou na batalha de sua Paixão, a mais importante, que nunca houve, nem haverá no mundo, ao tempo que seus inimigos o accometteram no Horto, virou-se o Senhor para elles, e para os Discipulos, dizendo: *Si ergo me quæritis, finite hos abire.* (173) Retiraram-se os Apostolos com este mandado, ou permissão de Christo, e deram fundamento aos Doutores a duvidarem, porque não quiz o Senhor que seus Discipulos o acompanhassem nesta jornada. Não parece que era muito credito da doutrina de Christo, que fossem juntamente com o Mestre divino os Discipulos que o seguiam; e já que havia um Judas, que o negara vilmente, houvesse um João ou um Pedro, que o confessasse com o sangue? Pois porque não quiz Christo que o acom-

(172) VARNHAGEN, *Historia das Lutas*, pag. 151, Vienna, 1871; MILLO, *Biographies*, I, 143. A casa forte do Rio Real levantada por Von Schkoppe em 1637 (CALLADO, *O Valeroso Lucideno*, pag. 41), foi tomada a 10 de Setembro de 1640 (RIO BRANCO, *Historia do Brasil*, pag. 42, Rio, 1930).

(173) *Jouu*, XVII, 8. (N. dos Ser.).

panhasse nenhum; porque mandou que se fossem todos? A razão dizem os Expositores que foi, porque como queria só para si a victoria, não quiz ter companheiros na batalha. Assim o dizem Toledo, Salmeirão, e todos communmente: mas muito tempo antes o tinha dito pelo propheta Isaias, com grande gloria sua, e mesmo Christo: *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum.* (174) O intento desta empresa da Paixão, fallando em phrase do mesmo Redempto, era desalojar o inimigo lo genero humano, que se tinha apoderado do mundo: *Princeps hujus mundi ejicietur foras:* (175) e como a victoria era de tanta importancia, e Christo queria só para si a gloria della, por isso mandou que os discipulos se apartassem: *Sinite hos abire;* porque não era bem que admittisse companheiros á peleja, quem queria ser só na victoria. Tal imagino a Deus nesta occasião, que em todas é mui parecido a si mesmo. Como queria só para si a gloria deste felicissimo successo, não quiz ter companheiro na batalha. Vir-se antes o nosso exercito, foi servir a prudencia humana aos intentos da Providencia Divina, para que largando o inimigo o posto, quando já a violencia das nossas armas o não obrigava, só a Deus se devesse a victoria, só a elle se dessem as arças, e pudesse outra vez sua misericordia sabir nesta occasião com o mesmo timbre: *Torcular calcavi solus et de gentibus non est vir mecum.*

Mas se bem considerarmos os motivos porque o inimigo desalojou, mais alguma coisa deve a gloria Divina aos primores da nossa resolução. Tendo sitiada Joab uma cidade dos Amonitas, mui parecida no sitio á Força do Rio Real, por estar por uma e por outra parte cercada e

(174) *Isai.*, LXII,3. (N. dos Ser.).

(175) *Joan.*, XII, 31. (Ibd.).

defendida de um rio, que por isso, conforme Lyrano e outros, se chamava *Urbs aquarum*; quando já a violencia do cerco a tinha reduzido a se entregar, mandou Joab este recado a el-rei David: *Capienda est urbs aquarum; nunc igitur obside civitatem, et cape eam, ne cum à me vastata fueri urbs, nomini meo adscribatur victoria*: (176) Está quasi rendida a cidade do Rio; pelo que venha vossa magestade e acabe-a de render, para que a vossa magestade, e não a mim, se attribua a victoria. Grandemente encarecem os santos esta acção de Joab; e na verdade, se foi limpa de lisonja e de interesse, muito tem de fineza; e tal considero eu a resolução do nosso exercito. E senão pergunto: Porque se retirou o inimigo do Rio Real, Porque largou o posto? Não foi pela valente e bem afortunada victoria que tivemos nos campos, onde lhe degolamos trezentos soldados vellos, os melhores campanhistas que tinham? (177) Não foi por verem totalmente frustrados os intentos com que vieram, de senhorear os gados e de os combiar a Pernambuco? Não foi por entenderem o grande poder e maior resolução com que os iam buscar, rompendo por tantas difficuldades? Não foi pelos continuos assaltos com que os tinhamos fechados dentro na sua Força, mais como em sepultura de mortos, que como em carcere de vivos? E sobre tudo isto não havia bastantes noticias, ou, quando menos, evidentes discursos, que o inimigo não podia sustentar o posto, e que o havia de desamparar forçosamente? Pois porque deixamos a assistencia da guerra? Porque não esperamos pelo fim da victoria? Deixadas as razões que houve humanas, foram

(176) 2.^a Livr. dos Reis, XII, 27 e 28. (N. dos Scr.).

(177) É a mesma victoria obtida no Rio Real, não a um episodio da retirada de Barbalho(J. LUCIO D'AZEVEDO, *Historia de Antonio Vieira*, I, 40 Lisboa, 1918) a que allude o pregador; occorreu em Agosto, como declara adiante.

primores, foram cortezias, como as de Joab. Fizemos cumprimento a Deus daquella victoria, que tinhamos quasi ganhada, para que á sua Divina Magestade, e não a nós, se dêsse a gloria: *Ne cum à me vastata fuerit urbs, nomini meo adscribatur victoria.* E foi Deus tão benigno Senhor, que não se dignou de a aceitar; nós apertamos o inimigo, nós dispuzemos á victoria, como Joab; Deus veio a colher as glorias, e tomar para si a honra, como David.

Mas como as coisas que se dão a Deus, sempre nos ficam em casa muito melhoradas, assim ficamos nesta occasião com o mal feliz e venturoso successo que pudéra presumir a esperança, nem ainda inventar o desejo. Pergunto, senhores: Que é o que pretendiamos nesta jornada? Desajojar o inimigo daquella Força, franquear a nossa campanha, impedir o retiro dos gados, matar muitos hollandezes e destruil-os? Pois tudo isso se conseguiu, e tudo sem perdemos dois homens, que é a maior e mais illustre victoria que se podia alcançar. Por tal a canonizou o grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio nestas sentenciosas palavras: *Hæc est vera, et incruenta victoria, ubi sic adversarius vincitur, ut de vincentibus nemo lædatur.* (178) Sabeis qual é a verdadeira e inteira victoria? Diz Santo Ambrosio: E' aquella em que de tal maneira se vence o inimigo, que ficam todos salvos os vencedores. Com muita razão chama o Santo Padre verdadeira e inteira victoria aquella em que os vencedores ficam todos salvos: porque o exercito que perdeu alguns soldados na batalha, ainda que vencesse o inimigo, não se pôde chamar verdadeira e inteiramente vencedor: porque em tantas partes ficou vencido, quantos foram os soldados mortos que deixou no campo. Taes costumam ser ordinariamente as guerras humanas: porque não ha pelear sem

(172) *Ambros.*, serm. 1.^o de Elieo (N. dos Ser.).

morrer, nem vencer sem derramar sangue: mas a Providencia Divina, que governava nossas armas, nesta occasião soube concordar a felicidade do successo com a conservação das vidas; e a honra da victoria com a desistencia da batalha, que, como bem disse o outro a el-rei Philippe III: *Nô es hazaña menos senalada, vencer batallas, sin sacar la espada.* É verdade que nossas armas em muitos assaltos e occasiões antecedentes luziram mui bem sem valor; mas a ultima e total retirada do inimigo, que foi a corôa daquelle feliz successo, de graça nol-a deu Deus, sem se disparar um arcabuz, nem se desentibainhar uma espada, por pura mercê e singular gloria sua. Para singular gloria de Deus, digo; porque a victoria de que Deus mais se gloria em semelhantes casos arriscados, é saber conseguir o intento, com evitar o perigo. No nosso Evangelho o temos.

Depois que os Magos adoraram a Christo, tornaram para suas terras avisados por um anjo: mas diz o Texto, que tornaram por outro caminho, do que viram: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* Repara S. João Crysostomo no modo desta jornada, e argue que não parecia conveniente á reputação e autoridade de Christo. Se os Magos, quando ainda eram gentios, vieram rompendo as terras de Judéa, e entraram em Jérusalem intrepidamente, como agora, que são Soldados do verdadeiro Deus, divertem a jornada por outro caminho? Isto de não ir a Herodes, isto de não vêr o rosto ao inimigo, parece que encontrava a opinião do novo Rei, que adoraram; porque os ignorantes de sua Divindade podiam entrar em escrupulos de sua potencia: *Si magnam quidam esset hic puer, et potentie aliquid obneret, adoratoribus suis quid opus esset fuga, occultusque discessus?* Contudo mandou Deus dizer aos Magos, que voltassem por outro caminho e não tornassem a Herodes: *Nô redirent ad Herodem;* porque se preza muito Deus de ganhar sem risco, de ven-

cer sem batalha, de triumphar sem sangue. Irem os Magos a Jérusalem: era empreza humanamente mui arriscada; porque ou haviam de descobrir que acharam a Christo, ou não: se o descobriam, morria Christo á mão de Herodes: se o não descobriam, morriam os mesmos Magos. Pois que remedio? O remedio foi manda-los Deus viser por um anjo, que voltassem para sua terra, mas que tomassem por outro caminho: e desta maneira se conseguiu o intento, e se evitou o perigo. Sahia victoria, façanha digna da Divindade., diz Chrysostomo: *Divinitatis virtute dignum*: Que não consiste só a gentileza das victorias de Deus em vir ás mãos com o inimigo, sahão em conseguir o intento que se pretende, tanto com mais gloria, quanto com menos risco: *Est autem divinitatis virtute dignum, non modo apertè conterete inimicos, verum etiam cum omni illos facilitate decipere*

VI

Este foi o venturoso successo do Rio Real, que, quando o conseguimos com perda de muitos soldados, razão tinhamos de dar muitas graças. Mas a Divina Bondade quiz que fosse, ainda, da sua parte mais merecida e da nossa mais alegre esta acção de graças; pois lançado fóra o inimigo, e desimpedida a campanha, nos vemos com os nossos valorosos capitães e soldados todos vivos, todos salvos, todos guardados para maiores emprezas. Quando os soldados de Moysés voltaram vencedores dos Madianitas, vieram offerecer os despojos a Deus, e a principal razão que deram do seu agradecimento, foi esta: *Recepsimus numerum pugnantium, quos habuimus sub manu nostra, et ne unus quidem defuit: ob hanc causam offerimus, etc.* (179) Fizemos resenlia da infantaria com

(179) Num., XXXI, 49 e 50. (N. dos Scr.).

que entramos na batalha, e todos achamos salvo depois da victoria; pelo que vimos offerecer a Deus estes agradecidos despojos. Isto fizeram os victoriosos capitães e soldados de Moysés; e o mesmo devem fazer os capitães e soldados do nosso felicissimo general, e toda esta nobre cidade, em occasião tão semelhante, offerecendo a Deus entre o ouro e incenso dos Reis orientaes, o agradável e religioso tributo desta acção de graças.

Sejamos agradecidos, christãos, sejamos agradecidos a Deus, não sejamos ingratos. Consideremos o estado em que estamos, e o em que haviamos de estar, se Deus nos não fizera estas mercês. Se o inimigo se conservara no Rio Real, se occupara a capitania do Espirito Santo, se proseguira os intentos do Camamú, (180) quaes haviamos de estar? Que havia de ser de nós? Cercados pelo norte e pelo sul; os gados e os mantimentos impedidos; (181) a campanha infestada com assaltos, e des-

(180) A frota de Koin atacou Camamú o 17 de Outubro de 1640 — porque os navios se resentiam de falta d'agua e havia arribar em qualquer porto (cf. carta do coronel a Nassau, cit. por GARCIA, *Nota a Porto Seguro*, II, 390). Com duzentos homens, Koin investiu a povoação e conquistou-a, «depois de curta resistencia por parte dos habitantes». Incendiou em seguida a povoação, «bem como uma barca e uma caravela, ambas sem carga e algumas casas situadas nas vizinhanças...» De Camamú seguiu para o Espirito Santo.

(181) A Bahia fornecia-se de grãos pela estrada que a Casa da Torre abria até o rio S. Francisco; e de farinhas, por riar, de Camamú, Cairu, Ilheus, Morro de S. Paulo. Na sua carta ao conde de Ericcira, *Cartas*, II, 228 ed. de 1885, attribue Vieira a Von Schkoppe o pensamento de reduzir a Bahia pela fome, bloqueando lhe o porto em 1647. «Quanto aos mantimentos, sabida cousa é que os de que se sustenta a Bahia nunca jamais vieram de Sergipe, senão de Cairu, Ilheoba e Camamú que fica 15 até 20 leguas para a parte do sul...» (VIEIRA, *Discurso em que persuade a entrega de Pernambuco*; *Revista do Inst. Hist.*, t. LVI, par. I, 19).

perovada com receios? Não havia senão cruzar as mãos, e entregar ao inimigo? Pois que comparação tem este miseravel estado com o felicissimo que gosamos? Comparemos bem os fins do anno de 40 tão pouco parecidos com seus lastimosos principios, que esta parece uma das monstruosidades das fataes esperanças deste anno. Em Janeiro a armada derrotada, tantos mil homens, tantos gastos, tantos apparatus de guerra perdidos. Em Abril a armada hollandeza na Bahia com grandes intentos, mas com maiores temores nossos: não nos esqueçamos que bem nos vimos os rotos. Em Maio saqueado e destruido o Reconcavo: tantas casas, tantas fazendas, tantos eugenhos abrazados. Em Junho o Rio Real occupado pelo inimigo: os campos e os gados quasi senhoreados, e as esperanças de os recuperar não quasi, senão de todo perdidas. Porém de vinte de Junho por diante, assim como o sol naquelle dia deu volta sobre o tropico de Cancer, assim virou tambem a folha nossa fortuna e começaram dentro do circulo do mesmo anno a responder felicidades a infortunios. Em Agosto vencido o inimigo nos campos com aquella tão bem afortunada victoria, onde com morte de um só soldado nosso, de mais de trezentos hollandezes apenas escaparam sete. Em Setembro recuperado o Rio Real, e desalojado o inimigo á força de nossas armas, e do desgano de seus designios. Em Outubro (que cada mez parece que tomou á sua conta um bom successo e este muitos). Em Outubro, os intentos do hollandez no Camamu reprimidos: os temores do gentio nos Ilhéos socegados, e sobre tudo a gloriosa victoria do Espirito Santo, mais alcançada com o poder de sua graça, que com as forças da natureza. Em Novembro o incendio

das canas e assolação dos engenhos de Pernambuco; (182) terrível guerra, e a que mais desespera ao inimigo. Em Dezembro embaixadores do mesmo neste porto a pedir treguas, a offerecer partidos, a reconhecer a superioridade de nossas armas, de que pouco antes tanto zombavam. (183) Pois donde imaginaes, que nos veio esta felicidade? Quem trocou as mãos á fortuna? Quem fez esta tão grande mudança? Nós hontem tremendo dos hollandezes, elles hoje a tremer de nós: nós hontem a receiar que nos fizessem guerra, elles hoje a pedir-nos

(182) Os incendios dos canaviaes, foram determinados por Montalvão, que, para tão rude represalia, escolheu Henrique Dias e Paulo da Cunha (Foi: RAFAEL DE JESUS, *Castrioto Lusitano*, pagina 165. Lisboa, 1676; GAMA, *Memorias Historicas*, II, 92; Sournay, *Hist. do Bras.*, II, 414). O vice-rei obteve desse estratagem a os resultados previstos. (*Documentos na Revista do Inst. Archeol. Pernamb.*, n. 34) Haviam de reproduzi-lo os insurgentes pernambucanos, chefiados por Fernandes Vieira. — Distinguiu-se em taes de-astações Henrique Dias. No «papel forte», duas vezes citou Vieira o rito de um só negro bastar para a inquietação e ruina dos hollandezes nos seus proprios campos...

(183) Os referens (nã embaixadores) de Nassau eram o tenente-coronel Hinderson e o major Day. Montalvão remetteu-lhe o mestre de campo Pedro de la Carrera de Arenas, que faleceu em Pernambuco. Alfes em 1624, voltara á Bahia em 1631, sendo elevado a capitão da infantaria espanhola em 1636. (*Documentos Historicos*, XVI, 344). Communico o principe aos Estados Gerais o arranjo, em carta de 10 de Janeiro de 1641; concertaram os dois governos a suspensão de hostilidades e o mutuo respeito ás suas conquistas. — A historia dessas treguas honra o tino diplomatico do vice-rei, que tomara a iniciativa do acôrdo com aquella carta de Agosto, a que replicara Nassau em 20 de Outubro; mas a 5 de Novembro reclamava «passaportes e commissarios de parte a parte», que garantissem as negociações, aquiescendo á existencia o principe, com grande satisfação do portuguez. A carta em que a exprime Montalvão levou a data de 4 de Janeiro, ante-vespera deste dia de Reis (Docs. na cit. *Rev. do Inst. Archeol. Pernamb.*).

pazes: os nossos engenhos hontem queimados e os seus em pé: os seus hoje em pó e em cinza, e os nossos reedificados e moendo todos! Donde tanta felicidade? Donde tão notavel mudança? (284)

VII

Bem veja que me podêi dizer, que responde o fruto ao trabalho: e que tem grande parte nestes bons successos os cuidados e industrias, as diligencias e execuções humanas. Tantos soccorros ao Rio Real, de gente, de munições, de bastimentos por mar e por terra: soccorros ao Morro, e suas villas; soccorros á capitania do Espírito Santo. Para divertir o inimigo, tropas e mais tropas á campanha: portuguezes por mar; negros e indios por terra. Para intentos do Reconcao, e para outros grandes usos do serviço d'el-rei e allivio dos moradores, tantas embarcações de remo, maiores e menores, barcos, fragatas, galés. Para maiores designios os navios de alto bórdo aparelhados. Para sitio as fortificações renovadas e emendadas, novos fossos, novos baluartes. Prevenções para artilharia, prevenções para bastimentos, prevenções para futura armada. É como em todo o tempo e lugar obram as mãos no mar, e na terra, nas nossas terras e nas do inimigo, no presente e para o futuro, não é muito que colhamos ás mãos cheias os frutos de tão diligentes cuidados, e que se logre felizmente em nossas execuções, o acerto com que se ordenam, e a industria com que se

(184) Vieira, passando-se a Portugal nesse mesmo anno de 1641, considerava extinta a guerra no Brasil. Na carta a Cadaval, de 6 de Julho de 1697, insistiu: «Ha cincoenta e sete annos que se acabou a guerra no Brasil e neste tempo se acabaram todos os grandes cabos...» (*Cartas*, II, 374).

obram. Bem o vejo, assim como o vêem todos; e confesso que o que se tem trabalhado em seis mezes, parece obra de muitos annos; mas justo é que eu me conforme, e todos nos conformemos com o desinteressado animo e zelo verdadeiramente christão de sua excellencia: e que apartando os olhos de todo o concurso e cooperação humana, só a Deus reconheçamos por unico e total autor destas felicidades: e entre os ricos thesouros dos Reis orientaes, lhe offereçamos a pobreza de nossos affectos em humilde acção de graças, em reconhecida confissão de suas Divinas misericordias.

Bem pudéramos, seguindo a justiça de Christo, dar o de Deus a Deus, e o de Cesar a Cesar; mas o de Deus e o de Cesar, tudo quer o mesmo Cesar que se dê a Deus, que sem Deus não ha Cesares, nem Alexandres. Quando David venceu ao gigante Goliath, a espada com que lhe cortou a cabeça, dedicou-a ao Templo; e a funda com que disparou a pedra, pendurou-a em sua casa. A razão desta repartição foi, porque como o braço de Deus e o braço de David concorreram para vencer a derrubar o gigante, justo era que entre Deus e David se repartissem os despojos e trophéos da victoria e que a David ficasse a funda, e a Deus se dedicasse a espada. Esta justa repartição pudéra tambem fazer o nosso victorioso David na occasião presente: offerecer a espada a Deus nesta Igreja; e a funda pendural-a gloriosamente em seu palacio; dedicar a Deus na espada as execuções de perto; e attribuir-se a si na funda as assistencias de longe: mas funda e espada, assistencia e execuções, tudo dá, tudo offerece a Deus em perfeito holocausto de agradecimentos, penhorando com tão liberal e piedoso desinteresse os favores da Divina Bondade: para que a estes felizes principios respondam fins felicissimos, e por estas primeiras victorias cheguemos á ultima tão desejada.

A razão porque venceu David tantas vezes, e com tão portentosa felicidade os exercitos dos Philisteus, diz um grave Autor, que foi porque agradeceu a Deus a primeira victoria que delles alcançou, quando, degolado o gigante, dedicou ao Templo a espada: *Dignus, ut victricibus palmis frequentes ornaretur, qui primam suæ victoriae laudem in Deum auctorem referelat*: (185) Digno verdadeiramente Davi, que Deus lhe enchesse as mãos de victoriosas palmas, pois foi tão agradecido e pontual, que offereceu a Deus a primeira victoria, e lhe dedicou as primicias de suas façanhas. Pois se um agradecimento tão de meias, como o de David, mereceu o premio de tantas e tão milagrosas victorias contra os mesmos inimigos, razão temos para seguramente confiar, que, na liberdade deste tão inteiro agradecimento, negociê sua excellencia com a Divina Magestade as segundas e maiores victorias contra os holandezes, e a desejada restauração de Pernambuco e do Brasil, por que tanto suspiramos.

VII

E na verdade, senhores, (dae-me attenção por caridade, que vol-a espero merecer) e na verdade, que se dos successos presentes quizermos fazer conjectura para os futuros, que nunca eu vi mais fundadas as esperanças da desejada restauração do Brasil. Em dia de Santos, mathematicos e astrologos, parece que não satisfazemos á obrigação, se não levantarmos alguma figura. Seja assim: e já que não explicámos o Evangelho no principio, explical-o-hemos agora todo a este intento. O Evangelho nos servirá de cêo, as acções d'le de estrellas, e em tão ver-

(185) Mendonç., in Reg., cap. 7, n. 14, annot. 28, c. liter. sect. 4 tom. 2. (N. dos Ser.).

dadeiras observações, e tão segura Judiciaria, sem duvida podemos esperar o que nos prometterem, por mais que pareça duvidosa a contingencia dos tempos.

Cum natus esset Jesus in Bethlehen Juda, in diebus Harodis Regis, etc. (186) Advertiu um grande juizo mathematico o dia vinte de Junho, em que o senhor Marquez vice-rei entrou no Brasil com tantas circumstancias de felicidade na jornada, e ainda na tardança; e achou que estava o sol no tropico de Cancer no ponto em que torna a voltar para nós, e começam nesta região a crescer os dias. Fez pois juizo que, da mesma maneira com a entrada de sua excellencia se acabavam as minguantes da nossa fortuna, e começavam os augmentos della. E como juntamente grande theologo, achou prova na Historia Sagrada a este pensamento. Porque observou Santo Agostinho, que nasceu Christo em Dezembro, quando começam a crescer os dias; e S. João Baptista em Junho, quando começam a minguar; e uma e outra coisa diz o Santo Padre que foi prognostico do que havia de acontecer; porque a fama e gloria do Baptista havia de diminuir-se, e a de Christo augmentar-se, em cumprimento do que o mesmo S. João tinha prophetizado: *Illum oportet crescere, me autem minui.* (187) As palavras de Santo Agostinho são estas: *Humilietur homo, ut exaltetur Deus, secundum illud, quod de Domino Joannes dixit: Illum oportet crescere, me autem minui. Ut humiliaretur homo, hoc die natus est Joannes, quo incipiunt deserescere dies; ut exaltetur Deus, eo die natus est Christus, quo incipiunt crescere.* (188)

Assim se observou o dia mathematicamente mas eu como menço. pontual, se bem mais cingido com o Evar-

(186) *Math.*, II, 1. (N. dos Ser.).

(187) *Juan.*, III, 30.

(188) D. Aug. Hom. 2. de Nat. Joan.

geho, observo os dias: *In diebus Herodis Regis.* (189) Nos dias em que o Brasil estava mais acabado, e desesperado de remedio, a armada perdida, a Bahia abrazada, o inimigo pujante e victorioso, que significa isto? Sem duvida significa o que gravemente disse S. Pedro de Ravena. Pondera, porque veio Christo ao mundo: *In diebus Herodis Regis.* (190) nos dias em que debaixo do imperio de Herodes estava ao reino Hebreu mais tyrannizado que nunca; e assim o espirital como o temporal delle mais perdido: e dá o Santo Padre esta razão, que servirá de resposta a uma e outra pergunta. As palavras são maravilhosas: *Expulsurus tyrannum, vindicaturus patriam, instauraturus orbem, libertatem redditurus adventat.* Sabeis porque vem nestes dias e nestes tempos tão calamitosos um e outro restaurador? Por isso mesmo, porque o ha-de ser. Porque ha-de lançar fóra o inimigo. *Expulsurus tyrannum:* porque ha-de vingar as injurias da patria: *Vindicaturus patriam:* porque ha-de restaurar este novo mundo: *Instauraturus orbem:* porque ha-de restituir a liberdade aos que ha tanto tempo a têm perdido: *Libertatem redditurus adventat.*

Neste tempo vio Christo ao mundo, e neste o vieram buscar os Magos, perguntando em Judéa, ou acclamando, como dizem os Santos, o nome do Rei nascido: *Turbatus est Herodes, et omnis Ierosolyma cum illo:* (191) Turbou-se Herodes, e toda Jérusalem com elle: que como o povo é espelho do rei, não é muito que mudando o rei as côres, as perdessem tambem os vassallos, e que a perturbações reaes respondessem desmaios populares. Mas por que se perturba Herodes? Sabamos. Tur-

(189) *Math.*, II, 1. (N. des Ser.).

(190) *Chrysol.*, Serm. 1.º, de Epiph.

(191) *Math.*, II, 3.

ba-se e perturba-se, diz S. João Chrysostomo, porque como era rei estrangeiro, de geração Idumeu, injusto e tyrannico possuidor do sceptro de Judéa, tanto que ouviu fallar na vinda do novo Rei, persuadiu-se que o reino havia de tornar a seu legitimo senhor, e elle havia de ser despossuido e lançado fóra: *Turbatur, cum esset genere Idumæus, ne regno iterum revoluto ad Judæus, ipse expelleretur.* (192) Ah Herodes hollandez! Ah Jerosolyma pernambucana! Como te vejo turbada e perturbada! Que côres são essas tão inconstantes, que se te vão, e se te veem ao rosto? Já colerica ameaçando guerra, já medrosa offerecendo pazes: já resstindo na campanha, já desesperando da defesa: já accommettendo as nossas praças, já prometendo-as, antes de serem tuas: já no norte, já no sul: já pelo mar, já por terra; intentando tudo, e não acabando nada: começando, e não proseguindo! Que perturbações são estas? Sem duvida: *Turbatur Herodes, ne regno iterum ad Judæos revoluta, ipse expelleretur.* Turba-se Herodes; porque vê que é chegado o Messias, que ha-de restituir a Israel: turba-se a garça livre; porque reconhece com instincto natural o falcão que a ha-de levar nas unhas. Turbam-se as aguas da piscina: porque é chegado o anjo que ha-de sarar ao paralytico.

E senão, pergunto eu: Qual foi o motivo desta perturbação de Herodes? O motivo principal, como bem nota o mesmo S. João Chrysostomo, foi o vêr Herodes que eram tão poucos homens, e nem todos elles eram brancos (que um dos Magos era negro, e negros os que o acompanhavam, conforme a prophécia de David: *Coram illo procedent Æthiopes. Æthiopia præveniet manus ejus Deo*). (193) Vêr pois, que tão poucos homens, brancos e

(192) *Chrysost.*, sup. Math. apud. Cat. D. Thom.

(193) *Psalm.*, LXXI, 9. *Ibid.*, LXXVII, 32.

negros, vinham tantas leguas de caminho, marchando confiadamente por suas terras, e acclamando o nome de um novo Rei sem temor de seus exercitos, isto fazia turbar e perturbar a Herodes: *Turbatus est Herodes*: isto fazia temer e tremer a toda Jérusalem: *Et omnis Jerosolyma cum illo*. Pois se esta resolução dos Magos perturba a Herodes, quanto maiores motivos, ou não menos que eguaes, tem o hollandez rebelde de se perturbar, vendo as nossas tropas de quatro portuguezes, e quatro negros, marcharem tantas leguas de difficulosissimos caminhos, sem camellos, nem elephantes que lhes levem as bagagens, e andarem livre e intrepidamente em suas campanhas, talando e abrazando tudo, apezar de seus presidios, e acclamando o invicto nome do monarcha das Hespanhas, e de seu novo general? (194) O' como temeram os rebeldes de medir a espada, e de vir ás mãos de perto com o valeroso Samsão, que por meio de tão iraco, e industrioso poder, lhe abraza suas ricas searas! (195) Bem diz aqui aquella delicada empreza, com que sabiu o outro: *Mais branda é que Marte; mas de filho a pae bem se pôdem prestar os pensamentos*. Pintou um sol em sua esphera,, o qual estendendo e unindo os raios pela interposição de um vidro artificial, feria fogo num coração

(194) A pillagem e incendio dos engenhos pernambucanos, em Novembro de 1640 (Ver *Casrioto Lusitana*, pag. 165, Lisboa, 1679), tinham sido ordenados por Montalvão, que, ao tempo em que expedia Henrique Dias e Paulo da Cunha, com as partidas de «campainhistas», escrevia por um expresso correio a Nassau, dizendo que varios soldados portuguezes, negros e mulatos, fugiam da Bahia e quando presos, deviam ser enforcados... (FRET MANOEL CALLAHO, *O Valeroso Lucidemo*, pag. 76, Lisboa, 1668). A duplicidade e os ardis do vice-rei tiveram, por parte do hollandês, digna replica, com os inopinados assaltos do Maranhão e de Angola.

(195) *Juizes*, XV. (N. dos Ser.).

opposto, e o abraza em chammas. Animava-se esta figura com uma letra breve, que dizia: *Quid propinquior?* Quem tanto queima de longe, quanto abraçará de perto? A mesma consideração podem fazer os hollandezes ás experiências da nossa, com que o nosso maior planeta, sem sahir da sua esphera, por meio de tão fracas interposições, lhe abraza toda a campanha: *Quid propinquior?* Se tanto queima, se tanto abraza, se tanto vence, quando só influe de longe, que será quando com competente poder se chegar a investir de mais perto? Se Christo no Presepio, e entre palhas faz tremer a Herodes, e a Jerusalem, diz Chrysologo: (196) *Quid faceret, si fultus divitis, et multitudine:* que seria se viesse com poder, e acompanhado de numeroso exercito? Se com palhas se faz tanta guerra ao inimigo, que quatro palhas são as que queimam as ricas searas, e doces minas do Brasil naquella campanha, que será quando as palhas se troquem em lanças, e a guerra se faça, não a lume de palhas, senão a fogo de canhões?

IX

Estes venturosos prognosticos são os que perturbam ao hollandez, semellantes ás perturbações e receios de Herodes, o qual para saber o que rezavam as Escripturas em caso de tanta importancia, mandou chamar os Escribas e Príncipes dos Sacerdotes: que cada um sabe o que estudou. Tempo e lugar sei eu, em que talvez para duvidas ecclesiasticas se mandaram consultar capitães, e para negocios militares se pediu conselho nos bispos: por isso o mundo vae como vae. Resolveu o cabido dos Sacerdotes e Escribas, que, segundo prophecia expressa de Michéas.

(196) *Chrys., Serm. 158. (N. dos Scr.).*

havia Christo de nascer em Belém. E Herodes que já lhe traçava a morte, antes de lhe averiguar o nascimento, fechou-se em secreto com os Magos, para colher as noticias necessarias a seu designio. O que neste caso me admira por agora, é que não houvesse um daquelles Escribas ou Sacerdotes republico, que notasse ao rei de ter trato secreto com homens estrangeiros. O rei com estrangeiros em secreto: *Clam vocatis Magist* (197) Perigoso trato, arriscada confiança parece. Contudo nada disto estranharam, nem murmuraram aqueles letrados, sem duvida, porque o eram. Eram homens que entendiam as Escripturas, como bem mostraram no entendimento que deram ao Texto de Micséas; e quem lê os livros, e os entende, sabe quão licitos e quão usados são na guerra, e quão proveitosos á republica semelhantes tratos. No mesmo caso nosso o temos. Por este trato alcançou o rei muitas noticias necessarias ao intento da conservação de seu reino: *Diligenter didicit ab eis tempus st ille*, etc. E por este trato, como aqui nota um autor, chegou a intentar que os Magos fossem espias contra o mesmo Principe que aclamavam: *Ite, interrogate diligenter de puero, et cum inveneritis, renuntiate mihi*; (198) Ide, perguntae, sabei, informae-vos, e como tiverdes noticias, tornaes, e avisar-me-heis. E' verdade que os Magos não o fizeram assim; mas nem todos têm tanta fé, nem tanta fidelidade; e, finalmente, entenda cada um no que lhe toca.

Com este despacho do rei sahiram da cidade de Jérusalem os Magos; e tanto que estiveram fóra, apparecen-lhes logo a estrella que se lhes tinha escondido: *Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat*

(197) *Math.*, II, 7. (N. dos Serm.).

(198) *Ibid.*, 8. (*Ibid.*).

cos. (191) Notae commigo por caridade: que em quanto os Reis andaram pela campanha, tiveram estrella; tanto que se metteram na cidade, logo desapareceu; e em quanto estiveram na côrte, nunca mais a viram. Cuidarem os Reis que hão-de ter estrella, que hão-de conservar em felicidade seus reinos, estando nas côrtes, e não sabindo nunca dellas! Não o entenderam assim os felicissimos reis de Portugal; não o entendeu assim o famosissimo imperador Carlos V; nem o entende assim o invictissimo monarcha Philippe IV, o Grande. Em muita suspensão tem posto a Hespanha o levantamento de Catalunsa; mas como sua magestade (Deus o guarde) são a campanha, a estrella escondida apparecerá, e grandes esperanças podemos ter de mui feliz successo. (200) Do Brasil sei eu dizer ao menos, que a causa de se esconder a estrella aos portuguezes: *Stellam, quam viderant in Oriente*: aquella estrella que com tanta gloria de Deus e de Portugal viram no Oriente nossos antepassados, a causa de se nos esconder muitas vezes esta estrella no Brasil, é porque nos mettemos nas cidades, como fizeram os Magos em Jérusalem. Era dictame mui antigo, e mui ordinario, que el-rei mandava defender esta ou aquella praça, e interpretavam-se estas ordens tão estreitamente, como se a Bahia não fôra mais que das portas de S. Bento

(199) *Math.*, II, v. 9. (N. dos Ser.).

(200) A revolução da Catalunha, auxiliada dos francezes, não foi tão depressa dominada. Felipe IV saiu a combatala, mas parou em Saragoça, onde se festejou largamente. Os catalães gritaram: «Visca el Rey y avyra lo mal goberna». (Francisco de S. Larcguñ, *Cataluña*, p. 212, Madrid, 1927).

Proclamaram entretanto a Luis XIII conde de Barcelona. Durante doze anos resistiram terrivelmente. — Começara a insurreição em 7 de Junho de 1649 (D. Antonio Balesteros y Beretta, *Historia de España*, IV, 233, Barcelona 1926). Resultou a perda do Roussillon, anexado pela França.

até ás do Carmo, (201) e aqui dentro nos estavam. A verdadeira guerra defensiva, é a que offende ao competidor dentro em suas terras; e nunca as cidades estão mais seguras ao perto, que quando o inimigo se divide, e se entretém ao longe. Sabeis, senhores, porque temos já occasiões de graças, tendo tantas até agora de lagrimas? Sabeis donde nos vêm estas principiadas felicidades? E' porque não esperamos a estrella dentro de Jérusalem, senão porque a imos buscar á campanha. Porque marcharam terços e exercito ao Rio Real; porque se mandou infantaria ao Morro, e ás outras villas; porque partiram repetidamente tropas e mais tropas á campanha de Pernambuco; por isso tornou a apparecer, e se nos mostra já a estrella, que ha tantos dias tinha desaparecido: *Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos.*

Vendo outra vez a estrella, diz o Texto sagrado, que a festejaram com grande encarecimento os Magos: *Gavisissimi sunt gaudio magno valdê*: (202) Alegraram-se com gosto grande muito. Não vos gabo a collocação das palavras: mas esse mesmo desconcerto foi ordenado com divina rhetorica: que quem se soube alegrar concertadamente, não lhe saltava o coração deveras. Festejaram os Magos a estrella extraordinariamente, e com estas alegres demonstrações nos canonizaram as festas publicas, e touros reaes, com que hoje, em universal applauso se solemnizam estes felizes successos: que ainda que não chegamos á desejada Belem, ainda que não restaurámos Pernambuco, bastante occasião é de alegria e festa, vêr recuperada a estrella, em cujo seguimento havemos de chegar.

(201) Ver a *Anna da Provincia do Brasil*, 1624 e 1625.

(202) *Math.*, v. 10. (N. dos Ser.).

Seguindo a sua chegaram, finalmente, os Reis ao Presepio, e adoraram ao Menino Deus em muito mais levantado throno, que deixou no céu; porque estava nos braços da Virgem: offereceram a seus pés os presentes que traziam: *Et obtulerunt ei munera*. Pois que novidade é esta? (Repara Santo Agostinho): *Nunquid non reges antè in Judæa erant nati? Quare iste adorandus, et ab alienigenis adorandus, non terrent exercitu?* (203) Por ventura não nasceram e viveram em Judæa outros reis nos tempos passados? Pois porque os não vieram adorar e reconhecer com presentes os estrangeiros, senão a este novo Rei, não tendo elle poderoso exercito, como os demais, a cujo terror e assombro se humilhassem: *Ab alinigenis, non terrente exercitu?* A razão verdadeira é tão clara, que não tem necessidade de expositor, e foi, diz Santo Agostinho, porque nenhum dos outros reis, senão este, era o Messias, e só Elle havia de encher as esperanças de Israel, e nellas as de todo o mundo. Em prophesia destas futuras glorias vieram adorar a Christo com tributos e presentes os embaixadores da gentildade (que assim chama David aos Magos): *Veniente legati ex Aegypto. Aethyopia præveniet manus ejus Deo*. (204) E que outras consequencias posso eu fazer, senão estas mesmas, quando vejo no meio daquela Bahia o que em nenhum outro tempo vimos, náu hollandeza com embaixadores, com presentes: *Et obtulerunt ei munera?* (205) Sem duvida, que estes presentes significam os futuros que elles temem, e nós esperamos. Conjecturam os fins pelos principios; e porque experimentam o que é, temem o que ha-de ser: *Vidimus stellam ejus, et venimus adorare eum*: Vimos a sua estrella, e por isso o vimos a adorar.

(203) *August., Serm. 67. (N. dos Ser.).*

(204) *Psalms., 67, juxta interpr. Eccles.*

(205) *Ita philosoph. Euth. in hunc locum.*

Viram e experimentaram os rebeldes em todas as occasiões proximas, que sempre levaram a peor de nossas armas, ou no norte, ou no sul, ou no mar, ou na terra, ou nos seus paizes, ou nos nossos; e o reconhecimento desta estrella os traz humildes a tributar adorações, e offerecer concertos; parecendo-lhes, a que a nós estrella feliz, a elles cometa temeroso. e sanguinolento, que sobre tanto sangue derramado, lhes ameaça a derradeira ruina.

X

E na verdade, se minha observação me não engana, ainda os aspectos do nosso Evangelho trinam e quadram em favor desta conjectura. Não sei se advertis que diz o Texto: *Ut apertis thesauris suis, obtulerunt ei numera aurum, thus, et myrrham;* (206) e não diz mais. Diz que lhe offereceram thesouros, mas não diz que os aceitou o Senhor. (207) Este para mim é o mais verdadeiro prognostico, e o mais firme fundamento deste juizo. Senhor, de quem se diz que lhe offereceram, e não se diz que aceitou, elle restaurará o mundo. E senão, pergunto: Porque se perde o mundo todo. e porque se perdeu o Brasil? Ouvi-o ao propheta Isaias, que em cabeça de Jérusalem parece que está fallando commosco no cap. primeiro: *Terra vestra deserta, civitatis vestrae succensa igni, regionem vestram coram vobis alieni devorant.* (208) Menos ha de oito mezes, que tudo isto vimos com nossos olhos. Olhae, portuguezes do Brasil, diz Deus, para vossas terras desertas e despovoadas: *Terra vestra deserta:* Olhae para vossas cidades abrazadas e consumidas

(206) *Math.*, II, 11. (N. dos Ser.).

(207) *Sc notat Abul. hic.*

(208) *Isai.*, I, 7.

a fogo: *Civitates vestrae succensæ igni*. Ollhae para vossos campos e ricas lavouras, que as andam desfrutando os estrangeiros, e logrando, a vosso pezar, os grossos interesses delas: (209) *Regionem vestram coram vobis alieni devorant*; e o peor é que ainda a espada de minha vingança não está satisfeita, ainda o castigo ha-de ir por diante: *Et desonabitur sicut in vastitate hostili*. Pois, Senhor, o Brasil não é uma parte, e não a menor de Portugal, reino tão catholico, tão pio, tão religioso? Não se vos offerecem a este fim tantas orações, tantos jejuns, tantas penitencias, tantos sacrificios? Pois estas obras de culto divino, e de piedade christão, como vos não abrandam? Vêde o que responde o Senhor: *Incensum abominatio est mihi, neomeniam, et sabbatum, ea festivitates, alias non feram, kalendas vestras et solemnitalis vestras odit anima mea, facta sunt mihi molesta, laboravi sustinens* (210): Abomino vossas orações, não quero vossos sacrificios, aborrecem-me vossas festas e solemnidades; o culto divino com que me adoraes, não o posso vêr, enfatia-me: *Et cum multiplicaveritis orationem, non exaudiam* (211): E por mais que bradeis ao céo, não vos hei-de ouvir. (Vae a causa de todos estes males) *Manus enim vestrae sanguinea plenae sunt*; Porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Cheias do sangue do povo, cheias de sangue do orfam, cheias de sangue do pobre e miseravel, que está cada dia mendigando com o suor de seu rosto. Eis aqui porque se perdeu o Brasil, eis aqui

(209) Ver BARLAEUS, *Rerum per octennium*, etc., pag. 139, Amsterdam, 1647. «Estava neste tempo Parratubuco tão florescente de fazendas... e tanto era o dinheiro de prata e ouro que até os negros e negras traziam dobrões nas mãos...» Fiel MANOEL CALLADO, *O Vulcero Lucileno*, pag. 53.

(210) *Isai.*, 13 e 14. (N. dos Scr.).

(211) *Ibid.*, 15.

porque se perde o mundo, e porque os castigos do céu vão muito facil: *Lavimini, mundi estote, et venite, et arguite me, dicit Dominus* (212): Lavae as mãos, haja limpeza de mãos, diz Deus: e se eu não levantar mão do castigo, se eu vos não ajudar e favorecer em tudo, se eu vos não dêr victorias contra vossos inimigos: *Venite, et arguite me, dicit Dominus*: Vinde, argui-me, dizei que sou injusto, que eu vos dou licença. E bem o vêmos. Sabeis porque nos dá Deus as victorias ás mãos avadas? Assim o foram todas as que nestes dias tivemos; porque matando sempre tantos centos de holandezes, da nossa parte entre todos, apenas se contam quatro ou cinco mortos. Sabeis porque é isto? Eu vol-o direi em uma palavra. Dá-nos Deus as victorias ás mãos lavadas; porque se não tingem as mãos no sangue do povo, por isso as vêmos ensanguentadas gloriosamente no sangue dos inimigos: por isso tudo luz; por isso tudo cresce; por isso tudo vac por diante; e como por falta d'isto se perdeu o Brasil, assim por isto se ha-de recuperar, que é o que só resta no Evangelho: *Reversi sunt in regionem suam*.

Tornaram os Magos para as suas terras, e da mesma maneira tornaremos nós, finalmente, para as nossas; porque, se foi oraculo da tornada, voltar por outro caminho; *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam* (213); bem differente caminho leva a restauração do Brasil do caminho ou descaminho por onde se perdeu. Não ha muitos mezes que mostrei (214), se ire não engano, que por falta de justiça nos feita, hoje, a primeira e maior parte deste estado: *Regnum de gente in gentem trans-*

(212) *Ibid.*, 16 e 18. (N. dos Scr.).

(213) *Math.*, II, 12.

(214) Ver o *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*.

fertur propter injustitias (215): e como pela misericórdia do céo temos tanta justiça na terra, castigando-se os criminosos, (216), premiando-se os benemeritos, reprimindo-se as violencias dos grandes, acudindo-se aos gemidos dos pequenos; não ha duvida que se pelas portas da injustiça sairmos e fômos lançados da nossa região, pelas portas da justiça tornaremos e seremos restituídos a ella: *Per aliam viam reserui sunt in regionem suam.*

Mas como nas causas publicas e communs, não bastam as influencias da cabeça, se discorda a cooperação dos membros, lembremo-nos todos, Christãos, do que a todos diz neste passo Santo Eusebio Emiseno: *Revertamur et nos per aliam viam in regionem nostram; quia per illam, qua exivimus, redire non possumus* (217). Tornemos por outro caminho á nossa região, ao nosso desejado Pernambuco; porque não podemos tornar por aquelle por onde sahimos. Se sahimos pelo caminho das soberbas, dos homicídios, dos odios, dos adulterios, e dos outros peccados, tornemos, para que Deus nos deixe tornar, pelo caminho da virtude, pelo caminho da penitencia, pelo caminho do arrependimento, pelo caminho da graça, pelo caminho da gloria: *Quam mihi, et vobis, etc.*

(215) *Eccel.*, X, 8. (N. dos Ser.).

(216) Parece aludir Vieira á severidade com que puniu o vice-rei a ãons fidalgos, que na praça do Palacio mataram um ajudante. Prendeu-os, apezar dos seus titulos, e só foram soltos quando Montalvão houve de deixar o governo. Um desses potentados era D. Sancho Manoel, que sobejantemente se illustrou na guerra com Castela, *ERICEIRA, Portugal Restaurado*, I, Lisboa, 1679, e foi conde de Vila Flôr.

(217) In *Exposit.* hujus *Evang.* (N. dos Ser.).

SERMÃO DE SANTO ANTONIO

Tanto que recebeu recado del-rei D. João IV para que o reconhecesse e aclamasse na Bahia, reuniu Montalvão a gente de praça, desarmou o terço castelhano, jurou fidelidade ao chefe da nova dinastia e se communicou com o holandez de Recife, avisando-lhe a grande occurrencia. Mas deoia o principe saber sem demora dessa pacifica e geral adesão dos seus vassallos do Brasil: enviou-lhe o vice-rei, por mensageiros, o filho, D. Fernando Mascarenhas e dous jesuitas illustres, Simão de Vasconcelos e Antonio Vieira. Deixaram a Bahia em 27 de Fevereiro e aportaram a Peniche em 28 de Abril de 1641.

A população de Peniche acolheu-os de pedras nas mãos, porque os outros filhos do marquez de Montalvão se tinham baulcado com Espanha. Escaparam de morrer ali. Ainda D. Fernando levou pela cabeça um golpe. Salvou-os, com seu agasalho, o conde de Atouguia, que lhes deu fuga para Lisbôa, onde acharam a fortuna. D. Fernando teve del-rei a patente de coronel; Antonio Vieira foi admitido a pregar na capela real. Eucantou, comoveu, conquistou Portugal. Menos pela eloquencia, do que pela energia e sinceridade dos seus sermões. Mandára o Brasil á metropole aquele homem raro, que revolucionou na colonia a oratoria sagrada, como seu livre e audaz embaixador — que diria á corte (e côrtes), ao go-

verno, á nação, numa linguagem nunca d'antes ouvida, e palavra politica e religiosa que descia do pulpito com uma inflexão igualmente apostolica e profetica.

Vivia o reino o mais grave momento da sua história se Espanha lhe entrava as fronteiras, e ainda não se desvencilhára dos inimigos dela, seus inimigos até 1.º de Dezembro de 1640. O país estava em armas, e pedia el-rei ás Côrtes, convocadas pela segunda vez, 2 milhões e 400 mil cruzados. Representava o povo, porém, que o imposto havia de ser pago separadamente, por que afinal não caísse só sobre o terceiro estado o que era reclamado de toda a nação. Clero e nobreza contestavam agitando os seus titulos de isenção e privilegios, que o costume das Côrtes devia guardar-se, e ser lançado o tributo á moda velha. A politica habil de D. João IV achou solução para a pendencia, entrando logo a corôa com 900.000 cruzados. exemplo que demoveu as outras razões, abateu os ultimos obstaculos, serenou as demais queixas... E Portugal ganhou o dinheiro com que manteve e consolidou a independencia.

Vieira ajudou o Bragança a convencer as Côrtes, falando-lhes previamente na igreja das Chagas (Ver Ericceira, Portugal Restaurado, I, 368).

Exerceu tão ampla influencia o sermão de Santo Antonio que, juntamente com os dous pregados no mesmo ano, na capela real e em S. Roque, foi logo dado á estampa. (J. Lucio d'Azevedo. Historia de Antonio Vieira, I, 74).

Ao santo de Lisboa, protetor de portuguezes na America, tomava-se na Europa por guia de Portugal...

"E mais contra castelhanos

Com mais vontade viria"! (Francisco Lopes, Favores do Céu, 1642. ed. de 1871.)

SERMÃO DE SANTO ANTONIO

PRÉGADO NA FESTA QUE FEZ AO SANTO NA IGREJA
DAS CHAGAS DE LISBOA, AOS 14 DE SETEMBRO DE
1642, TENDO-SE PUBLICADO AS CÔRTESES PARA O
DIA SEGUINTE

Vos estis sal terræ.

I

A' Arca do Testamento (que assim lhe chamou Gregorio IX), ao Martello das heresias (que este nome lhe deu o mundo), ao defensor da fé, ao lume da Igreja, á maravilha de Italia, á honra de Hespanha, á gloria de Portugal, ao melhor fillo de Lisboa, ao cherubim mais eminente da Religião Serafica, celebramos festa hoje. Necessario foi que o advertissemos, pois o dia o não supõe, antes parece que diz outra coisa. Celebramos festa hoje, como dizia, ao nosso portuguez Santo Antonio; e se havemos de reparar em circumstancias de tempo, não é a menor difficuldade da festa, o celebrar-se hoje. Hoje? Em quatorze de Setembro Santo Antonio? Se já celebramos universalmente suas sagradas memorias em treze de Junho, como torna agora quatorze de Setembro? Entendo que não vem Santo Antonio hoje por hoje, senão por amanhã. Estavam publicadas as Côrtes do reino para

quinze de Setembro (218): vem Santo Antonio aos quatorze, porque vem ás Côrtes. Como ha dias que o céu está pela corôa de Portugal, manda tambem seu procurador o céu ás Côrtes do reino. Algumas sombras disto havemos de achar entre as luzes do Evangelho. Com tres semelhanças e comparado Santo Antonio ou com tres nomes é chamado neste Evangelho. E' chamado sal da terra: *Vos estis sal terræ*: é chamado luz do mundo: *Vos estis lux mundi*: é chamado cidade sobre o monte: *Non potest civitas abscondi supra montem posita*. Esta ultima semelhança me faz difficuldade.

Que Santo Antonio se chame sal da terra, sua grande sabedoria o mercede: que se chame luz do mundo, os raios de sua doutrina, os resplendores de seus milagres o approvam; mas chamar-se cidade Santo Antonio: *Non potest civitas abscondi!* Um santo chamar-se uma cidade? Sim. Em outro dia fôra mais difficultosa a resposta; mas hoje, e no nosso pensamento, é muito facil. Chama-se cidade Santo Antonio, porque os procuradores de Cjrtes são cidades: são cidades pela voz, são cidades pelo poder, são cidades pela representação; e assim dizemos que veem ás Côrtes as cidades do reino, e não veem ellas, senão seus procuradores. E como os procuradores de

(218) Segundo ERICEIRA, reuniram-se as côrtes em 18 de Setembro: seria a dilação levada á conta das difficuldades, que explica este sermão.

«Considerando que nas primeiras Côrtes que no principio do ano de 1641 havia celebrado, não tinham os povos consignado os eicitos necessarios para assistir ás grandes despesas, que fazia a guerra, as convocou segunda vez a 18 de Setembro. Celebraram-se na Sala dos Tudescos, com as ceremonias costumadas» *Portugal Restaurado*, I, 368. E' de reparar que a maior irritação em Portugal contra Felipe IV começou quando lhe exigiu ele em 1637, 500 mil cruzados de tributo anual, sem que o votassem as Côrtes.

Côrtes, são cidades por esta maneira, muito a proposito vem Santo Antonio hoje representado em uma cidade, porque é cidade por representação. Mas que cidade? *Civitas supra montem posita*: cidade posta em cima, ou acima dos montes. Clara está a descripção, se a interpretamos mysticamente. Cidade acima dos montes, não ha outra senão a Jerusalém do céu, a cidade da Gloria: *Civitas, de qua dicitur, gloriosa dicta sunt de te, Civitas Dei*, commenta Hugo Cardeal. E por parte desta cidade do céu temos hoje na terra a Santo Antonio.

Na Igreja de Santo Antonio se costumam cá fazer as eleições dos procuradores de Côrtes: (219) e tbem no céu se fez a eleição na pessoa de Santo Antonio. E foi a eleição do céu com toda a propriedade: porque, ainda humanamente falando, e pondo Santo Antonio de parte o habito e o cordão, parece que concorrem nelle com eminencia as partes e qualidades necessarias para este officio publico. As qualidades que constituem um perfeito procurador de Côrtes, são duas: ser fiel, e ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel, e ainda mais estadista, que Santo Antonio? Fiel como portuguez, Santo Antonio de Lisboa: estadista como italiano, Santo Antonio de Padua. Deu-lhe a fidelidade a terra propria, a razão de Estado, as estranhas. Isto de razão de Estado, com ser tão necessaria aos reinos, nunca se deu muito no nosso: (culpa de seu demasiado valor); e os portuguezes que a usam e praticam com perfeição, mais a devem á experiencia das terras alheias, que ás influencias da propria. E como Santo Antonio andou tantas e tão politicas em sua vida, Hespanha, França, Italia; ainda nesta parte ficava mui acertada a eleição de sua pessoa: quando mais cres-

(219) Assim fôra em 1637, D. Francisco Manoel de Mello. *Epanaphoras de varia historia*, edição Prestiage, p. 9.

cendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua sabedoria, de sua santidade.

Só fará escrupulo nesta materia o genio tão conhecido de Santo Antonio, segundo o qual parece que era menos conveniente sua assistencia em Côrtes que se fizessem em Castella, que nestas que celebramos em Portugal. Os intentos de Castella, são recuperar o perdido; os intentos de Portugal, são conservar o recuperado. E como deparar coisas perdidas, é o genio e a graça particular de Santo Antonio; a Castella parece que convinha a assistencia de seu patrocínio, que a nós por agora não. Quem nos ajude a conservar o ganhado, é o que havemos mister. Ora, senhores, ainda não conhecemos bem a Santo Antonio? Santo Antonio para os estranhos, é recuperador do perdido; para com os seus é conservador do que se pôde perder. Caminhava o pae de Santo Antonio a degolar (assim o dizem muitas historias, ainda que alguma falle menos nobremente), e chegando já ás portas da Sé, e ás suas, eis que appareceu o santo milagrosamente, fez parar os ministros da justiça, resuscita o morto, declara-se a innocencia do condemnado, e fica livre. Pergunto: Porque não esperou Santo Antonio que morresse seu pae, e depois de morto lhe restituiu a vida? Não é menos fundada a duvida que no exemplo de Christo Senhor nosso, de quem diz o Texto de S. João, que avisado da enfermidade de Lazaro, de proposito se deteve e o deixou morrer, para depois o resuscitar. *Distulit sanare, ut posset resuscitare*, ponderou o Chrysologo; que lhe dilateu a saúde, porque lhe quiz resuscitar a vida. Pois se é mais gloriosa acção, e mais de Christo resuscitar uma vida, que impedir uma morte; porque o não fez assim Santo Antonio?

Não fôra maior milagre, não fôra mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutello pela garganta do pae, e no mesmo ponto apparecer sobre o theatro o

filho, ajuntar a cabeça ao tronco, levantar-se o morto vivo, pasmarem todos, e não crerem o que viam, ficando só da ferida um fio subtilmente vermelho para fiador do milagre? Pois porque o não fez Santo Antonio assim? Se tinha virtude milagrosa para resuscitar; se resuscitou alli um morto; se resuscitou outros muitos em diversas occasiões; porque não esperou um pouco para resuscitar tambem a seu pae? Porque? Porque era seu pae. Aos estranhos resuscitou-os depois de perderem a vida; a seu pae defendeu-lhe a vida, para que não chegasse a perdela: aos estranhos remedeia; mas ao seu sangue preserva. Christo Senhor nosso foi Redemptor universal do genero humano, mas com differença grande. A todos os homens geralmente livrou-os da morte do peccado, depois de incorrerem nelle; mas a sua Mãe preservou-a, para que não incorresse; aos outros deu-lhes a mão, depois de cahirem: a sua Mãe teve-a mão, para que não cahisse: dos outros foi Redemptor por resgate; de sua Mãe por preservação. Assim tambem Santo Antonio. Aos estranhos resuscitou-os depois de mortos; a seu pae conservou-lhe a vida, para que não morresse; que essa differença faz o divino portuguez dos seus aos estranhos. Para com os estranhos é recuperador das coisas perdidas, para com os seus é tambem preservador de que não se percam. Por isso com bem occasionada propriedade se compara hoje no Evangelho ao sal: *Vos estis sal terræ*. O sal é remedio da corrupção, mas remedio preservativo: não remedeia o que se perdeu; mas conserva o que se pudera perder, que é o que temos necessidade.

Supposto isto, nenhuma parte lhe falta a Santo Antonio, antes todas estão nelle em sua perfeição, para o officio que lhe consideramos de procurador do céu nas nossas Côrtes. Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do reino: e esta será a materia

do sermão. Santo Antonio é o que ha de prégár, e não eu. E cuido que desta maneira ficará o sermão mais de Santo Antonio, que nenhum outro; porque nos outros tratamos nós delle, neste trata elle de nós. Mas como eu sou o que hei de fallar; para que o discurso pareça de Santo Antonio, cujo é e não meu, muita graça me é necessaria. *Ave Maria.*

II

Vos estis sal terræ.

Já Santo Antonio tem dito seu parecer. Nestas quatro palavras breves, nestas seis syllabas compendiosas. *Vos-es-tis-sal-te-rræ*, se resume todo o arrazcado de Santo Antonio em ordem ao bem e conservação do reino. E ninguém me diga, que disse estas palavras Christo a Santo Antonio, e não Santo Antonio a nos; porque como a rhetorica dos do outro mundo são os exemplos, e o que obraram em vida é o que nos dizem depois da morte. dizer Christo a Santo Antonio o que foi, é dizer-nos Santo Antonio o que devemos ser. *Vos estis sal terræ*, disse Christo a Santo Antonio por palavra: *Vos estis sal terræ*, diz Santo Antonio aos portuguezes por exemplo. Entendamos bem estas quatro palavras, que estas bem entendidas nos bastam.

Vos estis sal terræ. O primeiro fundamento que toma para seu discurso Santo Antonio, é suppôr que devemos e havemos de tratar de nossa conservação. Isso quer dizer (conforme a exposição de todos os Doutores) *Vos estis sal terræ*: Vós sois sal da terra. Quem diz sal, diz conservação; e a que Christo encomendava no original destas palavras tem grandes circumstancias da nossa. Muito tenho reparado, em que primeiro chamou Christo aos

Apostolos pescadores, e ao depois chamou-lhes sal: *Faciunt vos fieri piscatores hominum: Vos estis sal terræ* (220). Se pescadores, porque sal juntamente? Porque importa pouco o ter tomado, se se não conservar o que se tomou. Chamar-lhes Pescadores, foi encommendar-lhes a pescaria; chamar-lhes sal, foi encarregar-lhes a conservação. Sois pescadores, Apostolos meus, porque quero que vades pescar por esse mar do mundo; mas adverti-vos que sois também sal; porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conservar. Senhores meus, já fomos pescadores, ser agora sal, é o que resta. Fomos pescadores astutos, fomos pescadores venturosos; aproveitamo-nos da agua envolta, lançámos as redes a tempo, e ainda que tomámos somente um peixe, foi o mais fermoso lanço, que se fez nunca, não digo nas ribeiras do Tejo, mas em quantas rodeam as praias do Oceano. Pescou Portugal o seu reino, pescou Portugal a sua corôa, advirta agora Portugal, que não a pescou para comer, senão para a conservar. Foi pescador, seja sal. Mas isto não se discorre, suppõe-se.

Porém: *Si sal evanuerit, in quo salietur?* Se o sal não fôr effectivo; se os meios que se tomaram para a conservação, sahirem vãos e inefficazes, que remedio? Esta é a razão de se repetirem; e esta é a maior difficuldade destas segundas Côrtes. As primeiras Côrtes foram de boas vontades; estas segundas podem ser de bons entendimentos. Nas primeiras tratou-se de remediar o reino; nestas trata-se de remediar os remedios. Difficultosa empreza, mas importantissima. Quando os remedios não teem bastante efficacia para curar a enfermidade curem ao enfermo. Assim o fez o mesmo Christo Deus e Senhor nosso, sem dispendio de sua sabedoria, nem erro

(220) *Marc.*, 1, 17. (N. dos Ser.).

de sua providencia. Não se pôde acertar tudo da primeira vez. Trabalhava Christo por sarar e converter o seu povo com os remedios ordinarios da doutrina, e prégação evangelica: e vendo que se não seguia a desejada saude, que fez? Tratou de remediar os remedios, para que os remedios remediassem os enfermos. Em proprios termos o disse Santo Asterio fallando da resurreição da filha do Jairo: *Ut vidit Judæos ad sermones obsurdescere, factis ipsos institut, ac medicinæ medicinam accommodat.* Vendo Christo que estava a enfermidade rebelde, e os ouvintes surdos a seus sermões, ajuntou ás palavras obras, ajuntou á doutrina milagres, e tomou por arbitrio melhorar os remedios, para que os remedios melhorassem os enfermos: *Ac medicinæ medicinam accommodat.* Applicou umas medicinas a outras medicinas, para que os que eram remedios fracos, fossem valentes remedios. Este é o fim de se repetirem Córtes em Portugal (221). Arbitraram-se nas passadas varios modos de tributos, para remedio da conservação do reino; mas como estes tributos não foram effectivos, como estes remedios sahiram inefficazes, importa agora remediar os remedios.

(221) As Córtes, segundo o estilo velho, tinham sido reunidas para proclamar o novo rei, o que fizeram em 5 de Março de 1641, incumbindo a um juriconsulto, o Dr. FRANCISCO VELLASCO DE GÓVEA, a tarefa de dar em livro as razões e legitimidade da revolução. Daí o erudito volume *Justa Aclamação do Serenissimo Rei D. João IV*, publicado em Lisboa no ano seguinte, e do qual se tirou nova estampa em 1846. Esse tratado preconizava as idéas de ROUSSEAU, quanto ao contrato social, procurando attribuir ao povo o direito de cassar o mandato que tinham os reis, segundo SUAREZ, BELARMINO, S. TOMAZ... Foi mandado queimar pelo marquez de Pombal.

III

Mas perguntar-me-ha alguém, ou perguntára eu a Santo Antonio: Que remedio teremos nós para remediar os remedios? Muito facil, diz Santo Antonio *Vos estis sal terræ*. Para se curar uma enfermidade, vê-se em que pecca a enfermidade; para se curarem os remedios, veja-se em que peccaram os remedios. Os remedios, como diz a queixa publica, peccaram na violencia, muitos arbitrios, mas violentos muitos. Pois pondere-se a violencia com a suavidade, ficarão os remedios remediados. Foram inefficazes os tributos por violentos, sejam saaves, e serão effectivos. *Vos estis sal terra*: Duas propriedades tem o sal, diz aqui Santo Hilario; conserva, e mais tempera: é o antidoto da corrupção e lisonja de gosto; é o preservativo dos preservativos, e o sabor dos sabores: *Sal incorruptionem corporibus, quibus fuerit aspersus, impertit, et ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est*. Taes como isto devem ser os remedios com que se hão de conservar as republicas. Conservativos sim, mas desabridos não. Obrar a conservação, e saborear, ou ao menos não offender o gosto, é o primor dos remedios. Não tem bons effectos o sal, quando aquillo que se salga fica sentido. De tal maneira se ha de conseguir a conservação, que se escuse quanto fôr possível o sentimento. Tirou Deus una costa a Adão para a fabrica de Eva; mas como a tirou? *Immisit Deus soporem in Adam*, diz o Texto sagrado: Fez Deus adormecer a Adão, e assim dormindo lhe tirou a costa. (222)

Pois porque razão dormindo, e não acordado? Disse-o advertidamente o nosso portuguez Oleastro, e é o

(222) *Gen.*, II, 21. (N. dos Ser.).

peusamento tão tirado da costa de Adão, como das entranhas dos portuguezes: *Ostendit, quàm difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quam obrem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit.* A costa de que se havia de formar Eva, tirou-a Deus a Adão dormindo, e não acordado, para mostrar quão difficiliosamente se tira aos homens, e com quanta suavidade se deve tirar ainda o que é para seu proveito. Da creação e fabrica de Eva dependia não menos que a conservação e propagação do genero humano: mas repugnam tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhes tem convertido em carne e sangue, ainda que seja para bem de sua casa, e de seus filhos, que por isso traçou Deus tirar a costa a Adão, não acordado, senão dormindo: adormeceu-lhes os sentidos, para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto, se ha de tirar aos homens o que é necessario para sua conservação. Se é necessario para a conservação da patria, tire-se a carne, tire-se o sangue, tirem-se os ossos, que assim é razão que seja; mas tire-se com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homens não o sintam, nem quasi o vejam. Deus tirou a costa a Adão, mas elle não o viu, nem o sentiu; e se o soube, foi por revelação. Assim aconteceu aos bem governados vassallos do imperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nescitis:* Eu sei que ha tributos, porque vejo as minhas rendas accrescentadas: vós não sabeis se os ha, porque não sentis as vossas diminuidas. Razão é que por todas as vias se acuda á conservação; mas como somos compostos de carne e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Tão asperos podem ser os remedios, que seja menos feia a morte, que a saude. Que me importa a mim sarar do remedio, se hei de morrer do tormento?

Divina doutrina nos deixou Christo desta moderação na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro, que pagasse o tributo a Cesar, e disse-lhe que fosse pescar, e que na bocca do primeiro peixe aitaria uma moeda de prata, com que pagasse. Duas ponderações demos a este logar o dia passado: hoje lhe daremos sete a differentes intentos. Se Deus não faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nesta occasião, sendo ao parecer superfluo? Pudera o Senhor dizer a Pedro, que fosse pescar, e que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispõe que se pague o tributo não do preço, senão da moeda que se achar na bocca do peixe? Quiz o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que este é o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade e com tão pouco dispendio seu, que satisfazendo ás obrigações de tributario, não perca os interesses de pescador. Conta o seu peixe como dantes comia, e mais pague o tributo que dantes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço senão da bocca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem*. *Aperto ore*: (223) *Notae*. Da bocca do peixe se tirou o dinheiro do tributo; porque é bem que para o tributo se tire da bocca. Mas esta differença ha entre os tributos suaves e os violentos: que os suaves tiram-se da bocca do peixe; os violentos, da bocca do pescador. Não se de tirar os tributos com tal traça, com tal industria, com tal invenção, *Invenies staterem*, que pareça o dinheiro achado, e não perdido; dado por mercê da ventura, e não tirado á força da violencia. Assim o fez Deus com Adão; assim o fez Christo com S. Pedro: e para que não diga al-

guem, que são milagres a nós impossíveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria é supplemento da Omnipotencia, e o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

IV

Sím. Mas que industria poderá haver para que os tributos se não sintam, para que sejam suaves e fáceis de levar? Que industria? *Vos estis sal terræ*. Não se mette Santo Antonio a discursar arbitrios particulares, que seria coisa larga, a menos propria deste lugar, posto que não difficultosa: um só meio aponta o Santo nestas palavras, que transcende universalmente por todos os que se arbitraram, com que qualquer tributo, se fôr justo, será mais justo; e se facil, muito mais facil, e mais suave: *Vos estis sal terræ*. Nota aqui S. João Chrysostomo a generalidade com que fallou Christo aos Discipulos. Não lhes chamou sal de uma casa, ou de uma familia, ou de uma cidade, ou de uma nação, senão sal de todo o mundo, sem exceptuar a ninguém. *Vos estis sal terræ, nos pro una gente, sed pro universo mundo*: commenta o Santo Padre. Queremos, Senhores, que o sal, qualquer que fôr, não seja desabrido? Queremos, que os meios da conservação pareçam suaves? *Non pro una gente, sed pro universo mundo*. Não sejam os remedios particulares, sejam universaes: não carreguem os tributos sómente sobre uns, carreguem sobre todos. Não se trate de salgar só um genero de gente: *Non pro una gente*: reparta-se, e alcance o sal a terra: *Vos estis sal terræ*. Convida Christo aos homens para a accitação e observancia de sua Lei, e diz assim: *Venite ad me omnes, qui laboratis, et onerati estis et ego reficiam vos*. (224) Vinde a mim todos, que tão

(224) *Math.*, XI, 28. (N. dos S^{rs}).

cançados e molestados vos traz o mundo, e Eu vos alliviarei: *Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris*: (225) Tomae o meu jugo sobre vós, e achareis descanso para a vida: *Jugum enim meum suave est, et onus meum leve*: (226) Porque o jugo da minha Lei é suave, e o peso de meus preceitos é leve.

Ora se tomarmos bem o peso á Lei de Christo, havemos de achar que tem alguns preceitos pesados, e, segundo a natureza, assás violentos. Haver de amar aos inimigos: confessar um homem suas fraquezas a outro homem: bastar um pensamento para offender gravemente a Deus, e ir ao inferno: estes e outros semelhantes preceitos não ha duvida que são pesados e difficultosos: e por taes os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa: *Tollat crucem suam, et sequatur me* (227) Pois se os preceitos da Lei de Christo, ao menos alguns, são cruz pesada; como lhes chama o Senhor jugo suave e carga leve: *Jugum enim meum suave est, et onus meus leve?* Antes de o Senhor lhes chamar assim, já tinha dito a causa: *Venite ad me omnes*. A Lei de Christo é uma lei que se estende a todos com egualdade, e que obriga a todos sem privilegio: ao grande ao pequeno: ao alto e ao baixo, ao rico e ao pobre: a todos mede pela mesma medida. E como a lei é common sem excepção de pessoas, e equal sem differença de preceito, modera-se tanto o pesado no common, e o violento no equal, que, ainda que a lei seja rigorosa, é jugo suave; ainda que tenha preceitos difficultosos, é carga leve: *Jugum meum suave est, et onus meum leve*. E' verdade que é jugo, é verdade que é peso

(225) *Ibid.*, 29. (N. dos Scr.).

(226) *Ibid.*, cj. (Ibd.).

(227) *Ibid.*, XVI, 26. (Ibd.).

nem Christo o nega; mas como é jugo que a todos eguala, o exemplo o faz suave; como é peso que sobre todos carrega, a companhia o faz leve. Clemente Alexandrino: *Non prætergredienda est æqualitas, quæ versatur in distributionibus honorando justitiam: propterea Dominus tollite, inquit, jugum meum super vos, quia benignum est et leve.*

O maior perigo de um reino, a mais pesada carga de uma republica, são os immoderados tributos. Se queremos que sejam leves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte, e contudo todos o pagam, e ninguém se queixa: porque é tributo de todos. Se uns homens morreram, e outros não, quem levára em paciência esta rigorosa pensão da mortalidade? Mas a mesma razão que a estende a facilita; e porque não ha privilegiados, não ha queixosos. Juntem as resoluções politicas o governo natural do Creador: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* (228) Se omanhece o sol, a todos aquecra; e se chove o céu, a todos molha. Se toda a luz cahira a uma parte, e toda tempestade a outra quem o soffrêra? Mas não sei que injusta condição é a deste elemento grosseiro em que vivemos, que as mesmas egualdades do céu, em chegando á terra, logo se desigualam. Chove o céu com aquella egualdade distributiva que vemos; mas em a agua chegando á terra, os montes ficam enxutos e os valles afogando-se: os montes escoam o peso da agua de si, e toda a força da corrente desce a alagar os valles: e queira Deus que não seja theatro de recreação para os que estão olhando do alto, vêr nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruínas. Ora guardemo-nos de algum dilúvio univer-

sal, que quando Deus eguala desigualdades, até os mais altos montes ficam debaixo da agua. O que importa é que os montes se igualem com os valles, pois os montes são quem principalmente ameaçam os raios: e repartase por todos o peso, para que fique leve a todos. Os mesmos animaes de carga se lh'a deitam toda a uma parte, calem com ella; e a muitos navios mettem nas mãos dos piratas a carga, não por muita mas por descompasada. Se se repartir o peso com iguadade de justiça, todos o levarão com iguadade de animo: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum æquitate persolvitur*: Porque ninguém toma pesadamente o peso que se lhe distribuiu com iguadade, disse o politico Cassiodoro.

V

Bom doutrina estava esta, se não fôra difficultosa, e, ao que parece, impraticavel. Bom era que nos igualáramos todos: mas como se podem igualar extremos que tem a essencia na mesma desigualdade? Quem compõe os tres estados do reino, é a desigualdade das pessoas. Pois como se hão de igualar os tres estados, se são estados porque são desiguales? Como? Já se sabe que ha de ser: *Vos estis sal terræ*. O que aqui pondero é que não diz Christo aos Apostolos: vós sois semelhantes ao sal; senão: *Vos estis*. Vós sois sal. Não é necessaria philosophia para saber que um individuo não pôde ter duas essencias. Pois se os Apostolos eram homens, se eram individuos da natureza humana, como lhes diz Christo que são sal: *Vos estis sal*. Alta doutrina de estado. Quiz-nos ensinar Christo Senhor nosso, que pelas conveniencias do bem commum se hão de transformar os homens, e que hão de deixar de ser o que são por natureza, para serem o que devem ser por obrigação. Por isso tendo

Christo constituido aos Apostolos ministros da Redempção, e conservadores do mundo, não os considera sal por semelhança, senão sal por realidade: *Vos estis sal*: porque o officio ha-se de transformar em natureza, a obrigação ha-se de converter em essencia, e devem os homens deixar de ser o que são, para chegarem a ser o que devem. Assim o fazia o Baptista, que, perguntado quem era, respondeu: *Ego sum vox*: (229) Eu sou uma voz. Calou o nome da pessoa, e disse o nome do officio; porque cada um é o que deve ser, e senão, não é o que deve. Se os tres estados do reino, attendendo a sua preeminencia, são desiguaes, attendam a nossas conveniencias, e não o sejam. Deixam de ser o que são, para serem o que é necessario, e iguale a necessidade os que desigualou a fortuna.

A mesma formação do sal nos porá em pratica esta doutrina. Aristoteles e Plínio reconhecem na composição do sal o elemento da agua e do fogo: *Sal est ignea, et aqua natura, continens duo elementa, ignem et aquam*, diz Plínio. A glosa ordinaria, e S. Chromacio accrescentam o terceiro elemento do ar (prova seja a grande humidade deste mixto); e diz assim S. Chromacio: *Natura salis per aquam, per colorem solis, per flactum venti constat et ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur*: A materia ou natureza do sal são tres elementos transformados, os quaes tendo sido fogo, ar e agua, se uniram em uma differente especie, e se converteram em sal. Grande exemplo da nossa doutrina! Assim como o sal é uma junta de tres elementos, fogo, ar e agua, assim a republica é uma união de tres estados. Ecclesiastico, Nobreza e Povo. O elemento do fogo representa o Estado Ecclesiastico, elemento mais levantado que todos, mais

(229) Joan., I, 23. (N. dos Scr.).

chegado ao céu, e apartado da terra; elemento a quem todos os outros sustentam, isento elle de sustentar a ninguém. O elemento do ar representa o estado da Nobreza, não por ser a esphera da vaidade, mas por ser o elemento da respiração: porque os fidalgos de Portugal foram o instrumento felicissimo, porque respiramos, devendo este reino eternamente á resolução de sua Nobreza os alentos com que vive, os espiritos com que se sustenta.

Finalmente o elemento da agua representa o estado do Povo: (*Aque sunt populi*, diz um Texto do Apocalypse) (230) e não como dizem os criticos, por ser elemento inquieto e indomito, que á variedade de qualquer vento se muda; mas por servir o mar de muitos e mui proveitosos usos á terra, conservando os commercios, enriquecendo as cidades, e sendo o melhor visinho, que a natureza deu ás que amou mais. Estes são os elementos de que se compõe a republica. Da maneira, pois que aquelles tres elementos naturaes deixam de ser o que eram, para se converterem em uma especie conservadora das coisas: *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur*: assim estes tres elementos politicos hão de deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado que mais convenha á conservação do reino. O estado Ecclesiastico deixe de ser o que é por immundade, e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da Nobreza deixe de ser o que é por privilegios, e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do Povo deixe de ser o que é por possibilidade, e esforce-se a contribuir com o que póde: e desta maneira deixando cada um de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem: sendo esta concorde união dos tres elementos efficaç conservadora do quarto. *Vos estis sal terra.*

(230). *Apocal.*, XVII, 15. (N. dos Ser.).

VI

Amplifiquemos este ponto, como tão essencial, e fallemos particularmente com cada um dos tres estados. Primeiramente o estado Ecclesiastico deixe de ser o que é por immuniidade, e seja o que convém á necessidade commum. Serem isentas de pagar tributo as pessoas e bens Ecclesiasticos, o direito humano o dispõe assim, e alguns querem que tambem o Divino. No nosso passo o temos. Indo propôr S. Pedro a Christo, que os ministros reaes lhe pediam o tributo, respondeu o Senhor, que fosse pescar, como dissemos, e que na bocca do primeiro peixe acharia o didracma, ou moeda. Difficulto. Supposto que o tributo se havia de pagar do dinheiro milagroso, e não do preço do peixe, para que vae pescar S. Pedro? Não era mais barato dizer-lhe Christo, que mettesse a mão na algibeira, e que ahi acharia com que pagar? Para Christo tão facil era uma coisa como a outra: para S. Pedro mais facil esta segunda. Pois porque lhe manda que vá ao mar, que pesque, e que do dinheiro que achar por esta industria, pague o tributo? A razão foi, porque quiz Christo contentorizar com o tributo de Cesar, e mais conservar em seu ponto a immuniidade Ecclesiastica. Pague Pedro (como se dissera Christo), mas pague como pescador, não pague como Apostolo: pague como official do povo, e não como ministro da Igreja. Deixe Pedro, por representação, de ser o que é, e torne por representação a ser o que foi: deixe de ser Ecclesiastico, e torne a ser Pescador: e então pague por obrigação do officio, o que não deve pagar por privilegio da dignidade. *Ita Christus tributum solvere voluit, ut nec publicanos offenderet, nec suum perderet privilegium*, diz o doutissimo Maldonado de sentença de S. Chrysostomo e de Euthy-

mio. A sua razão é: *Dum non ex suo, sed ex invento solveret*: porque pagou do dinheiro achado, e não do seu.

Mas a mim mais facil me parece distinguir na mesma pessoa differentes representações, que admittê, receber, e dar sem consideração de dominio. O pensamento é o mesmo, escolha cada um das duas razões a que mais lhe contentar. E como a materia era de tanta importância, ainda por outra clausula a confirmou e ratificou o Senhor, para que este exemplo lhe não prejudicasse: *Da eis pro me et te*: (231) *Da*, Pedro, por mim e por vós. *Dá*: *qui* reparo. Quando lhe vieram perguntar a Christo, se era licito pagar o tributo a Cesar, respondeu o Senhor: *Reddite, quae sunt Caesaris, Caesari, et quae sunt Dei, Deo*: (232) *Pagae* o de Cesar a Cesar, e o de Deus a Deus. Pergunta Theofilato: *Quare reddite et non date?* Porque diz Christo *pagae*, e não diz *dae*? A mesma questão faço eu aqui: *Da eis pro me et te: quare da et non, redde?* Porque diz *dae* e não diz *pagae*? Se lá diz Christo, *pagae* e não *dae*: porque cá diz o mesmo Senhor *dae* e não *pagae*? A razão é, porque lá fallava Christo com os seculares, cá fallava com os Ecclesiasticos; e quando uns e outros concorrem para os tributos, os seculares *pagam*, e os Ecclesiasticos *dão*. Os seculares *pagam*, porque *dão* o que devem: os Ecclesiasticos *dão* porque *pagam* o que não devem. Por isso Christo usou da clausula *Da* com grande providencia; para que este acto tão contrario á immundade Ecclesiastica, não cedesse em prejuizo della, declarando que o tributo que um e outro estado paga promiscuamente, nos seculares é justiça, nos Ecclesiasticos é liberalidade: nos seculares é divida, nos ecclesiasticos é dativa: *Da: Reddite*.

(231) *Math.*, XVII, 26. (N. dos Ser.).

(232) *Ibid.*, XXI, 21. (*ibid.*).

Tanta é a immuniidade das pessoas e bens Ecclesiasticos; (233) mas estamos em tempo, em que é necessario cedermos de sua immuniidade para soccorrerem a nossa necessidade. Não digo que *paguem* os Ecclesiasticos; mas digo que *dêem*: não digo *reddite*; mas digo *da*. Liberalidade peço e não justiça; ainda que a occasião presente é tão forçosa, que justiça vem a ser a liberalidade. Com nenhum Doutor allegarei nesta materia, que não seja ou Summo Pontifice, ou Cardeal, ou Bispo: para que com o desinteresse em causa propria se qualifique ainda mais a autoridade maior. Quando el-rei de Israel, que havia naquelle tempo dois que se intitulavam reis do mesmo reino; um, rei injusto, outro santo: um, rei escolhido por Deus, outro, reprovado por elle: neste tempo (que parece neste tempo) foi ter David com o sacerdote Achimelech, ou Abiatar, e com licença sua tomou do altar os Pães da Proposição, e repartiu-os a seus soldados. Acção foi esta, que tem contra si um Texto expresso no Capitulo vinte e quatro do Levitico, desta maneira: *Eruntque (panes propositionis) Aaron et filiorum ejus, ut comedant eos in loco sancto: quia Sanctum Sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo*: Quer dizer: que os

(233) *Orden.*, Livro, II, tit. XI e segs. A partir do seculo XII, fulminavam os pontifices com excomunição aos principes que tributavam os bens ecclesiasticos. Entendeu-se depois que essa isenção tinha limites, tanto que se tratasse da defesa do Estado (VATTEL, MELLO, *Alv.* de 22 de Junho de 1802); e nas Côrtes de 1646 se assentou, «que a decima se devia lançar mu. igual e ajustadamente sobre as rendas de todas as pessoas dos Três Estados», Regim. de 28 de Abril de 1646, de acôrdo com a doutrina já sustentada em 1642. (Vêr BORGES CARNEIRO, *Direito Civil de Portugal*, I, 175, Lisboa, 1858). Em compensação, mandou el-rei suspender as dízimas dos bens ecclesiasticos adquiridos sem licença régia. (ALBERTO CARLOS DE MENEZES, *Pratica dos Tombos*, p. 183, Lisboa, 1843.

Pães da Proposição seriam perpetuamente da Arão e seus descendentes, e que os comeriam os Sacerdotes, e não outrem, por ser pão santo e consagrado a Deus. Esta é a verdadeira intelligencia do Texto, conforme uma Glossa de fé no Capitulo sexto de S. Lucas. Pois se os Pães da Proposição eram proprios dos Sacerdotes, e nenhum homem secular podia comer delles licitamente, como os deu a David um Sacerdote tão zeloso como Achimelech; e como os tomou para seus soldados um rei tão santo como David?

Não temos menor interprete ao lugar, que o Summo Pontifice Christo, Autor e Expositor de sua mesma Lei. Approva Christo esta acção de David no Capitulo segundo de S. Marcos, e diz assim: *Nunquam legistis, quid fecerit David quando necessitatem habuit? Quomodo introiit in domum Dei, et Panes Propositionis manducavit, quos non licet manducare nisi sacerdotibus et dedit eis, qui cum eo erant?* (234) Nunca lestes o que fez David quando teve necessidade, como entrou no Templo de Deus, como tomou os pães, que não era licito comer senão aos sacerdotes, e os deu a seus soldados? De maneira que a total razão, por que approva Christo entrar David no Templo, e tomar o pão dos sacerdotes é porque o fez o rei, *quando necessitatem habuit*, quando teve necessidade; porque quando estão em necessidade os reis, é bom que os bens Ecclesiasticos os soccorram, e que tirem os Sacerdotes o pão da bocca para o sustentarem a elle, e a seus soldados. Assim declara Christo que precede o direito natural ao positivo, e que pôde ser licito pelas circumstancias do tempo, o que pelas Leis e Canones é prohibido.

(234) *Marc., II, 25 e 26. (N. dos Ser.).*

E verdadeiramente que quando a nenhum rei deveram os Ecclesiasticos esta correspondencia, os reis de Portugal a mereciam; porque se attentamente se lereim as nossas Chronicas apenas se achará templo, ou mosteiro em todo Portugal, que os reis portuguezes com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecessem com preciosissimas dadas. Impossível coisa fôra deter-me em materia tão larga e inutil, e tão sabida. Concorram pois as Igrejas a soccorrer a seus Fundadores, a sustentar a quem as enriqueceu, e a offerecer parte de suas rendas ás mãos de cuja realeza receberam todas. Mais é isto justiça, que liberalidade; mais é obrigação, que benevolencia: mais é restituição, que dadiva.

Tirou el-rei Ezechias do Templo, para se soccorrer em uma guerra, os thesouros sagrados, e as mesmas lâminas de ouro com que estavam chapeadas as portas: e justificam muito esta resolução assim o Texto, como os Doutores, por tres razões: De necessidade em respeito do reino; de conveniencia em respeito do Templo; de obrigação em respeito do rei. Por razão de necessidade em respeito do reino (diz o Cardeal Cajetano), porque quando o reino tinha chegado a termos, que se não podia conservar, nem defender de outra maneira, justo era que em falta dos thesouros profanos substituíssem os sagrados, e que se empenhassem e vendessem as joias da Igreja para remir a liberdade publica. *Omni exceptione maius est exemplum hoc Ezechiae, ut pro redemptione vexationis ab infidelibus liceat, exhaustis publicis thesauris, ex Ecclesiae totalibus subvenire publicae libertati christianorum.* Por razão de conveniencia em respeito do Templo (diz o Bispo S. Theodoro); porque mais convinha ao Templo conservar-se pobre, que não se conservar; e é certo que na perda ou defesa da cidade consistia justamente

a sua; porque fazendo-se senlor da cidade Senacherib, tambem arderia com a cidade o Templo: *Quando non sufficiebant thesauri regis, mos erat in hujusmodi necessitatibus sacros etiam thesauros consumere; necessitas autem effecit, tu etiam constaret portas aeneas, ne si bello superior fuisset Senacherib, ut urdem et templum incenderet.* Finalmente, por razão de obrigação em respeito do mesmo rei; porque como nota o Texto, *confregit Ezechias valvas templi et laminas auri, quas ipse affixerat.* (235)

As laminas de ouro, que Ezechias arrancou das portas do Templo, elle mesmo as tinha dado; e era justa correspondencia, que em tal occasião as portas se despissem de suas jóias, e restituíssem generosamente o seu ouro a um rei, que com tanta liberdade as enriquecera. Os templos são armazem das necessidades; e os reis que offerecem votos, depositam soccorros. Quando David se viu no deserto desarmado e perseguido, nenhum soccorro achou senão a espada do Gigante, que consagrara a Deus no Templo; que as dadas, que dedicaram aos Templos os reis victoriosos, bem é que as restituam os Templos aos reis necessitados. Isto é o que deve fazer o estado Ecclesiastico de Portugal, e em primeiro lugar os primeiros delle; que por isso pagou o tributo não outro dos Apostolos, senão S. Pedro.

VII

O estado da Nobreza tambem é isento por seus privilegios de pagar tributos: (236) *Capita stipendio censa ignobiliora*, disse lá Tertuliano; donde Jeremias, fallando de Jérusalem: *Princeps Provinciarum facta est sub tributo*: (237) Contrapoz o tributo á nobreza, e exaggerou a Jérusalem senhora, para a lamentar tributaria. No passo que nos fez o gasto temos tambem isto. Quando os ministros de Cesar pediram o tributo a S. Pedro, perguntoulhe Christo: *Quid tibi videtur, Simon?* (238) Que vos parece, Pedro, neste caso? *Reges terræ à quibus accipiant tributum, à filiis, an ab alieno?* (239) Os reis da terra de quem recebem tributo, dos filhos, ou dos estranhos? *Ab alienis.* (240) Dos estranhos, respondeu S. Pedro. *Ego liberi sunt filii?* (241) Logo isentos somos nós de pagar tributos? diz Christo: Eu, porque sou Filho do Rei dos reis; e vós, porque sois domesticos e creados de minha casa; que os que tem foro, ou filiação na casa real, isentos e privilegiados são de pagar tributos. *Hoc exemplum probat*, diz o doutissimo Tanero, *etiam familiares ipsius Christi a tributo liberos esse, cum et in humana politica non tantum filius ipse regis, sed etiam familia ejus à tributis libera esse soleat.* Isto resolveu Christo *de jure*. Mas *de facto* que resolveu? *Ut autem*

(236) *Ordenações do Reino*, livr. 2.^o, tit. 57 e segs.; vd. BORGES CARNEIRO. *Direito Civil Português*, I, 145 (edição 1858).

(237) *Thren.*, I, 1. (N. dos Ser.).

(238) *Math.*, XVII, 24.

(239) *Ibid.*

(240) *Ibid.*, 25.

(241) *Ibid.*

non scandalizemus eos, vade et da eis pro me et te. (242) Resolveu que sem embargo de serem privilegiados, pagassem o tributo; porque seria materia de escandalo, que quando pagavam todos, não pagassem elles. Pois se nos casos communs lhe parece bem a Christo que paguem tributos os nobres, a quem isentam as leis; quanto mais em um caso tão extraordinario e maior que pôde acontecer em um reino, em que se arrisca a conservação do mesmo reino, do mesmo rei e a mesma Nobreza?

Por duas razões principalmente me parece que corre grande obrigação á nobreza de Portugal de concorrerem com muita liberalidade para os subsidios e contribuições do reino. A primeira razão é, porque as commendas e rendas da Corôa, os fidalgos deste reino são os que as logram e logração sempre; e é justo que os que se sustentam dos bens da Corôa com seus proprios bens: *Quæ de manu tua accepimus, dedimus tibi.* Não ha tributo mais bem pago no mundo, que o que pagam os rios ao mar. Continuamente estão pagando este tributo, ou em desatados crystaes, ou em prata successiva (como dizem os Cultos), e vemos que para não faltarem a esta divida, desentranham as fontes e se despenham as aguas. Pois quem deu tanta pontualidade a um elemento bruto? Porque se despendem com tanto primor umas aguas irrationaes? Porque é justo que torneem ao mar aguas que do mar sahiram. Não é o pensamento de quem cuidaes, senão de Salomão. *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur:* (243) Tornam os rios perpetuamente ao mar (e em tempos tempestuosos com mais pressa e muito tributo); porque, mais ou menos grossas, do mar recebem todos suas correntes. Que injustiça fôra da natureza, e

(242) *Ibid.*, 26. (N. dos Ser.).

(243) *Eccl.*, 1, 7. (*Ibid.*).

que escandalo do universo. se crescendo caudalosos os rios, e fazendo-se alguns navegaveis com a liberalidade do mar, reprezaram avarentos suas aguas, e lhe negaram o devido tributo? Tal seria, se a nobreza faltasse á Corôa com o ouro que della recebe. E é muito de advertir aqui unia lição que a terra nos dá, se já não fôr reprehensão, com seu exemplo. A agua que recebe a terra é salgada; a que torna ao mar é doce. O que recebe em ondas amargosas, restitue-o em doces tributos. Assim havia de ser. senhores, mas não sei se acontece pelo contrario. A todos é coisa muito doce o receber; mas tanto que se falla em dar, grandes amarguras! Pois consideremos a razão, e parecer-nos-ha imitavel o exemplo. A razão porque as aguas amargosas do mar se convertem em tributos doces, é porque a terra, por onde passam, recebe o sal em si. *Vos estis sal terra*: Portuguezes, estranhe-se na terra o sal; entenda-se que o que se dá é o sal e conservação da terra; e logo serão os tributos doces, ainda que pareçam amargosas as aguas.

A segunda razão porque a Nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a el-rei nosso senhor, que Deus guarde, mais que nenhuma outra Nobreza a outro rei, é porque ella o fez. Já que a fidalguia de Portugal sahio com a gloria de levantar o rei, não deve querer que a levem outrem de o conservar e sustentar no reino. Fazer, e não conservar, é insufficiencia de causas segundas inferiores: os effeitos das causas primeiras dependem dellas *in fieri, et conservari*. E' verdade que muitas vezes tem maiores difficuldades o conservar, que o fazer; mas quem se gloria da leitura, não deve recusar o peso da conservação. Peccou Adão, decretou o Eterno Padre, que não havia de aceitar menor satisfação, que o sangue de seu Unigenito Filho. Notificou-se este decreto ao Verbo (digamol-o assim), e que vos parece que responderia?

Ego feci, ego feram: Eu o fiz, eu o sustentarei, diz por Isaías. A razão com que o Filho de Deus se animou á conservação tão difficultosa e tão penosa de Adão, foi com se lembrar que elle o fizera: *Ego feci, ego feram*. Para se persuadir a ser Redemptor, lembrou-se que fôra Creador; e para conservar a Adão com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com uma palavra. Nobreza de Portugal, já fizestes ao rei, conserval-o agora é o que resta, ainda que custe: *Ego feci, ego feram*. Muito foi fazer um rei com uma palavra; mas conserval-o com todo o sangue das veas, será a corón de tão grande façanha. Sangue e vidas é o que peço; que a tão illustres e generosos animos, petição fôra injuriosa fallar em fazenda.

VIII

Resta que obrigação absoluta de pagar tributos, só o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso passo, que, como até agora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da bocca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo: mas perguntará algum curioso, que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias ha que eu me não atrevêra a satisfazer á duvida; mas fui-a achar decidida em um Autor estrangeiro de nossa Companhia, chamado Adamus Contzemi, (244) póde ser que seja mais conhecido dos Politicos, que dos Escripturarios; mas em uma e outra coisa é muito doutro. Diz este Autor, fallando do nosso peixe: *Piscis est apud Plinium, qui Faber dicitur, et piscis Sancti Petri Christianis*: Que é este um peixe, ao que hoje os Christãos chamam peixe de S. Pedro; e

(244) Adão Contzemi (1575-1635), jesuíta alemão, autor de «*Politico-rum libri decem, etc.*», 1627, (Baeker, *Bibliothèque des écrivains de la Comp. de Jesus*, I, 210, Liège, 1859).

Plinio, na sua *Historia Natural*, lhe chama *Faber*. 'Notavel coisa! *Faber* quer dizer o official. De sorte que ainda no mar, quando se ha de pagar um tributo, não o pagam os outros peixes, senão o peixe official. Não pagou o tributo um peixe fidalgo, senão um peixe mechanico. Não o pagou um peixe que se chamasse rei, ou delfim, ou outro nome menor de nobreza, senão um peixe que se chamava official: *Faber*. Sobre os officiaes, sobre os que menos podem, cáem de ordinario os tributos: não sei se por lei, se por infelicidade: e melhor é não saber porque.

Seguia-se agora, segundo a ordem que levamos, exhortar o povo aos tributos; mas não commetterei em tão grande crime. Pedir perdão aos que chamei Povo, isso sim. Em Lisboa não ha povo. Em Lisboa não ha mais que dois Estados — Ecclesiasticos, e Nobreza. Vassallos que com tanta liberalidade despendem e que têm, e ainda o que não tem, por seu rei, não são Povo. Vae louvando o Esposo Divino as perfeições da Igreja em figura da Esposa, e admirando o ar, garbo e bizerra, com que punha os pés no chão, chama-lhe filha de Principe: *Quant pulchri sunt gressus tui in calcamentis, filia Principis!* (245) Não ha duvida que no corpo politico de qualquer monarchia, os pés como parte inferior, significam o Povo. Pois se o Esposo louva o Povo da monarchia da Igreja, com que pensamento, ou com que energia lhe chama neste louvor filha de Principe: *Filia Principis?* A versão hebraica o declarou ajustadamente: *Filia Principis, idest, filia populi sponte offerentis*. Onde a Vulgata diz, filha de Principe, tem a raiz hebraica, filha do Povo, que offerece voluntaria e liberalmente. E Povo que offerece com voutade e liberalidade, não é Povo, é principe: *Filia populi sponte offerentis: filia Principis*. Bem dizia

(245) *Cant.*, VII, 1. (N. dos Ser.).

eu logo, que em Lisboa não ha tres Estados, senão dois — Ecclesiastico, e Nobreza. E se quizermos dizer que ha tres, não são Ecclesiastico, Nobreza, e Povo, senão Ecclesiastico, Nobreza e Principes. E a principes quem os ha de exhortar em materia de liberalidade?

Só digo por conclusão, e em nome da patria o enca-reço muito a todos, que ninguem repare em dar com generoso animo tudo o que se pedir (que não será mais do necessario) ainda que para isso se desfaça a fazenda, a casa, o estado, e as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eram: *Vos estis sal terræ*. A agua deixando de ser agua, faz-se sal, e o sal desfazendo-se do que é, torna a ser agua. Neste circulo perfeito consiste a nossa conservação e restauração. Deixem todos de ser o que eram, para se fazerem o que devem: desfaçam-se todos como devem, tornarão a ser o que eram. Este é em summa o espirito das nossas quatro palavras: *Vos, estis, sal, terræ*.

IX

Temos acabado o sermão. E Santo Antonio? Parece que nos esquecemos d'elle; mas nunca fallámos de outra coisa. Tudo o que dissemos neste discurso foram louvores de Santo Antonio, posto que desconhecidos, por irem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedades do sal, e eram virtudes do Santo. E senão, arribemos brevemente sobre ellas, e vamos-as discorrendo. Se a primeira propriedade do sal é preservar da corrupção, que espirito apostolico houve que mais trabalhiasse por conservar incorrupta a Fé Catholica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escriptos, com a efficacia de seus

exemplos, e com a maravilha perpetua de seus prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal, é, sobre preservativo, não ser desabrido, que santo mais affavel, que santo mais benigno, que santo mais familiar, que santo, em fim, que tenha uns braços tão amorosos, que por se vêr nelles Deus, desceu do céu á terra, não para lutar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal apostolico era não ser de uma senão de toda a terra; quem no mundo mais sal da terra, que Santo Antonio? De Lisboa deixando a patria, para Coimbra; de Portugal, com desejos de martyrio, para Marrocos; da arribada de Marrocos para Hespanha, de Hespanha para Italia, de Italia para França, de França para Veneza, de Veneza outra a França, outra a Italia, com repetidas jornadas; com os pés andou a Europa, e com os desejos a Africa, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os Portuguezes.

Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformações dos elementos, em que santo se viram tantas metamorphoses, como em Santo Antonio, transformando-se do que era, para ser o que mais rouvinha? De Fernando se mudou em Antonio, de secular em Ecclesiastico, de Clerigo em Religioso, e ainda de um habito em outro habito, para maior gloria de Deus tudo, sendo o primeiro em quem foi credito a mudança, e a inconstancia virtude. Finalmente, se a ultima propriedade do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se; quem mais bizarra e animosamente, que Santo Antonio, se tyrannyzou a si mesmo, desfazendo-se com penitencias, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus; até que em trinta e seis annos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade á alma, aonde vive, e viverá sem fim?

VII

SERMÃO PELO BOM SUCESSO

"E assim Portugal se levantou, sem dinheiro, sem armas, sem munições, sem artilharia, sem gente e sem capitães para disporém..." escrevera a 12 de Fevereiro de 1641 para o marquez de Montalvão, seu pai, D. Pedro de Mascarenhas. (JOSÉ CALDAS, *História de um Fogo Morto*, pag. 129, Porto, 1903). Pois tão desprovido de recursos, e pobre, e dividido, resistira a Castela, quebrára na barreira fronteiriça as suas invasões, venceralhe em Montijo um exército, obrigava outro a manter-se da outra banda do Guadiana, olhando Elvas das cortinas de Badajoz...

Mas, desgostoso, retirára-se Matias de Albuquerque, feito conde de Alegrete, para Lisbõa, o conde de Castelo Melhor assumiu em Abril (era em 1645) o comando das forças do Alentejo, e dos arcaizs hespanhões irradiavam as ameaças de nova, decisiva guerra. Foi quando el-rei, como fizera em 1643, se passou ao campo das futuras batalhas, e com ele se desicou para a praça de Elvas toda a nobreza de Portugal.

Prégon Vicira o sermão "pelo bom successo" na capela real, em 6 de Dezembro, quinto anniversario — disse ele — da triunfante entrada de D. João IV em Lisbõa

Dous mezes depois, encarregado de importante missão em Holanda, partia o padre, como pessoa mais da

confiança del-rei, para cimentar pazes, que se não logram, ou dilatar a guerra iminente — enquanto pelos campos de Pernambuco se alçavam as bandeiras dos “insurretos” e reconquistavam os brasileiros, à viva força, as capitâneas perdidas.

Até morrer o soberano, nenhum conselheiro foi mais prezado e ouvido no Paço do que aquele jesuíta tão arrebatadamente português, de quem se dizia, tinha “reinado em nome de D. João IV” (OLIVEIRA MARTINS, História de Portugal, II, 131). Porém — religioso no governo como era político no pulpito — soube abandonar a súbita a diplomacia, fugir inesperadamente á cõrte, largar de imprevisito os negocios profanos e trocar a vangloria dos cargos pelas missões da America, contente afinal da sua roupêta remendada e do convivio dos tapuias, em cujas selvas por muito tempo sepultou o genio creador.

SERMÃO PELO BOM SUCCESSO DE NOSSAS ARMAS

PREGADO NA CAPELA REAL, NO ANO DE 1645.

Erice brachium tuum sicut ab initio, et allide virtutem eorum virtute tua, cadat virtus eorum in iracundia tua. Non enim in multitudine est virtus tua, Domine, neque in equorum viribus voluntas tua est, Deus Cœlorum, creator aquarum, et Dominus tótius creaturæ, exaudi me miseram deprecantem, et de tua misericordia præsumentem. Memento, Domine, testamenti tui. — Judith — IX.

I

Divina e humana Magestade. Rei dos reis, Senhor dos exercitos. Posto em campo o de Nabucodonosor, á vista da cidade de Betulia, com estas palavras fez oração á vossa divina misericordia a famosa Judith de Israel, tão famosa pelo excesso de seu valor, como pelo extremo de sua santidade; e com as mesmas ora também na occasião presente, prostrada a real corôa aos pés de vossa Divina Magestade, a soberana Judith de Portugal. (246) serão menos vale-

(246) E' a rainha D. Luiza de Guzman, mulher de D. João IV, que dissêra, antes da revolução de 1 de Dezembro.

rosa, nem menos pia, mais poderosa hoje para obrigar vossa infinita clemencia. A Judith de Israel orava como pessoa particular, ainda que pelo bem commun; a Judith de Portugal, ora como rainha e senhora nossa, pelo bem e conservação de seus vassallos, cuja oração como publica, sempre teve mais logar na aceitação de vosso acatamento divino. A Judith de Israel allegava exemplos antigos, quando a virtude de vosso braço omnipotente assistiu aos hebreus contra os egypcios: a Judith de Portugal allega o exemplo que vimos com nossos olhos no primeiro dia da restauração deste reino. E assim diz com mais propriedade que a outra Judith: *Eri brachium tuum sicut ab initio*. "Levantae, Senhor, vosso poderoso braço como no principio, e confundi o poder que temos contra nós, com a virtude de vossa despregada mão". Os outros affectos da oração de Judith, são todos aquelles que nas circumstancias do caso presente podem alentar nossa esperanza e obrigar vossa misericordia. Para que eu os saiba ponderar, e acerte a os persuadir como convém; desse throno do Divinissimo Sacramento, que é a fonte de todas as graças, sêde servido, Senhor, de alentar a tibieza de

«Pela minha parte prefiro ser rainha por uma hora do que duqueza por toda a vida».

Confirmou d'Alarcourt, ministro francez em Lisboa: o duque de Bragança hesitára, mas o convencerá a duqueza, dizendo que, proclamado rei, Hespanha o considerava culpado; porque recusára o comando do exercito da Catalunha, ficára suspeito a Madrid; a corôa de Portugal, que lhe ofereciam, o torturára crimmoso, e, assim, seria melhor morrer como rei, do que simples particular... «Langage digne du «Cid»... (HENRY BOUHEAUX, *Marianne, La Religieuse portugaise*, p. 69, Paris, 1934.

D. Luiza foi grande admiradora de Vieira, que, perto de morrer, lembraria «aquele amor e extremo... que a el-rei D. João, à rainha D. Luiza e ao principe D. Teodosio devem a minha memoria e saudades». (*Cartas*, II, 363).

minhas palavras, com aquella efficacia de espirito, e dispôr os corações dos que me ouvem, com aquelle conhecimento da verdade que pede a importancia de causa tão grande e tão vossa.

II

Grande causa, senhora, é a que pôe hoje a vossa magestade aos pés de Christo: grande causa, portuguezes, é a que nos chama hoje a este lugar; tão grande, que não pôde ser maior; tão grande, que ainda é maior do que parece. O que nesta materia vêem os olhos, é muito: o que discorre o entendimento, é tudo. É tão grande o empenho desta empresa, que não sei como declarar o que entendo d'elle. Deus nos dê o successo que esperamos, porque vejo nesta jornada empenhado todo o reino em corpo e em alma. Já acertei ao dizer: explicar-me-hei agora.

Primeiramente está empenhado o reino com todo o corpo; porque não só se abalou a cabeça, não só temos em camparha a el-rei (247) que Deus guarde, que basta para pôr o mundo em grande expectação, como a nós em grande cuidado. Mas para ser total o empenho, seguirão o exemplo e a cabeça, por mão natural todos os membros da monarchia; os grandes, os titulos, a nobreza, a casa real, a côrte, os requerentes, os letrados, as universidades inteiras, as pessoas particulares de todas as cidades e villas, os auxiliares das comarcas, os presidios das provincia, enfim, tudo.

(247) Ver ERICEIRA, *Portugal Restaurado*, I, p. 219, sobre a ida de D. João IV para Alentejo, em Setembro, voltando à Côrte em 18 de Dezembro de 1645.

De maneira que havemos de considerar, que temos em campanha, não um exercito de Portugal, senão Portugal em um exercito. De tal sorte é esta causa commum, que toca a todos em particular, e no mais particular de cada um. Lá vão os paes, lá os filhos, lá os maridos, lá as casas, lá os herdeiros, lá os corações, lá o remedio de todos.

Os que cá ficamos, estamos fóra do exercito para o trabalho, mas marchamos com os demais para o perigo.

Assim que todo o corpo do reino temos empenhado nesta empreza; e para que ao corpo lhe não faltasse o sangue, considerae as grandes despezas publicas e particulares que se tem feito, e quanta desgraça seria ficarem mai logradas.

Menos fóra estar empenhado o corpo do reino, se não levára tambem nesta occasião empenhada consigo a alma, que no juizo dos que adiantam os olhos ao futuro, importa mais que tudo. A alma dos reinos, principamente em seus principos, é a opinião. Esta vae hoje buscar a Castella o nosso exercito. Difficultosa empreza em que não imos só conquistar as forças de um reino, e muitos reinos, senão os juizos do mundo. (248) Este ponto é o que nos deve pôr em maior cuidado que a mesma guerra. Quando Christo Senhor nosso prophetizou as guerras, que da sua até a nossa idade tem inquietado todos os seculos, disse

(248) Vieira fóra contrario á invasão da Hespanha e aconselhara a guerra defensiva, na sua carta politica ao Secretario de Estado, 1644, 1.^a das *Cartas*, edição de Lisboa, 1885; e OLIVEIRA MARTINS, *Historia de Portugal*, II, 128.

Repara entretante J. LUCIO D'AZEVEDO: «Mas a constancia nos idéas não era em Vieira virtude fundamental. Dai a meses escrevia dele o Encarregado de negocios em Paris, Antonio Mouiz de Carvalho: «Antonio Vieira está tão fóra do papel seu que cá veiu, que grita, chora e prêga porque se não faz esforço, guerra offensiva e mais guerra». (*Historia de Ant. Vieira*, I, 93).

que se haviam de levantar umas nações contra outras nações, e uns reinos contra outros reinos: *Surgat gens contra gentem, et regnum adversus regnum*: (Luc. XXI — 10) e para encarecer o perigo das mesmas guerras que annunciava, acrescenta (coisa muito digna de se notar) que então não so havia de haver batalha, serão também as opiniões das mesmas batalhas: *Audituri enim estis praelia et opinionem praeliorum*. (Math. XXIV — 6) A mais perigosa consequencia da guerra, e a que mais se deve receiar nas batalhas é a opinião.

Na perda de uma batalha arrisca-se um exercito; na perda da opinião arrisca-se um reino. Salomão, o rei mais sabio, dizia que melhor era o bom nome, que o oleo com que se ungiam os reis: *Melius est bonum nomen, quam oleum unctionis, quo ungebantur capita regum*; (Eccl. VII — 2 *ex vers. Chald.*) porque a unção pôde dar reinos, a opinião pôde tiral-os. E senão vêde a quanto mais nos empenha a reputação do reino, do que nos empenhou a restituição do rei. Para acclamar o rei, bastou a resolução de poucos homens; para reputar o reino ajudamos exercitos de tantos mil. (249) Para o primeiro bastaram poucos corações e poucas vezes: para o segundo são necessarios tantos braços e tantas vidas. Oh que grande peso de consequencias se abala hoje com o nosso exercito! O respeito dos inimigos, a inclinação dos neutraes, a firmeza dos alliados, tudo isto está hoje tremulando nas nossas bandeiras: *Spectaculum facti sumus mundo*. (1 Cor.

(249) Em 1646 sentiu D. João IV a necessidade de ter em armas 20 mil homens, porém o exercito de Alentejo, nesta campanha de 1645, dirigida pelo conde de Castelo Melhor, não passava de 7 mil infantes e 3 mil cavalos. Em 27 de Agosto, na tentativa frustrada de investir Badajoz, levára o general 5.300 infantes e 1.200 cavalos.

IV — 9) A batalha será nos campos de Badajoz; (250) o successo está suspendendo os olhos e as atenções de todo o mundo. Roma, Hollanda, Castella, França, todos estão á mira com a mesma attenção, posto que com intentos diversos. Roma se ha de receber; (251) Hollanda se ha de quebrar; (253) Castella se ha de desistir; e até França, em cujo amor e firmeza não pôde haver duvida (254) está suspensa com os sobresaltos de amiga e interessada, que ainda que não façam mudança no coração, causam

(250) Em Dezembro de 1644 o marquez de Torrecusa, chefe das forças castelhanas, se recolhera a Badajoz, fronteira de Elvas. Daí a «campanha futura, que infaivelmente se esperava com a noticia de haver chegado a Badajoz o marquez de Lagañez», (ERICSSON, *Portugal Restaurado*, 1, 313), successor de Torrecusa.

(251) Morreu o papa Urbano VIII em 29 de Julho de 1644. O virtuoso Innocencio X, novo pontífice, mantinha a politica intransigente do antecessor; continuava a considerar el-rei de Portugal como um príncipe rebelde e — de viva voz — representára ao ministro Nicoláo Monteiro a conveniencia de se unirem as coróas... Por esse tempo o embaixador de Hespanha fez atacar pelos lacaios e esbirros a caleja do util emissario português, que escapou de morrer... tão asperas corriam então as missões diplomaticas!

(252) Conseguiu-se a paz com Hollanda em 12 de Junho de 1641; mas no bôjo das tregoas fervia a guerra colonial. D. João IV inclinava-se, com os seus conselheiros, pelo melhor concerto e amizade, que desarmasse os flamengos, contendo-os aos limites das suas conquistas; porém os povos de Pernambuco se revoltavam (13 de Junho de 1645), saíam-lhe em socôrro tropas da Baía, desconfiavam os Estados Geraes da lealdade de Lisboa e se prometiam armadas...

(253) A aliança franceza, contratada em 1 de Junho de 1641, fôra o mais forte apoio que encontrára, fóra das fronteiras, o Bragança; mas os auxilios e socorros de Paris não dêram nunca para repellar Castella. Falecera, emretanto, Luiz XIII, e para levar á rainha-regente os pezaumes de Portugal se transportára á França o marquez de Cascaes, com a mais faustosa e nobre embaixada do seu tempo.

alteração no cuidado. A dieta de Alemanha não é a que menos observa este successo. (254) para fundar os respeitos de suas resoluções, que por mais que o nosso direito seja tão evidente, e a nossa causa tão justa, os reinos não os pisa a justiça na balança, mede-o na espada.

Esta opinião tão importante é a que vae buscar o nosso exercito; e para que deste logar da verdade a confessemos, não só a vae buscar, senão tambem a recuperar-a, pelo succedido na proxima campanha. Bem sei e tenho ouvido a subtileza dos discursos com que os nossos politicos querem negar á mesma campanha o nome de victoriosa, como se as sentenças de Marte se fundaram em discursos ou arrezoados. Custar-lhe (dizem) uma ponte de Portugal um exercito, antes é desengano que esperança. Cortar o passo aos rios, antes é desconfiar da defenza, que aspirar á conquista. Fazer-se a guerra ás pedras e não aos homens, antes foi acção de receio que de poder. Se nos quiz emprender uma aldêa, as armas, de que ficou semeado o terreno provam a pressa com que se recolheram; e o sangue e corpos mortos, o valor com que resistimos. Renderam-nos uma Atalaia em que vigiavam dez soldados; (255) mas entre os seus houve quem

(254) Reunira-se em Munster a Dieta internacional que, sob os auspícios do papa, procurava pôr fim á guerra dos trinta anos. Graças a esse grande congresso se fez, em 1648, a paz de Westphalia. Portugal não pudera mandar embaixador á Alemanha, por não estar reconhecido o seu governo pelo Imperio; mas, á guisa de assistentes, incumbira de acompanhar os trabalhos da dieta os residentes que tinha em França e Holanda. Nenhum resultado bom elle alcançou dos diplomatas de Munster, que não fosse a liga com a França, mais proveitosa a esta que util a Portugal. (VIETRA, *Cartas*, I, 49)

(255) Foi Atalaia da Terrinha, a uma legoa de Elvas, onde havia um alferes e quinze soldados, que por dois dias de heroica resistencia sustentaram o cerco (Outubro de 1645).

disse, que antes quizera ser tão bizarramente vencido, que com tanta desigualdade vencedor. Oito mil homens eram os que sitiaram tão poucos, (256) e depois de não admittirem embaixadas, depois de se não renderem a baterias, depois do rebaterem duplicados assalto, tendo-lhes levado um caso grande parte de tão pequeno numero, primeiro despresaram a morte, querendo ser voados, do que consentiram a vida aceitando partidos. Emfim, as armas agressoras, sem opposição offensiva, campearam ivremente, e nem por isso nos deixaram com grandes danos, ou se recolheram com grandes vantagens.

Mas as materias da opinião são muito delicadas, e a consciencia da honra não admite escrupulos. E' certo que o seu exercito entrou sem resistencia, e se recolheu sem opposição; e basta que entrasse e saísse para que nos não deixasse a casa airosa. As batalhas são desafios grandes, e ter aguardado no posto nunca deixa acreditado a quem não saiu. Destruir e edificar são dois grandes argumentos de poder. Por estes termos explicou Deus o poder que dava ao propheta Jeremias: *Ut destruas, et dissipes, et edifices, et plantes.* (Jerem. I — 10) Vêde se terão occasião para blasonar que entraram em Portugal victoriosos os que deixam um forte demolido e outro edificado. Um arco triumphal edificou Saul pela victoria de Amalec: e quantos arcos levantaram as trombetas da sua fama por dois que nos quebraram de uma ponte? Que escreveram, que publicaram pelo mundo? Se de duas aldeas, (257) que nos entraram, fizeram suas gazetas duas

(256) ERICEIRA estima as tropas que renderam Atalaia em dois mil infantes e mil cavalos, *Portugal Restaurado*, I, 522.

(257) As duas aldeias foram Ponte de Olivença e forte de Santo Antonio. Os preparativos guerreiros do marquez de Lagães fizeram que os portuguezes passassem da offensiva, de Agosto, á defensiva cautelosa, de Outubro-Novembro. Um dos

grandes cidades, muito havemos mister para nos livrar de suas pennis, posto que nos desembaracemos de suas mãos. Esta é a injustiça da fama, que tanto desacredita com o presumido, como offende com o verdadeiro. Doze bandeiras acharam em um carro comboiado de lavradores, que levariam e tem em seu poder, e posto que não foram tomadas em guerra, quem ha de distinguir nellas o que é tafetá, do que é insignia? Quem ha de provar ao mundo que foram roubo e não victoria? São hoje estas bandeiras de Portugal como a capa de José nas mãos da Egyptia. Alli estava a fraqueza da parte de quem mostrava a capa, e o valor da parte de quem a perdera. Mas José padecia os desares da opinião, e a Egyptia lograva os applausos da fama que não merecia; porque quem pôde mostrar em sua mão os despojos, sempre tem por si a presumpção da victoria; e mais quando não podemos negar aos olhos do mundo a grande desigualdade dos compassos, com que a geometria mede nos mappas as suas e as nossas fronteiras.

III

E como os empenhos da occasião presente são tão grandes, com muita razão trata hoje a piedade da rainha aossa senhora de segurar o successo com Deus, e render o céu com orações, em quanto o nosso exercito defende a terra com as armas. A el-rei David lhe aconselharam os seus que não saísse á campanha em certa occasião de guerra, persuadidos (como diz Lyrano) que mais os podia ajudar ausente com as orações, que presente com as

episodios da incursão a Olivença foi a destruição da ponte, (EACURA, *Portugal Restaurado*, I, 520). Essa a mesma fortuna da campanha passada, que consistia em o inimigo pastar um exercito na ponte de Olivença, que rompu...» (VIEIRA, *Cartas*, I, 7).

armas: *Plus enim poterat adjuvare existentes in prælio suis orationibus absens, quam viribus præsens.* Assim o fez David, mas não o fez assim el-rei, que Deus guarde. Dividiu-se entre as orações e as armas, porque se está ausente na campanha, também o temos presente na melhor e a mais presada parte de si mesmo. Lá como Josué assistindo ao governo dos exercitos, cá como Moysés levantando as mãos a Deus. De el-rei D. Affonso V lemos que quando entrou por Castella tinha consigo nos arraiaes a rainha D. Joanna, e o principe D. João (258); e o successo foi, que ficando vencido o troço do exercito que governava el-rei, o que pertencia á rainha e ao principe, ficou victorioso. O que eu espero na occasião presente é que se nao ha de dividir a fortuna, mas que se ha de unir a victoria. Serão vencedoras as armas de Barac, mas attribuir-se-ha o triumpho ás orações de Debora: *Hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara.* (Judic. IV — 9).

E para que se conheça a prudencia da nossa valerosa e santa Judith nesta sua oração, vejamos nas palavras que propuz como acode a todas as circumstancias que hoje nos podem inquietar o cuidado. Tres difficuldades se nos podem representar nesta empreza. A primeira aquella razão geral de pelear Portugal contra Castella, o menor poder contra o maior; a segunda ser este superior na sua cavallaria, que na campanha faz mui desigual o partido, a

(268) Batalla de Toro. 1476. Tomarido o rei de Portugal o partido da sobrinha e noiva D. Joana (a *Bettraneja*), cujos direitos á successão de Castela usurpou sua tia, a rainha Isabel, a mesma illustre senhora que unificou Hespanha e ajudou a Colombo na sua grande empresa — invadira o paiz vizinho, com 25 mil homens. Foi vencido e fugiu; mas o filho, D. João, depois D. João II, por sua vez bateu os castellanos. Disse, por isso D. Isabel: «Se não fosse o pinto estava apauhado o galo!»

terceira ser inverno, em que as chuvas e inundações dos rios podem atalhar o passo e impedir as operações do exercito. (259) A todas estas difficuldades está satisfazendo Judith nas palavras da sua oração, fallando com Deus como se fallára comnosco.

IV

É verdade que são a pelear o menor poder contra o maior; mas a isso responde Judith: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine*: (Judith IP — 16) que as victorias de Deus não dependem da multidão, nem do numero dos soldados. É pratica mui ordinaria entre os politicos que sempre Deus se põe da parte dos mais mosqueiteiros. Esta proposição nasceu nas guerras de Flandres, e não é muito que seja heretica. Dias ha que a deveso tomar entre mãos, para a confutar; agora o farei brevemente. Dizer que Deus ordinariamente se põe da parte dos mais, não só é ignorancia das historias humanas, mas heresia formal contra as escripturas sagradas. Quem isto diz é hereje. Vão os textos. No primeiro livro dos Reis, cap. 14, diz assim a escriptura: *Non est Dominus difficile solvare, vel in multis, vel in paucis*. (1. Reg. XIV — 6) No segundo livro do Paralipomenon, cap. 14: *Domine, non est apud te ulla distantia, utrum in paucis auxiliaris, an in pluribus*. (2 Paral. XIV — 11) No primeiro

(259) As «tres difficuldades» foram precisamente as que, em conselho, representaram os ministros do reino, para desapoiar a offensiva pedida, planejada e encarecida pelo conde de Castello Melhor, no mez de Agosto. Certamente aconselhára Vieira, com os mais, temendo um desastre das armas portuguezas durante a invernoia, embora a desejar «uma guerra muito limpa, com que ganharamos uma cidade ou romperamos um exercito, que estas são as açes que dão nome ao mundo». (*Cartas*, I, 8).

livro dos Machabeus, cap. 3: *Facile est concludi multos in manus paucorum, nec est differentia in conspecta Dei Cæli liberare in multis, et in paucis.* (1 Machab. III — 18). Todos estes textos querem dizer conformemente que Deus para dar as victorias, não attenda para o numero dos soldados, e que com tanta facilidade faz vencedores aos poucos como aos muitos. Assim que, dizer e entender o contrario é erro, é impiedade, é heresia. E para que esta verdade lance firmes raizes em nossas corações, e nos resolvamos de uma vez, que pôde Portugal prevalecer e vencer ainda que sejamos menos em numero. (260) vamos aos exemplos.

El-rei Roboão poz em campo contra o reino de Juda oitenta mil homens; saiu-lhe ao encontro el-rei Abias só com quarenta mil. E quem venceu? Sendo o exercito do reino de Juda a metade menor, inclinou Deus para a parte dos menos, e ficou Abias com a victoria. Contra Achab rei de Israel, veio Benadad, rei da Siria, a quem acompanhavam outros trinta e dois reis, e eram tantos os soldados em seus exercitos, que disse soberbo Benadad: que em toda Samaria não havia um punhado de terra para cada um. Não tinha el-rei Achab na sua corte mais que sete mil duzentos e trinta e dois homens, e com estes, confiado em Deus, saiu fóra dos muros, e ensinou a Benadad que havia bastante terra em Samaria para sepultura de seus exercitos. Mas ainda nestas victorias se contavam os soldados por milhares.

Vamos a menor numero. Só com quatrocentos soldados venceu David o exercito victorioso dos amalecitas, não ficando vivos mais que quatrocentos, que fugindo escaparam. Só com trezentos e dezoito homens de sua casa

(260) Vd. *Lusitana*, c. VII, 3 e VIII, XXXVI:

«Que os muitos, por ser poucos, não tenhamos,
O que depois mil vezes amostramos».

venceu Abrahão em batalha a cinco reis. E só com trezentos, e esses desarmados, desbaratou Gedeão os exercitos orientaes dos madianitas, que não cabiam nos campos. Ha maior desigualdade? Pois ainda aqui os vencedores se contam a centenas. Vamos a unidades. Armaram os philisteus contra el-rei Saul tão poderoso exercito, que só os carros (em que naquelle tempo se pelejava) eram trinta mil, e a gente a pé tanta em numero, que, diz a escriptura, igualava ás aréas do mar. Que poder vos parece que seria bastante para vencer tal exercito? Accommetteu-o uma noite o príncipe Jonathas, acompanhado só do seu pagea da lança, e porque Deus os ajudava, bastaram só dois homens para metter em confusão, e pôr em fugida a tantos mil. Chama a escriptura a isto não milagre, senão quasi milagre: *Et accidit quasi miraculum à Deo*; (1. Reg. XIV — 15) porque é Deus tão costumado a se pôr da parte dos menos, que ainda em semelhantes maravilhas não excede as leis ordinarias de sua Providencia.

Ainda não disse tudo. Menos é que dois homens um homem: menos é que um homem uma mulher; e um só David com uma funda venceu o exercito dos philisteus; e uma só Jael com um cravo desbaratou o poder de Jabin: E como Deus, e não o numero dos soldados, é o que dá as victorias, bem pôde Portugal, posto que menor, fiado no braço de Deus, sair a campo, não só com parte do poder contrario, senão com todo. Acontecer-nos-ha nos campos da Estremadura o que nos de Ourique com os mouros, e nos de Aljubarrota com os mesmos castelhanos, que vencer com numero igual nem é victoria de Deus, nem de portuguezes (261): *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine.*

(261) «... Não é de forças insitadas
 Terer poder maior, por mais pequeno....»
 Lus., c. III, XCIX.

A segunda consideração que podia difficulrar esta empreza, era o numero superior da cavallaria, em que somos excellidos. Mas a isso acode tambem Judith na sua oração, dizendo: *Neque in equibus voluntas tua est.* A vossa vontade, Senhor, com que daes a victoria a quem sois servido, não está posta em cavallos nem em cavalleiros. Isto mesmo tinha dito David muito tempo antes, como experimentado; e o que é mais para a nossa confiança, o mesmo tinha promettido como propheta para os tempos vindouros; *Non in fortitudine equi voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.* (Psalmo CXLVI — 10) A maior fortaleza dos exercitos, diz David, consiste na cavallaria, e a maior fortaleza da cavallaria consiste em cavallos fortes, em homens fortes a cavallo: *In fortitudine equi, in tibiis viri;* mas como Deus é o Senhor dos exercitos, e dá as victorias a quem quer, e quer que só a elle se attribua: pelo mesmo caso não põe ou porá já: mais nem a sua vontade na fortaleza dos cavallos, nem o seu beneplacito na dos cavalleiros: *Non in fortitudine equi voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.*

E para que não vamos mais longe, na mesma cavallaria do exercito de Holofernes, e no mesmo caso de Judith temos a prova. A cavallaria do exercito de Holofernes, que sitiava os muros de Betulia, constava de vinte e dois mil cavallos: *Equitum viginti duo millia,* (Judith, VII — 2) diz o texto sagrado. E com que venceu Deus toda esta cavallaria? Com mais e melhores tropas? Com mais e melhores cabos? Com mais e melhores soldados, mais bem montados e armados? Não. Com uma só mulher a pé. E já pôde ser que esse foi o mysterio e a energia, com que notou o mesmo texto, que os pés de Judith foram os que renderam a Holofernes: *Sandalia ejus raperunt oculos ejus.* (Judith, XVI — 11) Querendo mos-

trar Deus, que para vencer muitos milhares de homens a cavallo, basta uma só mulher, e essa a pé. Esta é a cavallaria, e estas são as cavallarias de Deus. Agora entendo eu um logar dos Cantares, que não se o entendem todos: *Equitatus meo in curribus Pharaonis assimilavi te, amica mea.* (Cant. I — 8) Sabeis com que vos pareceis, amiga minha? Diz Deus, parecei-vos com a minha cavallaria: *Equitatus meo assimilavi te.* Pois com a sua cavallaria compara Deus uma mulher? Sim. Porque para desfazer vinte e dois mil cavallos, como os que estavam sobre Betulia, parece que era necessario grande numero de cavallaria, e o que havia de obrar toda essa cavallaria, obrou só Judith em uma sortida que fez a pé, porque era amiga de Deus: *Equitatus meo assimilavi te, amica mea.*

Mas é muito mais difficiloso neste passo que não falla Deus de qualquer cavallaria sua, senão da cavallaria com que desbaratou o exercito d'el-rei Pharaó no Mar Vermelho: *Equitatus meo in curribus Pharaonis assimilavi te.* Deus quando venceu a Pharaó, não pelejou com cavallaria, porque o seu povo vinha fugitivo do captivoiro, todos a pé, ninguem a cavallo. Pois se não havia cavallos da parte do povo, por quem Deus pelejou e venceu; que cavallaria é esta sua: *equitatus meo?* Responde Ruperto abbade, (e é a razão literal) que a cavallaria de Deus nesta victoria foi a vara de Moysés, porque com ella abriu caminho ao povo pelo Mar Vermelho, e com ella se suspenderam as ondas que sepultaram a Pharaó e seus carros. Pois uma vara é a cavallaria de Deus? Sim, uma vara. Porque dependem tão pouco as victorias de Deus da mais ou menos cavallaria dos exercitos, que uma vara que podera servir, quando muito, para açoitár um cavallo, basta para romper e desbaratar toda a cavallaria do Egypto. Façamos por ter a Deus por nós, e seja embora o poder que temos contra nós, superior na sua cavallaria. Quem

tem por si o braço de Deus, não lhe são necessários para vencer muitos cavallos, nem um só cavallo. Com uma queixada de um animal, que não chegava a ser cavallo, *in mandibula asini*, venceu Sansão exercitos inteiros, porque tinha por sua parte a cavallaria de Deus, que é a sua vontade: *Neque in equilibus voluntas tua est.*

A terceira difficuldade é o inverno tão entrado. Mas que bem acode a esta difficuldade na sua oração a nossa Judith! *Domine Deus caeli, creator aquarum*: Senhor Deus do céu, creador das agoas. Parece que só para esta occasião foram feitas estas palavras. Porque chama Judith a Deus creador das aguas, e não se lembra dos outros elementos? Porque lhe não chama creador da terra, creador do ar, e muito mais, creador do fogo, que na guerra é o mais activo e mais poderoso instrumentos? A razão é, porque os inimigos tinham quebrado os aqueductos de Betulia, os canaes por onde se communicavam as fontes á cidade, para que os sitiados se entregassem obrigados da sede. E como os inimigos queriam fazer a guerra com agua, por isso particularmente allegava Judith a Deus ser creador e senhor deste elemento: *Domine Deus caeli, creator aquarum*. Com o mesmo elemento, posto que por differente traça, nos querem hoje fazer a guerra as disposições contrarias bem conhecidas. Esperam pelas inundações do Guadiana para sitiar as nossas orações, e tem quebrado a ponte, para impedir o passo aos nossos soccorros. Mas se Deus é o Senhor e o creador das aguas, que importa que com ellas nos deterriue fazer a guerra, grande que seja o seu imperio, o não tem sobre as nuvens? Que importa que espere contra nós pelos diluvios de Noé, se Portugal tem a chave de Elias para fechar ou abrir as fontes do céu? Bem se vê em todos estes mezes, e bem se viu o anno passado no intentado sitio de Elvas, pois precedendo antes, e seguindo-se depois um verão extraor-

dinário de muitos dias, só nos oito em que o exercito sitiador aturou a campanha, foram taes as lanças de agua que continuamente estava chovendo o céu. que elle mais que a nossa artillharia, o fez retirar com tanta perda de gente e reputação, como vimos.

A Job perguntou Deus uma hora, se tinha entrado nos seus armazens da neve e chuva, que elle tem reservado para o tempo da guerra: *Nunquidi ingressus es thesauros nivis, et grandinis, quos servavi mihi in tempus pugnae, et in diem belli?* (Job. XXXVIII — 22). As chaves destes armazens parece que as tem Deus dado a Portugal, pois tanto se serve destas armas em suas victorias. Os reis de Portugal são senhores do *mar Oceano*, direito contra o qual se tem composto tantas apologias nas nações estrangeiras (262). E assim servir o elemento da agua aos nossos reis não é maravilha senão obrigação. Bem se tem visto e experimentado na occasião presente, em que o mar tanto a seu tempo nos veio trazer os tributos para esta guerra. Aquella chuva tão rara do dia da coroação d'el-rei, que a muitos pareceu prodigiosa, foi offerecer-se desde então o elemento da agua a militar debaixo de nossas bandeiras. E não tenhaes por encarecimento ou lisonja esta interpretação; porque os reis dados por Deus costumam trazer a seu soldo este elemento. Quando Absalão fez guerra a David, rebellando-se tantos de seus vassallos contra um rei ungido e dado por Deus, sempre o elemento da agua lhe foi fiel e propicio. E' caso notavel. Quiz Chusai, confidente de David, avisal-o secretamente do conselho de Achitofel para que se puzesse em

(262) Sobretudo HUGO GROTIUS, *Mare Liberum*, officina Elziviriana, 1633, p. 54. Opuzera-se-lhe JOHN SELDEN, com o seu *Mare Clausum*, escrito em 1618, publicado em 1635, mas em defesa da senhoriagem dos mares pelo rei de Inglaterra (J. BROWN SCOTT, *The Freedom of the seas*, p. VIII, New York, 1916).

salvo. E para este recado de tanta importancia e risco, diz o texto que achou a Jonathas e Achimaas junto da fonte de Rogel; *Juxta fontem Rogel* (2. Reg. XVII — 17). Foram vistos estes dois embaixadores por uma espia; e para escaparem, entraram em uma casa e meteram-se em um poço: *Descenderunt in puteum* (Ibid. — 18). Chegaram os soldados de Absalão para os prender, respondeu o dono da casa que alli chegaram aquelles homens mas que não fizeram mais que beber um pucaro de agua e passarem: *Transierunt gustata paululum aqua*. (Ibid. — 20). Finalmente chegou o recado a David, o qual passando da outra banda do rio Jordão, ficou em salvo elle e todos os seus soldados: *Transierunt Jordanem, et ne unus residuus fuit, qui non transisset fluvium*. (Ibid. — 22). De sorte que de quatro modos se apostou o elemento da agua a salvar e favorecer David. Favoreceu-o a agua nos rios: *Transierunt Jordanem*; favoreceu a agua nas fontes: *Juxta fontem Rogel*; favoreceu-o a agua nos poços: *Descenderunt in puteum*; favoreceu-o a agua nas mãos e na bocca: *Gustata paululum aqua*. Assim serve o elemento da agua aos reis dados por Deus; assim serviu a David, assim serve, e assim ha de servir ao nosso rei nesta occasião. Já nos serviu no mar, ha-nos de servir no rio, ha-nos de servir nas nuvens, ha-nos de servir na terra: que ainda que o tempo prometta chuvas e inundações, Deus e Senhor dos céos e creador das aguas: *Dominus caeli, creator aquarum*.

V

E como o fim da presente empreza, sempre difficiloso, e contingente em qualquer poder humano, só na virtude do braço divino pôde estar seguro, por isso a nossa Judith, tão pia como prudentemente na sua oração,

não fazendo conta das forças humanas, põe toda a sua confiança na misericórdia divina: *Exaudi me miseram deprecantem, et de tua misericordia præsumentem.*

Mas ou estas palavras as intendamos de Judith, quanto á letra, ou de nós, quanto á accommodação; parece que entre o rendido da piedade envolveu o pusillanime da desconfiança. A cidade de Betulia estava prevenida de fortificações, providas de bastimentos, e aparelhada á defesa. Pois porque se chora tanto Judith, e não duvida de representar a Deus o seu estado com o nome infimo de miseria: *Exaudi me miseram deprecantem?* Em nós serão ainda mais de estranhar estes termos: porque verdadeiramente neste caso, fallando do céu abaixo, temos as maiores razões que pôde haver, para estar muito confiados, e esperar uma grande victoria. E senão discorrei um pouco comigo antes que responda.

Primeiramente, que exercito entrou nunca em campanha com a confiança mais bem fundada no valor de seus soldados, e muito mais na qualidade delles, que o nosso? A Josué disse Moysés que escolhesse, e não que ajudasse exercito: *Eliae viros, et egressus, pugna contra Amolec.* (Exod. XVII — 9). O numero faz multidão, o valor e o exercicio faz exercito. Assim: que, posto que sejam tantos mil, não havermos de estimar os nossos soldados, por quantos, senão por quaes são. São aquelles exercitados soldados, que tendo dilatado a patria em suas conquistas, hão de mostrar agora quanto mais é pelear nella, e por ella. São aquelles valorosos portuguezes, que nos mesmos hombros, em que tomaram o reino, ha cinco annos que sustentam as armas, tendo já tanto a guerra por exercicio, como a victoria por costume. São aquelles, (para deixar exemplos maiores) que, sitiados por um exercito, sessenta

em S. Aleixo, primeiro renderam todos a vida que a praça, e acconmettidos por outro exercito, oitenta em Jerumenha, (263) defenderam a dez assaltos a praça, e mais as vidas. Para que entendam os exercitos de Castella, ainda que foram de romanos, (o que nós não podemos negar nem ao seu valor nem a sua sciencia militar, nem ao seu grande poder, nem ao nosso mesmo respeito, com que tudo isto reconhecemos) para que entendam, digo, que a menor a'dêa de Portugal quando se rende é Numancia, e quando se defende, Carthago. Ao passar do rio Fado contra Annibal, para meter em confiança Scipião aos seus, lembrou-lhes que os soldados com que iam pelear, eram aquelles que tantas vezes tinham vencido, e de quem já tinham por premio da guerra Sicilia e Sardenha: *Cum is est vobis, milites, pugnandum, à quibus capta belli præmia Sicilian, et Sardiniam habetis.* (Tit. Liv. Dec. III — l. 1). Daqui inferiu o famoso capitão: *Erit igitur in hoc certamine is vobis, illisque animus, qui victoribus, et victis esse solet:* e a mesma confiança pôde levar por consequencia o nosso exercito. Vão pelear os portuguezes com aquelles que muitas vezes, em tempos passados, e algumas já nos presentes, teem vencido e de quem possuem por refens da victoria duas praças-fortes, conquistadas e conservadas em suas proprias terras. Finalmente, os nossos soldados são todos portuguezes; e os contrarios de nações diversas; e vae muito de pelear com corações amorosos

(263) Alude Vieira na carta ao marquez de Niza, de 4 de Fevereiro de 1645, ao assalto do inimigo a um reduto que defendiam oitenta homens, sendo rechacado duas vezes em Jerumenha, que é uma aldeia junto ao Guadiana, onde estava só uma companhia de soldados, e não se atrevendo a intentar outra coisa, retirando-se para Badajoz, tanto que o nosso exercito esteve para sair de Elvas...» (Cartas, I, 7-8).

a resistir com braços comprados. (264) A David disse Saul que lhe daria a desejada posse de Michol, a quem muito amava, se lhe trouxesse cem cabeças de philisteus. Entrou na batalha e como pelejava com amor, trouxe duzentas. Que portuguez haverá que não seja David, se para cada um a patria é a sua Michol? Nelle se cumprirá o que disse Platão, que se formasse um exercito de namorados seria invencível.

Esta só consideração bastava para segurar a nossa confiança de todo o receio. Mas que direi da nobreza, e tanta nobreza, de que se compõe e illustra o nosso exercito? Quando David se offereceu para sair a desafio com o gigante, perguntou el-rei Saul a Abner, de que geração era aquele moço: *Ex qua stirpe descendit hic adolescens?* (1. Reg. XVII — 51). E que importava a geração para o desafio? Importava muito; porque cada um obra como quem é; e para Saul julgar se sairia vencedor, quiz-se informar se era honrado. Já David tinha dito a Saul que partira Ursus, e desqueixára Leões; e sobre tudo isto pergunta-lhe ainda o rei pela geração, porque era melhor fiador da victoria o sangue nobre que tinha, que o sangue bruto que derramára. Os homens de inferior condição, ainda que sejam valerosos, pelejam sós: o nobre sempre peleja acompanhado, porque peleja com elle a lembrança de seus maiores, que é a melhor companhia. Em Ascanio pelejava Eneas e Heitor; em Pyrrho pelejava Achilles e Peleo; nos Decios, nos Fabios, nos Scipiões, pelejavam

(264) Não durou muito o isolamento de Portugal. Sempre teve a seu favor a França, desde 1638, por intermedio do consul Saint-Pé, em missão secreta, interessada na separação de Hespanha. Esse apoio foi efetivo depois de 1641 (VOLTAIRE, *Siècle de Louis XIV*, p. 11, ed. de 1847). Em 1660 o conde de Schomberg juntaria o seu exercito ao portuguez, apressando a definitiva consolidação do trono de D. João IV.

os famosos primogênitos de seus appellidos: e com tão animosos lados quem não ha de ser valente? A S. José disse o anjo quando o viu temeroso, que se lembrasse que era filho de David: *Joseph fili David. nolite timere* (Math. I — 20). Como ha de ter medo no coração, quem tem a David nas veias? Até Christo quando houve de tirar a capa para entrar na batalha, diz o texto que se lembrou de quem era filho: *Sciens quia á Deo exivit, ponit vestimenta sua* (Joan. XIII — 3 e 4). E como Christo entrou na campanha com estas considerações, ainda que o amor da vida lhe fez seus protestos no Horto, em fim, pelejou, derramou o sangue, morreu; mas morrendo triumphou da morte. Grandes premissas de confiança tem logo Portugal nesta occasião, pois tem toda a sua nobreza empenhada na gl'oria desta empresa. Com os ossos do grande Affonso de Albuquerque dizia el-rei D. João o III, que tinha segura a India. (265) E se estava segura a India com os ossos mortos de um capitão, quão seguro estará Portugal com o sangue vivo de tantos? Todos os que morreram nas conquistas de Portugal, vivem hoje no sangue dos que assistem á defesa d'elle.

Accrescenta immensamente esta esperanza, como razão da maior e mais alta esphera, a presença e assistencia de sua magestade, que Deus guarde, para que dar calor e alento a suas armas, as quiz governar de mais perto. Quando o exercito d'el-rei David houve de dar batalha ao de Absaião, diz o texto que se deixou o rei ficar na côrte, e que não saiu á campanha, como costumava. Pois David

(265) «...O ouaj Pero Corrêa por muitas vezes pediu a el-rei D. Manoel que lhe dêsse licença para os mandar trazer, a qual lhe não quiz nunca dar, dizendo que em ter os ossos de Affonso Dalbuquerque em Cóa tinha a India segura». (*Comentarios de Affonso Dalbuquerque*, IV, penult. cap., Lisbõa, 1774).

que era tão bellicoso, e não perdia occasião de guerra, porque não quiz esta vez dispôr a batalha, e que o exercito se governasse por suas ordens? Divinamente Santo Ambrosio: *David metuebat vincere*: David nesta batalha tinha medo de sair com victoria; por isso não saiu. Nota. Esta batalha era contra Absalão filho, do mesmo David; e como os paes sentem mais as perdas dos filhos que as suas proprias, ainda que David mandava dar a batalha como rei, temia que Absalão ficasse vencido como pae. E porque David antes temia, que desejava a victoria, por isso nesta occasião se deixou ficar na côrte, e não quiz sair em campanha. Ficar o rei na côrte, é diligencia para ser vencido, sair á campanha, é certeza de haver de ser vencedor. E como temos a el-rei na campanha e não na côrte, bem nos podemos prometter a victoria. Temos tudo o que os israelitas desejavam, quando pediram rei a Deus: *Egredietur ante nos, et pugnabit bella nostra pro nobis.* (1. Reg. VIII — 20). Grave caso é que tendo aquelles homens a Deus, que os governava na paz e na guerra, se não dêssem por contentes, e que sobre isto instassem ainda e pedissem um rei que saísse com eles ás batalhas: mas o motivo que tiveram, foi porque ainda que conheciam que Deus é o Senhor das victorias, parecia-lhes que humanamente desta maneira as seguravam melhor. Ter a Deus no céu, e o rei no campo, é ter a primeira causa e mais as segundas.

Sobretudo vae connosco, e marcha no nosso exercito a justiça da nossa causa. Não sei se tendes reparado que o primeiro homem que morreu neste mundo fosse Abel. A morte é de fé que entrou no mundo em castigo de peccado: *Per peccatum mors*, (Rom. V — 12) diz S. Paulo. Supposto isto, parece que o primeiro morto havia de ser o primeiro peccador, e não o primeiro innocente. Pois se Abel era o primeiro innocente, e Adão o primeiro

peccador; porque não quiz Deus que fosse o primeiro morto Adão, senão Abel? A razão foi, diz S. Basilio de Seleucia, porque na injustiça, com que a morte se introduziu no mundo, traçava Deus a victoria, com que a havia de lançar d'elle: O fim para que Deus veio ao mundo foi vencer a morte: se a morte se introduzisse por Adão, fazia guerra justa aos homens: pois por isso dispoz Deus que a morte começasse tyrannicamente pela innocencia de Abel, para que sendo da parte de morte injusta a guerra, ficasse da parte de Christo segura a victoria. Tão certa é a victoria na justiça da causa, que o mesmo Deus parece que não podia vencer a morte, se ella nos fizesse guerra justa. Oh que seguro temos nesta parte o bom successo de nossas armas! Não ha guerra mais justa que a que hoje fazemos, justa pelo legitimo direito do reino, justa pela satisfação dos damnos passados, justa pela defesa natural, e antecipada prevenção do futuro, e mais justa ainda na presente occasião, por sermos provocados. Como poderá logo faltar a victoria a tantas razões de justiça? Assim o assegurava S. Bernardo aos cavalleiros templarios. e assim o podemos nós assegurar aos de Christo, San-Tiago, e Aviz, e ao grão mestre de todos.

Finalmente, os dois ultimos fundamentos que temos para esperar victoria, são as acções contrarias e as nossas. Isto que agora direi parece que toca em arte de advinhar; mas se é magica a sagrada escriptura m'a ensinou. Primeiramente digo que os nossos oppositores hão de ficar vencidos; porque quando vieram com o seu exercito, ficaram da banda de além, e não passaram o rio. Vae a prova. Estava Timotheo, capitão general dos amonitas, com o seu exercito da banda d'aquem de um rio esperando pelo exercito de Judas Machabeu, que marchava contra elle; e disse assim a seus capitães: *Cum appropinquaverit Judas, et exercitus ejus ad torrentem aquæ: (I. Machab.*

V — 40) quando Judas e seu exercito chegar á ribeira: *si transierit ad nos prior, non poterimus sustinere eum*: (Ibid. — 41) : se passar desta banda do rio, é signal que lhe não poderemos resistir: *si autem timuerit transire, ea posuerit castra extra flumens, poterit se esse receiar passar e aquartelar o seu exercito da outra parte: transfretemus ad eos, et poterimus adversus illos*: (Ibid.) passemos o rio da outra banda, porque é signal que os havemos de vencer. Assim o disse Timotheo, e assim aconteceu; porque passando Judas primeiro o rio, foram vencidos os ammonitas. Pois se não se atrever o inimigo a passar o exercito da banda d'aquem do rio é signal de haver de ficar vencido; vêde se tem bons prognosticos a nossa victoria, pois elle esteve tão fóra de passar o seu exercito a esta parte, que antes impossibilitou a passagem quebrando a ponte. E assim como não passar elle o rio é signal de haver de ficar vencido; assim irmos a nós buscar a elle, é signal de havermos de ser vencedores.

Como a materia é tão nova, e ao parecer difficil, quer ajuntar segunda prova. Quando Jonathas estava á vista do exercito dos philisteus, disse ao seu pagem da lança desta sorte: Se os inimigos nos disserem: *Mancite doncc veniamus*: (. Reg. XIV — 9) espere que nós os acommettamos; porém se disserem: *Ascenditi ad nos*: (Ibid. — 10) vinde-nos buscar a nós; em tal caso: *ascendamus, quia tradidit eos Dominus in manibus nostris, hoc erit nobis signum*: (Ibid) acommettamos animosamente, porque isto é signal que nos quer Deus entregar o inimigo em nossas mãos. De maneira que Jonathas o disse, succedeu: porque esperando os philisteus que elle os fosse buscar, acommetteu Jonathas, e ajudado da noite e da confusão, alcançou o mais prodigiosa victoria que viu o mundo. O mesmo digo no nosso caso. Como o exercito philisteu, posto que o seja em respeito de nós, vindo a Por-

tugal nos não acommetteu nas nossas praças, e espera que nós o busquemos nas suas; razão temos e bom annuncio de o fazer e entrar confiadamente, porque isto é signal que Deus os quer entregar nas nossas mãos: *Ascendamus, quia Dominus traddit eos in manibus nostris: hoc nobis signum.*

VI

Pois se Portugal, (torne agora a nossa duvida) se Portugal nesta occasião tem tantas e tão bem fundadas razões para confiar no poder do exercito, no valor dos soldados, na nobreza e obrigações dos que o seguem, na assistencia do rei, na justiça da causa, e ainda nas mesmas acções contrarias e nossas; como se representa a nossa Judith, diante de Deus com tantas desconfianças humanas, como as que pudera ter no caso do maior desamparo e da maior miseria: *Exaudi me miseram deprecantem, et tua misericordia præsumentem?* Oh prudente oração! Até agora vos fallei senhores, como a portuguezes, agora e d'aqui por diante, como a christãos. Em todas as razões que tenho dito, tiradas pela maior parte da vossa boca, posto que a tenhaes por verdadeiras, nenhum fundamento havemos de fazer senão confiar sómente da misericordia de Deus: *De tua misericordia præsumentem*, porque esses apparatus, esses exercitos, essas forças humanas sem a misericordia divina é miseria: *Exaudi me miseram deprecantem.*

David, aquelle rei que de ambas as fortunas da guerra deixou ao mundo os maiores exemplos, estava em uma occasião de batalha com exercito superior em tudo ao de seus inimigos, e prostrado diante de Deus, fez esta oração: *Domine Deus meus, in te speravit, saluum me fac ex omni-*

bus persequentibus me, et libera me, nequando rapiat ut leo animam meam, dum non est, qui redimat, neque qui salvum faciat. (Psal. VII — 2 e 3) Deus meu, e Senhor meu, (diz David) só em vós espero: defendei-me e livrae-me de meus inimigos, para que me não espedacer: e tirem a vida com leões; pois vêdes que não tenho quem me ajude nem me defenda. Repara muito S. Chrysostomo nesta ultima clausula da oração de David; e contra ella, e contra elle replica assim: *Collegit exercitum, et multos secum habuit; quomodo ergo non est qui redimat, neque qui salvum faciat?* Se David tirha feito as maiores levas de gente: se David tinha consigo o mais florente e poderoso exercito: se David (que isso só bastará) se tinha a si mesmo o seu valor, a sua experiencia, a sua espada, como diz, que não tem quem o ajude nem o defenda? Bem diz David, responde Chrysostomo: *Quoniam ne universum quidem orbem terrarum auxilii loco habet, nisi opem divinam fuerit assequutus.* Sabia David como santo e como soldado, que ainda que tivesse consigo conjuradas e unidas todas as forças do mundo, se não tivesse a Deus de sua parte, nada lhe podiam valer; por isso cercado de guardas e de batalhões, e no meio do mais poderoso exercito diz e protesta a Deus com muita razão que não tem quem o livre, nem o defenda: *Domini non est, qui redimat, neque qui salvum faciat.* Assim entendia David as materias da guerra, e assim as devemos nós entender, se queremos ter bom successo.

De tua misericordia præsumentem. Ponhamos toda a nossa confiança na misericordia divina, e façamo-nos dignos della, se queremos sair com victoria. Humilhem-nos diante de Deus: reconheçamos que de sua omnipotente mão depende todo nosso remedio: reverenciemos com temor seus occultos juizos: lembremo-nos de quantos reinos e monarchias se perderam em um dia e em uma

batalha: peemos bem quão offendida temos a infinita bondade, depois de tantas mercês; consideremos e considere cada um quanto está provocando sua divina justiça o desconcerto de nossas vidas; e procuremos todos com verdadeiro arrependimento e firme proposito da emenda, aplacar e pôr da nossa parte o céu. Se assim o não fizermos, (o dia é de fallar com toda a clareza), se assim o não fizermos temamos e tremamos, que nos poderá castigar a ira divina justissima, e dar-nos um muito infeliz successo. Não nos fiemos em exercitos, nem em valor, nem em experiencia, nem em victorias passadas, nem ainda na justiça da causa; e o que é mais, nem nos favores do céu, e milagres da nossa restauração; porque quanto maior é de nossa parte o empenho, tanto mais geral pôde ser a desgraça, e quanto mais conhecidas são as mercês do céu tanto será mais justificado o castigo.

Maior exercito era que o nosso o dos filhos de Israel, que constava de seiscentos mil soldados; e porque offenderam a Deus com as medianitas, foram vencidos de bem poucos homens. Mais valeroso e mais experimentado capitão, sem fazer agravo aos nossos, era David que elles; e pelo adulterio de Bersabé, e homicidio de Urias, permittiu Deus que fugisse de um rapaz com umas gadelhas louras. As mais prodigiosas victorias com que nenhum homem assombrou o mundo, foram as que Samsão tinha alcançado dos philisteus; e depois andava moendo em uma atafena, preso e arrancados os olhos, porque se deixou prender e cegar do amor de Dalila. Ninguem fez nunca guerra tão justa como Josué, quando entrou pela terra de promissão; porque as escripturas de que constava ser sua, eram as mesmas escripturas sagradas, e por um soldado se atrever aos despojos de Jericó, que estavam consagrados a Deus, foi vencido o exercito nos muros de Hay. Nenhuma liberdade foi confirmada com mais evi-

dentes milagres, nem continuada com maiores favores do céu, que a dos filhos de Israel quando saíram do cativeiro de Pharaó; e porque toram ingratos a estes benefícios divinos, só dois homens, de tantos mil, entraram na terra de promessa. Eis aqui como não ha razões humanas, nem ainda divinas, em que possamos fundar seguramente a esperança de uma victoria, se nossos peccados a desmerecem. Muitas prendas temos de Deus para esperar um grande successo, mas muito mais causas temos em nós para tener um grande castigo.

Confiamos-nos em que a nossa restauração é obra de Deus, e que Deus que o fez, o ha de conservar, e eu assino o creio e o espero; mas Deus é o mesmo agora que foi desde o principio do mundo. quizera que me respondera Adão no paraíso, e porque foi desobediente, o lançou d'elle em tres horas. Também Deus tinha libertado o povo do cativeiro do Egypto, e porque lhe foi ingrato, o sepultou todo em um deserto. Pois se Deus é este, e nós não somos melhores; que vã confiança é a nossa? Nós não nos mudamos, e queremos que se mude Deus? Cuidamos que ha de dispensar Deus connosco e por nós, ha de mudar as leis de sua providencia? Dizei-me, (que o não quero perguntar a outrem) qual foi a razão da parte de Deus, e qual a causa da parte nossa, porque nos tirou o mesmo Deus o Rei e a liberdade, e nos teve captivos sessenta annos. Todos dizemos e confessamos que pelos peccados de Portugal. Pois se Portugal se tem emendado tão pouco, como vemos; se os peccados são hoje os mesmos, e pôde ser que maiores que d'antes: como queremos que nos favoreça hoje Deus pelas mesmas culpas porque hontem nos castigava? Cuidemos que a justiça divina não tem mais que um castigo? Sete vezes libertou Deus o povo de Israel no tempo dos juizes, e sete vezes o tornou a captivar; porque sete vezes reincidiram em seus peccados. Ah Portugal, que não temo de

Castella, senão de ti mesmo! Poz Deus a Adão no paraíso: *Ut operatur, et custodiret illum.* (Gen. II — 15) para que trabalhasse e o guardasse. E de quem o havia de guardar, pergunto eu? Dos honens? Não; porque os não havia. Dos animaes? Não, porque lhe eram sujeitos. Pois de quem havia de guardar Adão o paraíso? Sabeis de quem? De si mesmo. E porque elle o não guardou de si, por isso o perdeu. Todos nos cançamos em guardar Portugal dos castelhanos, e deveramo-nos cançar mais em o guardar de nós. Guardemos o nosso reino de nós, que nós somos os que lhe fazemos a maior guerra. Por um peccado perdeu Adão o paraíso; por um peccado perderam os anjos o céu; por um peccado perdeu Saul o reino; por um peccado perdeu Absalão o exercito; e nós cuidamos que com tantos peccados temos a conservação segura! Entramos por Castella com confiança de grandes victorias, e não sabemos quão grandes exercitos, e quão poderosos lá estão prevenidos e armados contra nós. El-rei poz um exercito em Portugal contra Castella, e cada um de nós tem posto um exercito em Castella contra Portugal. E que exercitos são estes? Os peccados de todos, e os de cada um. Não são isto conceitos nem encarecimentos, senão verdades de fé. E se Deus nos abrisse os olhos, nós veriamos o so montes cobertos destes exercitos, como os viu Giezy, onde os não imaginava: *Circumdederunt me milia, quorum non est numerus. comprehenderunt me iniquitates meæ, et non potui ut viderem.* (Psal. XXXIX — 13). Eu (diz o rei penitente) estava cercado de innumeraveis exercitos, que eram os peccados meus, e de meus vassallos, mas tão cego que os não via. Estes são os exercitos que temos nós em Castella; os peccados de cada um de nós, os peccados de toda Lisboa, os peccados de todo Portugal.

Mas vejo que me dizeis, que se da parte de Castella estão contra nós os peccados de Portugal, tambem da parte

de Portugal estão contra elles os peccados de Castella. A razão e paridade é muito boa, porque a justiça divina é muito igual; mas com tudo não me consola. Se da parte de Castella, como da parte de Portugal, ha peccados; tambem da parte de Portugal, como da parte de Castella, haverá castigos. Antigamente estavam unidos os reinos de Israel e de Juda, debaixo do mesmo rei, como nós o estavamos; dividiu-se do reino de Juda o de Israel, como nós tambem fizemos, seguindo as partes de Roboão. E que se seguiu d'ahi? Seguiu-se que um e outro começaram a ter guerras entre si, e como em ambos os reinos havia peccados, castigava-os Deus a ambos, não com exercitos estrangeiros, senão a um com o outro. A Juda castigava-o com Israel; e a Israel castigava-o com Juda. Isto é o que eu receio, que como em Castella e Portugal ha peccados, queira Deus castigar a Castella com Portugal, e a Portugal com Castella. E nós estamos tão confiados, que não sendo o que era Judith esperamos de Deus o que ella pedia. Notae. Judith para si e para os seus pedia misericordia: *de tua misericordia prorsumentem*; e para os inimigos pedia ira: *cadat virtus eorum in iracundia tua*; e a sua petição era muito justa, porque os inimigos eram grandes peccadores, e os de Betulia estavam muito arrependidos. Porém que Portugal tendo tantos peccados como Castella, para Castella peça a ira, e para si a misericordia, é querer que Deus seja injusto. Se Deus está castigando peccados em Castella, queremos que premie peccados em Portugal? Se ambos temos peccados, ambos teremos castigos. E acrescento eu que mais deve temer Portuga! dos seus peccados, do que Castella dos seus. E porque? Porque os peccados de Castella são peccados de gente castigada, e os peccados de Portugal de gente desagradecida. E estes provocam muito mais a ira divina. Tantas gratidões sobre tantos beneficios! Tantos esquecimentos de Deus sobre tantas mercês de Deus!

Deus quebrando as leis da natureza, e fazendo milagres por nós, e nós faltando a todas as leis da razão, commettendo tantas offensas contra Deus! Não conhece Deus quem o não teme em tal estado. Que importa que Christo desprezasse o braço se nós lh'o tornamos a pregar com nossos peccados? (265) *Iterum crucifigentes Filium Dei?* (Hebr., VI — 6).

VII

Este é, senhores, sem affectação, e com a sinceridade devida a este logar, o perigo em que estamos. Se o queremos remediar, como devemos querer todos, o remedio é um só, mas que está em nossa mão. E que remedio é este? Emendar a vida, arrepende, e chorar muito de coração nossos peccados. Se matarmos estes inimigos, logo venceremos os outros. Cessem as paixões malditas da carne, que tantos exercitos tem perdido: cessem os odios, cessem as invejas, cessem as guerras intestinas da emulação: amemo-nos como proximos com uma caridade muito verdadeira e muito christã. Ajudeinos as armas dos nossos soldados com as da penitencia, do jejum, da oração, da esmola. Suas magestades e o reino façam algum voto a Deus. á imitação dos santos reis antigos, que por este meio propiciaram a misericordia divina. Sobre tudo fazemos as pazes com o mesmo Deus, e ponhamo-nos todos em sua graça com resolução e finissimos propositos

(266) Na fênse ambiera cabe uma reminiscencia curiosa: em 1642, ou pouco depois ao Menino Jesus de N. Senhora das Maravilhas da Sé da Bahia (igreja e imagem muito do conhecimento de Vieira) arrancou um sacrilego o braço (FURT ACORTI-NUO DE SANTA MARIA, *Santueria Mariana*, IX, 24, Lisboa, 1709; GREGORIO DE MATOS, *Sacra*, XIX, *Obras*, I, 109, edição da Academia Brasileira.

de o não offender mais. E se assim o fizermos, eu prometto d'aqui em seu nome, que nos ha de dar a victoria e feliz successo que desejamos. Não é este empenho meu, senão da mesma verdade, e palavra divina, que não pôde faltar, e assim o tem promettido no capitulo 26 do Levítico: *Si in præceptis meis ambulaveritis, et mandata mea custodieritis persequemini inimicos vestros, et corruent coram vobis.* (Levit. XXVI — 3 e 7). Se fizereis a minha vontade (diz Deus) e guardareis os meus preceitos vencereis a vossos inimigos, e cairão vencidos a vossos pés. E se o não fizermos assim? Ouvi agora e tremei: *Quod si non audieritis me, et non feceritis omnia mandata mea, ponam faciem meam contra vos: corruetis coram hostibus vestris: et subjiciemini his qui oderunt vos:* (Ibid. — 14 e 17) e se não me obedecereis, nem guardareis minha lei, sereis vencidos de vossos inimigos, e ficareis sujeitos e captivos daquelles que tanto odio vos tem. Todas estas palavras são de fé; vêde se podem faltar, tanto pela parte da promessa, como do ameaço. Pelo que, fideis portuguezes, se o amor da patria, se o amor do rei, se o amor das prendas que todos tendes naquelle exercito: os irmãos, os paes, os filhos: se estes e os outros parentescos ainda mais estreitos, vos merecem alguma coisa, não sejamos tão cruéis contra elles e contra nós mesmos, que com os nossos peccados estorvemos as misericordias divinas. Em nossas mãos está a victoria, pois em nossa liberdade está o não offender a Deus. Amemos a Deus ao - nos por amor de nós, e tomemos por devoção todos, para que Deus nos dê victoria, não o offender mortalmente jamais, e muito particularmente em quanto andar o nosso exercito em campanha. Quem ha tão imprudente que offenda aquelle de quem depende, e no mesmo tempo em que mais depende? Pois se nesta occasião dependemos tanto de Deus, porque nos atreve-

remos a offendel-o? Se fazemos pazes com Hollanda (267), para nos defender de Castella, porque não faremos pazes com Deus, para que o tenhamos por nós na mesma guerra? Façamos estas pazes, que não as tem as difficuldades das outras, e estão na nossa mão. Ponhamo-nos todos na graça, e debaixo da protecção deste unico Senhor dos exercitos, e nenhum haja de nós, que nesta hora com todo o coração e toda a alma, não capitule esta paz e amizade perpetua, com um proposito muito firme e irrevogavel de nunca mais offendel a Deus, e sempre o amar e servir.

Mas porque não é segura confiança a que se propõe em corações humanos, ainda que se funde nos interesses de sua propria conservação; quero, Senhor, tornar-me só a vós como Judith, e esperar só em vossa infinita misericordia, e obrigar-a com vossas mesmas palavras, que são as ultimas da sua e nossa oração: *Memento Domine testamenti tui*. Lembrae-vos, Senhor, do vosso testamento, lembrae-vos de vossas promessas. Hoje faz quatrocentos e cincoenta e dois annos que acabou a vida mortal el-rei D. Affonso Henriques (268) fundador do reino de Portugal: e hoje faz cinco annos (sem se advertir em tal concurso de tempo) que foi recebido nesta côrte, e começou a reinar el-rei D. João o quarto, restaurador do mesmo reino. Dia é este, Senhor, muito para vos trazer á memoria as promessas que então fizestes ao primeiro rei, e nelle ao ultimo, que tambem agora é o primeiro. Promettestes a el-rei D. Affonso (como elle testemunhou e jurou no seu testamento) que depois de attenuada sua

(267) Tratado de 12 de Junho de 1641, de tregoa decenal, vd. J. Licio de AZEVEDO, *Épocas de Portugal Economico*, p. 401, Lisboa, 1929.

(268) Morreu o primeiro rei de Portugal em 6 de Dezembro de 1185.

descendencia porieis os olhos de vossa misericordia na decima sexta geração sua: *Usque ad deciman sextam generationem, in qua attenuabitur roles, et in ipsa sic attenuata ego respiciam, et videbo.* Sendo pois o rei, por quem nos restaurastes, a mesma geração decima sexta: tempo é, Senhor, de pôdes nella e em nós os olhos de vossa divina misericordia, senão por nossos merecimentos, pelos muitos e grandes daquelle santo rei, que tanto vos soube servir então e obrigar para o futuro. Ponde os olhos Senhor dos exercitos, no nosso exercito; e lembrae-vos que todo é daquelles portuguezes, que no mesmo testamento escolhestes para conquistadores de vossa fé, e para debaixo de suas armas levarem vosso santissimo nome ás gentes tão remotas e estranhas que antes de nós o não conheciam: *Ut portent nomen meum in exteris nationes.*

Este, Senhor, o vosso testamento, e testamento é tambem vosso, que assim lhe chamastes, esse Divinissimo Sacramento em que estaes presente. Sobre o testamento de vossa palavra, lembrae-vos tambem do testamento de vosso amor: *Memento Domine testamenti tui:* e mereçamos esta lembrança, quando em tudo o mais nos falte o merecimento, o muito que esta cidade e este reino, entre todos os do mundo, e em todas as partes d'elle, se assignala na veneração e culto desse soberano mysterio. Em virtude desse Sagrado Pão, sendo visto descer do céu, foi tão forte a espada de Gedeão, que venceu os exercitos sem numero dos melianitas. É este mesmo foi o exemplo com que animastes o primeiro rei, na mesma hora em que vos mostrastes descoberto a seus olhos, e lhe mandastes tomar a corôa cuja perda e restituição logo então lhe annunciastes. Os soldados e capitães que a defenderem, todos vão armados com esse Divino Escudo que levam dentro do peito: d'elle só esperam a fortaleza e o valor e a elle só promettem referir a victoria. Vossos são, e

vosso o reino porque pelem. E pois o rei que está em campanha é o mesmo descendente de quem dissestes: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*: para estabelecimento e conservação deste reino, até que chegue á grandeza, que lhe promette o nome de imperio vosso. *Memento Domine testamenti tui.*

BIBLIOGRAFIA

das anotações

- Duarte de Albuquerque, *Memórias Diárias*, ed. de 1855.
- Felix Pacheco, *Duas Charadas Bibliograficas*, Rio, 1931.
- Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, 3.^a ed. (com. de Capistrano e Rodolfo Garcia).
- Francisco Vicente Vianna, *Memoria sobre o Estado da Bahia, Bahia 1893*.
- Cartas do Brasil* (edição da Academia Brasileira).
- Gabriel Soares, *Roteiro do Brasil* (ed. de Varnhagem).
- Fr. Jabotão, *Catalogo Genealogico*, Rev. do Inst. Hist., vol. 52.
- Braz do Amaral, *Memorias Historicas e Politicas da Prov. da Bahia*, de I. Acioli (Notas), vol. 1, Bahia 1919.
- Varnhagem, *Historia do Brasil*, 3.^a ed., notas de Capistrano e Garcia.
- Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*, Lisboa 1812.
- Fr. Jabotão, *Novo Orbe Serafico*.
- Padre Antonio Vieira, *Cartas* (ed. de 1886; e ed. de J. Lucio d'Azevedo).
- Documentos Historicos* (Biblioteca Nacional), XIV, XV, XVI, XVII e XVIII.

- Brito Freire, *Historia da Guerra Brasilica*, Lisboa 1672.
- José Miralles, *Historia Militar do Brasil*, «separatas» dos An. da Bibl. Nac.
- David Lopes, *A expansão da lingua portugüesa no oriente, nos seculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos 1936.
- Rev. do Inst. Arch. Pernambucano*, V, XXXIV e LVIII.
- Van Loon, *Histoire métallique des XVII provinces des Pays Bas*, Haya 1733.
- Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil* (ed. R. Garcia).
- Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, Lisboa 1862.
- Varnhagem, *Historia das Lutas*, Rio 1872.
- D. Francisco Manoel de Mello, *Ecco Polytico*, Lisboa 1645.
- Frei Manoel Caliado, *O Valeroso Lucideno*, Lisboa 1668.
- D. Francisco Manoel de Mello, *Epanaphoras*, ed. E. Prestage.
- Camillo Castello Branco, *Bohemia de espirito*, 3.ª ed.
- Gonçalves Dias, *O Brasil e a Oceania*, ed. Garnier.
- Rodolfo Garcia, *Etnografia*, Dic. do Inst. Hist., 1922.
- Anchieta, *Cartas*, edição da Academia Brasileira (notas de A. Alcantara Machado e Afrânio Peixoto).
- Cartas Avulsas*, edição da Academia Brasileira.
- P. José Caieiro, *Destierro dos jesuitas da Provincia do Brasil*, ed. da Academia, pref. do P. Cebra!, 1936.
- Barlaeus, *Rerum per octennium*, etc., ed. de 1660.
- Pyrard de Laval, *Voyage*, Paris 1615.
- Barbosa Machado, *Bibliotéca Lusitana*.
- Gregorio de Mattos, *Obras*, V (Edição da Academia Brasileira).
- Pedro Calmon, *O Crim. de Antonio Vieira*, S. Paulo 1930.
- Camillo Manfroni, *Storia dell'Olanda*.
- Francisco Lopes Azevedo, *Oquendo*, San Sebastian 1894.

- Netscher, *Les Hollandais au Brésil*.
- Fr. Rafael de Jesus, *Castro Lusitano*, Lisboa 1679.
- Fr. Giuseppe de Santa Tereza, *Storia della guerra etc.*, Roma 1698.
- Koester, *Voyage dans la partie septentrionale etc.*, Paris 1821.
- Afrânio Peixoto, *Nações de História da Literatura Brasileira*, Rio 1931.
- Damazio, *Tombamento dos bens da Misericórdia da Bahia*, Bahia 1862.
- Livro de Segredos da Miz. da Bahia* (Ms. inédito).
- J. Lucio d'Azevedo, *História de Antonio Vieira*.
- Trovas de Bandarra*, Barcelona 1809.
- Padre Vieira, *História do Futuro*, Lisboa 1855.
- Gandavo, *Tratados da Terra do Brasil*. (ed. da Academia Brasileira).
- Dialogos das Grandezas do Brasil* (ed. da Academia, notas de R. Garcia).
- Documentos Holandeses*, ms. no Inst. Hist. Brasileiro.
- Padre Vieira, *Annu da Provincia do Brasil*, 1624-25.
- Giorgio Winter, *Storia della guerra dei trent'anni*, Milano.
- Pedro Calmon, *História Social do Brasil*, 1.º vol., 2.ª ed.
- Mello, *Biographias*.
- Padre Vieira, *Discurso*, Rev. do Inst. Hist., LVI.
- Gama, *Memórias Historicas*.
- R. Southey, *História do Brasil*, Rio 1862.
- Francisco de S. Lareguí, *Cataluña*, Madrid 1927.
- Antonio Bulesteros y Beretta, *História de España*, Barcelona 1926.
- Ericcira, *Portugal Restaurado*, Lisboa 1679
- Francisco Lopes, *Favôres do Céu*, 1642, ed. de 1871.
- Francisco Velasco de Góvêa, *Justa aclamação do Serenissimo Sr. D. João IV* (ed. de 1846).

Ordenações do Reino, Livr. II, tit. XI.

Borges Carneiro, *Direito Civil Português*, Lisboa 1858.

Alberto Carlos de Menezes, *Pratica dos Tombos*, Lisboa 1843.

Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Comp. de Jesus*, Liège 1859.

José Caldas, *Historia de um fogo morto*, Porto 1903.

Oliveira Martins, *Historia de Portugal*.

Henry Bordeaux, *Marianne, La Religieuse portugaise*, Paris 1934.

J. Brown Scott, *The freedom of the seas*, New York 1916.

Voltaire, *Siècle de Louis XIV*, ed. de 1847.

Commentarios de Affonso Dalbuquerque, Lisboa 1774.

Fr. Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano*, Lisboa 1709.

J. Lucio d'Azevedo, *Épocas de Portugal Económico*, Lisboa 1929.

I N D I C E

Introdução	5
Este livro	13
I — SERMÃO DE SANTO ANTONIO (1638) — Derrota de Nassau na Bahia	15
II — SERMÃO DA SANTA CRUZ (1639) — A malograda expedição do conde da Torre	59
III — SERMÃO PELO BOM SUCESSO (1640) — O Reconcavo num grande incêndio	89
IV — SERMÃO DA VISITAÇÃO (1640) — O primeiro vice-rei do Brasil	129
V — SERMÃO DO DIA DE REIS (1641) — Vitórias sobre o flamengo	163
VI — SERMÃO DE SANTO ANTONIO (1641) — Dinheiro do povo em bem do Estado ...	211
VII — SERMÃO PELO BOM SUCESSO (1645) — Redenção portuguesa na guerra sagrada ..	243

Este trabalho foi composto e impresso nas officinas da Imprensa Graphica da «Revista dos Tribunales», á Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Dezembro de 1937.